

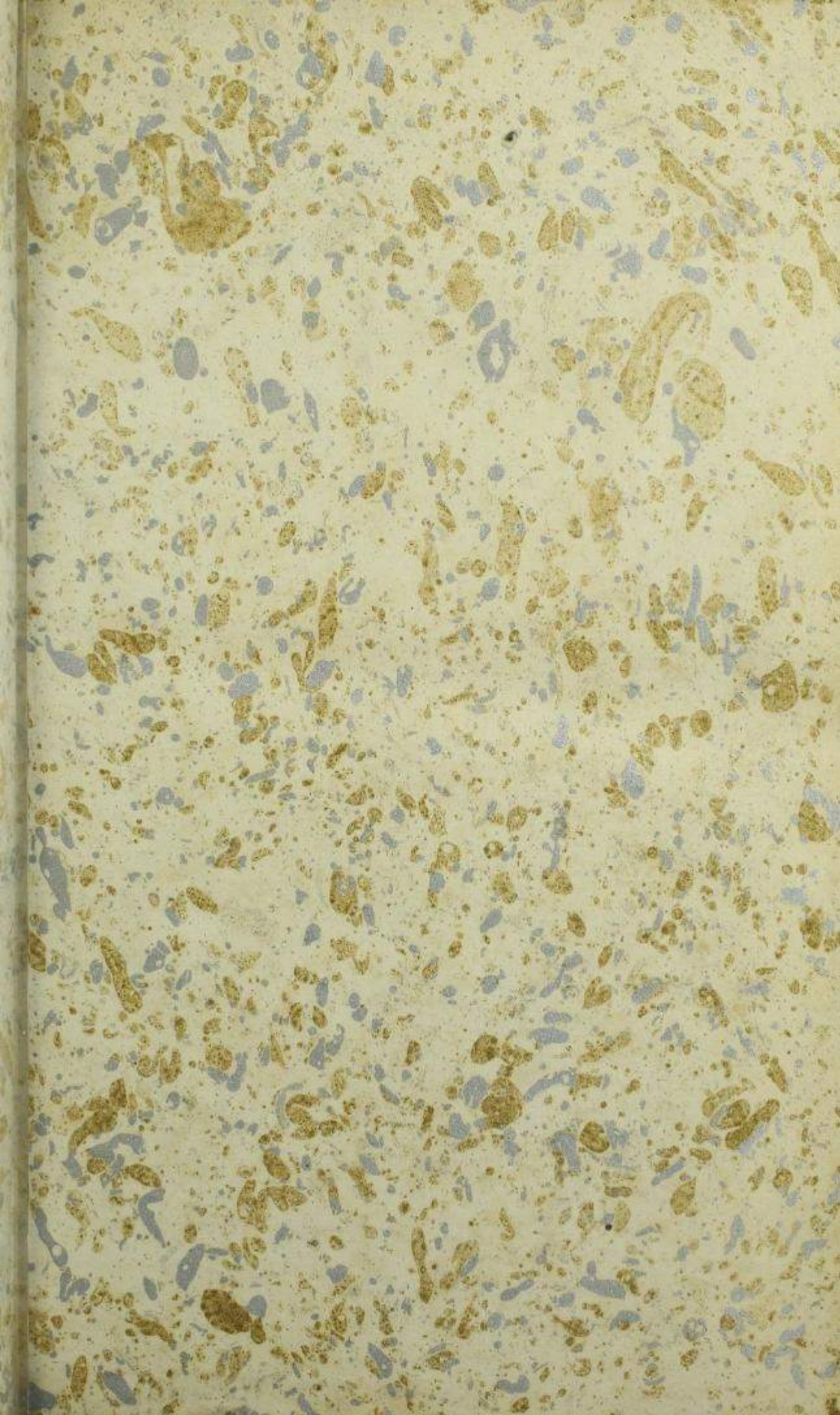


le ne fay rien  
sans

**Gayeté**

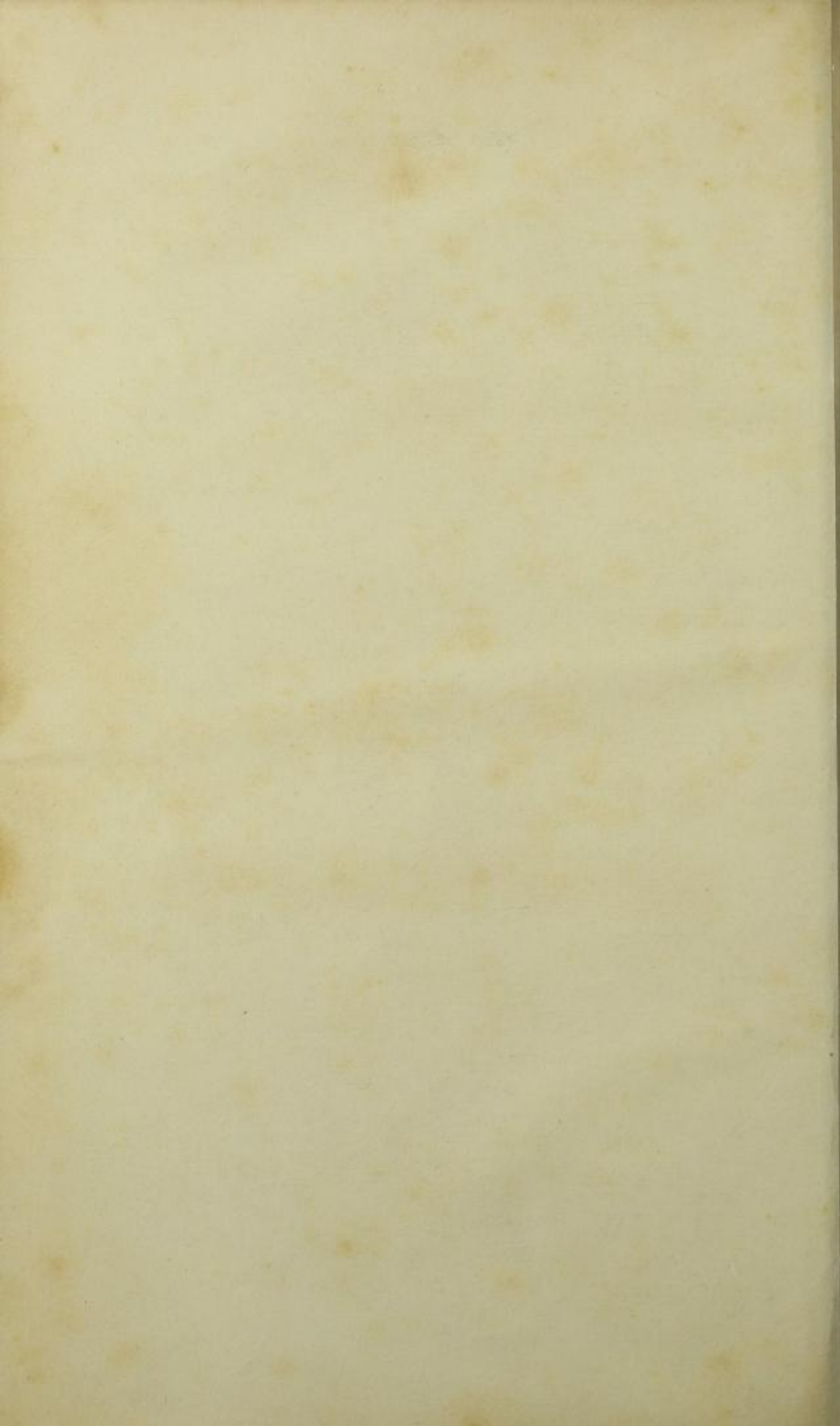
*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin









# JORNAL DE TIMON.

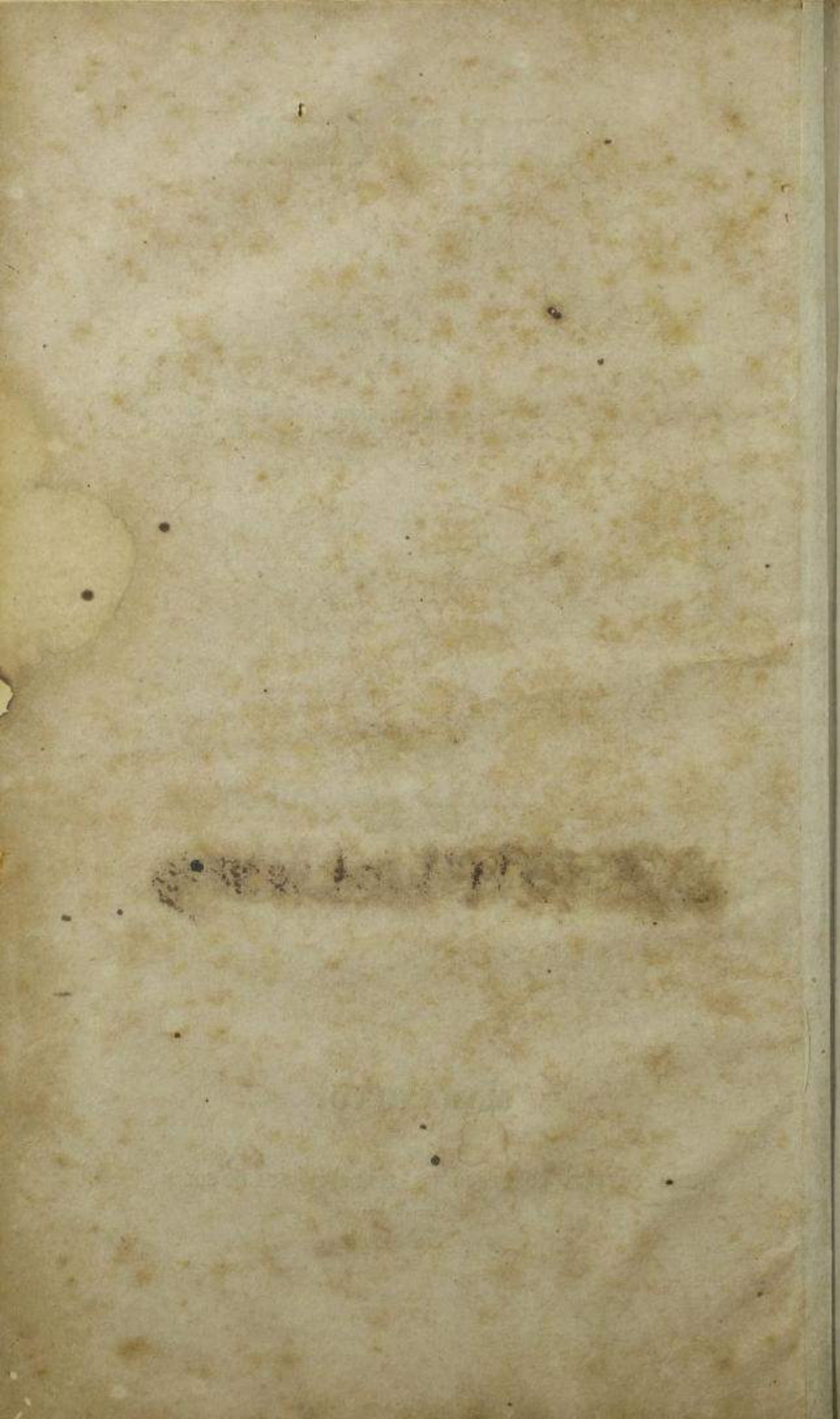
*Periculum dicendi non recuso.*  
(Cicer. in Anton.)



MARANHAÕ.

IMP. NA TYP. CONST. DE I. J. FERREIRA, RUA DO SOL N.

1853.





**APONTAMENTOS,**

**NOTÍCIAS, E OBSERVAÇÕES**

**Para servirem**

á

**HISTORIA DO MARANHÃO.**



1870

1870



## LIVRO IV.

### PARALLELO DAS INVASÕES FRANCEZA E HOLLANDEZA.

A quem estuda a história do Maranhão, e compara as duas invasões estrangeiras, que logo nos seus começos se succederam uma á outra com tam pequeno intervallo, não é possível que escape o pronunciado antagonismo do caracter, fins, meios, e resultados de ambas ellas.

A physionomia da invasão hollandeza é toda militar; a guerra com todo o seu cortejo de horrores, aggravados pelas paixões ruins dos conquistadores, eis ahi o unico quadro que temos a observar nesse periodo fatal de vinte sete mezes que vai de 25 de Novembro de 1642 a 28 de Fevereiro de 1644.

Em plena paz, e abusando da fraqueza de um povo imbelle e desarmado, não menos que das irresoluções de um velho septuagenario, esses soldados-mercadores, por um acto de perfidia sem igual, surpreendem a nascente cidade de S. Luiz, e logo assignalam a sua presença, pelas profanações e sacrilegios, pelos saques e contribuições forçadas, pelos attentados e ultrages emfim á honra e liberdade dos pacificos e descuidados habitantes. E malpaga ainda desses actos de violencia que infelizmente deshonravam então a maior parte das guerras, já de si odiosas e cruez, a sua cobiça infrene e insaciavel decreta a desapropiação dos engenhos de assucar, e junctando ao roubo a humilhação e o escarneo, transforma os proprietarios despojados em feitores, e os obriga a cultivar em proveito alheio, uma terra que haviam desbastado com suas mãos, e regado com o suor de seu rosto.

Quando mais tarde o excesso da oppressão, exaspe-

rando os animos, produziu a sublevação; as devastações, incendios, matanças, e supplicios, são o unico spectaculo que offerece a historia da occupação hollandeza.

As tentativas dos Francezes para se estabelecerem quer no Rio de Janeiro, quer no Maranhão, se mallogram successivamente, já pela debilidade dos meios que empregava a metropole, já pelos azares da guerra e incapacidade dos chefes; ou já finalmente pelas divisões e discordias que entre elles rebentavam, e valeram a Villegaignon o cognome odioso de Cain do Novo-Mundo. Os seus estabelecimentos nunca chegaram a criar raizes, e nem passaram jámais de alguns fortes com meia duzia de casas derredor. Os Hollandezes, muito ao revez disto, invadiram o Brazil com esquadras formidaveis, e muitos mil homens de desembarque, e senhorearam mais de trezentas leguas de costa desde Pernambuco até o Maranhão, perdurando o seu dominio cerca de um quarto de século. E não obstante foram expulsos do paiz, pelos proprios recursos dos colonos seus habitantes, a quem em geral a metropole ou abandonou de todo, ou ajudou mui frouxamente.

Suspeitam muitos que os escriptores portuguezes, obcecados pelo seu odio contra estrangeiros, calumniaram os Hollandezes. Não duvidamos que exaggerassem, e carregassem as cores do quadro, mas o certo é que tanto Berredo que narra as atrocidades da segunda invasão, como sobretudo Diogo de Campos que combateu em pessoa contra os Francezes, tractam a estes com singular benevolencia. Donde se hade concluir, á vista do resultado que acabamos de assignalar, que as mais das arguições feitas aos Hollandezes são veridicas, no essencial, nem é possível explicar o grandioso esforço dos colonos que sacodiram o seu jugo, a não ser pela pressão de um governo iniquo e insupportavel.

De resto, não são os escriptores Portuguezes somente, mas os mesmos estranhos que formam este conceito dos Hollandezes; e senão, ouçamos a Fernão Denis, que segue elle mesmo a Pedro Moreau, tesmunha ocular do que nar-

ra na sua — *Relação verdadeira do que aconteceu na guerra feita no Brazil entre os Portuguezes e Hollandezes.*

— “Elevado D. João IV ao throno em 1640, (escreve Fernão Denis) e restaurada a nacionalidade portugueza, ficou entre ambas as potencias assentado que desde então partilhariam ellas em boa paz o immenso territorio do Brazil. Mas para que este acordo podesse vingar fora preciso mudar as ideas religiosas dos dous povos, não menos que o seu character nacional; porquanto talvez nunca houvesse duas nações mais avessas em costumes e sympathias, que os Portuguezes e Hollandezes. Cada dia suscitava um novo motivo de odio; hoje procuravam os conquistadores insinuar no espirito dos escravos e dos indigenas as doutrinas do lutheranismo, e proporcionavam aos Judeus uma opulencia, insultante para a miseria dos christãos; amanhã obstavam a que o pastor catholico desempenhasse as funcções do seu sagrado ministerio, e o forçavam, para esse fim, a acolher-se aos bosques, onde nem sempre podiam acompanhá-lo as suas ovelhas da cidade. Eram continuas as extorções e pilhagens nas habitações indefezas e isoladas, e não muito raras, sanguinolentas orgias, em que os conquistadores calcavam aos pés todas as ideas de honra e religião, tam poderosas entre os Portuguezes. O luxo insolente dos novos habitantes do Recife, contrastava da maneira mais odiosa com a simplicidade dos primeiros colonos. *“Em todos esses signaes (diz uma testemunha ocular, que traça um quadro energico da situação do paiz) devia a collonia hollandeza reconhecer os agouros sinistros da sua proxima ruina, semelhantes a essas tochas que nunca esparzem um clarão mais luminoso, que quando estão prestes a apagar-se.”*

Os Hollandezes não deixaram entre nós rasto ou memoria alguma que denunciasse intenções beneficicas. Ainda em Pernambuco deram elles vigoroso impulso ao commercio e á agricultura, e foram parte para que o Brazil,

até então completamente ignorado, se revelasse de algum modo á Europa; mas aqui a sua presença foi assignalada somente pelos estragos e ruínas que fizeram.

Gayoso diz, é certo, que além dos cinco engenhos de assucar que acharam no Itapucurú, os Hollandezes estabeleceram uns seis ou sete mais—mas apenas (acrescenta elle) se conhecem *hoje* os logares onde foram situados—(1) Contando de guerras e combates escapou acaso a Berredo o dizer-nos que um dellés foi levantado no Aracagy. Mas todos deviam de ser obras muito imperfeitas, e porventura apenas começadas; pois os Hollandezes não podiam, mesmo nesta materia, prefazer cousa melhor, divertidos o mais do tempo em vexar e opprimir os colonos, e em reprimir a sublevação que a sua oppressão suscitou. Entretanto, ainda na erecção destes engenhos não fizeram elles mais do que mostrar o espirito mercantil que exclusivamente os dominava. Calcularam friamente os milhares de florins que poderia fundir o seu assucar, e nada mais. Assim, abstrahi deste resultado da sua cobiça, e não achareis mais acto algum que revele essas ideas de religião, humanidade, e civilisação, sempre inherentes ás empresas dos primeiros povoadores.

Se olhamos porem a expedição franceza, que contraste! Esta não se dirigia a surprehender perfidamente uma cidade edificada por outra nação amiga, senão a cultivar uma terra abandonada e deserta, pois os seus unicos habitantes, os selvagens tupinambás, precisavam elles mesmos de mais cultura que a terra que pisavam. Esses titulos provenientes das doações papaes, sobre absurdos e vãos em si mesmos, pôde com justiça dizer-se que tinham caducado, incorrendo os regios donatarios nas penas de commisso, pela falta de effectiva occupação e cultura, em um lapso maior de cem annos.

Sem duvida, os interesses mundanos tambem foram

---

(1) Compendio-Historico § 142, pag. 169.

parte mui principal nesta expedição, e os Francezes, como os outros, levavam a mira nas riquezas que deviam produzir o commercio, e a grossura natural da terra; mas é impossivel desconhecer o zelo e fervor religioso que os animava, se attentarmos para o grande e dispendioso aparato de missionarios que trouxeram, e para os importantes trabalhos que estesprehenderam, não menos que para os resultados conseguidos.

A' volta dos catholicos, vinham tambem muitos protestantes no intento de dispôr e proporcionar nestas apartadas regiões um asylo seguro aos seus co-religionarios perseguidos então na Europa; e não é este certamente o lado menos tocante da empreza.

Para não interrompermos a narração dos successos militares, pospozemos no Livro II a da parte religiosa e civilisadora da expedição; mas já é tempo de enceta-la, e de dar noticia do estado da nossa ilha naquella epocha.

Mal aportaram na de Fernando de Noronha, começaram logo os missionarios a fazer o seu officio, e com quanto apenas se demorassem ali uns quinze dias, baptisaram alguns Indios, e casaram dous.

Não se deixaram tambem ficar ociosos na breve demora que tiveram na ilha de Santa Anna, a qual consagraram com varias ceremonias do culto, erigindo-se no dia 29 de Julho de 1612 a primeira cruz que viram aquellas paragens, e sendo os pesados madeiros que serviram á, sua fabricação carregados ao hombro pelos cabos e senhores mais principaes.

A ilha do Maranhão era então exclusivamente senho-reada pelos Tupinambás emigrados do Sul. A sua população se elevava a cerca de doze mil almas, divididas em vinte sete aldéas, segundo afirma Claudio d'Abbeville, escriptor contemporaneo, e testemunha ocular, bem que Berredo, sem duvida muito menos competente, as reduza a vinte tres. Só nos ficaram os nomes de quatro de entre ellas, Juniparão, a principal de todas, Janovarém, Timbó, e Igápó. A dos Indios chamados—Pedras—Verdes—foi estabe-

lecida posteriormente, e junto ao forte de S. Luiz, por suggestão dos Francezes, que queriam tê-los assim visinhos, afim de serem por elles auxiliados nas suas obras e trabalhos.

Em Tapuytaperá havia dez aldêas; em Cumã onze; o numero dellas porem crescia prodigiosamente á medida que se caminhava na direcção do Pará.

Os cabos e soldados francezes precederam os missionarios na entrada da ilha, onde foram recebidos e festejados ao modo patrio por um corsario seu conterraneo, chamado Dumanoir, que acaso ali estava ancorado com dous navios. Os missionarios vieram por ultimo, e só depois de bem certificados de que seriam acolhidos com a reverencia devida ao seu character. Desembarcaram com pompa e aparato na praia chamada do Javireé, (nome que se perdeu) e desfilaram em procissão, entoando canticos sagrados, e seguidos de grande multidão de Indios, surpresos e enleados do que viam.

As primeiras noites passaram-n'as todos, os padres como os soldados, sob o frondoso arvoredor que sombreava a beira-mar, até que se erguesse o forte e armazem de que já fallamos, trabalhô a que os Indios ajudaram, derribando e transportando troncos e madeiros enormes. A mil passos de distancia do forte, em um sitio aprazivel, e refrescado por nascentes d'agua pura, traçou-se recinto para o convento dos capuchinhos, que para logo se ergueu sob a invocação de S. Francisco; humilde e modesta habitação coberta de palha, com paredes de pãu a pique e barro, que mais tarde devia ser substituida pelo actual convento de Santo Antonio, edificado no mesmo local, como é bem manifesto, pelas circumstancias que indicamos. As primeiras missas foram ditas em 12 de Agosto, disposto para esse fim um altar portatil.

Por este theor procediam sempre os primeiros povoadores catholicos; junto ao forte, a igreja; e aos pés da cruz eíngida do pavilhão nacional, a espada, o mosquete, e o canhão.



Os padres acompanhados de poucos soldados se deram a discrição, prudencia, e sabedoria com' que se houveram, entraram logo a fazer numerosas conversões. Todos os dias eram missas, sermões, baptisados e casamentos. Para conseguirem dos selvagens que se abstivessem do costume abominavel de comer carne humana, e reduzirem-n'os manso e manso á fé christã, respeitavam os padres com grande aviso, os seus outros usos, simplesmente absurdos e ridiculos, como o de pintarem os corpos, e mutilarem os labios e orelhas.

A' sombra e á volta dos missionarios, prégavam tambem os soldados e officiaes, bem que sobre assumpto inteiramente profano, avivando nos selvagens o odio immortal que consagravam aos Portuguezes.—Mas estando elles um dia em Juniparáo, que era como a povoação capital da ilha, e onde se reuniam os chefes das tribus, (1) a encarecer na forma costumada as vantagens da sua alliança, e a maldade dos Portuguezes, um velho quasi centenário, chamado Monborré-assú, sahiu-lhes inopinadamente com rasões que os embaraçaram, e que seriam proprias a inspirar-lhes serios receios, se os selvagens, de levianos, não fizessem tam pouco cabedal da experiencia e desconfianças do velho. D'entre os diversos discursos que recolheu o padre d'Abbeville, e Beauchamp reproduziu, o do selvagem Monborré é tam notavel e picante, que não é bem que privemos o leitor do prazer de conhecê-lo. “Eu vi, disse elle, os Portuguezes, ao tempo da sua chegada a Pernambuco, e outros logares. A principio procederam exactamente como vós outros Francezes, limitando-se a tra-

---

(1) Fernão Denis e Diogo de Campos referem os nomes de alguns destes chefes, que por serem assaz esquipaticos, merecem reproduzidos—Japy-assú, ou Japyguassú, Tatá-guassú, Jacú-pema, Tecoare-Oubouih (Rio de Sangue) Paca-rabelu (Paca-prenhe—barriga-d'agua) Caranguajo-Branco &c.

ficar comnosco, fornecendo-nos machados, fouces, facas, e outras mercadorias, sem formarem estabelecimento de qualidade, que podesse inspirar-nos receio. Mas depois nos disseram que lhes era mister edificarem fortaleza para sua guarda, e grandes cidades para morarem juntamente com nosco, como uma só nação. Então communicavam elles com nossas filhas, no que recebiamos nós outros grande honra e mercê. Com o andar dos tempos nos deram a entender que essas relações eram criminosas e reprovadas pela divindade; e que lhes não era licito ligarem-se ás nossas filhas em casamento, sem que ellas primeiro abraçassem a religião christã. Para esse fim mandaram vir padres, que plantaram cruces, prégaram a doutrina, e baptisaram alguns dentre nós. Por derradeiro já nos diziam os Portuguezes que lhes era absolutamente impossivel passarem sem escravos, assim para o serviço domestico, como para a cultura das terras; e não contentes de captivarem os prisioneiros de guerra, cobiçavam tambem os nossos filhos, e remataram por fazer pesar sobre a nossa nação uma tam incomportavel tyrannia, que os que podemos escapar á escravidão, nos vimos obrigados a abandonar a terra dos nossos maiores, para nos abrigarmos nestas regiões.”

E' para ver como o nosso Berredo, referindo-se a estes e outros discursos, clama contra a falsidade e escandalosa má fé de Claudio d'Abbeville que os inventou para illudir a Europa, esquecido elle mesmo de haver tambem nos Annaes posto outros taes e quejandos na boca dos seus heroes, compostos e afeiçoados á maneira de Tito Livio, para o fim de ornar e tornar mais apparatusa a sua historia. — Mas verdadeiros ou suppostos estes discursos, o certo é que os Francezes iam sempre levando por diante os seus intentos. O superior Claudio d'Abbeville voltou dentro em pouco para a França, acompanhado de seis indigenas, tres dos quaes falleceram logo á sua chegada, e os outros, recebidos em pomposa ovação, foram solememente baptisados, sendo padrinhos os reis de Fran-

ça, e casaram com raparigas francezas, que em verdade e digamos, não deviam de ser da primeira nobreza, nem porventura de uma pureza immaculada. Estes pobres selvagens, que com os padres seus conductores, cuidaram de abafar no apertão dos Parizienses curiosos, que acodiam a ve-los, se lhes perguntassem o que mais os maravilhasse, entre tantas riquezas e raridades do Louvre e da grande capital, bem podiam responder como o doge genovez na côrte de Luiz XIV: *O vermo-nos aqui!*

Quando o sargento-mór Diogo de Campos, depois do tractado das treguas, atravessou a ilha para ir ao forte de S. Luiz, passou, diz elle, por aldêas tam povoadas, que a cada passo lhe parecia ver Indios aos milhares. E em cada aldêa encontrou um francez nobre com quatro ou seis soldados que assistiam nellas como salva-guardas dos Indios ou seus *Encomendarios*, tendo todos por obrigação e regimento junctarem-se ao menor rebate, e guiarem armados a S. Luiz. “Nesta povoação (côntinúa elle, a quem ora copiamos textualmente) foram-nos apresentados muitos principaes da ilha, Topinambás, vestidos de roupas francezas azues de pano fino, coalhadas de flamas de veludo, folha morta brosladas de troças de seda, e nos vazios, cruces do mesmo veludo, como as de monteza; e entre elles vinham dous Indios vestidos á franceza, de calções e casacas curtas de veludo carmesim, guarnecidas de passamanes de ouro fino, e gibões de tela de ouro fino leonada, e suas espadas douradas, e dargas com talabartes de veludo carmesim lavrados de ouro, çapatos, meias de seda, e ligas com ouro, e tudo o demais nesta conformidade, até chapéos de castor com muitas plumas brancas, e bandas de pariz de resplendor de prata lavradas, e cruces de ouro fino ao pescoço como homens do habito de S. Luiz. Traziam consigo suas mulheres moças Francezas brancas, vestidas de damas, com taes cotas, vestidos e adereços, que tudo era sedas, guarnições e ouro, em que se ma-

nifestava a tenção com que estas despezas ditas eram feitas: e assim, depois de fazerem os seus comedimentos, disse o senhor de la Ravardiére ao sargento-mór: “ Estes dous Indios, e outro que falleceu, Topinambás, “ são desta ilha, os quaes Mr. de Rasily, meu companheiro, levou a França, e os apresentou a Suas Magestades da rainha regente, e d’el-rei Luiz, meu senhor, “ os quaes lhes fizeram tantas mercês e honras, que vos “ não saberei dizer o numero dellas: somente digo que “ custaram mais de dez mil cruzados, os favores, vestidos, baptismos, casamentos, até os fazerem cavalleiros, “ dando-lhes habitos da nova ordem de S. Luiz, que agora instituiu este rei; os demais Indios das roupãs azues, são principaes desta ilha, a saber, o Brazil e o “ Xapiasû, homens que, para Indios, acho de grande entendimento, e assim elles, como os demais, vos vem ver “ como a homens, que nos feitos lhes haveis parecido “ serpentes, e assim ainda hoje se não asseguram, e temem de vós.”

Indo dahi o sargento-mór visitar o novo convento dos capuchinhos, o superior, padre Archangelo de Pembrok, depois de dizer missa, e de o apresentar a todos os seus companheiros, lhe andou mostrando o refeitório, as cellas, o sitio do mosteiro, a fonte de agua viva que haviam descoberto, e antes da sua vinda não era conhecida, e o seminario em que os mancebos indios e francezes aprendiam as linguas uns dos outros, encarecendo o padre nesta occasião o grande cabedal, passante de vinte mil cruzados, que com este estabelecimento de instrucção, e com ornamentos, calices, e outras cousas da igreja haviam gasto o cardeal de Joyeuse, e a rainha regente.

Foi durante este passeio e conversação que o bom padre não pôde acabar consigo, que não mexericasse seu tanto contra o chefe da colonia, alardeando a opposição que fizera á jornada de Guaxenduba, e o como logo previra os funestos resultados della, sendo tamanha a desconsolação que tomou com a morte de tantos nobres, e em particular,

com a de Mr. de Pizieux, catholico, de grande casa, e de maiores esperanças, que estava de continuo a suspirar pela hora em que deixaria uma terra, *a que todos tinham vindo enganados a estar debaixo da mão de um herege, que ainda que era bom companheiro, e governava com quietidão, que todavia era mal soante.* Acrescentou que por este motivo, e segundo as ordens de França, Ravardiére devia retirar-se, ficando em logar d'elle no governo o seu tenente Pizieux; mas que, pois Deus havia disposto de outro modo, estava elle resolute a partir com todos os seus frades, deixando só dous para remedio de mais de vinte mil Indios que tinham convertido. Estavam no meio desta interessante pratica, quando foram atalhados pela subita apparição de Ravardiére, que os obrigou a variar de assumpto.

De companhia com este commandante visitou e examinou Diogo de Campos successivamente o porto, os fortes, a artilharia, a aldêa dos Pedras-Verdes, os navios, as terras de Tapuytaperá e Cumã, *e as ilhas que jazem sobre o porto, fortes em sitio, ( diz elle ) e povoadas de mato, mas sem agua.* E á medida que as examinava e observava, as ia o sargento-mór apontando no seu livro de lembranças, previamente alcançada a permissão de Ravardiére, o qual notando o fervor com que elle nisto procedia, lhe disse: “Vejo-vos tam curioso, que me parece por vos livrar de trabalho que vos hei de dar o desenho que fiz de tudo isto até o Pará, em que me aventurei, e trabalhei muito, e se não fora a vinda de vosso sobrinho Martim Soares, que me inquietou, e fez acodir a este forte, cuidando serdes já todos vindos, certo tivera feito grandes descobertas; mas espero que Mr. de la Blanjiatierra, que deixei em meu logar, me trará grandes novas, e mostras de coisas estranhas, de que á vossa vinda de Hespanha vos mostrarei tudo: com este fidalgo ficaram quarenta soldados Francezes para melhor se seguirem nossos bons intentos.”(1)

---

Veja-se a nota—A—no fim do Livro.

Aceitou Diogo de Campos o offercimento, e entrando depois no gabinete de Ravardiére deparou com globos, livros, planispherios, quadrantes, e muitas armas, com que (nota elle) parecia estar naquelle deserto gente de valor e de sciencia.

Eis ahi os Francezes antes da guerra que os expulsou;—explorações scientificas por todo o littoral até o Pará, e pelo Itapuecurú acima até cinco gráus de latitude austral, assim como pelo Mearim, até oito gráus;—politica consummada na conversão e civilisação dos Indios;—verdadeiros colonisadores emfim, tam cheios de humanidade e philantropia, como de intelligencia.—Depois da guerra, e do immenso revez de Guaxenduba, quasi nenhum azedume ou ressentimento;—as suas relações com os Portuguezes são, pelo contrario, nobres e cavalleirosas em todo o extremo; e a mais depurada cortezia brilha com todo o lustre na correspondencia que já publicamos. Além disso, sabendo o chefe francez que os Portuguezes feridos na batalha pe-reciam á mingoa de remedios, e de quem lh'os applicasse, envia incontinenti ao forte de Santa Maria o cirurgião de Laistre com medicamentos em abundancia. Este cavalheiro salva os doentes, e refusa toda e qualquer retribuição pelos cuidados que generosamente prodigalisa, donde tomou o sargento-mór occasião para citar em acção de graças o versiculo: *Dedit salutem ex inimicis nostris et de manu omnium, qui oderint nós.*

Mas não ficou aqui a sua galhardia, pois ao retirar-se para a Europa o mesmo sargento-mór, deu Ravardiére liberdade a todos os marinheiros portuguezes que os seus haviam aprisionado de muitos annos atraz, e viviam na ilha trabalhando nas roças, acorrentados como escravos; para que não fossem, fugindo, dar aviso aos Portuguezes do estado da colonia; mandou prover a caravela que o devia conduzir de todo o necessario para a viagem; e enviou tambem aos do forte Santa Maria feijões, milho, e favas em quantidade para plantarem as suas roças.

• Ao registar aqui todos estes rascos de nobreza e generosidade militar, uma approximação vem natural e espontanea ao nosso espirito. ; Como procediam os Hol-landezes, em identicas circumstancias, e depois dos seus revezes? Declaravam os seus inimigos fóra da lei, ultrajavam e expulsavam as mulheres, e arremettiam furiosos até contra os edificios inanimados e inoffensivos.

Ha outra differença entre as duas invasões, não de todo indigna de reparo, e vem a ser, que a franceza é apenas conhecida dos homens de letras, e, como a hollandeza, não vive na memoria do povo. A causa disso é porque os Francezes occuparam um paiz vago, e sempre intretiveram relações benevolas com os seus unicos habitantes, isto é, com as raças selvagens, de resto extinctas hoje, que nelle encontraram então; ao passo que os Hollandezes, invadindo um paiz já povoado, feriram de um modo violento os costumes, interesses, e ideas do povo opprimido, transmittindo-se por isso de geração em geração, senão o odio, certamente a recordação do mal. Dahi sem duvida aconteceu tambem que a invocação de Nossa Senhora da Victoria, tomada em acção de graças, segundo refere Berredo, pela que as armas portuguezas alcançaram em Guaxenduba no dia 19 de Novembro de 1614; entrou mais tarde a servir na commemoração religiosa e militar do combate do Oiteiro-da-Cruz, havido como mais importante, e que teve logar, dizem, a 21 de Novembro de 1642.

Na sua—*Introducção aos Annaes*—diz da expulsão dos Francezes o Sr. Gonçalves Dias—que levou consigo muitas esperanças;—e da invasão dos Hollandezes—que estragou muitas fortunas.

Sem duvida, os Hollandezes fizeram todo o damno possível, e estragaram tudo quanto suas mãos tocaram. Porém naquelles tempos, e ainda mais de oitenta annos depois da sua expulsão, como opportunamente se ha de ver, a riqueza da nossa patria era cousa de mui pouca valia.

O que era então a cidade de S. Luiz, e até onde se

estendia? Da narração de Berredo vemos que os Hollandezes *marcharam* do Desterro para a cidade, e atacaram e tomaram uma das portas, que em vão tentou defender o capitão Paulo Soares de Avellar, inferindo-se tambem de outras passagens que a cidade era um recinto cingido de muros, a menos que Berredo não confunda *cidade* com *ciudadella*, o que não é de presumir em um official tam instruido e letrado como elle era. Esse recinto comprehendia provavelmente o espaço que se estende desde a Rampa até o Largo-do-Carmo, e talvez se alargasse para o lado do Rosario. Os arrebaldes, sim, derramavam-se um pouco além, inferindo-se ainda de Berredo que o convento do Carmo ficava fóra das muralhas, logo á frente dos mesmos arrebaldes.

Bem entendido, todas estas noticias nos transmittiu elle sem intenção, e á volta das suas narrações de combates, pois nem sequer pela imaginação lhe passou dar-nos uma descripção da cidade naquella epocha.

Podem os leitores por aqui avaliar que taes seriam os edificios em numero, elegancia, e solidez.

Segundo o conde de Ericcira, a agricultura naquelle tempo só produzia tabaco, mandioca, e assucar. Diogo de Campos vira tambem algumas roças de algodão no tempo dos Francezes. Mas o commercio era nullo, que os mais destes generos mal bastavam ao consumo da terra. Essa enorme contribuição forçada de cinco mil arrobas de assucar que então devia arruinar toda a lavoura do paiz, apenas fundiria hoje com que surtir uma ou duas das duzentas lojas e tabernas que conta a nossa capital.

Fóra dos muros de S. Luiz, havia as duas nascentes povoações de Tapuytaperá e Itapucurú, com os cinco engenhos já sabidos, e pequenas roças esparsas aqui e acolá. O Icatú, posto que villa antiquissima, não figura em nenhuma das chronicas desta guerra.

Assim, é evidente que os Hollandezes deviam de estragar pouco, posto que estragassem tudo; nem a mesquinheza da terra se ha de attribuir á sua invasão somen-



te, porque ella continuou pobre e miseravel até á instituição da companhia do Grão-Pará e Maranhão, que teve logar mais de um seculo depois.

Pelo que toca aos Francezes, as apparencias ao menos eram speciosas, e os começos que tiveram induziriam naturalmente a que se lhes augurassem resultados prosperos e brilhantes. Mas cumpre notar que os Francezes foram em geral infelizes em todos seus projectos de conquistas coloniaes, na America como nas mais partes do mundo, e decididamente muito inferiores nesta parte aos proprios Hollandezes. Estes se mantiveram no Brazil vinte cinco annos; os Francezes no Maranhão, apenas tres; e a colonia fundada no Rio de Janeiro sob a denominação pomposa de — *França Antartica*, — acabou tam ephemera, quanto menos honrada. As suspeitas que os Indios de S. Luiz conceberam contra os proprios Francezes, só por causa das treguas estipuladas depois da derrota de Guaxenduba, não obstante a grande e nunca desmentida lealdade do seu proceder para com elles, até aquella epocha; bem como as divisões e malquerenças que fermentavam entre catholicos e huguenotes, e tam indiscretamente revelou o padre Archangelo a um official inimigo, podiam em breve termo produzir resultados tam funestos como a perfidia e apostasia de Villegaignon.

De resto, não nos compete a nós outros chorar e lastimar essas esperanças mallogradas. Uma tam estranha abnegação nos parece até contraria a natureza. Os sentimentos mais obvios do patriotismo, ou se o quizerem, do egoismo nacional ou pessoal, nos devem persuadir e encaminhar a outras ideas e propositos. Se vingasse o estabelecimento francez, não existiria hoje esta nação brasileira a que pertencemos; ou pelo menos, não fariamos parte della, nós, os *actuaes* Maranhenses, que certamente nunca teriamos aberto os olhos á luz.

Sem duvida, o leitor ganharia com isso alguns momentos ora perdidos com estas paginas frias, descoradas, e enfadasas; mas em desconto, tambem, nunca em seus

ouvidos eternamente surdos e cerrados, soaria tam branda e maviosa a voz sublime do auctor dos—Primeiros e Ultimos Cantos

*... não sabidos*

*Das orgulhosas bocas dos Sycambros.*

Os Portuguezes, de quem derivamos a origem, nação pequena e encantoadá nos extremos confins occidentaes do velho mundo, podem com rasão ufanar-se de terem fundado no novo, em um paiz ou deserto, ou infestado de hordas ferocissimas, um imperio tam vasto como compacto, o segundo por ventura deste continente, onde somente aos Estados-Unidos cede a primazia.—Nisto sem duvida mais dignos de admiração e louvor que os seus visinhos Hespanhões, os quaes com recursos mui superiores, e encontrando uma civilisação adiantada no Mexico e Perú, alcançaram e deixaram todavia resultados comparativamente inferiores.

E a que destinos teria sido conduzida pela victoria das armas francezas, esta terra que hoje habitamos—nós grande familia de um grande povo—a quem o porvir reserva sem duvida uma grandeza maior ainda? Talvez, nova Cayenna, obscuro presidio de degradados, acolhesse no seio as victimas que a raiva das facções ephemeras da metropole alternativamente lhe arremessasse; ou como a Louisiana, objecto vil e desprezivel de mercancia, posta na feira das nações em publico leilão, fosse vendida a troco de alguns milhões.

Eis—ahi porque adoramos os designios profundos da Providencia quando em Guaxenduba assellou com o triumpho os esforços dos nossos maiores. Eis—ahi porque os Portuguezes, sobre todos, lhe devem render graças infinitas—porquanto, no imperio americano, se o reino europeu fôr alguma hora extincto, absorvido, ou transformado, se ha de a antiga nação perpetuar por muitos seculos mais, na linguagem, religião, ideas, usos, e costumes dos seus descendentes.

**Nota A. (Pag. 121.)**



Esse—Desenho—Summario—ou—Relação—de Ravardiére, offerece tamanho interesse, como resumo de tudo o que os Francezes fizeram e descobriram, e como noticia do estado do Maranhão naquella epocha;—que nos pareceu transyreve-lo aqui integralmente.

*Summario do que fiz nestas terras do Brazil.*

“ Primeiramente tenho assegurado aos povos dos Genticos, tanto da Ilha, como da terra firme, ajuntando-os, e unido huns com outros debaixo da obediencia do meu Rei, estorvando-os, que não fujão de medo dos Portuguezes, e reduzindo-os a tal obediencia dos Francezes, qual desejar se póde. Porque além de que já não comem carne humana em todas estas Comarcas até 200 leguas de aqui, donde fenece a dos Tupinambás; e nenhum Principal destes não emprehenderão guerra contra outros seus contrarios, chamados *Tapuias*, sem primeiro lhes pedirem licença, para o que lhes mandão seus Agentes, ou vem elles mesmos a pedir-me a dita licença e de proximo oito dias antes, que chegassem os Portuguezes, aqui vierão tres Principaes do Pará, e de Cajeté a me pedirem licença para irem fazer guerra a huma Nação a 400 legoas de aqui, chamada *Camarapí*, sobre um rio chamado *Pacajari*.”

“ Logo que a Nau Regente foi partida, que foi em oito de Dezembro de 1612, no mez seguinte mandei ao Meari, rio aqui vizinho, quarenta Francezes buscar aos Tabajarés, Nação de indios inimigos, que estavam 200 legoas de aqui sem haver delles alguma noticia. Nesta

primeira viagem deixarão os meus dois Índios nossos escravos da dita Nação; os quaes, ficando no mato com mantimento para os irem a buscar, porém feita diligencia, se tornarão sem achar nada; e isto tenho advertido em outras Memorias minhas, que esta Nação havia sido muito maltratada dos outros nossos Tupinambás; e finalmente depois de sete, ou oito mezes, havendo feito muita mais diligencia com quatro viagens, que alli fizerão que fizessem os Francezes, derão com esta gente, e disserão logo que havia duas Castas delles desta mesma Nação Tabajarés, que vivião em guerra, e comião huns a outros cruelmente; e como se ajuntarão a mim, vivem hoje nesta Ilha em paz, e todos juntos com os Tupinambás naturaes, que antes de huns, e outros erão inimigos.”

“Depois tendo aviso, que havia outra Nação dos Tabajarés mesmos em um rio, que a sua barra he de aqui cem leguas, mandei ao meu Lugar-Tenente General Monsieur de Pisiaus com 35 Francezes, os quaes acharão a dita Nação mais de 200 leguas pelo rio acima, a qual se chama *Vuarpi*; e deixando alguns Francezes para os trazerem, vierão até as terras de Comat, e serão desta parte em entrando as chuvas, porque já os principaes estão commigo, e desta mesma tenho aviso de outra Nação Tapuia, chamados *Igaran Vuawã*, que estavam nas terras defronte de Pacuripanam, os quaes não desejão mais, que chegar-se a nós outros pela noticia, que tem de alguns escravos nossos de sua Nação, os quaes lhes mandámos livres para que entendessem, que queriamos paz com todos os Naturaes; e sobre este aviso mandei com outros escravos alguns Francezes com hum Lingua por nome o *Mingão*, o qual os fez vir até ás terras de Pacuripanam, e estão hoje de paz, e mistura com os Tupinambás, e fazem roças de mantimentos, em toda a paz, e amizade com aquelles, com os quaes pouco antes havia tal guerra, que se comião uns a outros.”

“Depois disto feito mandei Monsieur du Prat a hum rio chamado *Guajahug* a 200 leguas de aqui com 30

Francezes, e alguns escravos de huma Nação de Tapuias, que fica sobre este rio. A qual gente havendo navegado com imaginação certa de os achar, ou perto, ou longe, tanta diligencia fizeram até que os nossos lingoas os descobrirão, e lhes derão a entender como os quereríamos por amigos perto de nós outros; e assim os obrigarão a trabalhar em fazer canoas para se virem, e nas que tinham se embarcarão logo tres, ou quatro Aldêas, e se vierão a esta Ilha, e depois delles os demais com o dito Senhor du Prat. O qual os trouxe aqui; com que me achei bem embaraçado pelos accommodar, e sustentar juntos, que nunca quizerão dividir-se pelas Aldêas dos outros, de medo de que os não comessem, como tinham de costume. Entõces me resolvi de largar huma Aldêa, que tinha de minha gente a huma legua daqui, e os mandei aposentar nella, fazendo sahir os meus; e lhes dei todas as roças de mandioca para seu sustento, e elles me promettêrão fazer-me outras, e ainda que já por este anno he tarde, será ao outro com o favor de Deos, se a terra nos fica como espero. De mais disto tenho mandado vinte e cinco Francezes com um dos meus escravos, Principal de sua Nação, a buscar uma de Tapuias 250 leguas dentro do Rio Pará, que são em tanta quantidade, que me offercem cem canoas grandes, como os Principaes me tem promettido, aos quaes eu fallei em Parijop sobre a terra dos Pacajazes, quando fui ás Almazonas: aguardo por esta gente no mez de Maio, se não tiverem algum estorvo, esperando recado meu. Pois hão de saber, que estão já aqui os Portuguezes. Os quaes se tardassem mais hum ou dois annos, já tinha dado ordem, para que se juntassem aqui com nosco mais de dez outras Nações, que entre ellas ha huma sobre hum rio da nossa bahia, que he maior Nação, que toda a dos Tupinambás.”

“ Não digo o numero das viagens, e caminhos, que tenho feito, e mandado fazer em estas terras, e rios pelos meus; nem digo da minha viagem, que quiz fazer ás Almazonas; porque ficou imperfeito pela vinda a esta ter-

ra de Martim Soares Moreno Portuguez, que veio a descobrir estas terras, e bahias do Maranhão no mez de Agosto de 613 de parte de Jeronymo d'Albuquerque, que em ella está presente, como parece em nossos Artigos de paz. De mais disto tenho mandado fazer quatro fortes sobre as principaes partes, e portos desta Ilha, donde em todos tenho artilharia, principalmente em este de S. Luiz, donde tenho muita quantidade: não ponho aqui minhas penas, e trabalhos, e perdas que tenho corrido indo, e vindo 300 legoas desta Costa dentro em hum canoa, atravessando as barras, e bahias, e dobrando as pontas de todas ellas no tempo das brigas, nem fallo em tres crueis, e compridas enfermidades, que me causarão estes trabalhos; porque quem quizer considerar tudo isto, e julgar com igualdade, rogará a Deos, que o gratifique, e nos sustente em paz dentro no nosso Mundo arctico. Feito no Forte de S. Luiz no Maranhão a 29 de Dezembro de 1614.

*La Ravardiére.*

Além das noticias do—*Summario*—o proprio Diogo de Campos colligiou outras, que postoque inexactas ou exageradas em parte, são dignas comtudo de vulgarisação. Ei-las:

“ Além destas Informações, e Papeis, vio o dito Sargento Mór as terras da Ilha, e roças de algodão, de que os Francezes tirão algum proveito, e o tabaco, ou herva santa, do qual fazem quantidade com tão boa tempera, que val hum livro em França hum escudo de ouro. Tambem vio a canafistola do Rio Meari, da qual levão a França quantidade em conserva, e secça. Tambem vio as perolas, que Mons. de Pisiaus trouxe do Rio Zouarpi, que são maiores, que grãos, e da feição de cabacinhas algumas, em que vio hum mui grossa. Tambem trouxe Mons. de Pisiaus desta sua Jornada enxofre mineral, o qual asseguração que se não acha, senão

donde ha minas de ouro, ou prata, e para isto fizeram vir de França na Nau Regente hum Capucho, grande Mineiro, chamado *F. Hivo*, o qual adoeceu de sorte na Ilha do Maranhão, que não pôde ir ás Minas, antes por não perder a vida, se tornou a França.

O Cavalheiro de Rasilli da Ordem de S. João, e seu irmão Mons. de Lone, e o Senhor de la Blanartiere, e outros Fidalgos aprendem, e fallão a lingua dos Indios, obrigados de esperanças, que ninguem declara, e todos as confissão; e assim vão lançando mão de todas as miudezas, que achar podem, fazendo caso da tinta vermelha do Orucú, e da outra mais fina chamada *Carajorú*, e do pão amarello chamado *Tatajuba*, e de todas as madeiras, que de diversas côres achão para se poder fazer obra, ou tinta. Tambem no Rio Meari tem descoberto salitre, com que já hoje refinão sua polvora, e isto de minas, e terra salitrosa, que o dá em grande abundancia: tem da mesma maneira descoberto marinhas naturaes de sal mui perfeito em quantidade, que podem carregar quantos navios quizerem, o qual está 40 legoas do Forte S. Luiz da outra banda da terra firme de Loeste.

Tem estas terras muita almessega, de que se valem, muito, e mui fino insenso, do qual ha huma especie de arvores, que dão tanto, que breão com elle os navios, e canoas. Tem infinito oleo de Copaiva em toda esta Costa, de que os Francezes tirão a quinta-essencia para suas mesinhas, e fica como agoa. Tambem nestas partes dizem, que a temporadas achão muito amba-gris, e o anno de mil e seis centos e dez achou hum Francez, Soldado de la Ravardiére, por nome Mons. de Bault, na terra dos Pacajares da banda do Pará duas pedras, huma como hum ovo de pomba, outra menor: pela qual dizem, que dá El-Rei de Inglaterra vinte mil libras sterlings; huns dizem ser balais, outros lhe dão differentes nomes.

As aves, e animaes silvestres desta terra são innumeraveis, e estranhos, de que se toma grande abundancia para sustento das gentes; e assim no mar, e nos

rios são infinitas as sortes, e quantidades de peixes, os quaes se tomão ás mãos muitas vezes, e ás pancadas, e de peixes bois, cuja carne he como de vacca, da mesma côr, sabor, e cheiro, e he tão abundante este sitio, que só de hum rio tinhaõ os Francezes tirado duzentos e cincoenta; e com estas, e outras coisas que vio, e entendo o dito Diogo de Campos se partio do Forte S. Luiz a 4 de Janeiro de mil e seiscentos e quinze, trazendo com sigo ao Capitão Mattheu Maillarte Francez, com o qual para refem, e testemunho do que dito fica, se apresentou diante do Senhor Arcebispo Vice-Rei de Portugal em 5 de Março do dito anno, sendo o primeiro Portuguez, que do Maranhão em direitura veio a Lisboa de tantos, quantos intentarão aquella empreza, do que a Deos sejam dados eternos louvores."





## LIVRO V.

### INDIOS.

*Admiração dos primeiros exploradores à vista das costas do Brazil.—Aspecto primitivo do paiz.—Infinidade de tribus errantes.—Indole e costumes.—Gabriel Soares, Simão de Vasconcellos, Vaz de Caminha, Fernão Denis.—Diversas questões acerca dos aborígenes, e dos invasores europeus.—Qual era a população indigena provavel no tempo da descoberta?—Como desfinhou, e se extinguiu emfim?—Legislação portugueza, e bullas papaes acerca dos Indios.—Os selvagens na America septentrional.—*

Os sentimentos que experimentavam os primeiros exploradores do Brazil, ao darem vista das suas costas, eram ordinariamente os da surpresa e admiração; e a tal ponto os maravilhava o aspecto pomposo desta terra inculta e selvagem, que a todos elles acodia espontaneo o pensamento—de que sem duvida nesta abençoada região estivera outr'ora situado o paraizo terreal.

As ideas religiosas, então muito em voga, concorriam não pouco para esta estranha conjectura, alias debatida durante largo numero de annos com uma gravidade incrível.

O que feria quasi exclusivamente a attenção dos viajantes eram as grandezas e magnificencias da natureza; e dahi, os historiadores e chronistas das expedições, reproduzindo aquellas primeiras ingenuas impressões, abriam a veia fecunda de louvores, e tudo era encarecer e exaltar os primores e excellencias da terra, deixando-se sempre

para o segundo plano quanto podesse ser desagradável, ou empecer ao effeito das narrações,—os milhões de insectos damninhos, por exemplo, os hediondos e infimos reptis, os brejos insalubres e mortiferos, e os certões inhospitos e desertos.

O leitor o julgará melhor á vista das seguintes passagens, que preferimos copiar por inteiro, porque, substancia-las, seria enfraquece-las.

“ Quanto á vista exterior aos que vem de mar em fóra, diz o padre jesuíta Simão de Vasconcellos, ( Noticias Curiosas, L. 1. ° ) depozeram os capitães e cosmographos, que não viram cousa igual, no universo todo, á perspectiva desta nova terra, porque ao longe parece uma gloria o avultar dos montes e serranias, com tal compostura e altura, que representam formas muito pera ver, e sobem, parece, á região segunda do ar, levando consigo os olhos e os corações ao céu. A meia vista, começa a apparecer o alegre dos bosques, campos, e arvoredos, verdes sempre, e sempre apraziveis. Mais ao perto, alvejam as praias fermosas, e vão logo apparecendo nellas uma immensidade de portos, barras, enseadas, rios, ribeiras despenhadas, e com tam grande variedade, que é um espanto da natureza. De tudo disseram alguma cousa, que tudo não lhes era possível.

“ Par conclusão deste livro ( continúa elle no 2. ° ) e descripção do Brazil, em que temos escripto as qualidades da terra, o temperamento do clima, a frescura dos arvoredos, a variedade das plantas e abundancia de frutos, as hervas medicinaes, a diversidade dos viventes, assim nas aguas, como na terra, e aves tam perigrinas, e mais prodigios da natureza, com que o auctor della enriqueceu este novo mundo: poderíamos fazer comparação ou semelhança de alguma parte sua, com aquelle paraíso da terra, em que Deus nosso senhor, como em jardim, poz o nosso pae Adam, conforme a outros diligentes auctores, Horta, Argencola, Ludovico Romano, e o nosso padre Eusebio Nieremberg nas suas Questões Naturaes.

“Porem remettendo os curiosos a varios auctores, ainda escolasticos, deixo a seu juizo considerem a vantagem que fazem algumas terras do mundo novo aos fabulosos campos elysios, hortos pensiles, ilha de Atlante; e a semelhança com o melhor clima da terra, e aventejada á ilha Tapobrana, cujo clima é tam infesto á saúde dos homens.”

“Do novo mundo (escreve Rocha Pita, auctor bahiano, na sua—Historia da America Portugueza) do novo mundo, tantos seculos escondido, e de tantos sabios calumniado, onde não chegaram, Hannon com as suas navegações, Hercules Lybico com as suas columnas, nem Hercules Thebano com as suas emprezas, é a melhor porção o Brazil; vastissima região, felicissimo terreno, em cuja superficie tudo são frutos, em cujo centro tudo são thesouros, em cujas montanhas e costas tudo são aromas; tributando os seus campos o mais util alimento, as suas minas o mais fino ouro, os seus troncos o mais suave balsemo, e os seus mares o ambar mais selecto; admiravel paiz, a todas as luzes rico, onde prodigamente profusa a natureza, se desentranha nas fertes produções, que em opulencia da monarchia, e beneficio do mundo, apura a arte, brotando as suas canas espremido nectar, e dando as suas frutas sazoadada ambrozia, de que foram mentida sombra o licor e vianda que aos seus falsos deuses attribuiu a culta gentilidade.

“Em nenhuma outra região se mostra o céu mais sereno, nem madrugada mais bella a aurora: o sol em nenhum outro hemispherio tem os raios tam dourados, nem os reflexos nocturnos tam brilhantes: as estrellas são as mais benignas, e se mostram sempre alegres: os horisontes, ou nasce o sol, ou se sepulte, estão sempre claros; as aguas, ou se tomem nas fontes pelos campos, ou dentro das povoações nos aqueductos, são as mais puras: é enfim o Brazil Terreal Paraiso descoberto, onde tem nascimento e curso os maiores rios, domina salutifero clima, influem benignos astros, e respiram auras suavissimas que o fazem fer-

til e povoado de innumeraveis habitadores, posto que por ficar debaixo da torrida zona, o desacreditassem, e dessem por inhabitavel Aristoteles, Plinio, e Cicero, e com gentios, os padres da igreja, Santo Agostinho, e Beda, que a terem experiencia deste feliz orbe, seria famoso assumpto de suas elevadas pennas, aonde a minha recea voar, posto que o amor da patria me dê as azas, e a sua grandeza me dilate a esphera.

“ A sua costa é a mais fermosa que cursam os navegantes, pois em toda ella, e em qualquer tempo, estão as suas elevadas montanhas, e altos arvoredos cobertos e vestidos de roupas, e tapeçarias verdes, por onde correm innumeraveis caudalosos rios, que em copiosas e diaphanas correntes precipitam cristaes nas suas ribeiras, ou levam tributo a seus mares, em que ha grandes enseadas, muitos e continuados portos capacissimos dos maiores baixeis, e das mais numerosas armadas.

“ Este famoso continente é tam digno das suspensões humanas, pelas distancias que comprehende e pelas riquezas que contém, como pelas perspectivas que mostra; porque até em algumas partes, em que por aspero parece impenetravel, aquella mesma rudeza, que o representa horrivel, o faz admiravel! A fermosa variedade das suas formas na desconcertada proporção dos montes, na conforme desunião das praias, compõe uma tam igual harmonia de objectos, que não sabem os olhos onde melhor possam empregar a vista.

“ Com inventos notaveis sahiu a natureza na composição do Brazil; já em altas continuadas serras, já em successivos dilatados valles; as maiores porções d'elle fez fertilissimas, algumas inuteis; umas, de arvoredos nuas, expoz ás luzes do sol, outras cobertas de espessas matas, occultou aos seus raios; umas creou com disposições em que as influencias dos astros acham qualidades proporcionadas á composição dos mixtos, outras deixou menos capazes do beneficio das estrellas. Formou dilatadissimos campos; uns partidos brandamente por arroios

pequenos, outros utilmente tyrannizados por caudalosos rios. Fez portentosas lagoas, umas doces, e outras salgadas, navegaveis de embarcações, e abundantes de peixes; estupendas grutas, asperos domicilios de feras; densos bosques, confusas congregações de caças, sendo tambem deste genero abundantissimo este terreno; no qual a natureza por varias partes depositou os seus maiores thesouros de finos metaes e pedras preciosas, e deixou em todo elle o retrato mais vivo, e o mais constante testemunho daquella estupenda e agradavel variedade, que a faz mais bella.”

“ Nada ha hi comparavel (diz Claudio d’Abeville, falando particularmente da nossa ilha do Maranhão) á belleza e ás delicias desta terra, bem como á sua fecundidade e abundancia, em tudo quanto o homem possa imaginar e desejar, assim para o contentamento e regalo do corpo, em relação á temperatura do ar, e amenidade do sitio, como para a aquisição de riquezas, com que cada um, pelo andar dos tempos, possa voltar á França abastado e honrado.

“ São muito para ver as campinas matisadas de bellas e variegadas cores, flores, eervas, sendo que em tamanha diversidade e copia dellas, não encontrareis uma só que semelhe as nossas, senão a beldroega, a qual brota espontanea, sem haver mister de cultura alguma. Não ha palavras que possam contar os simplices raros e preciosos que a cada passo se encontram nos bosques, campinas, valles, e montanhas. E nada menos, não ha em todo este paiz outro jardineiro, mais que Deus, e a natureza somente, para dispôr, podar, e enxertar estas arvores.”

E o moderno Beauchamp, bem que desça um pouco deste tom elevado do panegyrico e do hymno, nem por isso emprega cores menos graciosas e risonhas na sua descripção: “ Debaixo do ceo puro e sereno da ilha do Maranhão, (escreve elle) não se conhece nem frio, nem secca, nem espessos nevociros, nem vapores malignos; as tem-

pestades, e ventanias furiosas é cousa em que nem ao menos se falla; e o inverno, desde fins de fevereiro até junho, apenas se assignala pela presença das chuvas. A proximidade do equador torna as noites quasi iguaes aos dias em duração, e a temperatura, apenas sujeita a insensíveis variações.

“ Abunda a ilha em nascentes d’agua doce, e tal é a sua fertilidade, que a terra se cobre espontaneamente de ricas messes de milho, de raizes, e fructos de toda casta. Não se encontram ali nem altas montanhas, nem campinas demasiadamente vastas, por maneira que a terra é por toda parte bem sombreada e regada, o que a constitue por certo um dos mais formosos sitios do mundo. As suas plantas e animaes pouco differem do mais que neste genero se encontra no resto do Brazil; e para o commercio, fornece a ilha em abundancia diversas madeiras de tinturaria, açafraão, canhamo, urucú, tabaco, cristal, ambar-gris, e varias especies de gommas e resinas. Não faltam tambem, para as construcções solidas, a argila, o cimento, e a cal. ”

Por experiencia propria sabem os mais dos nossos leitores a que ater-se acerca da verdade ou exaggeração destas diversas descripções. Seja como for, nesta vasta região denominada a principio—Terra de Santa Cruz—, e pouco depois—Brazil—erravam alguns centos de mil selvagens, que constituiam uma infinidade de tribus, hordas, ou nações, e fallavam, uns dizem cem, outros mais de cento e cincoenta linguas ou dialectos differentes.

Estas hordas, sem excepção das que deviam de andar mais conjunctas e ligadas pela communidade de origem, viviam não obstante em estado de permanente e feroz hostilidade entre si, dilacerando-se por tal modo que, segundo a opinião de alguns escriptores, ainda sem o descobrimento da America pelos Europeus, ellas viriam a final a extinguir-se, exterminando-se completamente umas ás outras.

Só no territorio que hoje constitue a provincia do Maranhão vagueavam as nações diversas e inimigas dos Tupinambás, Tapuyas, Tabajaras, Taramambezes, e outras cujos nomes nos conservaram o—*Summario* de Ravardiére, e outras chronicas do tempo, cumprindo todavia notar que o termo *Tapuya*, como hoje o de *Tapuyo*, servia então para designar genericamente todo e qualquer indigena, ainda que oriundo de raça diversa.

Entretanto, a sciencia moderna, procedendo em suas investigações pela analyse rigorosa das linguas, usos, costumes, e tradições, conseguiu reduzir essa infinda turba-multa\* de pequenas tribus, a duas unicas grandes raças distinctas—a tapuya, e a tupica.

Aos que desejarem mais amplos esclarecimentos acerca de tudo quanto diz respeito aos antigos habitadores do Brazil, remettemos para o importante trabalho de Fernão Denis, que adiante damos vertido em portuguez. (1) Porquanto o nosso intento é apprecia-los aqui, somente naquillo que possa servir á solução das seguintes importantes questões.

i Os selvagens que os primeiros exploradores encontraram no Brazil, eram um povo bruto e feroz, destituido de toda e qualquer virtude, ou degeneraram da primitiva grandeza e magnanimidade ao contacto da escravidão a que os sujeitaram? Eram elles proprietarios da terra que pisavam, e—com direito exclusivo á sua posse,—tinham por ventura o de repellir os invasores europeus que pretendiam turba-la? Foi deveras uma desgraça para estas regiões que na luta travada entre uns e outros, a victoria se declarasse pelo arcabuz e pela espada, contra a flecha e o tacape? Qual era a população indigena provavel do Brazil, e especialmente do Maranhão, ao começar a colonização portugueza? Podia ella computar-se por milhões? Foram os Portuguezes que a ferro e fogo aniquilaram tantas e tam florecentes aldéas? A nação bra-

---

(1) Vejam-se as notas—A e B—no fim do Livro.

zileira actual de quem desce, dos Portuguezes, ou dos selvagens? Foram estes os que deram a base para o nosso character nacional, ainda mal desenvolvido? E será com effeito a corôa da nossa prosperidade o dia da sua inteira reabilitação?

A natureza mesma destas questões nos arrasta para est'outras considerações. Sem duvida, os indigenas foram victimas de grandes atrocidades. Prescindindo mesmo do mal que os invasores foram obrigados a fazer-lhes, em legitima defeza, e a bem da propria conservação, sabida cousa é que tribus inteiras foram exterminadas, ou pela guerra, ou pela escravidão, igualmente iniquas. A raça, que por ser civilisada, tinha mais estreita obrigação de dar o exemplo da moderação, abusou muitas vezes por um modo indigno, da sua immensa superioridade; os selvagens eram havidos em conta de brutos, estranhos ao gremio da humanidade, e effectivamente tractados como taes, sendo mister para rebater estas estranhas e odiosas pretensões, que por bulla do papa fossem elles declarados verdadeiramente descendentes de Adão e Eva, e com igual direito aos foros dos mais homens.

Mas por aquella instabilidade e reacção natural ás cousas humanas, hoje se manifesta uma tendeneia absolutamente contraria. O nosso actual Imperador, dizem, mostra grande interesse e curiosidade por tudo quanto diz respeito ás raças aborigenes que antigamente senhoreavam o seu vasto imperio. Um grande poeta (e os poetas tambem são reis e imperadores a seu modo, e dentro da sua esphera) no primeiro ardor de uma imaginação ainda virgem, e longe da patria ausente, cantou, envernizou, amenizou, poetizou enfim os costumes ingenuos, as festas innocentes e singellas, as guerras heroicas, a resignação sublime, e a morte corajosa, bem como os trajos elegantes, e as decorações pomposas dos nossos selvagens. E eis ahi todo o mundo a compôr-se e menear-se a exemplo e feição dos reis, e aturdindo-nos em prosa e verso com tabas, maussuranas, yverapeines, janubias, e maracás. Tal pro-



põe que nos actos officiaes e no parlamento não se use de outra lingua, senão da geral ou tupica; este lastima que todas as nossas villas e cidades conhecidas por nomes portuguezes, ou de sanctos, se não baptisem desde já, e como principio de reabilitação, com termos e vozes tupi-nambás; est'outro clama emfim que esses bons e veneraveis antepassados viviam aqui felizes e tranquilllos até a epocha da conquista, e que já é tempo de fazer-se grande e solemne reparação ás iniquidades della. Ora se tudo isto não constitue uma eschola organizada para a completa reabilitação das raças vencidas—melhor diriamos, quasi extinctas—dos antigos selvagens, revela ao menos uma tendencia e reacção formal, não menos exagerada que indiscreta, contra as ideas out'ora dominantes.

O Instituto historico e geographico do Brazil, que foi fundado, vive, e prospera sob a immediata protecção do Imperador, nada recommenda tam sollicitamente aos seus socios correspondentes, como a remessa de noticias circumstanciadas sobre os costumes dos Indios,—a significação em vulgar do nome de cada nação ou tribu—como traziam elles o cabello—se dormiam em redes ou no chão—se de lado ou resupinos—se traziam os beiços, ventas, e orelhas furadas—de que eram os batoques—como expressa ou expressava cada uma das tribus as palavras—*sol, lua, fogo, agua, peixe, mel, pé, mão, cabello, boca, nariz, olhos &c*—quaes os numeros emfim até onde podiam contar? (1)

Todo o mundo comprehende certamente o alcance, utilidade, e deleite destas curiosas e laboriosas investigações. Mas o que não podemos soffrer de boa sombra, na nossa qualidade de Grego, do mais puro sangue de Athenas, é que nos queiram obrigar a volver trezentos annos atraz, passando-se as ficções do romance e da poesia para a historia e vida real. O perigo está tam imminente, que Timon recêa

---

(1) Vejam-se as Revistas trimensaes do Instituto historico.

a cada instante ler nos annuncios do—Diario do Piaga— a noticia de haver desembarcado em Javirecê o excellentissimo presidente Ararigboia, vindo de Guanabára, a bordo do vapor imperial—Tupan.—

O Sr. Antonio Gonçalves Dias escreveu o seguinte na sua—Introdução aos Annaes de Berredo.

“ Dos Portuguezes vinham para o Brazil só os que não tinham sufficiente coragem para se lançarem sobre Asia e Africa, cujos campos, cujas cidades, cujos imperios tantas vezes repetirão com terror o nome portuguez. Foi esta a razão, porque os reis de Portugal tiveram sempre os olhos cravados n'aquellas partes do Oriente onde a sua gloria se pleiteava, deixando por tanto tempo o Brazil a mercê dos seus deportados e dos seus aventureiros.

Para Asia e Africa mandava Portugal a flor da sua nobresa; para o Brasil vinha o rebute da sua população: havia excepções: mas estes vinhão por engano, como veio Pedro Alves Cabral. Os de lá adquirião gloria,—os daqui lucravão fortuna: aquelles erão heróes, estes commerciantes. De volta á metropole trocavão-se as partes; os primeiros que só podião mostrar as cicatrizes, morrião nos hospitaes,—os segundos que só tinhão fortuna construião palacios.—Como pois não havião de buscar o oriente as almas grandes de Portugal, que as houve sempre e muitas; e como não havião as almas interesseiras de affluir para onde se descobrião minas de oiro e diamantes?

Eis porque as primeiras paginas da historia do Brasil estão alastradas de sangue, mas de sangue innocente vilmente derramado. O unico motivo de quasi todos os factos que aqui se praticarão durante tres grandes seculos foi a cobiça,—cobiça infrene, insaciavel, que não bastavão faltar os fructos de uma terra virgem, a producção abundantissima do mais fertil clima do Universo, e as mais abundantes minas de metaes e pedras preciosas.

Se vos perguntão porque tantos riscos se correrão, por que se affrontarão tantos perigos, porque se subirão tantos montes, porque se explorarão tantos rios, porque se descobrirão tantas terras, porque se avassallarão tantas tribus: dizei-o—e não mentireis:—foi por cobiça!

Era por cobiça que os Governadores yinhão a estas terras tão remotas, onde nenhuma gloria os esperava; (1) era por cobiça que os proprios missionarios deixavão a frisa e a orla das roupetas nestas florestas sem caminho, porque tantas privações passarão, porque soffrerão tantos martyrios. Um delles escrevia a D. Affonso VI, encarecendo as obras da Companhia: “ Assim que, Senhor, vamos tomando conta destas terras por Deus e para Deus.”

O primeiro topico de que havemos de tractar na historia do Brasil é dos Indios—Elles pertencem tanto a esta terra como os seus rios, como os seus montes e como as suas arvores; e por ventura não foi sem motivo que Deus os constituiu tão distinctos em indole e feições de todos os outros povos, como é distincto este clima de todo e qualquer outro clima do Universo.

Não digamos como diz Berredo, que era um povo bruto e feroz; nem o apreciemos pelo que hoje conhecemos. Não degenerarão ao contacto da civilisação, porque esta não póde invilecer, mas embrutecerão a força de servir, perderão a dignidade e caracter proprio e o heroismo selvagem que tantos prodigios commetteo e prefz—Vede o que fizeram e disei se não ha grandeza e magnanimidade nessa luta que sustentão ha mais de tres seculos, oppondo a flexa á bala, e o tacape sem gume a espada d'aço refinado.

Elles forão o instrumento de quanto aqui se prati-

---

(1) Não exageramos; o Padre Antonio Vieira escrevia ao Rei de Portugal:—Peço a V. M. que os Governadores e Capitães mores que vierem a este estado sejam pessoas de consciencia, e porque estes não costumão a vir cá... Carta de 20 de Abril de 1857.

cou de útil e de grandioso,—são o principio de todas as nossas coisas;—são os que derão a base para o nosso character nacional, ainda mal desenvolvido, e será a coroa da nossa prosperidade o dia da sua inteira reabilitação.

O indio primitivo n'aquellas festas de sangue, que erão o enlevo das suas tabas, (1) quando prisioneiros entoavão com voz segura o seo canto de morte, e cahião impavidos e ameaçadores sob os golpes da iverapeme, (2) erão verdadeiros heróes.

Quando no meio das matas procuravão debalde alimento para matar a fome, quando depois das fadigas talvez de tres dias consecutivos desesperavão do successo da sua empresa, deitavão-se tranquilllos á sombra de alguma arvore, esperando resignados que Tupan lhes mandasse ali o de que carecião.

Quando prisioneiros, manietados, arrebanhados, são conduzidos para as cidades, quando os querem fazer mudar de vida,—quando lhes não dão os alimentos a que estão acostumados, quando lhes não permitem os exercicios a que estão affeitos,—quando lhes prendem os membros nestes nossos prosaicos vestidos tão mesquinhamente talhados—quando os encerrão entre as paredes de uma casa—a elles cuja vida e desejos cifrão-se todos no gozo de uma liberdade incircunscripta,—tornão-se indifferentes aos carinhos e ás ameaças, aos mimos e aos máos tratos, resignão-se e morrem.

Imprudencia, resignação, heroicidade: eis o indio.

E ao nosso homem do povo que lhe importa a vida? Se estende o braço, encontra fructos com que matar a fome; se dá um passo, encontra um regato onde apague a sede, para que pois curar do dia d'amanhã? As fontes não seccão nunca, e os fructos são de todo o anno. São por isso improvidentes.

Se olhando para cima vê que os que lhes estão su-

---

(1) Aldeia.

(2) Maça do sacrificio. U. Stadt.

periores abusão; se olhando para baixo vê que os que lhe são inferiores soffrem, não murmurão de uns, nem defendem aos outros, e todavia conhecem o que é bem e o que é mal. Mas que lhes importa isso? Se a sua vida é miseravel, se a sua condição é triste, se o vexão, se o perseguem, se o maltratão, mesmo se o desprezão—soffrem e procurão esquecer-se: por tanto resignão-se.

Se porem a esses homens tão descuidados, tão resignados, tão improvidentes, podeis dar um motivo, um incentivo qualquer,—se nessas almas que tão facilmente se afinão, se inflamão, se electricisão, transbordando os mais generosos sentimentos, podeis derramar uma faisca de enthusiasmo, vereis o que são, o que fazem, o de que são capazes: serão corajosos e infatigaveis, pertinazes no seo proposito, atilados na sua execução—quasi sempre poetas, herões algumas vezes.

Tudo isto é indio, tudo isto é nosso, e tudo isto está como perdido para muitos annos.

Sim, a escravidão dos indios foi um grande erro, e a sua destruição foi e será uma grande calamidade. Convinha pois que alguém nos revelasse até que ponto este erro foi injusto e monstruoso; até onde chegarão essas calamidades no passado; até onde chegarão no futuro: eis a historia.

Convinha tambem que nos descrevesse os seus costumes, que nos instruisse nos seus usos, e na sua religião, que nos reconstruisse esse mundo perdido, que nos iniciasse nos mysterios do passado como caminho do futuro, para que saibamos donde viemos e para onde vamos; convinha enfim que o poeta se lembrasse de tudo, porque tudo isto é poesia, e a poesia é a vida do povo como a politica é o seo organismo.

Que immenso trabalho não seria este! mas tambem quantas licções para a politica, quantas verdades para a historia, quantas bellezas para a poezia!"

Quando os talentos elevados se apoderam de quacsquer

assumptos importantes, ainda que não acertem com a verdade, fazem sempre o assignalado serviço de os entregar á discussão, abrindo o exemplo della, suscitando ideas novas, e illuminando os tempos e as cousas, por certas faces até então obscuras e mal distinctas. Eis o que succede com o pequeno trabalho do Sr. Gonçalves Dias—acanhado sem duvida em extensão—mas substancial e rico de ideas e reflexões.

Não temos a orgulhosa pretensão de sustentar que elle errou, e só nós acertamos. Dizemos apenas que as nossas ideás sobre o assumpto discordam em grande parte das suas. Talvez a nossa humilde controversia, desafie a attenção do illustre poeta; e talvez, instituido o debate, vingue e triumphe facilmente a boa rasão, e se descubra enfim a real verdade das cousas.

---

Comecemos por averiguar o que eram os selvagens—e pelo em quanto só no que importa ao exame das questões que estabelecemos.

Segundo Claudio d'Abeville, "havia na ilha do Maranhão cerca de doze mil selvagens tupinambás, distribuidos em vinte sete aldêas. Cada aldêa se compunha de quatro cabanas oblongas, de vinte e seis a trinta pés de largura, e de duzentos a quinhentos passos de comprimento, conforme o numero dos que nellas habitavam, dispostas todas em forma de claustro, isto é, em quadrado, de tal modo que lhes ficava no meio uma praça grande e bella, á feição da Praça-Real de Pariz. As quatro cabanas ordenadas a este modo, constituíam uma aldêa, e dellas havia maiores e menores."

Ao que diz Claudio d'Abeville, que preferimos nesta parte, porque habitou algum tempo a nossa propria ilha, e inspeccionou por si mesmo tudo quanto narra, cumpre acrescentar que essas cabanas oblongas eram cobertas de palha ou folhas de pindova, chegando ordinariamente esta cobertura até o solo, e sendo o tecto, na sua parte superior, de forma arqueada, á feição de algumas latadas dos

nosso sítio, ou do toldo, também de pindoba, que usam os botes e igarités da navegação interior dos nossos rios. Na extremidade de cada cabana é que ordinariamente se rasgava a pequena porta ou entrada.

Em tempos de guerra e má vizinhança, fortificavam os selvagens algumas aldeas, circulando-as de fijos e estrepes, e de uma cerca de pau a pique solidamente contruida, atravez da qual os inimigos se frechavam reciprocamente. A' frente, na grande entrada, arvoravam-se como trophéos, em postes mais elevados, as caveiras dos prisioneiros devorados.

Em cada uma dessas compridas cabanas viviam pouco mais de cem Tupinambás, homens e mulheres, velhos e meninos, todos promiscuamente, e sem que a vista e presença de cada um e de todos tolhesse a ninguem a pratica de qualquer acto e necessidade corporal e natural. Ali, dormindo ou velando, faziam o mais do tempo deitados em redes ou macas de algodão ou de embira, atadas e pendentés do tecto e de estacas, e suspensas sobre fogões que, dispostos no solo, traziam afumada e denegrada a palhoça inteira. Ali tinham consigo todo o seu mesquinho cabedal — as armas de guerra, os instrumentos musicos, os sagrados maracás, alguns moveis raros e toscos — facas e machados de pedra ou de madeira — jarras para guardar o cáuin ou aguardente nacional — balaios — panacuns — cabacas em que bebiam — macas em que dormiam — os collares e plumagens com que arream o corpo — e outras cousas a este modo insignificantes. — Dos tectos pendia a caça, moqueada e curada ao fumo, ou fresca e escorrendo sangue; e sobre as brazas do chão a preparavam para a comida, senão é que a devoravam inteiramente crúa. Na mesma casa enterravam muitas vezes os seus mortos, e ali os tinham consigo debaixo dos pés. (1)

---

(1) “E' gente pauperrima, diz o padre Simão de Vasconcellos, cuja meza é a terra, cujas iguarias pendem de

Em uma passagem por nós transcripta da—*Introdução aos Annas*—desdehou o nosso distincto poeta dos nossos trajos prosaicos e tam mesquinhamente talhados, seguramente para contraste e encarecimento da amplitão pomposa e elegante dos ornatos selvagens. E essa pompa, e graciosa elegancia o poeta effectivamente lhes dá . . . aos seus versos harmonicos. Em verdade, deviam de ser mui vistosos esses selvagens, todos sarapintados de amarello, negro, e encarnado, os beiços, ventas, e orelhas furadas e pendentes ao peso de enormes botoques, com seus cocares e gaiotes de plumas, e sobretudo com suas gargantilhas de dentes humanos! Estes eram todavia os trajos de cerimonia nos dias festivos, e nas occasiões solemnes; pois quanto ao ordinario, trajavam á feição dos nossos primeiros paes quando foram expulsos do paraizo

seu arco; e neste são tão destros, que parece que obedecem a suas flechas não somente as feras da terra, mas tambem os peixes da agua: com ellas caçam juntamente, e pescam, ellas lhe servem para fazer de laços, redes, e anzóes.

“ Fóra deste, seu maior enxoval vem a ser uma rede, um patiguá, um pote, um cabaço, uma cuya, um cão. Serve-lhe a rede pera dormir no ar, atada de tronco a tronco: o patiguá (que é como caixa de palhas) pera guardar pouco mais que a rede, cabaço, e cuya; o pote, que chamam igacâba, pera seus vinhos; o cabaço, pera suas farinhas, mantimento seu ordinario; a cuya, pera beber por ella; e o cão, pera descobrir das feras quando vão a caçar. Estes somente vem a ser os seus bens moveis, e estes levam consigo onde quer que vão: e todos a mulher leva ás costas, que o marido só leva o arco.

“ Estas são todas as suas alfaias, sem cuidado de mais outra cousa; porque vestidos, sobejam-lhe os de Adão, e Eva: e os campos, os bosques, e os rios lhes dão de graça o comer e beber.

(Noticias Curiosas, L. 1 n. 120 e 121.)



Terraal, menõs todavia as folhas de figueira que os selvagens dispensavam de muito bom grado.

Pero Vaz de Caminha, companheiro d. Pedralves Cabral, tractando de dous Indios que vieram á bordo da nau capitania, nos conta ingenuamente — “que elles não estimavam em nenhum modo cobrir ou deixar á mostra as suas vergonhas, e acerca disso estavam com tanta innocência como em mostrar o rosto, e quando se estiraram de costas na alcatifá a dormir, o que trazia cabelleira de pennas procurava assaz nela não amarrotar, mas nada lhe importava o não terem nenhuma maneira de cobrirem suas vergonhas, as quaes não eram *favadas*.”

A proposito destes trajos poeticos, lembra-nõs ainda uma anedocta assaz picante, que lemos ha alguns annos em um jornal litterario. Ao partir certa vez o principe de Joinville para uma das suas numerosas viagens, a princeza Clementina sua irmã, tomada subitamente de um desses caprichos tam frequentes em moças e princezas, pediu-lhe que na sua volta lhe trouxesse um trajo completo de princeza selvagem, com o qual desejava ella ataviar-se. Regressando o illustre viajante, e passada a primeira effusão de sentimentos, perguntou-lhe logo a irmã pela encommenda. O principe, tirando da algibeira um collar de conchinhas, lh'o entregou em silencio, e com malicioso sorriso. E o resto? inquiriu a princeza. Nunca vi princezas selvagens, tornou-lhe o irmão, que trouxessem alguma outra vestidura, alem de collares como este.”

Não diz o jornal que citamos, se depois desta explicação, a princeza perseverou ainda na sua phantasia.

Os costumes destes selvagens, fetidos, enojosos, sinistramente pintados, e horriavelmente mutilados, eram, uns simplesmente ridiculos e burlescos, mas outros abominaveis e atrozes. Não obstante as copiosas noções que a respeito delles se encontram no trabalho de Fernão Denis, julgamos util ouvir a outros escriptores, dos primeiros tempos da conquista e descobrimento, que por muitos

anos, e mui de perto, os observaram, e estudaram. E consultemos principalmente a Gabriel Soares, no seu *Roteiro*, cuja phrase, tam singella como energica e pitoresca, da a tado quanto o auctor narra e pinta, muito mais vida e relevo que todos esses periodos tam sabiamente ordenados e elaborados dos modernos escriptores. E se a nimia delicadeza, e melindre do leitor quizer escandalisar-se de uma ou outra expressão ou pintura um pouco mais livre, ou ainda algum tanto cynica, fique desde agora advertido, para nossa desculpa, que não fizemos mais do que reproduzir o que já passou pela censura e cadinho do—Instituto historico. (1)

“Para os Tupinambás fazerem bizârrros ( diz o auctor no cap. 155 ) usara de muitas bestialidades mui estranhas, como é fazera de pois de homêns, tres e quatro buracos nos beiços de baixo, onde mettem pedras, com grandes pontas para fóra; e outros furam os beiços de cima, tambem como os de baixo, onde tambem mettem pedras redondas, verdes e pardas, que ficam ingeridas nas faces, como espelhos de borracha, em as quaes ha alguns que tem nas faces dous e tres buracos, em que mettem pedras com pontas para fóra; e ha alguns que tem todos estes buracos, que, com as pedras nelles, parecem os demonios; os quaes soffrêm estas dores, por parecerem temerosos a seus contrarios.

“ Usam tambem entre si umas carapuças de pennas amarellas e vermelhas, que põem nas cabeças, que lliã cobre até as orelhas; os quaes fazem collares para o pescoço de dentes dos contrarios, onde trazem logo juntos dous, tres mil dentes, e nos pés uns cascaveis de certas hervas á feição de castanhas, cujo tenido se ouve muito longe. Ornã-se mais estes Indios, para suas bizarriees, de uma

---

(1) O—*Roteiro*—de Gabriel Soares foi impresso na Revista do Instituto, em 1851—sob o titulo de—Tractado Descriptivo do Brazil.—Já anteriormente o havia sido por ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

roda de pennas de ema, que atam sobre as ancas, que lhe faz tamanho vulto que lhe cobre as costas todas de alto abaixo; e para se fazerem mais feios se tingem todos do genipapo, que parecem negros do Guiné, e tingem os pés de uma tinta vermelha muito fina, e as faces; e põem sobraçadas muitas contas de buzios, e outras pequenas de pennas nos braços, e quando se ataviam com todas estas peças, levam uma espada de pão marchotada com casca de ovos de passaros de cores diversas, e na empunhadura umas pennas grandes de passaros, e certas campainhas de pennas amarellas, a qual espada lançam, atada ao pescoço, por detraz; e levam na mão esquerda seu arco e flecha, com dentes de tubarão; e na direita, um maracá, que é um cabaço, cheio de pedrinhas, com seu cabo, com que vae tangendo e cantando; e fazem estas bizarrices, para quando na sua aldêa ha grandes vinhos, ou em outra, onde vão folgar.

“Este gentio (cap. 158) é muito amigo de vinho, assim machos como femeas, o qual fazem de todos os seus legumes, até da farinha que comem; mas o seu vinho principal é de uma raiz a que chamam aipim, que se coze, e depois pisam-na, e tornam-na a cozer, e como é bem cozida, buscam as mais formosas moças da aldêa para exprimer estes aipims com as mãos, e algum mastigado com a boca, e depois expremido na vasilha, que é o que dizem que lhe põe a virtude, segundo a sua gentilidade; a estas agua e sumo destas raizes lançam em grandes potes, que para isso tem, onde este vinho se coze e está, até que se faz azedo; e como o está bem, o bebem com grandes cantares, e cantam e bailam toda uma noite, ás vespervas do vinho, e a outro dia pela manhã começam a beber, bailar, e cantar; e as moças solteiras da casa andam dando vinho em uns meios cabaços, a que chamam cuias, aos que andam cantando, os quaes não comem nada em quanto bebem, o que fazem de maneira, que vem a cair de bebados por esse chão; e o que faz mais desatinos nessas bebedices, esse é mais estimado dos outros, em os quaes se fa-

zém sempre brigas, porque aqui se letabram de seus crimes, e castigam por isso as mulheres, ao que acodem os amigos, e jogam ás tiçoadas uns com os outros.”

Tractando do mesmo assumpto, diz Claudio d’Abeville: “Nunca espectáculo algum me maravilhou tanto, como o que me offereciam nas suas cabanas, se eu entrava nelas em occasião de estarem os selvagens *cáuinando*, pois logo do primeiro lanço via postos ao fogo, e cheios de cáuin, esses grandes vasos que funegavam como caldeiras a ferver: derredor estavam os barbaros em grande numero, homens e mulheres, delles nús em pello, outros arreçados de plumagens, e as mulheres desgrenhadas; uns deitados, e exhalando o fumo do petume (1) pelas ventas e pela boca; e outros dançando, saltando, cantando, e gritando, tendo todos a cabeça tam esquentada pelo cáuin, que reviravam os olhos de um modo, que me parecia a mim que ali estava a imagem de um pequeno inferno. E em verdade, se o diabo se apraz com as folias de Bacho, creio bem que devia de receber com estas grande recreação e contentamento.”

“Alguns destes barbaros (continua o—Roteiro—Cap. 168) são tam carniceiros que cortam aos vencidos nas batalhas, depois de mortos, suas naturas, assim aos machos, como ás femeas, as quaes levam para darem ás suas mulheres, que as guardam depois de mirradas no fogo, para nas suas festas as darem a comer aos maridos por reliquias, o que lhes dura muito tempo; e levam os contrarios, que não mataram na briga, cativos, para depois os matarem em terreiro com as festas costumadas.”

“Estes captivos (Cap. 171) mettem-nos em prisões, as quaes são cordas de algodão grossas, que para isso tem mui louças, a que chamam muçuranas; e com ellas os atam pela cinta e pelo pescoço, onde lhe dão muito bem de comer, e lhe fazem bom tractamento, ate que engordam, e estão estes captivos para se poderem comer, que

---

(1) Tabaco.

é o fim para que os engordam; e como os Tupinambás têm estes contrarios quiétos e bem seguros nas prisões, dão a cada um por mulher a mais formosa moça, que ha na sua casa, com quem se elle agasalha todas as vezes que quer, a qual moça tem cuidado de o servir, e de lhe dar o necessario para comer e beber, com o que o ceavam cada hora, e lhe fazem muitos regalos. E se esta moça emprenha do que está preso, como acontece muitas vezes, como páre, cria a criança até idade que se pode comer; que a offerece para isso ao parente mais chegado, que lh'o agradece muito, o qual lhe quebra a cabeça em terreiro com as ceremonias, que se adiante se guem, onde toma o nome; e como a criança é morta, a comem assada e com grande festa, e a mãe é a primeira que come desta carne, o que tem por grande honra, pelo que de maravilha escapa nenhuma criança que nasce destes ajunctamentos, que não matem; e a mãe que não come seu proprio filho, a que estes Indios chamam *eunhambira*, que quer dizer filho do contrario, tem-n'a em ruim conta, e em peior, se o não entrega a seus irmãos ou parentes com grande contentamento.

“Acabado de morrer o cativo (Cap. 174), espedaçam-n'o logo as velhas da aldêa, e tiram-lhe as tripas e freçura, que, mal-lavadas, cozem e assam para comer; e reparte-se a carne por todas as casas da aldêa, e pelos hospedes que vieram de fora ver estas festas e matanças, a qual carne se coze logo para se comer nos mesmos dias de festas, e outra assam muito afastada do fogo de maneira que fica muito mirrada, a que este gentio chama *mequem*, a qual se não come por mantimento, senão por vingança; e os homens mancebos e mulheres moças provam-n'a somente, (1) e os velhos e velhas são

---

(1) Hans-Stade, Allemão prisioneiro dos Tupinambás de S. Vicente (S. Paulo) em 1550, refere todavia que durante uma viagem um menino de pouca idade vinha roendo noite e dia, como um cão faminto, o osso de um pri-

os que se mettem nesta carniça muito, e guardam alguma da assada do moquem por reliquias, para com ella de novo tornarem a fazer festa, se se não offerecer tam cedo matarem outro contrario. E os hospedes que vieram de fóra a ver esta festa, levam seu quinhão de carne, que lhe deram do morto, assada do moquem, para suas aldêas, onde como chegam fazem grandes vinhos para com grandes festas, segundo sua gentilidade, os beberem sobre esta carne humana, que levam, a qual repartem por todos os da aldêa, para a provarem e se alegrarem, em vingança de seu contrario que padecou, como fica dito.

“ Quando morre algum principal da aldêa em que vive, (cap. 175) e depois de morto alguns dias, antes de o enterrarem, fazem as ceremonias seguintes. Primeiramente o untam com mel todo, e por cima do mel o empennam com pennas de passaros de cores, e põe-lhe uma carapuça de penna na cabeça, e todos os mais enfeites, que elles costumam trazer nas suas festas; e tem-lhe feito na mesma casa e lanço onde elle vivia, uma cova muito funda e grande, com sua estacada por derredor, para que tenha a terra que não caia sobre o defuncto, e arman-lhe sua rede em baixo de maneira que não toque o morto no chão; em a qual rede o mettem assim enfeitado e põem-lhe junto da rede o seu arco e flechas, e a sua espada, e o maracá com que costumava tanger, e fazem-lhe fogo ao longo da rede para se aquentar; e põem-lhe de comer em um alguidar, e agua em um cabaço, como gallinha; e como esta matalotagem está feita, lhe põem tambem sua caçoieira de fumo na mão, lançam-lhe muita somma de madeira igual no andar da rede de maneira que não toque no corpo, e sobre esta madeira, muita somma de terra, com rama

---

sioneiro recentemente sacrificado. Em outras relações temos lido que a viuva do prisioneiro, depois de verter ex officio algumas lagrimas sobre o cadáver do esposo, prestava-se de bom grado a beneficia-lo, e saboreava o seu quinhão de carniça como qualquer outra.

debaixo primeiro, para que não caia terra sobre o defuncto; sobre a qual sepultura, vive a mulher como d'antes. E quando morre algum moço, filho de algum principal, que não tem muita idade, mettem-n'o em cocaras, atados os joelhos com a barriga, em um pote em que elle caiba, e enterram o pote na mesma casa debaixo do chão, onde o filho e o pae, se é morto, são chorados muitos dias.

“ São tam desamoraveis estes Tupinambás (Cap. 176) que quando algum está doente, e a doença é comprida, logo aborrece a todos os seus, e curam delle muito pouco; e como o doente chega a estar mal, é logo julgado por morto; e não trabalham os seus mais chegados por lhe dar a vida, antes o desamparam, dizendo que pois ha de morrer, e não tem remedio, que para que é dar-lhe de comer, nem curar delle; e tanto isto é assim que morrem muitos ao desamparo, e levam a enterrar outros ainda vivos, porque como chega a perder a falla, dão-n'o logo por morto.

“ Quando as Indias entram em dores de parir, (Cap. 154) não buscam parteiras, não se guardam do ar, nem fazem outras ceremonias, parem pelos campos, e em qualquer outra parte, como uma alimaria; e em acabando de parir, se vão ao rio ou fonte, onde se lavam, e as crianças que pariram, e vem-se para casa, onde o marido se deita logo na rede, onde está muito coberto, até que secca o embigo da criança; em o qual logar o visitam seus parentes e amigos; e lhe trazem presentes de comer e beber, e a mulher lhe faz muitos mimos, em quanto o marido está assim parido, o qual está muito empanado para que lhe não dê o ar; e dizem que se lhe der o ar, que fará muito nojo á criança; e se se erguerem e forem ao trabalho, que lhe morrerão os filhos, e elles que serão doentes da barriga; e não ha quem lhes tire da cabeça que da parte da mãe não ha perigo, senão da sua; porque o filho lhe sahiu dos lombos, e que ellas não põem da sua parte mais que terem guardada a semente no ventre onde se cria a criança.

“ As femeas destes gentios (Cap. 159) são muito afeiçãoadas a criar cachorros, para os maridos levarem á caça, e quando ellas vão fora, levam-nos ás costas, as quaes tambem folgam de criar gallinhas, e outros passaros em suas casas. As quaes, quando com seu costume, alimpam-se com um bordão que tem sempre junto de si, que levam na mão quando vão fora de casa; e não se pejam de se alimparem diante de gente, nem de as verem comer piolhos, o que fazem quando se catam nas cabeças umas ás outras; e como os encontra a que os busca, os dá a que os trazia na cabeça, que logo os trinca entre os dentes; o que não fazem pelos comer, mas em vingança de as morderem.

“ São os Tupinambás tam luxuriosos, (cap. 156) que não ha peccado de luxuria que não commettam; os quaes sendo de muito pouca idade tem conta com mulheres, e bem mulheres; porque as velhas, já desestimadas dos que são homens, grangean estes meninos, fazendo-lhes mimos e regalos, e ensinam-lhes a fazer o que elles não sabem, e não os deixam de dia nem de noite. E' este gentio tam luxurioso que poucas vezes tem respeito ás irmãs e tias, e porque este peccado é contra seus costumes, dormem com ellas pelos matos, (1) e alguns com suas próprias filhas; e não se contentam com uma mulher, mas tem muitas, pelo que morrem muitos de esfalfados. E em conversação não sabem fallar senão nestas sujidades, que commettem cada hora; os quaes são tam amigos da carne que se não contentam, para seguirem os seus appetites, com o membro genital, como a natureza o formou; mas ha muitos que lhe costumam pôr o pello de um bicho tam peçonhento, que llo faz logo inchar, com o que tem grandes

---

(1) Estes *rendez-vous* no mato, alias tam simples e prosaicqs em si mesmos, deram não obstante assumpto a uma das mais bellas e graciosas composições do Sr. Gonçalves Dias. E' a que elle intitidou—Leito de folhas verdes.



dores, mais de seis mezes, que se lhe vão gastando, por espaço de tempo; com o que se lhe faz o seu cano tam disforme de grosso—que os não podem as mulheres esperar, nem soffrer; e não contentes estes selvagens de andarem tam encarniçados neste peccado, naturalmente commettido, são mui afeiçoados ao peccado nefando, entre os quaes se não tem por affronta; e o que serve de macho, se tem por valente, e contam esta bestialidade por proeza; e nas suas aldêas pelo certão ha alguns que tem tenda publica a quantos os querem como mulheres publicas.

“Como os paes e as mães vêem os filhos com meneios para conhecer mulher, elles ll'á buscam, e os ensinam como a saberão servir: as femeas muito meninas, esperam o macho, mormente as que vivem entre os portuguezes. Os machos destes Tapinambás não são ciosos; e ainda que achem outrem com as mulheres, não matam a ninguem por isso, e quando muito, espancam a mulher pelo caso. E as que querem bem aos maridos, pelos contentarem, buscam-lhes moças, com que elles se desenfadem, as quaes lhe levam á rede onde dormem, onde lhe pedem muito que se queira deitar com os maridos, e as peitam para isso; cousa que não faz nenhuma nação de gente, senão estes barbaros.”

Estes costumes são em geral os do Tapinambás, bem que o sejam igualmente de algumas outras tribus; mas segundo o testemunho do proprio Gabriel Soares, dellas ha ainda muito mais barbaras e ferozes.

Dos Goianazes por exemplo, diz elle, que “não são maliciosos nem refalsados, antes simples, bem acondiçoados, e amigos dos brancos, dado que de pouco trabalho, folgasãos, e priguçosos. Não vive este gentio em aldêas, nem casas arrumadas; mas em covas pelo campo, debaixo do ehão, onde tem fogo de noite e de dia, e fazem suas camas de rama, e pelles de alimarias, que matam.

“Os Aymerés são tam barbaros, que alguns que se tomaram vivos em Porto-Seguro, se deixaram morrer de bravos, sem quererem comer.

“Não vivem em aldeias nem casas como o outro gen-  
tio, nem ha quem lh'as visse, nem saiba, nem dêsse com  
ollas pelos matos até hoje; andam sempre de uma parte pa-  
ra outra pelos campos e matos, dormem no chão sobre fo-  
lhas, e se lhes chove, arrimam-se ao pé de uma arvore,  
onde engenam as folhas por cima, quanto os cubra, assen-  
tando-se em cocaras; e não se lhe achou até agora outro  
rastro de gasalhado.

“Não costumam estes alarves fazer roças nem plan-  
tar alguns mantimentos. Mantem-se de fructas e caça,  
que comem crua, ou mal assada quando tem fogo; ma-  
chos e femeas andam todos tosquiados; a voz é rouca  
e arrancam-n'a da garganta, com muita força.

“Não andam mais que vinte ou trinta junctos, a sal-  
tear, não pelejam rosto a rosto, senão atraçoadamente.  
Não sabem nadar, qualquer rio os embaraça. Comem  
carne humana por mantimento, ao revez dos outros gen-  
tios, que o fazem por vingança.”

Como complemento destas noticias, cabe aqui acres-  
centar que os nossos selvagens não só abandonavam os  
enfermos e velhos inertes e inúteis, como já fica dito,  
senão que algumas vezes lhes apressavam a morte, a pre-  
texto de poupar-lhes soffrimentos inúteis; e tribus ha-  
via onde os que eram assim mortos serviam aos banque-  
tes de familia, sob o fundamento de que não se lhe po-  
dia dar mais honrada e agradável sepultura, do que o  
estomago de seus proprios parentes. Era quasi geral o  
costume de enterrar vivos os *marabás*, isto é, os mes-  
tiços nascidos do ajuntamento de mulheres indias com  
homens brancos.

Quanto ao caracter e mais dotes do animo, susten-  
tam alguns que os nossos indigenas eram bravos, hospi-  
taleiros e agasalhadores dos estranhos, e de uma lealda-  
de sem igual no cumprir e guardar a palavra dada e os  
tractados. E' de notar porem que a sua bravura mal po-  
de resistir a algumas centenas de colonos que desd'os  
tempos primitivos os afugentaram por toda a parte do

littoral; e pelo outro lado, Timon não desejaria a nenhum dos seus leitores a boa fortuna de gosar da hospedagem de barbaros anthropophagos, nem a de pôr á prova a sua fé singella e antiga.

Eram indolentes por natureza, e muito inimigos do trabalho, que em grande parte faziam pesar sobre as mulheres, sujeitas quasi á condição servil; e se a espaços se entregavam a algum rude labor, o mais do tempo passavam na inercia e ociosidade. Tam improvidos como indolentes, devoravam, esperdiçavam, e estragavam em poucas horas, os alimentos que acaso colhiam, e que poupados e regrados dariam para largos dias, passando assim da glotoneria e da fartadella para a penuria e a fome.

“ Os Americanos (diz o padre Ayres do Casal, na sua *Corographia-Brazilica*, citando por seu turno outro auctor) são glotões em extremo, quando tem com que se saciar; sobrios em a necessidade, até nem ainda desejar o necessario; pusilanimos e poltrões, em quanto a bebida os não faz enfurecer; inimigos do trabalho; indifferentes a qualquer motivo de honra, gloria, ou reconhecimento; unicamente occupados do presente sem cuidado do futuro; incapazes de reflexão; passam a vida e envelhecem, sem sahirem da infancia, da qual conservam todos os defeitos.”

“ Nos costumes são como as feras, escrevia o padre Simão de Vasconcellos, sem policia, sem quasi resto de humanidade, preguiçosos, mentirosos, comilões, dados a vinhos, e só nesta parte esmerados, porque os fazem de castas innumeraveis. Parece que destes faltava S. Paulo, quando dizia: *Quorum Deus venter est: semper mendaces, mala bestia, ventres pigri, &c.*”

O nosso poeta apellida de Judea do Novo-Mundo a estas tribus errantes, isto é, compara o povo mais theocratico do universo com o povo onde por ventura menos noções se encontravam da divindade—movido sem duvida pelo facto de haverem ambos emigrado, atravessando immensos desertos. Mas isto nos faz lembrar que Simão de Vas-

concellos tambem os compara aos Judeos, bem que a outro proposito, e para conclusões muito diversas. Fazia elle resenha dos differentes povos donde se conjecturavam oriundos os nossos indigenas; e pesando as diversas probabilidades que se offereciam, inclina para a origem judaica—“ porque, diz elle, muito grande prova faz por esta parte a semelhança que ha de costumes entre estes Indios, e aquelles antigos Judeos: como é o serem medrosos, covardes, supersticiosos, mentirosos, conservadores da geração de seus irmãos, casando-se com as cunhadas, quando aquelles morrem; lavarem-se a cada passo nos rios, e outros usos em que conformam com esta nação.” (1)

Vimos em Gabriel Soares que os Indios se entretinham a maior parte do tempo nas *sujidades* da luxuria; outros, como Simão de Vasconcellos, pensam que o que mais os occupava era o vinho. Mas estudando-se attentamente os seus costumes, conhecer-se-ha que de todos elles o mais preponderante era o dos banquetes de carne humana, sendo tambem o seu principal, quasi unico e continuo pensamento o exterminio completo dos inimigos. A este costume, e a este pensamento se referiam uma infinidade de outros.

Quando iam á guerra, não levavam ordinariamente em vista nem a gloria, nem a conservação do territorio e dos lares patrios, ou novas conquistas onde se estabelecessem, porque em geral a propriedade não tinha para elles grandes attractivos, e a gloria se adquiria menos nos combates, que no sacrificio dos prisioneiros; iam pois principalmente a colher prisioneiros, (2) especie de caçada que

---

(1) Noticias Curiosas. Liv. 1.º n. 22. Veja-se a nota—C—no fim do Livro.

(2) Encasquetados os Tapinambás por diversos motivos, de que o seu prisioneiro Hans Stade era grande advinho, pediram-lhe, por occasião de uma expedição, que consultasse os astros para ver se seriam felizes e—se apanhariam muitos prisioneiros. Este era o seu principal cuidado.

tinha sobre as ordinarias, o enlevo do odio e da vingança, paixões que os Indios exaggeravam até ao furor e á insanía. No sacrificio do prisioneiro é que o matador adquiria os seus grãos de nobreza, mudava o nome, e era coadornado cavalleiro com muitas e ridiculas ceremonias. O lanquete se dispunha de longos tempos antes, e a elle acodiam todas as tribus amigas.—Aos que não podiam vir, presentecavam com uma posta ou um membro qualquer da victima, e porque um tam medico bocado não bastasse a tantos monstros esfaimados, cosinhavam-n'o, e o caldo abominavel se repartia então liberalmente por todos.

Quanto maior era o numero dos inimigos mortos e comidos, tanto maior o grão de nobreza do sacrificador. O famoso Keniam-Bebe, um dos mais auctorisados e temiveis chefes dos Tupinambás de S. Vicente, gabava-se de haver elle só provado de mais de cinco mil prisioneiros!

Morto e devorado o infeliz, o osso da canella se transformava em instrumeto de musica, os dentes enfiados serviam a ornar o collo do algoz, e as caveiras se alçavam sobre os porticos, dignos e horridos trophéos de tam infame victoria.

E para que em ponto algum fallisse esta infernal sollicitude, os pobres e innocentes cunhãbiras e marabás eram, quasi ao nascer, afogados e devorados, para que nelles se não perpetuasse uma raça odiosa e inimiga.

E quando, mais tarde, os missionarios portuguezes, não podendo libertar os desditosos prisioneiros da morte, procuravam ao menos aproveitar os seus ultimos dias, doutrinando-os, e regenerando-os pelo baptismo, os selvagens fizeram grandes alvoretos, e quizeram expulsar e matar os padres, porque, diziam elles, as aguas do baptismo estragavam a carne dos prisioneiros, dissaboreando-a.

Timon conclue, á vista de tantos factos, attestados por tantos e tam auctorisados escriptores, que os nossos antigos selvagens eram não somente um povo bruto, feroz-cruel, e sanguinario, senão tambem indolente, inerte, pro

fundamente corrompido, dado á crapula e á devassidão, e já entregue no meio daquella bronca barbaria a todos os vícios e torpezas da mais refinada civilisação tiberiana.

Objectar-nos-hão talvez a parcialidade e má fé dos escriptores jesuitas e portuguezes; mas a generalidade dos testemunhos antigos e modernos, (a estes veremos brevemente) o character insuspeito de alguns delles, como o do capuchinho Claudio d'Abeville, os escoimam evidentemente d'aquelles vícios. Além de que, os jesuitas no tempo do padre Simão de Vasconcellos, e sobretudo nos anteriores, nenhuma razão tinham para eslumniar os Indios, antes, muito ao revez disso, eram os seus mais ardentos e zelosos protectores.

Esta conclusão nos conduz necessariamente a outra— os selvagens não degeneraram nem podiam degenerar dessa supposta primitiva grandeza e magnanimidade—porque se com a civilisação contrahiram alguns vícios, não perderam certo nenhuma virtudes, senão horridos e abominaveis costumes.—Isto teremos de ver quando para o diante houvermos de apreciar os que hoje se podem ter como seus descendentes, quer os meio-civilizados que vivem em povoações estaveis—quer os que ainda vaguêam errantes pelas florestas—menos temiveis hoje que então, senão moralmente melhorados.

Mas é tempo de passarmos á solução das outras questões. *¿ Eram os aborigenes proprietarios das terras que pisavam, e tinham direito exclusivo a possui-las, repellindo os invasores europeus? E foi deveras uma desgraça para estas regiões, que na luta travada a victoria se declarasse pelo arcabúz e pela espada contra a flecha e o tacape?*

A generalidade dos publicistas reconhece como um direito formal e positivo o denominado de *primi occupantis*, isto é, da primeira occupação de um terreno vago; e alguns delles, tractando especialmente da America, opinam que os indigenas encontrades nas suas diversas

regiões foram injustamente esbulhados da propriedade das terras que habitavam, não podendo produzir direito em contrario em favor dos invasores europeus, nem as bulhas dos papas, nem esses padrões que os seus capitães erigiam aqui e acolá nas praias desertas.

Mas segundo o direito, tanto civil como das gentes, a propriedade, fundada na posse e occupação, se ha de legitimar somente pelos caracteristicos assim da habitação estabelecida e permanente, como da cultura e aproveitamento das terras; e se um titulo vão e um simples padrão não a asseguravam aos Europeus, menos poderia assegurá-la aos selvagens a occupação ephemera e passageira das suas tribus quasi nómades, sendo bem sabido que as mais dellas não conheciam especie alguma de cultura, e outras a faziam limitadissima, barbara, e volante, pois não demoravam em ponto algum mais que o tempo da duração dos seus grosseiros tectos de palma—dous ou tres annos quando muito.

Se considerarmos por outro lado que a sua possessão tambem se fundava no esbulho que uns contra os outros praticavam quotidianamente, e que todo o seu direito repousava na violencia, na conquista, e na guerra, ordinariamente deliberada no meio de brutaes orgias de sangue e vinho, então o abuso da espoliação, de que os Europeus são accusados, ficará immensamente attenuado.

E' tambem materia muito para se estudar e averiguar se á conta desse pretendido direito de primeira occupação, o resto do genero humano devia ficar eternamente confinado nos limites do antigo mundo, para que os selvagens que occupavam e pejavam o novo, em detrimento da civilização, continuassem a lograr a liberdade de caça e pesca, errando a larga, e desalojadamente de uma parte para outra.

Sem d'vida, por mais barbaros que fossem, tinham os indigenas direito á propria conservação, por meio dos dons que a terra fornece, ou espontaneos, ou sollicitados pelo trabalho. Mas esse direito se podia conciliar, e tornar-se até mais amplo, real e effez, com a occupação si-

multeza dos Europeus; porque a civilisação, sobre melhorar a condição moral dos selvagens, devia tornar-lhes mais facéis ao mesmo tempo todos os gosos e commodos da vida. A iniquidade pois consistiu, não na occupação da terra vaga e inculta, mas no abuso da oppressão e das vexações exercidas contra as hordas errantes. Nós veremos de resto mais adiante, assim a occasião, e a intensidade do abuso, como os resultados que delle se seguiram.

Os Portuguezes pela sua parte comprehenderam, por ventura instinctivamente, todo o alcance daquella profunda verdade que depois do descobrimento do Brazil, disse o seu grande poeta:

*Que toda terra é patria para o forte.*

Não forte simplesmente pelas armas, pela guerra, e pelos estragos e ruínas que a acompanham, senão pelas artes da paz, pelo trabalho e pela industria, com que se vence um inimigo bem mais poderoso que os homems—a natureza ru le e inculta—, e com que se fecundam e aperfeçoam os dons variados, que a Providencia por toda a parte franquea ao homem, desafiando a sua innata actividade.

Abstrahindo porem do direito e do abuso, e considerando só os factos em seus resultados geraes, fica manifesto—e é quanto basta—que a victoria do arcabuz e da espada, exterminando, transformando, ou internando os gentios, fez surgir florecentes cidades onde outrora apenas se viam miseraveis aldeas, e substituiu por uma nação grande, civilisada e hospitaleira, algumas centenas de tribus ferocissimas.

---

*Qual era a população indigena provavel do Brazil, e especialmente do Maranhão, ao tempo da conquista? podia ella computar-se por milhões? A primeira interrogação, é impossivel dar resposta alguma directa e positiva; mas ella se inclue necessariamente na da segunda, que não pode ser senão negativa.*



O padre Antonio Vieira nas suas—Vozes Saudosas—falla-nos em mais de quinhentas aldeas que havia do Maranhão até o Gurupá, todas mui numerosas, e algumas dellas tanto que deitavam quatro e cinco mil arcos, e n'uma das muitas cartas que escrevia ao rei—em mais de dois milhões de Indios, com quinhentas povoações e grandes cidades; contando que talo isso se destruiu e acabou em menos de quarenta annos, por maneira que ao governador André Vidal de Negreiros nunca foi possível junctar mais de oitocentos Indios de guerra.

Mas nestas asserções, aliás um pouco vagas, é mui facil reconhecer assim a exaggeração palpavel do pregador, como a cega parcialidade do jesuita, fogoso adversario dos colonos, a quem queria fazer carregos de todo o mal, e a quem evidentemente calunhiava, senão de má fé e animo deliberado, certo arrastado pela paixão, e pelo ardor da controversia. E em verdade, só um jesuita de imaginação tam exaltada como o padre Antonio Vieira, ousaria apregoar a existencia de grandes cidades de selvagens nos desertos do Pará e Maranhão! Mas note-se bem, se essas quinhentas aldeas (mais de quinhentas, diz elle) deitavam quatro e cinco mil arcos, o que se segue é que os dois milhões eram só de guerreiros, devendo a população total deitar a cinco, seis ou oito milhões! Esta innumeravel gentilidade occupava apenas a costa até o Gurupá, duzentas leguas quando muito; e pelos certões a dentro, devia de ser o dobro ou o triplo. Seria em verdade uma população á italiana ou á hollandeza; e teriam feito vinte ou trinta vezes mais para tam espantoso incremento della esses seculos obscuros e ignotos de barbaridade e anthropophagia, que os dous seculos de cultura e civilisação que conhecemos.

Porem absurdos tam monstruosos não podem resistir ao mais ligeiro raciocinio, e menos ainda á constante observação dos factos.

Os povos nómades e selvagens que vivem da caça e da pesca necessitam derramar-se por vastas superfi-

ries. A condensação é para elles a penúria, a fome, e a morte. Onde acharia de que alimentar-se essa immensa população quasi sem agricultura, e de todo sem industria e sem commercio? Entretanto é sabido que a caça, abundantissima nos tempos da conquista, e no meio dos milhões de caçadores de Vieira, hoje vai mirgoando e desaparece a olhos vistos, no meio de uma população de quinhentas a seiscentas mil almas apenas, e que pela maior parte tem outros meios de subsistencia.

Outros muitos escriptores, como este jesuita, por simples imitação e repetição, por exaggeração ou levandade, ou finalmente por falta de critica, vão repetindo sem cessar que os Indios se contavam por milhões, e que todos ceifou o ferro da conquista. Entretanto se descemos aos factos e ás particularidades, nunca acharemos entre esses mesmos escriptores quem faça menção de mais que de algumas centenas ou milhares de Indios, de oito a dez mil, quando muito, postos em campanha e debaixo das armas. Isto depõe por um modo peremptorio contra essa pretendida população de milhões, tanto mais attendendo-se á indole bellicosa, e á extraordinaria mobilidade dos povos selvagens, com a qual lhes é facilimo pôr em campo toda a sua gente de guerra.

Que população encontrou aqui Claudio d'Abeville? doze mil almas na ilha, e cerca de dez mil em Tapuytaperá e Cumã. Quantos pôde mover Ravardiére contra os seus fogaes inimigos, os Portuguezes? dous mil da ilha, e seiscentos de Cumã. Assim, se quarenta annos mais tarde, André Vidal de Negreiros, portuguez inimigo dos Tupinambás, ao revez de Ravardiére que era seu grande amigo, apenas pode pôr em campo oitocentos homens, segundo afirma Vieira, o facto é muito natural, e conforme á população anterior, nem ha mister para ser explicado, que se admitta a hypothese absurda e monstruosa de uma matança annual e regular de cinquenta a cem mil Indios, durante o espaço de quasi meio seculo.

Mas ainda admittindo que o ferro e o fogo os dizimou pelo littoral, porque rasão são ainda hoje tam raras nesses vastos certões por onde vaguêam livremente? Apenas am ou outro viajante transita ~~em~~ espaços, e sob sua tolerancia, pelo meio delles, sem de nenhum modo os molestar; e não consta todavia que alguem os visse e contasse jamais senão por cêntenas, e a muito estender, por alguns milhares.

E' tambem manifesto que as emigrações frequentes e forçadas a que andavam afeitos, a penuria e a fome a que tantas vezes se viam expostos, e sobretudo a guerra incessante e encarniçada que uns aos outros se faziam, nem só eram um obstaculo permanente a que a população podesse medrar e florecer, senão que viriam a final a ser causa de sua total extineção, como já tivemos occasião de observar.

*Mas poucos ou muitos os Indios do Brazil, foi o ferro iniquo dos Portuguezes que os exterminou? e deve-se isso á circumstancia de que para estas plagas só vinha o rebute da população de Portugal, vis degradados vasallos das sentinas, ávidos de ouro e sangue, em quanto a nobreza e o verdadeiro valor iam buscar a gloria e a honra nas partes do Oriente?*

Nas diversas asserções do Sr. Gonçalves Dias sobre estas questões, ha, em nosso modo de entender, erros evidentes e palpaveis, nascidos, ao que tambem nos parece, do *systema* que adoptou acerca de Indios, e do modo de ver que elle forçosamente lhe impõe.

Em primeiro logar não ha essa grande differença nem na qualidade da população que de Portugal affluia para o Oriente e para o Brazil—para o Oriente a flor—e para o Brazil o rebute e a escoria somente,—nem nas paixões que determinavam essas duas emigrações.

O que attrahia os Portuguezes ao Oriente era o commercio, e a conquista, isto é, o ouro, os diamantes, os estoços, as especiarias, as riquezas enfim, alcançadas por meio

da espoliação, da violencia, e do sangue, se por meios mais brandos não fosse possível. Ninguém ignora,—e os historiadores todos o affirmam á uma voz—que descoberto o caminho do Oriente por Vasco da Gama, el-rei D. Manuel expediu immediatamente uma poderosa armáda sob o commando de Ped'alves Cabral a estabelecer amizade e tractado de commercio com o Çamorim de Calecut, e uma feitoria na mesma cidade, onde o feitor tivesse as mercancias europeas de melhor gasto no paiz, e com o seu producto carregasse de especiarias as náus que cada anno navegariam para aquellas partes; levando o almirante por instrucção e regimento especial, que se o Çamorim não viesse nisso por bem, que lhe declarasse a guerra.

Camões, esse magnifico historiador, quando nos refere o discurso que põe na boca do Gama, ao dar este heróe a sua embaixada ao Çamorim, falla-nos, é certo, em *gloria ingente*, e doura toda a scena com as suas tinctas brilhantes e immortaes; porem através da linguagem pomposa, deixa-se vêr patente o assumpto immensamente prosaico da mercancia e amor do ganho.

E por longos rodeios a ti manda,  
 Por te fazer saber que tudo aquillo,  
 Que sobre o mar, que sobre as terras anda  
 De riquezas de lá do Tejo ao Nilo;  
 E desde a fria plaga de Zelanda  
 Até sem donde o sol não muda o stylo  
 Nos dias, sobre a gente da Ethiopia,  
 Tudo tem no seu reino em grande copia.

E se queres com pactos e lianças  
 De paz, e de amizade sacra e nua,  
 Commercio consentir das abundanças  
 Das fazendas da terra, sua e tua;  
 Porque cresçam as rendas, e abastanças  
 (Por quem a gente mais trabalha e súa)

De vossos reinos, será certamente  
De ti proveito, e delle gloria ingente.

O simples bom senso inculca que os milhares de soldados portuguezes que foram á India não deviam de ser todos sanctos e virtuosos; e bem que no meio da turba brilhem a espaços grandes nomes, e grandes caracteres, é innegavel que para se estabelecer o commercio, e se alcançarem as riquezas, moveu-se porfiada guerra a nações pacificas e civilisadas, pondo-se todo aquelle Oriente a ferro e fogo, e perpetrando-se muitas vezes crimes odiosos e infames, e taes que por elles muito se abato e desdoura a gloria dos Gamas, Cunhas, Castros e Albuquerque. Esses pobres prisioneiros, tomados em flagrante delicto de defeza da patria—enforcados ou passados á espada; esse rei das Molucas, justicado ás mãos do algoz, como um vil malfeitor; esse sultão Badur, traiçoadamente apunhalado na camera de uma náu portugueza; e tantas outras victimas da perfidia, da crueldade, ou da cobiça, são factos que todos conhecem, e ninguem desculpa.

E se pelas obras se ha de julgar o auctor—a árvore pelos fructos—será forçoso concluir que para o Brazil não era possivel que viesse geração mais perdida que essa que pilhou, devastou, e ensanguentou o Oriente.

Houve já tempo em que Timon, como tantos outros, encarando esses feitos monstruosos pelo seu lado odioso somente, stigmatizou e condemnou os Portuguezes. Para o seu juizo de então deviam de concorrer tambem as antipathias do espirito de partido, inflammado pelas lutas ainda recentes da independencia, e das facções que se lhes seguiram. Mas hoje que o tempo e a experiencia vão acalmando as paixões, já é possivel apreciar os acontecimentos com mais sangue frio, e por consequencia com mais criterio.

Os Portuguezes descobriram os espinhos do Oriente, e chegados á terra desejada, postas face a face as raças e os interesses contrarios, era natural que brevemente

viesses ás mãos. Dahi as guerras, e os crimes, onde innocentes e culpados, oppressores e opprimidos, victimas e algozes, eram todos instrumentos cegos e inscientes dos desígnios da Providencia, á qual muitas vezes apraz mandar a face das cousas, e os destinos das nações, no meio destas tempestades, em que o mal inherente á natureza do homem parece exercer o papel preponderante, mas onde tambem, do choque das paixões e dos antigos costumes defeitos, vibra a luz, e nasce o bem, que em largos seculos de duração, compensa esses breves instantes de convulsão e dor.

E' assim que nas guerras das cruzadas a philosophia da historia vai rastrear a civilisação da Europa, e nos horrores da revolução de 93 vê a subsequente regeneração da França. A descoberta do Oriente pelo Gama assignala uma das phases mais brillhantes da historia moderna, e teve não pequena influencia nos novos destinos do genero humano.

O feito arrojado e gigantesco, foi seguido de crimes e atrocidades, que desbotam o maréam a sua gloria; mas não é possível negar que em quanto os Portuguezes, nação pobre e pequena, alternavam assim as acções heroicas e gloriosas com feitos mesquinhos e apoucados; as grandes nações da Europa, divertidas em guerras quasi intestinas, civis e religiosas, faziam menos, e peor. Foi isto o que comprehendeu e declarou o cantor dos Lusíadas, nessas immortaes estancias, em que fez o panegyrico dos seus, e arremessou tam eloquentes invectivas á face do resto da Europa. (1)

---

(1) Vós, Portuguezes, poucos quantos fortes,  
 Que o fraco poder vosso não pesais,  
 Vós que, á custa de vossas varias mortes,  
 A lei da vida eterna dilatais:  
 Assi do ceo deitadas são as sortes,  
 Que vós, por muito poucos que sejais,

A civilisação porem desta vasta região da America foi serviço maior e mais arduo que a descoberta da India, assim como mais importante em seus resultados—ao menos para nós; e os crimes aqui commettidos—menos estrondosos, e certamente remidos por actos tão meritorios, como a luta com uma natureza rude e selvagem, e a fundação de um novo reino florescente.

E em verdade, as ricas minas do Brazil nada fun-

---

Muito façais na sancta christandade:

Que tanto, ó Christo, exaltas a humildade!

---

Vede-los Alemães, soberbo gado,  
Que por tam largos campos se apascenta,  
Do successor de Pedro, rebellado,  
Novo pastor, e nova seita inventa:  
Vede-lo em feas guerras occupado,  
Que inda co'o cego error se não contenta;  
Não contra o superbissimo Othomano,  
Mas por sahir do jugo soberano.

---

Vede-lo duro Inglez, que se nomea  
Rei da velha e sanctissima cidade,  
Que o torpe Ismaelita senhorea,  
(Quem vio honra tão longe da verdade!)  
Entre as boreaes neves se recrea,  
Nova maneira faz de christandade:  
Para os de Christo tem a espada nua,  
Não por tomar a terra que era sua.

---

.....  
.....  
Pois de ti, Gallo-indino, que direi?  
Que o nome Christianissimo quizeste,  
Não para defende-lo, nem guarda-lo,  
Mas para ser contra elle, e derriba-lo.

---

díram durante muitos annos, e os que aportavam a esta terra, ou haviam de rasgar-lhe o seio, não para extrahir della o ouro, mas para viverem dos productos da agricultura; ou se haviam de limitar ao pequeno commercio com os indigenas, e ao corte do pãu-brazil. Eram tam mingoados os proveitos, ao menos em relação aos que se tiravam do Oriente, que o governo portuguez, que havia

---

De Carlos, de Iauiz, o nome e a terra  
Herdaste, e as causas não da justa guerra?

Pois que direi daquelles, que em delicias,  
Que o vil ocio no mundo traz consigo,  
Gastam as vidas, logram as devicias,  
Esquecidos do seu valor antigo?

Contigo, Italia, fullo, já submersa  
Em vicios mil, e de ti mesma adversa.

O' miseros Christãos! Pela ventura  
Sois os dentes de Cadmo desparzidos,  
Que uns aos outros se dão a morte dura,  
Sendo todos de um ventre produzidos?  
Não vedes a divina sepultura  
Possuida de cães, que sempre unidos  
Vos vem tomar a vossa antiga terra?

Mas em tanto que cegos e seilentos  
Andais do vosso sangue, ó gente insana,  
Não faltarão christãos atrevimentos  
Nesta pequena casa lusitana.  
De Africa tem marítimos assentos;  
E' na Asia mais que todas soberana;  
Da quarta parte nove os campos ara;  
E se mais mundo houvera, lá chegara.\*

\* Camões. Lusíadas. Canto VII.



em pouco tempo dilatado os seus domínios da Ásia de um modo prodigioso, mandando para ali armadas sobre armadas, deixou passar um grande meio século sem tentar estabelecimento algum solido no Brazil, até então quasi exclusivamente explorado por aventureiros, e repartido por donatarios particulares. (1)

As grandes riquezas, pois, assim como a gloria dos combates só se alcançavam no Oriente: o Brazil apenas offercia aos primeiros povoadores os rudes trabalhos do campo, e combates sem gloria com obscuros e miserrimos selvagens. Não havia deste modo o incentivo poderoso do ouro que attrahisse de preferencia para este paiz a escoria da população portugueza. Pelo contrario nos theatros sanguinolentos da Ásia e Africa, essas almas pervertidas, porem fortes, deviam de achar occasiões mais frequentes e maior copia de alimentos em que cevar a sua energia e actividade.

A razão porque geralmente se presume o primitivo Brazil povoado quasi exclusivamente de malfeteiros, é por que a legislação da metropole o havia declarado presidio de degradados. E com effeito, dos duzentos e cincoenta seis casos, em que a famosa Ordenação do Livro V fulmina a pena de degredo, em oitenta e sete é o Brazil designado para logar d'elle. (2)

Afora esta razão, segundo o proprio testemunho dos escriptores portuguezes contemporaneos, a immoralidade dos primeiros colonos era espantosa, e excedia toda a medi-

(1) Thomé de Souza o primeiro governador geral mandado ao Brazil, veio fundar a Bahia em 1549.

(2) Ha na Ordenação do Livro V, duzentos e cincoenta seis casos de degredo, sendo cento e quarenta e dous para Africa, oitenta e sete para o Brazil, e os mais para Castro-Marina e outros logares. A analyse que fizemos della não foi nem podia ser rigorosamente exacta; mas os Algarismos que indicamos muito pouco se afastarão da verdade.

da. “ Os costumes dos Portuguezes (escrevia o padre Simão de Vasconcellos), moradores que então se achavam nestas villas, vinham a ser quasi como os dos Indios; porque, sendo christãos, viviam a modo de gentios. Na sensualidade, era grande a sua devassidão, amancebando-se ordinariamente de portas a dentro com suas mesmas Indias, ou fossem casados ou solteiros. Não se estranhava transgressão dos preceitos da igreja, nem havia fallar em jejum, nem em abstinencia de carne, e muito pouco nos sacramentos necessarios para a salvação: homens havia que desde que entraram na terra, se não tinham confessado nem commungado. Vivia-se de rapto dos Indios, e era tido o officio de assaltá-los por valentia, e por elle eram os homens estimados; e sobretudo sem prelado, sem pregador, e sem quem zelasse da parte de Deus tantos males.”

“ Chegaram a ter pera si muitos daquelles primeiros povoadores, (continúa elle em outra parte) não só idiotas, mas letrados, que os Indios da America não eram verdadeiramente homens racionais, nem individuos da verdadeira especie humana, e por conseguinte, que eram incapazes dos sacramentos da sancta igreja: que podia toma-los para si qualquer que os houvesse, e servir-se delles da mesma maneira que de um camello, de um cavallo, ou de um boi, feri-los, maltracta-los, mata-los, sem injuria alguma, restituição, ou peccado. E o peor é que poz o interesse dos homens em praxe usual tam deshumana opinião.”

Seria certamente assim, e bem se vê que nada pretendemos attenuar. Mas os costumes dos povoadores de então orçam pelos deste tempo, em que não ha degradados; e as iniquidades e cruezas que se usavam naquelle tempo com os pobres Indios, usam-se hoje em maior escala contra outra raça muito mais opprimida e desamparada. E força portanto procurar as causas da progressiva decadencia das raças aborigenes em outra parte, que não na qualidade da população que demandava o Brazil, pois embora inçada de grande copia de degradados, não era todavia

peior que a de hoje, como sem duvida reconhecerá quem desapaixonadamente comparar a immoralidade de então com a actual.

E' sabido que a transplantação de um para outro só-lo reforma em geral os homens viciosos, e a historia attesta que por diversas vezes certas aggregações de criminosos, banidos do seio da antiga patria, foram em logares mais ou menos remotos crear outra nova. Ninhos de piratas se converteram por este theor, e com o andar dos tempos, em florescentes cidades commerciaes; e Roma, que foi depois o primeiro povo do universo avassallado ás suas leis, deveu a origem a um bando de malfeitores, capitaneados por certo engeitado, que fôra lançado ao rio, e uma loba amamentara.

Além de que, os mais desses degradados deviam de ser ou inteiramente innocentes, ou apenas culpados de simples venialidades, e delictos que hoje caberiam quando muito na algada da policia correccional. Duzentos e cinquenta casos de degredo accumulados em um codigo, já attestam só de per si a monstruosidade da legislação; e ainda aqui não attendemos á espantosa penalidade esparsa nas leis ditas extravagantes. A legislação portugueza punia com a prisão, com o degredo, com açoutes, e com a morte, não os crimes somente, mas tambem os peccados, os máus costumes, a simples immoralidade, as opiniões e os pensamentos, e até o exercicio de qualquer industria honesta e pacifica, por isso só que o individuo de um sexo se applicava a alguma que parecia mais propria do sexo differente. Bem se póde julgar á vista disto que o numero dos condemnados era consideravelmente superior ao dos verdadeiros culpados.

Assim, nem a penalidade portugueza, e as sentenças dos seus juizes e tribunaes, podem infamar os primeiros tempos da existencia destas colonias, nem são explicação sufficiente do facto da extineção dos indigenas, que se attribue á perversidade da população.

Por outra parte, bons ou máus, simples emigrados,

ou degradados por sentença, os colonos portuguezes encontraram sempre formidaveis obstaculos á perseguição que exerciam contra os Indios, nos sentimentos de humanidade em geral, no poder temporal e espirital, nas bulhas dos papas, nas leis dos monarchas desde D. Sebastião até D. José, e no zelo ardente dos religiosos durante os primeiros seculos. (1)

E' ainda para notar que as primeiras relações dos Europeus com os selvagens foram quasi sempre, e por toda parte benevolas e pacificas. E' o que se póde ver em Pero Váz de Caminha na carta que escreveu a el-rei sobre o successo inopinado do descobrimento da terra de Santa Cruz, pela armada de Pedr'alves Cabral (2). E é o que tambem succedeu com os Portuguezes que vieram a restaurar o Maranhão do dominio francez.

Não era ao exterminio dos Indios que aspirava Jeronimo de Albuquerque, quando nas instrucções que deu a Gregorio Fragoso, fazia representar ao embaixador hespanhol em Pariz—“que se parecesse a Sua Senhoria, que os pobres Francezes, catholicos, e mecanicos, que aqui estão casados, com mulheres e filhos que de França trouxeram, e alguns solteiros e nobres accommodados na terra, que fiquem os que quizerem, possuindo o que tem, como vassallos de el-rei catholico, nosso senhor; e os que não tiverem terras, que possam dar-se-lhes, sem embargo da prohibição feita, que tracta dos estrangeiros; estes taes sempre serão de grandissimo effeito; porque como tam praticos em todas as cousas desta conquista, e nas execuções de desenhos dos seus maiores, e *juntamente alliados e avindos com os Indios, de que não temos ainda hoje noticia alguma, ficarão entre nós outros fazendo um effeito maravilhoso; e os Indios, que dependem da sua linguagem e promessa, não terão alteração alguma.*”

---

(1) Veja-se a nota—D—no fim do livro.

(2) Veja-se a nota—A—no fim do livro.

¶ Pero Vaz de Caminha, notando a facilidade e boa graça com que os selvagens se prestavam a imitar todos os actos e ceremonias religiosas que viam praticar aos Portuguezes, e o pouco que se lhes dava de andarem inteiramente nus, diz com toda a ingenuidade—“ E segundo o que a mim, e a todos pareceu, a esta gente não lhes fallece outra cousa pera ser toda christã, que o entender-nos; por que assim tomavam aquillo, que viam fazer, como nós mesmos: por onde pareceu a todos que nenhuma idolatria, nem adoração tem; e bem creio que se V. A. aqui mandar quem mais entr’elles devagar ande, que todos serão tornados ao desejo de V. A. E pera isso, se alguém vier, não deixe logo vir clerigo pera os baptisar; porque já então terão mais conhecimento da nossa fé, pelos dous degradados, que aqui entr’elles ficam, os quaes ambos hoje também commungaram! ”

Estranhos missionarios sem duvida, mas a verdade é que até nesta circumstancia tam singular revela-se o pensamento de paz que animava a todos nos primeiros encontros e entrevistas.

Mais tarde vieram as desconfianças, a má vontade; as offensas, as guerras, as devastações, e os exterminios; porem o mal era completamente reciprocado. Se hoje era salteada e destruida uma aldeia de Indios, amanhã succedia o mesmo á povoação ou plantação portugueza; se taes indigenas são agora mortos e escravizados, pouco depois o primeiro bispo do Brazil, D. Pedro Fernandes Sardinha, e mais cem companheiros, naufragando á vista da costa, em vez de encontrarem nella o abrigo e salvação que esperavam, são todos, do primeiro até o ultimo, devorados pelos ferocissimos Cahetés. E nas variadas alternativas dessa luta feroz e sanguinaria, nem sempre o combate se dava somente entre o Europeu de uma parte, e o selvagem da outra: os mesmos Indios se prestavam muitas vezes, em alliança com os invasores, a fazer a guerra aos seus conterrancos, e não só o Indios aborigenes, senão os mestiços seus descendentes,

sendo sobre todas assignaladas na historia as formidaveis depredações praticadas pela raça famosa dos Paulistas.

A historia registou e registará todos esses horrores e desgraças. Mas donde partiu a aggressão? E' ponto em que ella não poderá achar a *certeza*, e se ha de contentar com a simples *probabilidade*, a menos que se não tenha como primeira aggressão a mera appareição dos Europeus nestas plagas, e o seu proposito de occupar, e lavar a terra inculta. Ora a *probabilidade* é que as aggressões foram simultaneas, nascidas de paixões individuaes, não raras vezes devidas ao acaso, e a rixas inopinadas — bem poucas, talvez a plano e concerto deliberado. Se aqui, a bala do arcabuz foi varar o Indio que errava descuidoso no centro da espessura; além, á mesma hora, veio a frecha traiçoeira cravar-se nas espáduas do navegante que prendia deligente o seu batel á praia arenosa e deserta.

A causa verdadeira, principal, preponderante da decadencia e extincção das raças aborigenes é outra, e sem grande medo de errar, poderemos dizer que se acha toda inteira nõ invencível antagonismo que existiu sempre entre a civilisação e a barbarie. Aproximae esses dous elementos oppostos, e vereis que um destruirá immediatamente o outro, ou absorvendo-o e transformando-o, ou aniquilando-o de todo em todo. De ordinario vence a civilisação na luta, como o sol que, assomando no horisonte, espanca e desfaz as trevas, e inunda de luz o universo inteiro. Debalde um povo barbaro invade, conquista, e senhorea um paiz civilisado; porque se nos primeiros tempos barbarisa algum tanto os vencidos, a reacção sem muita demora se faz sentir, e por derradeiro é o povo vencido, porém civilisado, quem pule, instrue, doma e vence o conquistador inculto e rude.

A sorte dos Indios na parte da America septentrional occupada pela raça ingleza, confirma plenamente estas idéas — Ali, como em todas as outras regiões do No-

to-Mundo, a só apparição dos Europeus desafiou reciprocas hostilidades entre elles e os selvagens, que não soffriam ver-se despossuidos de porção alguma do sólo sagrado que lhes haviam legado seus maiores; os conflictos, as surpresas, as matanças, e as devastações se renovavam cada dia em prejuizo das duas raças, e a aggressão partia alternadamente, ora de um, ora de outro lado. Afinal, e como era provavel, venceu a raça civilisada.

Mas essa luta feroz e exterminadora não pertence aos nossos tempos, e cessou desde que os estabelecimentos europeus se consolidaram de um modo definitivo. Modernamente tem havido algumas guerras, porem raras;—regularmente declaradas e sustentadas pelo governo da união;—restrictas nos seus fins e meios;—completamente alheias a qualquer pensamento de exterminio;—e dirigidas somente a rebater as aggressões dos selvagens, que ora fundadas em agravos recebidos dos Americanos, ora destituidas de qualquer fundamento, necessitavam em todo caso de repressão mais ou menos forte.

A luta se tem travado em outro terreno, e com outras armas, e deriva toda da indole, não menos que da posição dos selvagens. Repellidos quasi geralmente da beira-mar, foram elles occupar os vastos desertos do sertão; mas a população branca, crescendo sempre como uma inundação, lá mesmo os tem ido buscar e molestar. Bem que os poderes supremos da União, e os homens eminentes do paiz ergam incessantemente a voz, e evidem todos os esforços a bem dos pobres selvagens, os interesses privados não recuam nos meios costumados, e buscam satisfazer-se a todo custo. O homem branco precisa da terra para cultivá-la, e viver dos seus fructos; e o selvagem é infallivelmente victima da espoliação.

A violencia e a usurpação cessam todavia, desde que o selvagem se resigna a vender e abandonar a terra de seus maiores, e a ir occupar novos territorios. Mas ou resista, e se expôzha ás espoliações e vexações inheren-

tes á vizinhança dos brancos; ou venda as terras, e emigre para estabelecer-se em novas paragens; ou finalmente, aceite uma meia civilização, que os deixa encravados no centro da população europeia, o certo é que em todas essas diversas situações as raças aborígenes desfiam, e se extinguem lentamente, sem causas violentas, e pela só incompatibilidade da barbarie com a civilização.

Quanto aqui escrevemos, escreveu primeiro que nós Mr. de Tocqueville no seu bello livro da—*Democracia na America*—com admiravel eloquencia, e rasão superior. Ouçamo-lo.

“Os Europeus nunca poderam modificar inteiramente o character dos Indios; e com o poder de destrui-los, jámais tiveram o de policia-los e submatte-los. O Negro acha-se collocado nos extremos confins da escravidão, o Indio nos da liberdade. E certo, a escravidão não produz no primeiro resultados mais funestos, que a independencia no segundo.

“O Negro perdeu até a propriedade da sua pessoa, e mal poderia dispor da propria existencia, sem commetter uma especie de furto contra o senhor.

“O Indio é senhor de si desde que é capaz de obrar. Pode-se dizer que nunca conheceu a auctoridade da familia. A sua vontade nunca dobrou-se ante a vontade de nenhum dos seus semelhantes; e ninguém pôde jámais ensinar-lhe a distinguir a obediencia rasoada e voluntaria, d'uma vergonhosa sujeição.—Até o nome de lei—ignora, e em seu conceito a liberdade é a isenção de todos os vinculos sociais. Nesta barbara independencia se apraz, e mais quizera perecer, que sacrificar a minima parte della. A civilização pouco ou nada poderá com um homem desta tempera.

“O indigena da America do Norte conserva as suas opiniões, e até as praticas mais minuciosas dos seus antigos costumes com uma inflexibilidade que não encontra exemplo na historia. Ha cousa de duzentos annos que as tribus errantes entretem relações diárias com a raça bran-



ca; sem adquirir comtudo uma só das suas idéas ou de seus usos. Entretanto é innegavel que os Europeus tem exercido não pequena influencia sobre os selvagens; mas se não conseguiram tornar o caracter do Indio mais desregrado, não o tornaram por certo mais europeu.

" A' perfeição das nossas artes tenta o Indio oppor os recursos do deserto; á nossa tactica, a sua coragem desordenada; á profundeza dos nossos designios, os instinctos espontaneos da sua natureza selvagem.... E' claro que nesta luta desigual ha de necessariamente succumbir.

" Bem desejaria o Negro confundir-se com os brancos, mas não pôde consegui-lo. E o Indio que até certo ponto tinha isso em suas mãos, desdenha tenta-lo. O servilismo do primeiro, o entrega á escravidão; o orgulho do segundo, á morte.....

" Todas as tribus indias que habitavam outr'ora o território da Nova-Inglaterra, os Narragansetts, os Mohicanos, os Pecots, já não vivem senão na memoria dos homens. Os Lenapios que, ha cento e cinccenta annos, recolheram a Guilherme Penn nas margens do Delaware, desapareceram tambem. Eu mesmo encontrei os ultimos Iroquezes a pedir esmolos. Todas essas nações que acabo de nomear dilatavam outr'ora o seu dominio até as margens do Oceano; hoje, para encontrar-se um Indio, é mister caminhar cem e duzentas leguas pelos sertões a dentro. Estes selvagens não recuaram simplesmente, foram destruidos. A' medida que os Indios se vão apartando e perecendo, rebenta e cresce incessantemente em lugar delles um povo immenso e innumeravel. Nunca se tinha visto entre as nações um desenvolvimto tam prodigioso, e uma destruição tam rapida.

" Facil é indicar a maneira porque esta destruição se opéra.

" Quando os Indios senhoreavam exclusivamente o deserto, de que hoje são desterrados, pousas e limitadas

eram as suas precisões. Com as próprias mãos fabricavam as suas armas, a agua da fonte era a sua unica bebida, vestiam-se de pellos dos animaes que caçavam, e mantinham-se da sua carne.

” Os Europeus lhes deram a conhecer o ferro, as armas de fogo, a aguardente, e ensinaram-lhes a substituir pelos nossos estofos as barbaras vestiduras de que até então se dava por bem paga a sua simplicidade. Contrahiam, sim, novos habitos, mas não tinham os Indios maneira de satisfaze-los, sendo-lhes dahi forçoso recorrer á industria dos brancos; e em troco de todos esses objectos que as suas mãos não sabiam fabricar, apenas podiam offerecer as ricas pelleterias que os seus bosques ainda encerravam. Desde então a caça não teve por fim satisfazer as suas primeiras necessidades somente, senão ainda as paixões frivolas do Europeu. Já não perseguiam as alimarias só para se alimentarem, mas tambem para adquirirem os unicos objectos que podiam escaambar conosco.

” Ao passo que as necessidades dos selvagens cresciam por este modo, os seus meios de vida mingoavam na mesma porporção. Antigamente vagueavam milhares delles sem morada fixa, por um territorio immenso, e todavia a caça se não espantava; mas forme-se um estabelecimento europeu na visinhança do mesmo territorio, e para logo o bulicio continuo da industria a assusta e afugenta, e a caça busca as bandas do oeste, onde o seu instincto lhe indica que achará ainda amplos desertos.

” Asseguraram-me que este effeito da aproximação dos brancos se fazia ás vezes sentir a duzentas leguas da sua fronteira. *A sua influencia pesa por este modo sobre hordas cujos nomes elles mal conhecem, e que soffrem os males da usurpação, muito antes de conhecerem os auctores della.*

“ Ousados aventureiros se dão pressa a entranhar-se pelos certões indianos, e avançando quinze ou vinte leguas alem da ultima fronteira dos brancos, vão levantar

a habitação do homem civilizado no coração mesmo da barbarie. Então fogem de todo, e sem regresso, os animaes bravios que occupavam os espaços intermediarios; e os selvagens que até esse tempo tinham vivido n'uma especie de abundancia, já encontram difficuldades na aquisição da subsistencia, e sobretudo, na dos objectos de escambo de que não mister. Afugentar a sua caça tanto monta como sterilisar o campo do agricultor civilizado. Bem depressa a fome os saltêa com todos os seus horrores, e estes infelizes vagueam então como lobos esfaimados no meio dos seus desertos. O amor instinctivo da patria os prende longo tempo ao sólo que os viu nascer, e onde só encontram a miseria e a morte. "Final lhes é forçoso decidir-se; partem, e seguem na fuga o bufalo e o castor, a quem deixam o cuidado de guia-los a uma nova patria. A fallar com propriedade, não são pois os Europeus que expulsam os indigenas, é a fome: feliz distincção, que escapara aos antigos casuistas, e que os doutores modernos descobriram!"

Aqui desdobra o auctor o quadro afflictivo de todas as desgraças e miserias que sóem acompanhar estas forçadas emigrações, cujo resultado é muitas vezes a aniquilação quasi completa das tribus que as comprehendem; e enumera largamente todos os meios, seducções, e artificios de mercador que empregam os brancos para induzi-las a vender, e despejar a terra dos seus maiores.

"Acabei de esboçar grandes miserias, continúa o auctor, *porem devo acrescentar que ellas me parecem irremediaveis.* Creio que a raça indiana da America do Norte está irremessivelmente condemnada a perecer; e na minha opinião a sua hora derradeira seará no dia em que os Europeus se estabelecerem nas plagas oppostas do Pacifico.

"Os selvagens só tinham duas vias de salvação: a guerra ou a civilisação; em outros termos—ou destruirem os Europeus, ou igualarem-n'os. Nos começos da colonisação podiam ter-se descartado facilmente do míngado numero de estrangeiros que abordavam ás praias do conti-

nente, se a esse fim tivessem unido todas as suas forças; porem hoje semelhante empreza excede visivelmente as suas faculdades. Quanto á civilisação, é bem facil de prever que os Indios nunca se accommodarão com ella; e por ventura será tarde de mais, quando alguma hora intentem recebe-la.

“A civilisação é o resultado de um longo trabalho social que se opera em um só e mesmo lugar, e que as diversas gerações por vir se legam successivamente umas ás outras. Os povos dados á caça são aquelles onde mais a custo a civilisação póde criar raizes. As tribus de pastores mudam, é certo, de lugar, mas seguem nas suas emigrações uma certa ordem, e voltam de continuo sobre os seus passos; em tanto que a morada dos caçadores é tam variavel e incerta como a das alimarias que azeçam.

“Tentou-se por vezes civilisar os Indios, respeitando todavia os seus costumes vagabundos, como fizeram os jesuitas no Canadá, e os puritanos na Nova-Inglaterra. Uns e outros baldaram o intento, e não conseguiram fundar cousa alguma estavel. Brotava a civilisação sob a choupana, mas ia para logo fenecer no seio das florestas. O grande erro destes legisladores era não comprehenderem que para conseguir-se a civilisação de um povo, cumpre primeiro que tudo persuadi-lo a que se fixe e torne estavel, cousa que aliás só se póde alcançar por meio da agricultura. Era preciso pois transformar os Indios em lavradores.

“Ora não só não possuem os Indios este preliminar indispensavel da civilisação, mas alem disso lhes é mui difficil adquiri-lo. Os homens que uma vez saborearam a vida ociosa e aventureira do caçador, experimentam uma invencivel repugnancia para os trabalhos constantes e regulares que a agricultura exige. Isto é cousa que se conhece mesmo no centro das nossas sociedades; porem é muito mais patente entre povos para quem o habitô da caça é um verdadeiro costume nacional, não?” Prescindindo desta causa geral, outra ha não me-

nos poderosa, e com a qual só entre os Indios se depa-  
ra.— Já a indiquei, e insistirei nella. Os indigenas não  
consideram o trabalho como um mal somente, senão co-  
mo um opprobrio; e deste geito luta o seu orgulho con-  
tra a civilisação, tam obstinado como a sua priguica.

“ Não ha hi Indio tam miseravel que sob o seu tec-  
to de palha, não tenha de si para si que é um grande  
personagem. Os cuidados da industria tem-nos como a-  
viltantes: compara o agricultor ao boi que traça um sul-  
co com o arado; e em cada uma das nossas artes, não  
enxerga senão trabalhos de escravos. Não quer isto di-  
zer que o Indio não faça alta idea do poder e da intel-  
ligencia dos brancos; mas se elle admira o resultado dos  
nossos esforços, despreza os meios porque os alcançamos,  
e apesar da evidencia contraria dos factos, tem-se por mu-  
superior aos mesmos brancos. A caça e a guerra são em  
seu conceito as unicas occupações dignas do homem.

“ Todavia, por mais que os vicios e os preconceitos ar-  
redem o Indio da agricultura e da civilisação, a ne-  
cessidade ás vezes os arrasta para ellas. Muitas naçõ-  
es consideraveis do Sul, e entre outras, os Cherokezes  
e os Creeks, quando deram por si, estavam como torne-  
adas e bloqueadas pelas Europeus, que desembarcando  
nas praias do Oceano, descendo o Ohio, e remontando o  
Mississippi, rebentavam a roda dellas, e as cingiam de  
todos os lados.

“ Estas não foram repellidas de um logar para outro  
como as tribus do Norte; senão apertadas pouco a pou-  
co, dentro de estreitos limites, assim como usam os ca-  
çadores derredor de uma selva, e antes de penetrarem no  
coração della. Collocados então entre a civilisação e a mor-  
te *viram-se os Indios obrigados a viver ignominiosamen-  
te do seu trabalho, como qualquer branco.* Tornaram-  
se assim cultivadores, e sem descartar-se inteiramente  
nem dos habitos nem dos costumes avitos, apenas os mo-  
dificaram no que lhes foi absolutamente indispensavel pa-  
ra não perecerem de todo.

“ Os Cherokezes fizeram mais, crearam uma lingua escripta, estabeleceram uma fórma de governo assaz regular, e, como tudo marcha precipitadamente no Novo-Mundo, publicaram tambem um jornal, antes de terem todos elles a roupa necessaria para cobrir a nudez.

“ O successo dos Cherokezes prova que os Indios possuem a faculdade de civilisar-se, mas de nenhum modo que elles possam consegui-lo cabalmente. A difficuldade que encontram em submetter-se á civilisação, deriva de uma causa geral a que lhes é quasi impossivel subtrahir-se.

” Se estudarmos a historia com alguma attenção, haveremos de ver que em regra as nações barbaras, á custa dos proprios esforços, lentos mas perseverantes, se elevaram per si mesmas á civilisação. Sempre que succedeu irem ellas beber a luz entre outros povos estranhos, é porque occupavam para com elles a posição de vencedores, nunca a de vencidos.

” Se acontece porem que o povo conquistado é o povo culto, e o povo conquistador, meio-selvagem, como se viu na invasão do imperio romano pelas hordas do Norte, ou na da China pelos Tartaros, o poder que a victoria assegura ao barbaro sobra para conserva-lo ao nivel do homem civilisado, como igual, até que possa tornar-se emulo; se um tem a força, o outro possui a intelligencia; o primeiro admira a sciencia e as artes dos vencidos; o segundo, a força e poderio dos vencedores. A final os barbaros admittem o homem civilisado nos seus palacios, e este lhes franquea por seu turno as suas escholas. Mas quando aquelle que dispõe da força material, gosa ao mesmo tempo da preponderancia intellectual, o vencido raras vezes se civilisa; e de ordinario, ou se afasta ou morre.

” E' por isso que podemos dizer genericamente que os selvagens procuram a civilisação por meio das armas, mas não a encontram. Toda a desgraça dos Indios vem de estarem elles em contacto immediato com o povo mais civilisado, e digamo-lo tambem, mais avido do universo

ao passo que ellas permanecem n'um estado de quasi completa barbaridade. Os seus mestres são tambem seus dominadores, e é por isso que recebem a um tempo a policia e a oppressão.

“ Livre e isento no meio de seus bosques, era o Indio miseravel, mas não reconhecia superior; se quer porem tomar lugar na hierarchia social dos brancos, ha de forçosamente accommodar-se com o ultimo na escala, pois entra pobre e ignorante em uma sociedade em que reinam a sciencia e a riqueza. Depois de uma vida agitada, cheia de miserias e de perigos, mas de emoções e de grandeza tambem, lhe é forçoso submetter-se a uma existencia monotona, obscura, e aviltada. Ganhar o pão de cada dia por meio de um trabalho penoso, e cheio de ignomiua, tal é a seus olhos o unico resultado dessa civilisação que lhe gabam tanto.

“ E este mesmo resultado, nem sempre o Indio o alcança. Quando os selvagens tentam imitar os seus vizinhos Europeus, cultivando a terra como elles, acham-se immediatamente em luta com uma funesta concorrência. Tem o branco uma pratica consumada da agricultura; o Indio começa ás apalpadelas uma arte que lhe é inteiramente estranha. A um medram as colheitas quasi espontaneas; o outro mal pôde laboriosamente arrancar á terra alguns fructos enfezados e mesquinhos. O Europeu vive no meio de uma população cujas necessidades conhece e partilha; o selvagem está como isolado entre inimigos, sem os quaes não pôde viver, mas cujas leis e costumes desconhece inteiramente. Por maneira que quando o Indio quer vender os fructos que colheu, quasi nunca se lhe depara o comprador que o Europeu acêta sem custo, porque este vende barato aquillo que o outro só pôde colher á poder de mui esforços.

“ Assim que, se o Indio subtrahiu-se aos males a que andam expostas as nações barbaras, foi para submetter-se ás miserias dos povos cultos; e dahi lhe fica sendo

tam difficil viver no seio da nossa abundancia como a penuria das suas florestas.

“Ao demais, o Indio, agricultor forçado, não perdeu de todo os hábitos da vida errante; a inclinação á caça não se extinguiu, as tradições conservam todo o seu imperio. A sua imaginação traça então com vivas cores o quadro da ventura selvatica que outr’ora desfructara no fundo dos bosquês, attenuando ao mesmo tempo as privações, e perigos, encontrados e soffridos. A independencia que lograva no meio dos seus, contrasta sobretudo com a posição servil que occupa na sociedade estranha.

“De outro lado, aquella vasta solidão onde por tanto tempo viveu livre, ali está, diante delle, a alguns passos, e a algumas horas de distancia! O branco visiuho offerta-lhe um preço que se lhe afigura elevado pelo campo mal roteado de que á custo arrancava a mesquinha subsistencia. Quem sabe se este dinheiro com que lhe acenam os Europeus, lhe não dará para viver tranquillo e feliz longe delles? Destes raciocinios e pensamentos, a abandonar a charrua, a retomar as armas, e a penetrar para sempre no deserto, não vae de ordinario mais que um momento, e um passo.....

“Washington havia dito em uma das suas mensagens ao congresso:—Nós somos mais illustrados e poderosos que as tribus indianas; devemos pois tracta-las com doçura, e até com generosidade, que vae nisso a nossa honra.—Mas esta politica nobre e virtuosa não foi seguida.”

Neste ponto expõe o auctor as mil vexações exercidas contra os Indios, quer pelos particulares, quer pelos Estados, até obriga-los a desoccupar qualquer territorio, por bem ou por mal, sendo a frouxa benevolencia da União impotente para preserva-los dessa incessante e vasta espoliação collectiva e individual. E depois continúa, não sem alguma eloquencia: “Por qualquer face que encaremos o destino dos indigenas da America do Nor-



te, não vemos senão males irremediáveis; se elles permanecem selvagens, o Europeu os impelle adiante de si na sua marcha; e se buscam civilisar-se, o contacto dos homens mais civilizados que elles, os entrega sem recurso á oppressão e á miseria. Se continuam a vaguear de deserto em deserto, vão acabando lentamente; mas nem por isso escapam á destruição, se tentam fixar-se. Sem o auxilio dos Europeus, não podem civilisar-se, mas ao mesmo tempo a visinhança dos Europeus, os deprava e repelle para o deserto. Elles refusam enfim mudar de costumes, em quanto os deixam nos bosques; mas quando se vêem obrigados á mudança, já é passado o tempo della.

“ Os Hespanhóes açulavam os seus cães contra os Indios, como se estes fossem animaes ferozes, e saquearam o Novo-Mundo, como a uma cidade tomada de assalto; mas a destruição e o furor tem um termo; e as reliquias da raça indiana, escapas da matança, se confundiram por fim com a raça vencedora, esposando os seus costumes e religião. Por isto não se ha de comtudo dar honra e louvor aos Hespanhóes, porque se, ao tempo da sua chegada, essas tribus já não estivessem como adstrictas ao solo pela agricultura, teriam sido todas extinctas na America do Sul, como o foram na America do Norte.

“ O procedimento do Americano dos Estados-Unidos para com os Indios respira pelo contrario o mais puro amor das formas e da legalidade. Com tal que os Indios permaneçam no estado selvagem, os Americanos se não intromettem com os seus negocios, e os respeitam como a povos independentes; ninguém ousa de occupar as suas terras, sem previa aquisição por meio de contracto; e quando acaso alguma nação selvagem já de todo não póde subsistir no seu territorio, elles a tomam com fraternal caridade pela mão, e levam-n'a a morrer fóra da patria dos seus maiores.

“ A despeito de monstruosidades sem exemplo, e do indelevel opprobrio de que se cobriram, nunca poderam os

Hespanhões exterminar as raças indígenas, e nem ainda estorva-las de partilhar os seus direitos; mas os Americanos alcançaram este duplo resultado, com uma pasmosa facilidade, tranquillamente, legalmente, philanthropicamente, sem verter sangue, e sem violar um só grande principio de moral. Cumpre confessar que não é possível destruir os homens com um respeito mais profundo das leis da humanidade!

Eis como pensa este distincto escriptor; mas é innegavel que atravez dessas invectivas eloquentes contra a avidez e duplicidade da raça vencedora, transluz e apparece em toda a sua força a verdadeira causa do mal. É o proprio Tocqueville quem o diz e reconhece no meio das notas elegiacas que solta sobre os infortunios das raças vencidas:—os Indios nunca se hão de resolver a civilisar-se—a solidão das florestas, a caça, a vida errante tem para elles attractivos e encantos irresistiveis, ao passo que o trabalho se lhes afigura aviltante e proprio só de escravos—o orgulho e a pigriça concorrem a um tempo para alimentar estas estranhas ideas—só quando a civilisação os aperta, e em desespero de causa, para não perecerem de todo, é que se sujeitam a viver ignominiosamente do suor do seu rosto, como os brancos.—Tudo isto diz o auctor, e ainda acrescenta que as desgraças dos Indios lhe parecem *irremediaveis*, e que a sua ultima hora soará quando os Europeus se estabelecerem nas margens do Pacifico, por quanto, e notai-o bem, se na America do Sul os povos aborigenes escaparam a uma destruição total, sob o dominio hespanhol, feroz e exterminador em todo extremo, foi isso devido a terem esses povos alguns elementos de civilisação, a agricultura e a estabilidade, por exemplo, circumstancia que não milita a favor das tribus do Norte.

Entretanto, cousa singular! o auctor parece culpar o Europeu dessa incompatibilidade e antagonismo fatal dos dous elementos collocados em face um do outro, e culpa-o formalmente, assim de ir estabelecer uma pobre choupa-

na no centro dos desertos, como de espantar e afugentar a caça, pelo ruído importuno da industria! Dir-se-hia que a civilização devera cruzar os braços diante da barbarie, sem abater uma arvore, sem abrir um sulco, sem erguer uma casa, sem fundar uma cidade, para não perturbar os senhores feudaes das florestas, no exercicio do direito de caça, dentro desses parques immensos e sem muros que por toda a eternidade lhes havia destinado a Providencia!

De resto, o que se observa na America do Norte, o que se observou nos primitivos tempos da conquista, observa-se ainda hoje, e entre nós, isto é, a invencivel antipathia dos selvagens para com a vida sedentaria e civilisada.

“As ideas de sujeição e dependencia, diz Gayoso, que entre nós procedem dos principios do estado social, e dos preceitos evangelicos, são totalmente desconhecidas entre estes barbaros. Os seus desejos formam a sua lei; o logar que lhes deu a existencia não lhes merece particularidade alguma. Eis ahi porque a sua vida é pouco sedentaria, e porque não se lhes dá que os afugentem, ou queimem as suas habitações. Vão trábálio é tractar pazes com elles, e destinar-se-lhes terras para sua pacifica habitação; repentinamente, no meio do maior socego, a um toque do seu *boré*, todos desapparecem.”

“Os Indios, escreve o coronel Lago tambem, são naturalmente fracos, frouxos, e timoratos, e por isso atraçados, indolentes, e não emprendedores; vivem aldeados, porem pelo mais insignificante motivo mudam de logar, chamando sempre *seu* aquelle que habitam e occupam, sendo isto causa de continuadas mortes: nenhuma caridade nelles se observa; insensiveis a todos os sentimentos de humanidade, presenciam as dores, e a morte de seus visinhos e parentes, com a maior indifferença, sem que se dêem ao menor trabalho e soccorro: tremem e até cahem só ao ouvir o estrondo de um tiro de fuzil; comer, e gosar brutalmente, é a sua lei; por um prego, ou

por um machado, por um papagaio ou por um veado, ha as mesmas mortes, e despovoá-se uma aldeia.

“ Em uma dellas de Indios já domesticados, junto a Monção, estivemos nós em Novembro de 1820, e vimos um desgraçado Indio cego a expirar, entretanto que os outros da sua mesma aldeia, sem ao menos o recolherem do ardor do sol, se occupavam em comer melancias verdes, e outros entretidos com macacos, guaribas, e varios bichos. São estes por quem M.M. Raynal e Du Prat, esperavam grandes fortunas ao Brazil?....

“ E' necessario viaja-lo pelo interior, e não á beira-mar, e observar attentamente os costumes como fizemos durante as nossas commissões pelo interior de Pernambuco, nos sertões da Bahia, e dos Indios selvagens do Maranhão, para poder conhecer a verdade, e formar ideas exactas, e não por singularidade, ou por moda, meramente do tempo, e sem nunca ter sahido da Europa, fazer o seu elogio,.... e delles ainda esperar cousa alguma.

“ Os Indios, disse finalmente o major Francisco de Paula Ribeiro, em uma *Memoria* escripta em 1819, gostam mais das caçadas e das guerras, do que daquelles trabalhos proprios de grandes culturas. Dura-lhes a boa fé e amizade em quanto pode durar-lhes a esperança de que por ellas se lhes sigam vantajosos interesses. Qualquer suspeita lhes suscita grandes desconfianças, e somente a força ou temor é que poderá contê-los. Sua inclinação para o roubo é por tal forma excessiva que rompem toda a alliança logo que possam furtar uns poucos de pregos velhos.”

Ser-nos-hia facil multiplicar as citações destes, e d'outros escriptores que estudaram praticamente os Indios; porem não cabe tanto nas estreitas porções dos nossos opusculos.

---

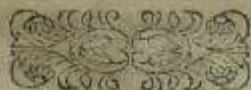
Podemos pois afoutamente concluir que não foi só o ferro da conquista quem ceifou essas pretendidas immensas populações; que sobre serem ellas muito menos numerosas,

outras muitas causas, que ficam assignaladas, concorreram e concorrem ainda para o seu progressivo definhamento e extincção.

Pelo que toca á ultima questão—sobre a qual das duas raças que se encontraram no tempo do descobrimento, devemos nós a origem—e se será grande fortuna para o Brazil a completa reabilitação dos Indios—reservamos o seu exame e solução para quando tractarmos das diversas classes em que actualmente se divide a nossa população, por ser essa a occasião mais azada e opportuna para o intento.

E no entanto ponhamos termo a esta parte do nosso trabalho com as seguintes reflexões. Seria elle indispensavel, necessario, util ao menos? Tal nos pareceu sem duvida. Esse falso patriotismo *caboclo*, especie de mania mais ou menos dominante, segundo as circumstancias, levamos a formular, quanto ao passado, accusações injustas contra os nossos genuinos maiores; desperta no presente antipathias e animosidades, que a sã rasão e uma politica illustrada aconselham pelo contrario a apartar e adormecer; e ao passo que faz conceber esperanças infundadas e chymericas sobre uma reabilitação que seria perigosa, se não fôra impossivel, embaraça, retarda, e empece os progressos da nossa patria, em grande parte dependentes da emigração da raça emprehendedora dos brancos, e da transfusão de um sangue mais activo e generoso, unico meio possivel já agora de verdadeira reabilitação.

V. Autor  
do  
Salu-  
tifero



entirely different from the former  
and is not to be compared with it  
in any respect.

The first part of the  
book is devoted to a description  
of the various species of  
fishes which are found in  
the waters of the  
British Islands.

The second part of the  
book is devoted to a description  
of the various species of  
insects which are found in  
the British Islands.  
The third part of the  
book is devoted to a description  
of the various species of  
plants which are found in  
the British Islands.  
The fourth part of the  
book is devoted to a description  
of the various species of  
minerals which are found in  
the British Islands.  
The fifth part of the  
book is devoted to a description  
of the various species of  
fossils which are found in  
the British Islands.

The sixth part of the  
book is devoted to a description  
of the various species of  
reptiles and amphibians which  
are found in the British  
Islands.  
The seventh part of the  
book is devoted to a description  
of the various species of  
birds which are found in  
the British Islands.  
The eighth part of the  
book is devoted to a description  
of the various species of  
mammals which are found in  
the British Islands.

— 201 —

**Nota A. Pag. 139 e 176.**

---

Nem por isso são muito vulgares na nossa provincia as noticias sobre a origem, conformação physica, indole, e costumes dos antigos habitantes do Brazil; pelo que julgamos fazer algum serviço vertendo em portuguez não só o interessante trabalho de Fernão Denis, a que nos referimos no texto, senão a carta que Pero Vaz de Caminha, companheiro de Pedr'alves Cabral, escreveu a el-Rei D. Manuel, dando-lhe noticia do descobrimento da terra de Santa Cruz.

Empregamos o termo *traduzir*, mesmo em relação a esta carta, porque está escripta em um portuguez tam antigo, e a orthographia é tal, que ao commum dos leitores não seria hoje facil a sua intelligencia, se não procurassemos remoça-la, mediante a traducção que fizemos. Este documento rarissimo, posto que já publicado em quatro diversas edições, só o temos visto, sob essa forma obsoleta e difficil, na *Corographia Brazilica* do padre Ayres do Casal, e em uma traducção de Fernão Denis que, buseando principalmente servir á clareza, estragou e desbotou as formas originaes e coloridas do auctor, e tornou-se muitas vezes frouxo e diffuso, sem que todavia nem sempre acertasse com a verdadeira intelligencia do texto.

O padre Ayres, tanscrevendo-o, nota o seguinte: " Havendo relatado o descobrimento do Brazil com Barros, Góes, e Ozorio á vista, communicando-se-me depois no archivo da Real Marinha do Rio de Janeiro a copia de uma carta escripta em Porto-Seguro, pelo mencionado Pedro Vaz de Caminha, companheiro de Pedr'alves, que

refere o caso em contrario daquell'outros, não só com miudeza, mas até com veracidade palpavel, me vi obrigado a dar-lhe preferencia; e estimei tanto este encontro, que escrupuliso faria injustiça aos meus leitores, não lhes dando aqui a copia della. ”

Fernão Denis observa tambem acerca della com muito aviso que nestas notas assim tomadas pelos viajantes nos proprios logares, se introduzem, é certo, alguns erros e inexactidões, mas que os factos são descriptos com muito mais sinceridade e singeleza, e nem se acham alterados pelas idéas do tempo.

Daremos em primeiro logar este documento antigo, apoz virá o opusculo moderno. Poderão ser assim facilmente comparados, no que fover susceptiveis de comparação, o trabalho singelo e ingenuo, com o trabalho erudita e sabiamente elaborado. Ficamos que ninguem perderá com a sua leitura, na qual hão de uns achar instrução, e outros pelo menos um honesto desenfado.

*Indocti discant, ament meminisse periti.*

CARTA DE PERU VAZ DE CAMINHA.

Senhor. Posto que o capitão-mór desta vossa armada, e os mais capitães escrevam a V. A. a nova da achada desta vossa nova terra, que se ora nesta navegação achou, não deixarei tambem de dar conta deste caso a V. A. como melhor poder, ainda que pera o bem contar, seja eu de todos o menos próprio; mas releve-me V. A. a ignorancia pela boa vontade, e crêa bem que pera enfeitar ou afeiar as cousas, não hei de pôr aqui mais que aquillo que vi, e segundo me pareceu.

Da marinagem e singraduras da navegação nada direi a V. A., porque o não saberei fazer, e os pilotos devem ter esse cuidado; e portanto, Senhor, do que hei de fállar começo e digo que a partida de Belem, como V. A. sabe, foi segunda-feira 9 de Março; e sabbado, 14 do ditá



mez, entre às oito e nove horas nos achamos diante das Canarias, porém mais proximos da Grã-Canaria, e ali andamos todo aquelle dia em calma á vista dellas obra de tres a quatro leguas de distancia. Domingo 22 do dito mez às dez horas pouco mais ou menos, houvemos vista das ilhas de Cabo-Verde, a saber, da ilha de S. Nicolau, segundo dizia o piloto Pero Escolar. Ao amanhecer de segunda-feira viu-se que a nau de Vasco d'Atayde se havia desgarrado do resto da frota durante a noite, sem que tivesse havido máu tempo pera isso. Deligenciou o capitão-mór descobri-la, aoproando a um e outro lado, porém não appareceu mais. E assim seguimos nosso caminho por esse mar em fóra até terça-feira oitava de paschoa, que foi a 21 de Abril, em que começamos a topar alguns signaes de terra visinha, os quaes eram muita quantidade de hervas compridas, a que os mareantes chamam botelho, e mais outras a que tambem chamam rabo d'asno.

Segundo o computo dos pilotos, estavamos então a seiscentas e sessenta, ou a seiscentas e setenta leguas da dita ilha de S. Nicolau. Na quarta-feira seguinte pela manhã topamos d'umas aves a que chamam fura-buchos; e neste mesmo dia, á hora de vespera, houvemos vista de terra, a saber: primeiramente de um grande monte, mui alto e redondo, e de outras serras mais baixas, ao sul del-le, e de terra chã com grandes arvoredos: ao qual monte poz nome o capitão—Monte Paschoal—e á terra o de—Terra da Vera-Cruz. Mandou lançar o prumo, e acharam-se vinte e cinco braças, e ao sol posto, obra de seis leguas de terra, largamos ancora em dezenove braças, ancoragem limpa. Ali passamos a noite, e quinta-feira pela manhã fizemo-nos á vela, guiando direitos á terra, e navegando sempre, os navios pequenos em dezete a nove braças d'agua até distancia de meia legua de terra, onde todos demos fundo, ante a embocadura de um rio, às dez horas pouco mais ou menos, e dali houvemos vista de alguns homens que discorriam pela praia, e que seriam sete ou oito, segundo disseram os dos navios me-

*Grada disse sobre a  
sua favela temporaria.*

nores que primeiro se aproximaram. Lançamos os bateis e esquifes fóra, e vieram todos os capitães a esta nau do capitão-mór, onde consultaram entre si, mandando em seguida o capitão-mór a Nicolau Coelho que sahisse em terra n'um batel para explorar aquelle rio. E tanto que elle indireitou para ali entraram a acodir alguns homens á praia, aos dous e aos tres, por maneira que quando o batel chegou á boca do rio, já eram ali dezoito ou vinte homens pardos, todos nus, sem cousa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos e setas nas mãos, e guiavam apressados pera o batel, mas fazendo-lhes Nicolau Coelho signal pera que depozessem os arcos, promptamente obedeceram. Entretanto não foi possível haver delles falla ou entendimento que aproveitasse, pelo mar quebrar com força na costa; apenas lhes pôde dar um barrete vermelho, uma carapuça de linho que levava na cabeça, e um sombreiro preto; dando um delles em retorno um sombreiro de pennas compridas d'aves, com seu topetezinho de pennas vermelhas e pardas como de papagaio; e outro, um ramal grande de continhas alvas e miudas, semelhando a marfim, as quaes peças creio que o capitão manda a V. A.

A' noite seguinte ventou tanto sueste com aguaceiros, que as naus deram de si, principalmente a capitania; pelo que, sexta-feira pela manhã, cerca das oito horas, por conselho dos pilotos, mandou o capitão levar ancoras, e nos fizemos á vela ao longo da costa, dando a popa ao norte, em busca de alguma abrigada onde podessemos fazer aguada e lenha. Ao desferrarmos, ficavam já na praia, assentados junto á boca do rio, obra de sessenta a setenta homens, que se haviam ali juntado aos poucos. Os navios maiores velejavam ao largo, os pequenos mais chegados á terra, e andando assim obra de dez leguas, deparamos com um arrecife, com um porto dentro muito bom e seguro, e de larga entrada, onde ancoramos. E mettendo-se Affonso Lopes, nosso piloto, e homem vivo e esperto, em um esquife pera sondar o interior do porto, te-

mou em uma almadia dous daquelles homens da terra, man-  
cebos bem apessoados, um dos quaes trazia o seu arco com  
seis ou sete frechas. Pela praia discorriam outros muitos,  
armados da mesma maneira, mas sem fazerem uso das ar-  
mas. Touxe-os logo Affonso Lopes ao capitão, já de noi-  
te, onde foram recebidos com muito prazer e festa.

A feição delles é serem pardos, tirando a vermelhos,  
de bons rostos, bons narizes, bem feitos. Andam nus sem  
nenhuma cobertura, pouco se lhes dá de cobrir ou deixar  
á mostra suas vergonhas; e acerca d'isto vivem em tanta  
innocencia como em mostrar o rosto. Traziam ambos os  
beijos debaixo furados, e mettido em cada um delles um  
pedaço de osso, do tamanho de uma mão travessa de com-  
prido, e da grossura de um fuso de algodão, e agudo na  
ponta, á feição de um furador. Mettem-n'o pela parte de  
dentro do beijo, e a parte que lhe fica entre o beijo e os  
dentes, tem a forma de roque de xadrez; e de tal maneira  
o trazem ali encaixado, que os não molesta, nem lhes es-  
torva o comer, beber, ou fallar. Os seus cabellos são cor-  
redios, e andam tosquiados de tosquia alta mais que de  
sobre pentem, de boa grandeza, e rapados até por cima das  
orelhas; e um delles trazia por baixo da solapa, de fonte  
a fonte, uma maneira de cabelleira de pennas d'ave ama-  
rellas, que teria um coute de comprido, mui basta, que lhe  
cobria e circulava o toutiço e as orelhas, a qual andava pe-  
gada nos cabellos, penna a penna, com uma confeição bran-  
ca que parecia, mas não era cera, de maneira que andava  
a cabelleira mui redonda, mui basta, e mui igual, não ha-  
vendo mister outra cousa pera a levantar, senão lava-la.

Estava o capitão, quando elles vieram, assentado a  
uma cadeira, com alcatifa aos pés, por estrado, bem ves-  
tido, e com seu collar grande de ouro ao pescoço. San-  
cho de Tovar, Simão de Miranda, Nicolau Coelho, Ayres  
Corrêa, e nós outros que iam com elle na nau, nos as-  
sentamos no chão, em cima da alcatifa. Accenderam to-  
chas, entraram, e não fizeram nenhuma menção de cor-  
tezia, nem de fallar ao capitão, nem a ninguem; mas pon-

do um delles o olho no collar, começou de acenar com uma mão pera a terra, e depois pera o collar, como quem dizia que em terra havia ouro: tambem viu um castiçal de prata, e acenou da mesma maneira, ora pera a terra, ora pera o castiçal, indicando que tambem havia prata.

Mostraram-lhes um papagaio pardo, que aqui traz o capitão, tomaram-n'o logo na mão e acenaram pera a terra, como que os havia ali; mostraram-lhes um carneiro, não fizeram muito cabedal d'elle; mostraram-lhes uma galinha, e tal medo haviam della, que não lhe queriam pôr a mão, e depois a tomaram como espantados. Deram-lhes ali de comer pão e pescado cozido, confeitos, fartes, mel, e figos passados. Não quizeram comer disto quasi nada, e alguma cousa, se a provavam, lançavam logo. Trouxeram-lhes vinho em uma taça, deram-lhes um trago d'elle, mas não gostaram, antes lavaram a boca com alguns goles d'agua, que tambem se lhes apresentou. Viu um delles um rosario de contas brancas, e pediu por acenos que lh'as dessem, e muito folgou com ellas, lançando-as logo ao pescoço, e enroscando-as pouco depois no braço, e ora acenava pera as contas, ora pera a terra, ora pera o collar de capitão, como inculcando que dariam ouro por aquillo. Isto o entendiamos nós assim, pelo desejarmos; mas se queria dizer que tanto levaria as contas como o collar, isso não nos fazia conta entender, nem elles o conseguiriam de nós. Depois lançaram-se de costas na alcatifa a dormir, sem terem nenhuma maneira de cobrir as suas vergonhas, que bem vimos não eram circumcidades. O capitão mandou-lhes pôr um manto por cima, e a cada um o seu coxim por baixo da cabeça, esforçando-se assaz o da cabelleira pela não amarrotar; e não se deram mal com isso, e ali jazeram e dormiram.

No sabbado pela manhã determinou o capitão de fazer-se á vela, e fomos demandar a entrada, que era muito larga, e entrando todos os navios, ancoramos em cinco e seis braças. O ancoradouro era vasto e formoso, e tam seguro que nellê podiam jazer duzentas naus. E tanto

que ancoramos, vieram todos os capitães a esta nau do capitão-mór, o qual mandou a Nicolau Coelho, e Bertholomeu Dias que sahisses em terra, levando consigo aquelles dous homens com seu arco e setas, e os deixassem ir; e mandou-lhes dar a cada um sua camisa nova, e carapuça vermelha, e dous rosarios de contas brancas de osso, que elles enfiaram nos braços, e alguns caseaveis e campanhas. Mandou outrosim que fosse com elles um mancebo degradado, de nome Affonso Ribeiro, pera lá ficar e andar com elles, e saber de seu viver e maneiras. Mandou-me tambem a mim que fosse com Nicolau Coelho. Fomos de frecha direitos á praia. Ali acodiram logo obra de duzentos homens, inteiramente nus, arco e frechas nas mãos. Os que iam connosco acenaram-lhes que se afastassem e depozessem os arcos, o que elles fizeram, retrahindo-se um pouco. Então saltaram os nossos dous companheiros, e com elles o mancebo degradado; e mal pozeram pé em terra, desfilaram os outros a correr, sem esperar um pelo outro, a quem mais correria, e assim atravessaram um rio d'agua doce, com bastante agua, que lhes dava pela braga, correndo sempre, e á volta delles outros muitos, até chegarem a umas montas de palmas, onde estavam outros, e elles enfim pararam. Ia tambem o degradado com um homem que logo ao sabir do batel o acolheu, e acompanhou até lá, e sem demora o tornaram a nós, voltando com elle os dous que tinhamos posto em terra, porem já nus, e sem carapuças. Então começaram de chegar muitos, e mettiam-se pelo mar até mais não poderem, e como trouxessem alguns cabaços d'agua, demo-lhes tambem os nossos barris pera os elles encherem, e depois no-los tornavam cheios, impellindo-os pera junto do batel, onde nós os tomavamos; e pediam que lhes dessemos alguma cousa. Levava Nicolau Coelho caseaveis e manilhas; a uns dava um caseavel, a outros uma manilha, de maneira que com este engodo quasi nós queriam dar a mão de agradecidos. Davam-nos dos seus arcos e setas a troco de sombreiros, carapuças de linho

ou qualquer outra cousa que lhes quieramos dar. Dali se partiram então aquelles dous mancebos, e nunca mais os vimos. Andavam ali muitos delles, senão a maior parte, com aquelles bicos de osso nos beiços; e os que os não traziam, tinham sempre os beiços furados, e nos buracos um espelho de páu, semelhando de borracha. Alguns traziam até tres bicos, a saber, um no centro, e os outros nas extremidades. Andavam outros quartejados de cores; delles, metade de sua propria cor, e a outra metade tinctos de um negro azulado; e outros quartejados, á feição d'um taboleiro de xadrez. Tambem andavam no meio delles tres ou quatro moças de gentil parecer, com cabellos mui pretos que lhes fluctuavam pelas espaduas. Ali por então não houve mais falla nem entendimento com elles, por ser tamanha a sua barbaria, que se não entendia nem ouvia ninguem. Acenamolhes que se fossem, e mandamos ao rio quatro homens pera acabarem a aguada, e quando já voltavamos pera as naus, acodiram elles, e pediram-nos que tomassemos o degradado, que não quieriam entre si. Tinha este levado uma bacia pequena, e duas ou tres carapuças vermelhas pera da-las ao senhor da terra, se o houvesse; e com tudo voltou, sem elles curarem de tomar-lhe nada. Bertholomeu Dias o fez voltar, e entregar tudo a nossa vista áquelle amigo que da primeira vez o acolhera e só então o trouxemos conosco. Aquelle que o havia acolhido era já homem de dias, e andava todo garrido e cheio de pennas pegadas pelo corpo, que parecia um S. Sebastião crivado de setas. Quaes traziam carapuças de pennas amarellas, quaes verdes. Uma das moças andava pintada d'alto a baixo daquella tinta de que já fallei. Nenhum delles era circumciso, senão taes como nós.

A' tarde sahiu o capitão-mór, e os mais capitães das outras naus, com nós outros, cada um em seu batel, a folgar pela bahia, orlando a praia, sem consentir que sahissimos em terra, sem embargo de não avistar-se nella pessoa alguma, e só desembarcamos em uma ilha grande que na bahia

está, e pela baixa-mar fica mui vasia, porém sempre circulada d'agua por maneira que ninguem póde ir ali ter, a não ser a nado ou embarcado. Ali espairocemos, elle e todos nós, bem cousa de hora e meia, pescando os marinheiros um chunchoro, e mais algum peixe miudo; depois do que voltamos ás náus, já bem noite.

No domingo de paschoela pela manhã determinou o capitão de ir ouvir missa e prégação naquelle ilhéu, e determinou a esse fim a todos os mais capitães que com a sua gente se mettessem nos seus bateis, e assim se fez. Mandou naquelle ilhéu armar um esperavel, e debaixo deste levantar um altar muito bem preparado, e ali disse missa o padre frei Henrique em voz entoada, officiada em coro por todos os outros padres e sacerdotes que ali se achavam. A qual missa, segundo o meu parecer, foi ouvida por todos com muito prazer e devoção. Ali era com o capitão a bandeira de Christo, que elle trouxera de Belem, a qual esteve sempre junto ao evangelho. Acabada a missa, desvestiu-se o padre, e subindo a uma cadeira alta, prostrados todos nós por essa arêa, começou a prégar uma solemne prégação da historia do evangelho, e pera o fim, começou a tractar da nossa vinda, e do achamento desta terra, conformando-se com o signal da cruz, sob cuja obediencia vinhamos; a qual prégação veio muito a proposito, e fez grande devoção.

Em quanto estivemos attentos á missa e prégação, juntou-se na praia outra tanta gente como nos dias antecedentes, sempre de arco e frechas, os quaes ora andavam folgando, ora assentados olhavam attentos pera nós. Depois da missa, como nos assentassemos a ouvir a prégação, levantaram-se elles, tangeram corno ou boziã, e estiveram a saltar e dançar um bom espaço; e alguns delles se metteram em duas ou tres almadias que ali tinham, e não eram feitas como as que eu já tinha visto, senão de tres traves atadas juntas. Em cada uma vinham quatro ou cinco, ou poucos mais, porém quasi nada se afastavam da terra, senão até onde podi-

am tomar pé. Acabada a prégação, guiamos todos pera a praia, com a bandeira alçada, e embarcamos, e fomos contra terra, pera lhes passarmos pela frente, indo Bertholameu Dias adiante obra de um tiro de pedra, pera lhes restituir um remo de uma das almadias, que o mar nos arrojara. Como viram o esquife de Bertholameu Dias, procuraram todos de chegar-se, mettendo-se pela agua, quanto mais podiam. Acenou-lhes que deposessem os arcos, e uns o fizeram, e outros não. Andava ali um que bradava aos outros que se afastassem; mas não já que me a mim parecesse que lhe tinham acatamento nem medo algum.

Este tal trazia seu arco e setas, e andava tincto de vermelho pelos peitos e espaduas, e pelos quadris, coxas, e pernas até abaixo; porem os vassios, com a barriga, e estomago eram de sua propria cor; e a tintura era de feição, que a agua não a comia nem desfazia, pelo contrario ao sahir d'agua vinha mais vermelho e luzidio. Um dos homens de Bertholameu Dias que sahiu em terra, andou entre elles que nenhum mal lhe fizeram, antes lhe deram uns cabaços d'agua, acenando aos mais do esquife que tambem viessem. Com isto volveu Bertholameu Dias ao capitão, e todos pera as náus a comer, tangendo trombetas e gaitas, e elles ficaram assentados na praia. Naquelle ilhéo espraia muito o mar, descobrindo muita areia, e muito cascalho. Andaram alguns dos nossos em busca de marisco, que não encontraram, senão alguns camarões grossos e curtos, entre os quaes um tamanho, como nunca vi outro igual. Tambem acharam cascas de bergões e d'ameijóas, mas não toparam nenhuma peça inteira.

E tanto que comemos, vieram todos os capitães á esta náu, a chamado do capitão-mór, que os tomou á parte, e a mim com elles, e a todos perguntou se nos parecia bem mandar-se a nova do achamento desta terra á V. A. pelos navios dos mantimentos, pera V. A. melhor mandar descobrir e saber della, mais do que a



gora o podemos fazer, por irmos de nossa viagem. E entre muitas fallas que sobre o caso se fizeram, foi por todos, ou a maior parte dito que seria muito bem, e nisto concluíram, e tanto que a conclusão foi tomada, perguntou mais se seria bom tomar aqui por força um par destes homens pera os mandar a V. A., deixando aqui por elles outros dous degradados. Ao isto respondeu-se e acordou-se que não; porque geral costume é dos que assim se levam por força pera alguma parte, dizerem—*sim*—a tudo que se lhes pergunta; e que melhor e muito melhor informação da terra dariam dous destes degradados que aqui deixassem, do que aquelles, se os levassem, por ser gente que ninguem entende; nem elles tam cedo aprenderiam a fallar pera saberem tam bem dizer o que est'outros muito melhor o não digam, quando V. A. cá mandar, e que portanto não curassem de tomar ninguem aqui por força, nem fazer escandalo, pera os de todo mais amansar, e pacificar, senão somente deixar os dous degradados, quando partissemos. E assim ficou determinado, por parecer melhor a todos.

Ao cabo disto, ordenou o capitão que fossemos a terra nos bateis a ver o rio quejando era, e desenfadar-nos um pouco. Fomos armados, e a bandeira com nosco. Andavam elles pela praia á boca do rio; e tanto que fomos chegando, do ensino que já d'antes tinham, foram depondo os arcos, e acenando que saltassemos. Mal abicaram os bateis em terra, passaram-se elles pera o outro lado do rio, o qual neste logar não é mais largo que um jogo de mangal, e como desembarcamos, passaram alguns dos nossos o rio, e metteram-se com elles; uns esperavam, outros afastavam-se, e esquivavam-se, retrahindo-se pera mais além onde se achava uma porção maior, mas tudo de maneira que andavam uns e outros misturados. Fez-se então o capitão carregar por dous homens, passou o rio, e fez tornar os nossos. A gente, que ali era, não seria mais que o numero do costume, e vendo que o capitão fazia retirar os nossos, chegaram-se alguns a elle, não pelo conhecerem por se-

nhor, pois bem me pareceu que o não entendem, nem tem dis-  
to conhecimento algum, mas porque o viam quasi a sós,  
trouxeram-lhe arcos, setas, continhas, que resgatavam por  
qualquer cousa, em tal maneira que dali trouxemos mui-  
tas pera as náus. Depois tornou o capitão pera áquem  
do rio, e elles acodiram á praia, alguns bem galantes  
pintados de preto e vermelho, e quartejados assim pe-  
los corpos, como pelas pernas. Tambem andavam no meio  
delles quatro ou cinco mulheres moças, que assim nuas  
me não pareciam mal, entre as quaes, havia uma com  
uma das coxas do Joelho até o quadril, e a nadega toda  
tincta daquella tinta preta, e o mais tudo da sua pro-  
pria cor; outra trazia ambos os Joelhos com as curvas  
tinctas do mesmo modo, e tambem os collos dos pés;  
tambem andava ali outra moça com um menino ou me-  
nina ao collo, atado aos peitos com um panno não sei  
de que, que não lhe appareciam senão as perninhas, mas  
as pernas da mãe, e o mais, não traziam panno al-  
gum. Depois guiou o capitão pera cima, ao longo do  
rio, que vae sempre seguindo a praia, e ali esperou um  
velho que trazia na mão uma pá d'almadia, o qual, es-  
tando o capitão com elle perante nós todos, fallou n'u-  
mas quantas cousas, se lhe perguntavam acerca de ha-  
ver ouro na terra, sem o nunca ninguem entender, nem  
elle a nós. Trazia este velho o beijo tau furado, que  
lhe caberia pelo buraco um grão dedo polegar, e trazia  
nelle mettida uma pedra verde ordinaria que o entupia:  
o capitão lh'a fez tirar, e elle não sei o que dizia, e  
ia com ella á boca do capitão para lh'a metter, que dis-  
paramos todos a rir, e o capitão enfiadou-se. Deu-lhe  
um dos nossos pela pedra um sombreiro velho, não por  
ella o valer, mas por curiosidade. Depois a houve o ca-  
pitão, creio que pera com outras cousas mandar a V. A.

Andamos depois vendo a ribeira, que é de muita e  
boa agua. Ao longo della ha muitas palmas de meá al-  
tura, com bons palmitos, dos quaes colhemos e comemos  
muitos.

Voltamos então pera a boca do rio, onde desembarcamos, e alem os viamos a dançar e folgar uns com os outros, e faziam-no bem, sem se tomarem pela mão. Vendo isto Diogo Dias, almoxarife que foi de Sacavem, e que é homem muito gracioso, e de prazer, passou-se pera a outra banda, levando comsigo um gaiteiro nosso com sua gaita, e metteu-se com elles a dançar, tomando-os pelas mãos, e elles folgavam, riam, e com elle andavam muito ao compasso da gaita. Depois de dançarem fez-lhes ali, andando no chão, muitas voltas ligeiras, e o salto real, de que se elles espantavam, riam e folgavam muito. E comquanto por esta forma buscava amacia-los e afaga-los, nem por isso se mostravam menos esquivos, e montezes, correndo logo a embrenhar-se.

O capitão passou então o rio com todos nós, e fomos caminhando pela praia, e os bateis navegando á vista, até uma lagoa grande de agua doce, que está proxima á praia, porque toda aquella ribeira do mar é apaulada por cima, e verte agua por muitos logares. Depois de passarmos o rio, foram uns seis ou sete delles metter-se entre os marinheiros que se recolhiam aos bateis, conduzindo um tubarão que Bertholameu Dias havia morto, e bastou deixarem-n'o cahir na praia, pera que elles o tomassem. Era cousa de ver o como elles, se davam algumas mostras de mansidão, logo e de uma mão pera outra se tornavam a esquivar, como pardaes da cevadouro. E ninguem ousa de lhes fallar rijo, pera se mais não esquivarem, e pelos bem amansar, tudo se passa como elles querem.

Deu o capitão-mór uma carapuça vermelha ao velho com quem havia fallado; mas apezar das fallas que com elle teve, e da carapuça que lhe deu, tanto que passou o rio, recatou-se de maneira, que nunca mais tornou áquem. Os outros dous que haviam estado nas náus, e a quem se dera o que já dito é, nunca mais appareceram; do que concluo ser gente bestial, e de pouco saber, e por isso são assim esquivos. Comtudo andam mui

to bem curados e muito limpos, e nisto me parece ainda mais que são como aves ou alimarias montezes, que lhe faz o ar melhor penna, e melhor cabello, que ás mansas, porque os corpos seus são tão limpos, tam gordos, e tam fermosos, que não pode ser mais.—Isto me faz presumir que não tem casas nem moradas a que se acolham, e o ar a que se eriam, os faz taes, nem nós até agora lhes vimos casas, nem maneira dellas.

Mandou o capitão áquelle Affonso Ribeiro que se mettesse outra vez com elles, o qual se foi, e andou lá um bom pedaço, voltando á tarde, porque elles lá o não consentiram, e o fizeram vir, e deram-lhe arcos e setas, sem lhe tomarem nada do seu. Antes pelo contrario, tomando-lhe um delles umas continhas amarellas, e fugindo com ellas, como elle se queixasse, foram apoz do tal, tomaram-lhe as contas, e lh'as restituiram. Disse o degradado que não vira entre elles senão umas choupaninhas de ramas verdes, e de fetos grandes, como no Entre-Doiro-e-Minho.

Na segunda-feira sahimos todos em terra a fazer aguada, e ali vieram muitos, bem que não tantos como das mais vezes, a principio um pouco afastados, mas logo depois, misturando-se com nosco, abraçavam-nos, folgavam, e deitavam a fugir. Trocaram alguns arcos e setas, por folhas de papel, e carapucinhas velhas. E em tal maneira se passaram as cousas, que uns vinte ou trinta dos nossos foram-se com elles, até onde estavam outros em maior copia com moças e mulheres, e com todos folgaram, trazendo muitos arcos e barretes de pennas verdes e amarellas.

Neste dia os vimos de mais perto, e mais a nossa vontade, por andarmos todos quasi misturados; e delles andavam ali quartejados daquellas tinturas, outros de metade, e outros em tanta feição como em pannos de armação, e todos com os beiços furados e os seus ossos, ou já sem estes. Traziam alguns delles uns ouços verdes d'arvores, que na cor queriam parecer de castanhei-

ros, salvo que eram mais pequenos, e estavam cheios d'uns grãos vermelhos pequenos, que esmagando-os entre os dedos, faziam aquella tintura muito vermelha, de que elles andavam tintos, e quanto se mais molhavam, tanto mais vermelhos ficavam. (1) Andam todos rapados até a cima das orelhas, e da mesmia forma as sobrancelhas e as pestanas. Trazem as testas de fonte a fonte tintas de tintura preta, que parece uma fita de largura de dous dedos.

Mandou o capitão a Affonso Ribeiro, e mais outros dous degradados que fossem com elles, e lá dormissem aquella noite, determinando tambem a Diogo Dias que os acompanhasse, por ser homem ledo, com quem elles folgavam.

Foram-se, andaram entre elles, e chegaram a uma povoação que ficaria a legua e meia de distancia, em que haveria nove a dez casas, tam comprida cada uma, como esta náu capitania; eram de madeira, com taboas pelas ilhargas, cobertas de palha, e de rasoada altura; e cada uma formava uma só casa, sem nenhum repartimento. Tinham dentro muitos esteios, e de esteio a esteio, uma rede atada pelos cabos, altas, em que dormiam; e de baixo, pera se aquentarem, faziam seus fogos. E tinha cada casa duas portas pequenas, uma em cada cabo, e em cada casa se recolhiam trinta e quarenta pessoas, e ali as acharam os degradados, as quaes lhes deram de comer da vianda que tinham, a saber, muito inhame, e outras sementes que ha na terra, e elles comem. Como foi tarde, fizeram-nos logo todos tornar, sem consentirem que lá ficasse nenhum, e ainda os vieram acompanhando. Resgataram lá por cascaveis e outras cousinhas de pouco valor que tinham levado, papagaios verdes muito grandes e fermosos; e dous verdes pequeninos, carapuças verdes, e uma panno de pennas de muitas cores, maneira de tecido assaz fermoso, segundo V. A. todas estas cousas verá, porque o capitão vo-las ha de mandar, segundo disse,

---

(1) O auctor falla sem duvida do Urucú.

Terça-feira depois de comer fomos a terra fazer lenha e lavar roupa. Estavam na praia, quando chegamos, obra de sessenta ou setenta, sem arco e sem nada. Tanto que chegamos, vieram-se logo pera nós, sem se esquivarem; e depois acodiram muitos, que seriam bem duzentos, todos sem arcos, e misturaram-se tanto com nosco, que nos ajudavam a acarretar lenha, e a mette-la nos bateis, lutando com os nossos, e tomando nisso muito prazer.

Em quanto nós faziamos a lenha, faziam dous carpinteiros uma grande cruz de um páu que se hontem pera isso cortou. Muitos delles vinham ali estar com os carpinteiros, e creio que o faziam mais pera verem a ferramenta do que a cruz; porque elles não tem cousa que do ferro seja, e cortam sua madeira, e páus com pedras feitas como cunhas, mettidas em um páu, entre duas talas bem atadas, e por tal maneira, que ficam bem seguras, segundo diziam os homens que hontem foram a suas casas, e lá as viram. E a conversação delles com nosco ja era tanta, que até nos estorvavam no que tinhamos a fazer.

O capitão mandou a dous degradados, e a Diogo Dias que fossem á aldêa ja encontrada e a mais outras novas, se as descobrissem; e que por lá pernoitassem, ainda que elles os mandassem embora.

Em quanto andavamos nesta mata a cortar lenha, atravessaram alguns papagaios por essas arvores, delles verdes, outros pardos, grandes e pequenos, de maneira que me parece que haverá nesta terra muitos, bem que eu não visse mais que até noye ou dez. Não vimos então outras aves mais, senão somente algumas pombas seixas, em boa quantidade, e pareceram-me maiores que as de Portugal. Alguns diziam que viram rolas, mas eu não as vi, mas segundo os arvoredos são muitos, e grandes, e d'infindas maneiras, não duvido que por esse sertão haja muitas aves.

Eu creio, senhor, que ainda não dei aqui conta a V.

A. da feição dos seus arcos e setas. Os arcos são pretos e compridos, as setas compridas, e os ferros dellas de canas aparadas, segundo V. A. verá por alguns que creio o capitão a ella ha de enviar.

Quarta-feira não fomos á terra, porque o capitão-mór andou todo o dia no navio dos mantimentos a despeja-lo, e a fazer levar ás náus aquillo que cada uma podia levar. Então acodiram á praia muitos, obra de trezentos, segundo nos disse Sancho de Tovar, que lá foi, e nós mesmos vimos das náus. Diogo Dias, e Affonso Ribeiro, o degradado, que o capitão hontem mandára, com ordem de lá dormirem em toda a maneira, voltaram já de noite, por elles os não consentirem na povoação, e trouxeram papagaios verdes, e outras avés pretas, quasi como pégas, senão que tinham os bicos brancos, e os rabos curtos. E quando Sancho de Tovar recolheu-se ás náus, queriam vir com elle alguns, mas elle não quiz senão dous manebos bem dispostos, e homens de prol. Mandou-os essa noite muito bem pensar e curar. Comeram toda a vianda que lhes deram, e dormiram regaladamente toda a noite, em camas de lençóes que lhes elle mandou fazer.

Quinta-feira, derradeiro de Abril, comemos logo quasi pela manhã, e fomos á terra por mais lenha e agua, e estando o capitão a sahir, chegou Sancho de Tovar com os seus dous hospedes, e por elle não ter ainda comido, pozeram-lhe toalhas, e veio-lhe vianda, e comeu; e os hospedes assentaram-se cada um em sua cadeira, e de tudo o que lhes deram, comeram muito bem, especialmente cação cozido frio, e arroz; e não lhes deram vinho, por dizer Sancho de Tovar que não bebiam bem. Feita a comida, mettemo-nos todos no batel, e elles com nosco, Deu um grumete a um delles uma presa grande de porco montez bem revolta. Tanto que a tomou, mettemo-a logo no beijo, e porque se lho não queria ter, deram-lhe um pedacinho de cera vermelha, com que elle segurou o seu adereço, e ficou tam contente, como se tivera nelle uma grande joia, e tanto que sahimos em terra,

desappareceu pera nunca mais o vermos. Ao saltarmos, andariam na praia uns oito ou dez, mas dahi a pouco começaram a engrossar tanto, que passavam de quatrocentos. Traziam alguns arco e setas; que, segundo o costume, trocavam por carapuças, ou outra qualquer coisa que se lhes desse. Comiam commosco do que se lhes dava, e uns bebiam vinho, outros não o podiam beber, mas parece-me que se lho avezassem, que o beberiam todos de muito boa vontade. Andavam tam dispostos, e tam bem feitos e galantes com suas tinturas, que pareciam muito bem. Acarretavam desta lenha quanta podiam, e levavam-n'a aos bateis de mui boa vontade; e andavam já mais mansos e seguros entre nós, do que nós entre elles.

Entranhou-se o capitão com alguns de nós por este arvoredó, até uma ribeira grande e de muita agua, que a nosso parecer era a mesma que vem ter á praia, onde faziamos aguada. Ali jazemos um pedaço, bebendo e folgando ao longo della por entre o arvoredó, que é tanto, tamanho, tam busto e de tantas plumageões, que não ha maneira de o contar. Das palmas que ali havia em quantidade, colhemos muitos e bons palmitos.

Ao sahirmos do batel, disse o capitão que seria bom firmos direito á cruz, que estava encostada a uma arvore junto ao rio, para ser erigida no dia seguinte, sexta-feira, e que nos pozessemos todos em jiolhos, e a beijassemos, pera elles verem o acatamento que lhe tinhamos; assi o fizemos, bem como esses dez ou doze que ali estavam, a um acêno nosso. Parece-me gente de tal innocencia, que seriam logo christãos, se os nós entendessemos, e elles a nós; porque não tem nem entendem de creença alguma, segundo parece; e portanto, se os degradados que aqui hão de ficar, aprederem bem a sua falla, e os entenderem, não duvido, segundo a sancta tenção de V. A., fazerem-se christãos, e crerem a nossa sancta fé, á qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque certo esta gente é boa, e de boa simplicidade, e imprimir-se-lhe ligeiramente nella qualquer cunho, que lhe qui-



zarem dar; e pois que Nosso Senhor lhes deu bons corpos, e bons rostos, como a bons homens, e por aqui nos trouxe, creio que não foi sem causa; e portanto V. A., pois tanto deseja acrescentar a sancta fé catholica, deve entender na sua salvação; e prazera a Deus, que com pouco trabalho o ha de conseguir. Elles não lavram, nem criam, nem ha aqui boi nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem galinha, nem outra alguma alimaria que costumada seja ao viver dos homens; nem comem senão desse inhame, que aqui ha muito, e dessa semente e fructos que a terra e as arvores de si lançam, e com isso andam taes, tam rijos e tam neleos, que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos. Este dia andaram sempre ao som de um tamboril nosso, dançando e bailando com os nossos, em maneira que são muito mais nossos amigos, que nós delles. Se lhes a gente acenava se queriam vir as náus, faziam-se logo prestes pera isso, em tal maneira, que se a todos quizessemos convidar, todos viriam, porem não trouxemos senão quatro ou cinco, a saber, o capitão mór dous, e Simão de Miranda e Ayres Gomes, cada um o seu, já por pagens; dos do Capitão-mór, um era aquelle seu antigo hospede, que estivera na náu quando chegamos, o qual tornou vestido com a sua camisa, e com elle, um seu irmão, os quaes foram esta noite muito bem agasalhados, assim de vianda como de cama de colchões e lençoes, pelos mais amansar.

Hoje que é sexta-feira, primeiro de Maio, sahimos pela manhã em terra com nossa bandeira, e fomos desembarcar a cima do rio, contra o sul, onde nos pareceu que seria melhor erigir a cruz pera ser melhor vista, e ali assignou o capitão o lugar pera a cova onde se devia metter; e em quanto a ficavam fazendo, elle com todos nós outros fomos em busca da cruz, abaixo do rio, onde estava. Trouxemo-la dali, com esses religiosos e sacerdotes cantando diante de nós, maneira de procissão. Eram ja ali uns sessenta ou setenta delles, e quando nos assim viram vir, alguns se vieram metter debaixo

zo della a ajudar-nos. Passamos o rio ao longo da praia, e fomo-la pôr onde devia ficar, que será do rio obra de dous tiros de besta. Entretanto, se ajunetaram bem cento e cincoenta ou mais.

Erguida a cruz com as armas e divisa de V. A. que lhe primeiro pregaram, armaram altar aos pés della, e ali disse missa o padre frei Henrique, a qual foi cantada e officiada por esses ja ditos. Ali estiveram com nosco a ella obra de cincoenta a sessenta delles, assentados em jiolhos assim como nós; e quando veio ao evangelho, que nos erguemos todos em pé com as mãos levantadas, elles se levantaram com nosco, e alçaram as mãos, estando assim até ser acabada, e então tornaram a assentar-se como nós, e quando levantaram a Deus, que nos pozemos em jiolhos, elles se pozeram todos tambem, e em tal maneira socegados, que certifico a V. A. que nos fez muita devoção. E estiveram assim com nosco até ser acabada a communhão, havendo commungado esses religiosos e sacerdotes, o capitão, e alguns de nós outros. Quando estavamos a commungar, alguns delles, por o sol ser grande, alevantaram-se, e foram-se, mas outros se deixaram ficar. Havia um que mostrava ser de pouco mais de cincoenta annos, o qual tambem se deixou ficar, e chamava os outros pera que ficassem e se junctassem, e accnando-lhes e fallando-lhes, ora lhes mostrava o dedo pera o altar, ora pera o ceo, como quem lhes dizia alguma cousa de bem, segundo a nós nos pareceu.

Acabada a missa, tirou o padre a vestimenta de cima, e ficou na alva, e subindo-se a uma cadeira junto ao altar, ali prégou-nos do evangelho e dos apostolos, cujo dia hoje é, tractando no fim da prégação deste vosso proseguimento tam sancto e virtuoso, que ainda nos causou mais devoção. Os que tinham ficado á prégação, estavam assim como nós olhando pera elle, e o velho a chama-los que viessem pera ali, mas uns vinham, e outros iam-se.

Acabada a prégação, trouxe Nicolau Coelho muitas cruces de estaão, que lhe haviam sobrado da outra vinha, e assentoa-se que era bem lançar-se a cada um a sua

pera cujo fim sentou-se o padre frei Henrique ao pé da cruz, e ali a um e um ia lançando sua cruz ao pescoço atada em um fio, fazendo-lh'a primeiro beijar, e erguer as mãos. Acodiram muitos a isto, e lançaram-se todas as cruzes que seriam obra de quarenta ou cincoenta. Seria bem já uma hora depois do meio dia quando tudo se concluiu, e nós viemos ás náus comer.

O capitão trouxe consigo aquelle mesmo que fez aos outros aquella mostrança pera o altar, e pera o céu, e um seu irmão com elle, aos quaes fez muita honra, e deu ao primeiro uma camiza mourisca, e ao outro uma camiza dest'outras.

E segundo o que me a mi e a todos pareceu, a esta gente não lhe fallece outra cousa pera ser toda christã, senão entenderem-nos, porque assim tomavam aquillo que nos viam fazer, como nós mesmos; por onde pareceu a todos que nenhuma idolatria nem adoração tem; e bem creio que se V. A. aqui mandar quem mais entre elles devagar ande, que todos serão tornados ao desejo de V. A. E pera isso, se alguém vier, não deixe logo de vir clerigo pera os bautisar, porque já então terão mais conhecimento da nossa fé, pelos dous degradados que aqui entre elles ficam, os quaes ambos hoje tambem commungaram. Entre todos estes que hoje vieram, não veio mais do que uma mulher moça, que assistiu á missa toda. Deram-lhe um panno com que se cobrisse, e pozeram-lh'o derredor do corpo, porém ella ao sentar-se não fazia memoria de o muito estender pera cobrir-se; assim, senhor, que a innocencia desta gente é tal, que a de Adam não seria mais, quanto á vergonha. Ora veja V. A. quem em tal innocencia vive, ensinando-se-lhe o que pera sua salvação pertence, se se converterão ou não. Acabado isto, fomos perante elles beijar a cruz, despedimo-nos, e viemos comer.

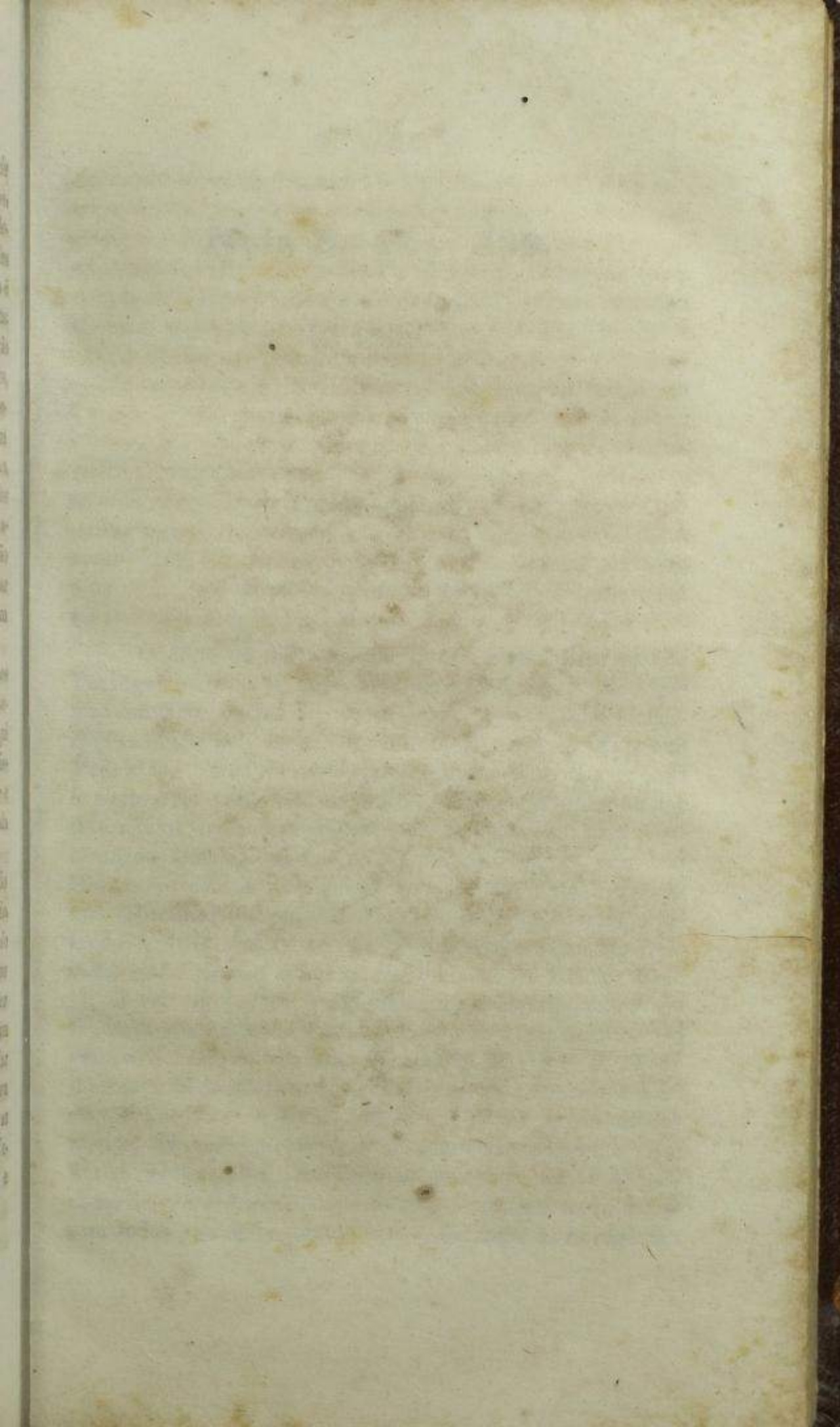
Creio, senhor, que com estes dous degradados ficam aqui mais dous grumetes, que esta noite se sahiram desta náu no esquife, fugidos, os quaes não vieram mais, e cremos que ficarão aqui, porque de manhã, prazendo a Deus, fazemos daqui nossa partida.

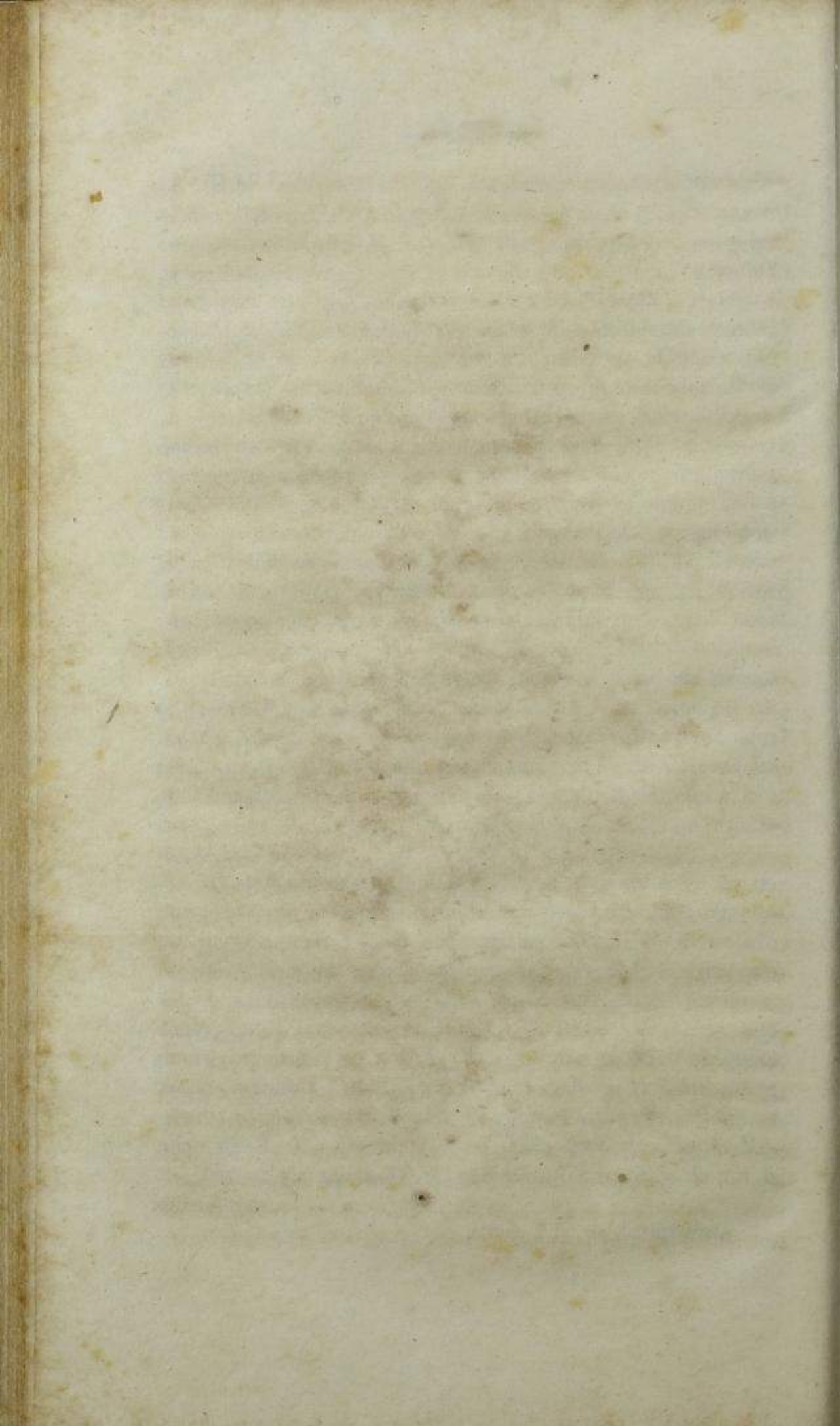
Esta terra, senhor, me parece que da ponta que mais está contra o sul, até a ponta do norte, que daqui avistamos, será tamanha que haverá nella bem vinte ou vinte cinco leguas de costa, pela qual se prolongam, a espaços, grandes barreiras, ora brancas, ora vermelhas. A terra por cima é toda chã, e cheia de grandes arvoredos de ponta a ponta: toda a praia é plaina, chã, e muito fermosa. Pelo certão nos pareceu do mar muito grande, porque a estender olhos, não podíamos ver senão terra e arvoredos. Nella não podemos saber nem lhe vimos até agora se haja ouro, nem prata, nem nenhuma cousa de metal, nem de ferro; porem a terra em si é de muitos bons ares, assim frios e temperados como os d'Entre Douro e Minho, porque neste tempo de agora, assim os achavamos, como os de lá. As aguas são muitas, e infindas; de maneira que querendo-se aproveitar esta terra tam graciosa, dar-se-ha nella tudo, por bem das aguas que tem.

Porem o melhor que nella se poderá fazer, me parece que será salvar esta gente, e esta ha de ser a principal semente, que V. A. nella deve lançar; e não houvesse aqui mais que ter esta pousada pera a navegação de Calecut, isso bastaria, quanto mais disposição pera nella cumprir e fazer o que V. A. tanto deseja, que é o acrescentamento da nossa sancta fé.

E desta maneira, senhor, dou aqui conta a V. A. do que nesta vossa terra vi, e se algum pouco me alonguei, ella me perdõe, que o desejo que tinha de vos tudo dizer, m'o fez assim pôr pelo miudo. E pois que, senhor, é certo, que assim neste cargo, que levo, como em outra qualquer cousa, que de vosso serviço for, V. A. ha de ser de mim muito bem servido, a ella peço que por me fazer singular mercê, mande vir da ilha de S. Thomé, Jorge de Soiro, meu genro, o que de lá receberei em muita mercê. Beijo as mãos de V. A. Deste Porto Seguro da vossa ilha da Vera-Cruz, hoje sexta-feira, primeiro dia de Maio de mil e quinhentos.

*Pero Vaz de Caminha.*





— 818 —

**Nota B. Pag. 139.**

**OS INDIOS.**

**POR FERNÃO DENIS.**

---

*Descobrimto do Brazil.*

“O anno de mil e quinhentos o serenissimo rei de Portugal mandou á India uma armada composta de algumas náus, e outros navios menores, ao todo doze embarcações, indo por capitão-mór della um fidalgo de nome Pedr'alves. Os navios deviam de ir bem providos de todo o necessario para dezoito mezes. Dispoz el-rei que dez dos navios iriam a Calecut, e os outros deus a uma terra chamada Çofala, que fica no caminho de Calecut, para tractarem de cousas de commercio. No dia 8 de Março da era sobredita, que succedeu ser um domingo, desceu a armada a duas milhas da cidade a um lugar chamado Rastello, onde está a igreja de Santa Maria de Belem. Veio ali el-rei em pessoa para entregar ao capitão-mór o estandarte da armada, a qual partiu para o seu destino com ventos de servir, segunda-feira 9 de Março. A 14 do mesmo mez singrava a armada diante das Canarias, e a 22 costeava as ilhas de Cabo-Verde. A 23 desgarrou um dos navios, do qual nunca mais se soube parte alguma. Em fim, a 24 de Abril, que foi quarta-feira da oitava de paschoa, houve a armada vista de uma terra, com que receberam todos grande contentamento. Sahiram os navegantes

em terra para verem qual fosse, e acharam-n'a bem sombreada de arvoredos, e mui povoada de gente que descoria pela praia de uma parte para outra. Ancorou a armada junto á fóz de um pequeno rio, e o capitão-mór mandou incontinenti pôr um batel no mar para se ver a qualidade da gente, que eram homens de côr trigueira, bem dispostos, e nus inteiramente, como haviam nascido, sem disso mostrarem pejo algum."

Tal é a narração ingenua e sincera da expedição que deu o Brazil á coroa portugueza. Para dar mais relevo a todo o imprevisito deste grande acontecimento, preferimos a todas as outras, esta tam simples e chã do piloto de Pedr'alves Cabral, que Ramusio nos conservou e transmittiu, mas que outros muitos historiadores tantas vezes alteraram.

Se ha hi cousa que possa dar uma idéa ajustada da simplicidade com que então se effectuaram os acontecimentos historicos mais fecundos em resultados, certo são essas fontes primitivas, e chronicas contemporaneas, que nararam sem exaggeração os factos antes de se acharem elles implicados em circumstancias estranhas ao assumpto principal.

E assim como temos a relação sincera da expedição, a da descoberta tambem nos foi transmittida por uma testemunha ocular, que o auctor da presente noticia deu a conhecer em França, primeiro que qualquer outro. Alguns dias depois do descobrimento, e em presença de uma natureza cuja fecundidade tanto lhe aprazia assignalar, Pedro Vaz de Caminha, escrivão da armada, narrava a el-rei tudo quanto se havia passado, e o spectaculo que ainda tinha diante dos olhos. "O que prendeu logo a nossa attenção, escrevia elle, foi um monte elevado e redondo, ao sul do qual se avistava una serie de collinas, cujo recosto coberto de arvoredos, se abaixava e inclinava suavemente para a planicie. O almirante lhe deu o nome de Monte Paschoal, por ser oitava de paschoa, e á terra circumvisinha o de Vera-Cruz."



Aqui temos pois a terra senhoreada pelos Portuguezes, por quanto naquello tempo desembarcar e tomar posse era tudo a mesma cousa; e aqui a temos igualmente designada por um nome venerado dos christãos, o qual todavia não conservará muitos annos, impondo-lhe o commercio brevemente outro diverso.

Façamos agora como os antigos viajantes, e assistamos às suas entrevistas com os indigenas: Este primeiro acto de possessão revela o que quer que seja de caracteristico, que tem escapado a todos os historiadores, e deriva do genio intimo das duas nações, então pela primeira vez postas em presença uma da outra. Dous habitantes de Vera-Cruz são apprehendidos, e conduzidos perante Cabral.

(Aqui reproduz o auctor os pormenores da primeira entrevista que já vimos na carta de Pero Vaz de Caminha, e depois continúa.)

E' necessario confessar que aqui nada se viu do que costumava assignalar a chegada dos Europeus a outras partes da America; nem os indigenas do Brazil se persuadem, como os do Haity, Cuba, e Mexico, que estão na presença dos deuses. Esta raça parece a um tempo mais forte, e mais altiva, e por nenhum modo se humilha ante a pompa europea. E se algumas horas apoz esta entrevista tão estranha para elles, lhe sobrevém o somno, deitam-se a dormir tranquillamente no meio dos estrangeiros, sem outro cuidado mais que o de não maltractarem os seus ornatos de plumas.

No sabbado seguinte, entrou-se a bahia, que mais tarde se ficou chamando de Porto-Seguro. A armada deu fundo, fez-se conselho, e entre outras cousas, acordou-se que os dous Indios seriam repostos em terra. E assim se poz por obra, depois de os bem festejarem e presentearrem.

Havia naquello tempo alcançado a politica d'el-rei o grande proveito que se podia tirar de interpretes habéis lançados nas regiões que cada dia se iam descobrindo; o

dahi não partia armada, que não trouxesse a seu bórdo alguns réos condemnados a degredo, porém ao mesmo tempo homens entendidos e expertos. Um mancebo de nome Affonso Ribeiro foi escolhido para acompanhar os dous Indios até a sua aldêa, e para ali ficar com os Tupiniquins, que assim se chamava aquelle povo, como depois se veio a saber. Desde então travam-se relações entre os Europeus e os selvagens; posto que estes acolhessem a principio o degradado com sua tal qual desconfiança e temor. Os Portuguezes começam de ir á terra, misturam-se com os selvagens, penetram até a sua aldêa, e escambam as suas armas e adereços por cascaveis e outras infindas bagatelas; e o drama eterno representado nas primeiras relações das duas raças prefaz-se ali da mesma maneira que em tantos outros logares, sem que destes começos se possa augurar de nenhum modo o que mais tarde havia de succeder.

Não é nosso proposito reproduzir aqui todas as scenas e pormenores dessas ingenuas e curiosas entrevistas, bastando dizer-se que tudo se passava tranquillamente, havendo-se Pedr'alves Cabral em tudo com rara intelligencia, e com humanidade mais rara ainda naquelles tempos. Nem só a violencia não veio perturbar aquellas primeiras relações, senão que propondo-se em conselho o alvitre de tomar dous Indios para os mandar a Lisboa no navio de Gaspar de Lemos, que tinha de voltar, o almirante o regeita nobremente, e assim ao receber o rei a noticia da grande descoberta, não receberá tambem a da violação da hospitalidade.

Deste modo, e graças á moderação de Pedr'alves, o tempo desta breve estacção que os Portuguezes fizeram na costa, passou-se na maior paz e harmonia. Agora celebra-se a missa em uma ilhota da bahia, e os Indios, congregados ao som da janubia, travam danças sagradas diante do altar: e pouco depois, o almoxarife Diogo Dias, homem folgasão e divertido, acompanha-se de um tocador de gaita, e mette-se desasombrado pelo meio dos Indios

dançando por seu turno diante delles, e com elles. Pareceu-nos até, acrescenta Vaz de Caminha, que elles se compassavam pelo instrumento. Diogo Dias lhes fez mil voltas pelo chão, e entre outras o salto real, no que elles receberam grandissimo contentamento.”

Singular imprevidencia de povos infantis! Em quanto os Tupiniquins se desenfadam nestas scenas alegres e risonhas, dispõe-se o acto mais serio e solemne, sem que elles dêem a menor fé disso. Eis ali está abatida uma arvore das suas florestas, della se afeiçôa uma cruz, e elles vão beijar de companhia com os Europeus o signal que ha de um dia annunciar a perda da sua independencia! Ouçamos ainda o que diz Vaz de Caminha: “A cruz foi erigida com as armas e a divisa de V. A.: e ao pé della um altar, em que o padre Henrique celebrou a missa, assistido dos mais religiosos. Cerca de sessenta selvagens ali estavam postos de joelhos. Pareciam mais que attentos a tudo quanto se praticava; e quando, no evangelho, nos levantamos todos, erguendo as mãos para o céo, elles fizeram o mesmo, esperando, para se tornarem a ajoelhar, que nós voltassemos a esta posição. Posso certificar a V. A. que ficamos assaz edificados da maneira como se elles houveram....”

No dia seguinte a armada deu á vela, e Ramusio nos refere que os dous degradados, vendo apartar-se os seus compatriotas, verteram lagrimas amargas, que os pobres Indios procuraram enxugar.....

§ 1.º

*Exame das primeiras raças que povoaram o Brazil.*

Taes com pouca differença se mostraram os Americanos que Pedr'alves Cabral achou estabelecidos na costa oriental do Brazil; e taes foram os principaes acontecimentos que assignalaram a presença dos Europeus. A tarefa que temos agora a desempenhar é mais difficil, e

consiste em formar, pela união dos principaes traços e feições, um juizo completo destas raças, das suas idéas religiosas, do seu desenvolvimento intellectual, e da sua civilisação que começava a debuxar-se, prestes a contrahir per si mesma o cunho original que deveria caracterisá-la, se em seu berço não fosse tam rudemente contrastada por um golpe estranho. Esta matéria sempre foi objecto de particular estudo nosso, e a discussão della envolve uma questão cheia de interesse, e que já não é licito preterir quando se tracta dos começos de um povo: fallamos aqui das raças e das suas origens.

Reinava outr'ora entre os melhores historiadores este preconceito—que desde as terras polares até o estreito de Magalhães, a raça americana não offerecia no seu todo traços distinctos apreciaveis, e que não era possível subdividi-la, sem gravissimo erro. Estes primeiros escriptores só attentavam para o todo das feições, resultado ordinario do clima, ou da influencia de uma raça dominante. De continuo preocupados pelas idéas dos antigos, que renovavam sob formas poeticas, e invariavelmente guiados pelos livros sanctos, remontavam á primeira dispersão do genero humano, e d'amas para outras hypotheses, chegavam porfim ás conclusões mais disparatadas, achando sempre nas analogias quasi invariaveis d'um mesmo periodo de civilisação, factos que, recebidos sem exame, os arredavam cada vez mais da probabilidade historica.

Não é sem designio que empregamos aqui uma expressão consagrada pela duvida. Até o presente nada está ainda averiguado na historia das origens americanas, e as mesmas observações a que ellas tem dado logar, são mais que muito incompletas. Sabe-se apenas que já se não deve classificar sob o mesmo typo essas tribus numerosas que vagueavam por toda extensão do Novo-Mundo, e que não é nem justo nem razoavel enxergar por toda parte, e em todas ellas, uma mera subdivisão da raça mongol. Já se não póde duvidar de que por uma observação es-

crupulosa se descobriam diferenças notáveis quer nas feições do rosto, quer na configuração do craneo; e assim marchasse a passo igual o estudo dos monumentos primitivos, das grandes tradições, e das linguas, que se poderiam enfim assentar bases solidas para servirem de ponto de partida ao philosopho e ao historiador.

Talvez não tarde muito a prova de que a povoação da America operou-se simultaneamente em diversos pontos, e por meio de raças diversas; as quaes talvez subjugarão outro povo autochtono, cuja primitiva origem já agora não é possível rastrear. E não será de todo sem surpresa que nós veremos então obrigados a volver, pela sciencia e pelo raciocinio, a muitas das idéas que o seculo XVI havia adoptado *a priori*, e sem discussão, unicamente guiado pela sua fé sincera nas tradições religiosas. Já o exame attento dos grandes monumentos de Palenque, e a descoberta de certas antiguidades na America do Norte, não menos que diversas etymologias verificadas por M. Humboldt, vão dando occasião a repetir-se o nome dos Phenícios e Carthaginezes. Já estes grandes povos, cujas tradições nos são tam pouco conhecidas, se começam a ter pelos primeiros exploradores da America. Isto porém em nada desdoura a gloria real de Colombo, tornando apenas questionavel a prioridade da sua descoberta.

Não queremos tomar a nós a discussão desta materia em toda a sua amplitude, que nem nos sobra o tempo, nem estamos em posição de poder estudar a origem de monumento algum; mas pareceu-nos sempre lançar aqui as primeiras bases della; porque, dado que analogas por certos costumes e tradições, eram todavia bem distinctas as duas raças que senhorearam todo o littoral do Brazil. Pela côr da pelle, e pelo todo das feições, pertencerá uma dellas á raça mongol; a outra, para nos servirmos das expressões de um viajante que levou a exactidão até o escrupulo, dará a ver na sua organização o que quer que seja de um dos ramos menos pobres da raça caucasiana. Bem se vê que designamos os *Tapyyas*, a toda essa multidão de

Índios que fallavam a lingua *tupica*. Fallamos dos vencidos e dos vencedores. Seguiremos a nova lei adoptada pelos modernos historiadores, e tractaremos em primeiro lugar da raça mais selvagem e mais infeliz, ajudando-nos da tradição conservada pelos mesmos Índios.

Muito antes da chegada dos Europeus, porém em uma epocha cuja data não é possível fixar de um modo positivo, uma raça essencialmente guerreira, e que vivia quasi somente da caça, occupava todo o littoral desde o Prata ao Amazonas. Era esta raça autóchtona? viera do norte? fora ella que só de per si subjugara aquelles *Tabajaras* que reclamavam a prioridade na dominação do paiz, e usavam de um nome que queria dizer—*senhores da terra*? São cousas que já não é possível averiguar, pois a mesma tradição dos Índios é mais que muito obscura em tudo quanto respeita a essas emigrações successivas das primitivas hordas.

Comoquerque seja, os Tapuyas se mantiveram largos seculos no magnifico paiz que occupavam, e é isto ao menos o que indica a tradição como provavel, em falta da certeza historica. Cada uma das setenta e seis tribus de que se compunha a nação, havia adoptado o seu nome particular; mas o nome generico de toda a raça é ignorado, pois o de *Tapuya*, que quer dizer—*inimigo*—, havia sido imposto aos dominadores da costa, pelas numerosas tribus que os cercavam, mais adiantadas na civilisação, não dadas exclusivamente á caça, e já um tanto conhecedoras dos beneficios da agricultura.

Talvez houvesse nisto alguma questão de raça, como já tivemos occasião de indicar; talvez esta animosidade proviesse da antipathia rancorosa que divide os povos selvagens, sempre que alguma differença physica assaz distincta vem aggravar as causas reaes de odio e inimidade, que se dão de ordinario entre elles.

Postoque exista uma analogia notavel entre todas as tribus do littoral e do sertão, é certo que os Tapuyas, mais que qualquer outra nação americana, guardaram o

cunho selvagem do typo mongol. Tinham as maçãs do rosto salientes, e o angulo do olho remontava para as fontes. Eram baixos e reforçados, e a côr da pelle, bem que em geral acobreada, mitigava-se em certas tribus, a ponto de se aproximar ao branco. Os cabellos lizos e negros desciam pelas espaldas, e a acreditamos a Roulox Baro, em certos povos eram tam compridos e profusos, que equivaliam a uma vestidura. Pintavam-se de urucú e genipapo, como tantas outras nações da America; e fendiam o labio inferior, no qual introduziam um leve batoque de madeira, um pedaço de rezina, ou um disco de esmeralda, ornamento este que avaliavam em grande conta, e por nenhum preço escambavam.

Na sua grosseira ordem social, parece que os Tapuyas punham inteiramente á mercê de adivinhos privilegiados a sorte das suas tribus; e bem que tivessem chefes ordinariamente hereditarios, pode-se dizer que viviam sujeitos a uma especie de theocracia. A epocha solemne em que se devia furar o beico das crianças, (baptismo de sangue imposto áquelles que alguma hora deviam affrontar os maiores perigos) a marcha que devia seguir a tribu, o ponto em que havia de parar, o tempo das festas e banquetes solemnes, tudo regulavam os adivinhos, sem dar ao chefe outra conta, que não fosse a da sua livre inspiração.

Um caracter lamentavel e funesto domina em tudo quanto respeita ás crenças religiosas deste povo. Os Tapuyas queixavam-se a todos os viajantes dos genios que os atormentavam. Segundo elles, *Houcha*, chefe da hierarchia dos demonios, exigia que o implorassem com misterio, e de ordinario se mostrava duro e surdo ás rogativas. Era bem simples o culto que se lhe prestava. Uma cabaça vazia, com algumas pedrinhas dentro, repousava á maneira de tabernaculo debaixo de um cobertor de algodão; e quem queria implorar o genio, vinha soprar algumas baforadas de tabaco pela abertura superior. Este ridiculo tabernaculo tinha uma importancia immensa em todas as nações, de qualquer raça que fossem; e todas

elas o adoravam sob o nome de *maracá*, emblema symbolico da divindade. Depois da extincção das grandes nações, o seu culto propagou-se nas regiões do norte, sendo certo que os mesmos Indios já christãos volvem de vez em quando a adora-lo em segredo. Entre os Tapuyas, uma tribu poderosa tomava o nome de Maracá, e devia de ser sem duvida a nação sagrada, pois que um manuscrito da Bibliotheca real, que attribuimos a Francisco da Cunha, (1) a dá situada junto a S. Salvador, região privilegiada, que parece ter sido outr'ora a metropole selvagem das nações indianas. Ou este instrumento servisse somente para compassar as danças guerreiras, ou representasse a divindade, o certo é que o nome de *maracá*, mais ou menos alterado, se encontra em uma infinidade de denominações. Entre os Tupis, que o receberam sem duvida dos Tapuyas, o seu uso era mais geral, e menos misterioso. Era uma cabaça de forma oval, enfeitada de pennas de arara, vermelhas e azues, atravessada por um cabo igualmente enfeitado, e tinha no bojo alguns cascaveis ou grãos sonoros, que chocavallham, ao sacodir-se o sagrado instrumento.

Se houvermos de dar credito a Barboeus, que infelizmente observou os Tapuyas já na sua decadencia, mas com grande attenção, estes povos tinham crenças religiosas, que se transmittiram aos Botocudos, seus descendentes. Parece que veneravam certos astros, com especialidade a constellação da grande ursa. Criam na immortalidade da alma, e na felicidade eterna, salvo quando o morto era victima de algum funesto accidente, que em seu conceito revelava a colera da divindade; mas no caso contrario, a alma se dirigia para o occidente, e chegada a uns brejos sombrios, assaz parecidos, diz Barboeus, ao inferno dos anti-

---

(1) Alias Gabriel Soares de Souza, verdadeiro auctor do *Roteiro do Brazil*, como deixaram provado as duntas investigações do Sr. Warnhagen, e já reconheceu o proprio M. Fernão Denis.



ges, era julgada, e depois transportada á margem oposta por um demonio que lhe dava direito de entrada em um lugar encantado, onde o mel, os fructos, e a caça proporcionavam perennes delicias ao selvagem bem-aventurado. Era acaso Houcha a personificação da divindade infernal, e juiz supremo? Não o podemos decidir, com os dados imperfeitos que possuímos. O que ha de averiguado é que, segundo aquellas crenças, elle se revelava por ordens immediatas, que os adivinhos interpretavam a seu talante. A darmos fé ás antigas relações, esses oraculos se mostravam formidaveis, revelando-se ordinariamente entre horriveis convulsões do adivinho; uma voz sinistra annunciava, por exemplo, a derrota da tribu, e ás vezes uma mascara de aspecto terrivel rebufava o propheta que, despedindo o fumo do sagrado petume pelas ventas e pela boca, pronunciava o oraculo no meio desta estranha cerimonia, por ventura mais filha da exaltação e do delirio que do embuste.

Encontram-se na historia das nações americanas certos usos tam espantosos, e tam fóra de tudo o que se conta dos mais povos, que não é possível explica-los senão pelo exame de certas superstições religiosas mal comprehendidas ou falsamente interpretadas. Não foi pois sem designio que esboçamos este ligeiro quadro das crenças do povo decahido, antes de recordar esse costume estranho que o distinguia entre as nações do Brazil, e que teriamos desejo de regeitar como uma das fabulas propaladas durante o XVI seculo, se a sua existencia não fosse attestada por tantas testemunhas oculares, acordando-se a tal respeito as narrações mais ingenuas e singellas.— Não está bem provado que todas as tribus de Tapuyas fossem anthropophagas em toda a extensão da palavra, isto é, que devorassem os inimigos sacrificados á sua vingança; mas que os do Rio-Grande devoravam os seus proprios guerreiros que falleciam de morte natural, é cousa que não soffre duvida. Estes horriveis festins se regulavam por uma estranha hierarchia; os chefes devoravam

os chefes, os guerreiros a simples guerreiros, e a mãe que perdia o filho, lavada em lagrimas e arrancando gritos lastimosos, não lhe dava todavia outra sepultura que o proprio ventre. E ainda mais que isto, os ossos dos mortos cuidadosamente conservados, eram pilados com o milho, e serviam á manutença da tribo. Dúrava o luto tanto quanto os espantosos festins. Conta-se tambem que os cabellos não escupavam a estes estranhos banquetes, e que misturados com o mel, eram servidos nos funebres repastos. Querem ainda alguns que os mesmos Tapuyas, chegados á ultima idade, se offerceiam espontaneos em holocausto, e que os filhos os matavam e comiam. Bem que não falem citações para comprova-lo, temos este costume por menos averiguado.

Sem procurar explicar estes ritos formidaveis de anthropophagia, nem achar rasão plausivel a uma cousa que talvez derive inteiramente do sombrio delirio de algum falso adivinho, é comtudo razoavel suppor que os Tapuyas entendiam encorporar á sua, a substancia dos parentes, capacitados de que sem esta terrivel cerimonia não poderiam elles gosar da bem-aventurança eterna. Pois que esta obra deve ser um repertorio completo dos costumes de todos os povos, (1) era-nos indispensavel tractar do mais repulsivo e espantoso de todos elles. E uma vez admittido, cumpria achar-lhe uma explicação, e esta se encontra naturalmente na marcha singular do espirito humano, que concilia muitas vezes as ideas mais tocantes com os usos mais abominaveis.

Os Tapuyas não eram todavia o unico povo dado a este costume, senão tambem uma nação da Guyana, que era talvez uma das suas tribus, e mais um povo já civilisado da ilha de Sumatra, na Asia. Os Battas não só matavam os seus auciaños, mas durante o medonho sa-

---

(1) Este opusculo de M. Fernão Denis sobre o Brazil faz parte de uma grande obra sobre a historia e descripção de todos os povos.

erificio cantavam umas coplas elegiacas, cuja letra era que, colhido o fructo, devia abater-se a arvore.

Outro uso assaz notavel distinguia ainda os Tapuyas dos mais habitantes do Brazil, e vinha a ser, que se os adivinhos ordenavam a mudança do local do acampamento, ou se os jogos sagrados começavam depois da refeição da noite, tomavam os mancebos um pesado madeiro, e despediam a correr até que, obrigados da fadiga, passavam a carga a outros guerreiros. Eram victoriados os que despejavam maior extensão de caminho, e de ordinario assentava-se o novo acampamento no local attingido pelos mais destros corredores. Esta justa singular conforma-se com outro costume dos Indios Bagres do Sul, dos quaes refero Mr. Debret que tomam os feridos no campo da batalha, e os põem ao abrigo dos perigos, transportando-os com rapidez para fora do logar onde o combate anda travado. Durante a paz, fazem um exercicio assaz semelhante ao dos Tapuyas, e sem duvida a mesma necessidade gerou um uso igual em dous povos diversos e distantes.

Sem embargo de alguns grandes traços de semelhança physica e moral, não constituíam os Tapuyas uma nação homogenea, ainda no tempo da sua maior prosperidade.

Se houvermos de dar credito a Simão de Vasconcellos, observador assaz exacto, as setenta e seis tribus tapuyas fallavam não menos de cem linguas diversas, e esta variedade, no meio habitual de communicação, veio a ser, com o andar dos tempos, uma das causas mais fortes da dispersão do povo dominador. Odios sanguinolentos retalharam depois estas hordas errantes, de modo que quando os Tupiaes, povos da raça potentissima dos Tupis, determinaram de os lançar fora do territorio que occupavam, os Tapuyas não tiveram força para resistir-lhes. De resto, neste acontecimento, alias tam obscuro, da historia do Novõ-Mundo, parece haver-se cumprido aquella grande lei social, em virtude da qual ao povo caçador succede o povo agricultor.

Não quer isto dizer que vamos achar nos veneceiros dos Tapuyas leis e habitos sociaes mais bem combinados que naquellas tribus vagabundas, pois que est'outras tambem não haviam completamente comprehendido as vantagens da associação, e d'um systema regular de vida sedentaria e agricola; porem as numerosas populações que começaram então de occupar o littoral, tinham pelo menos uma lingua commum, e se regiam quasi pelo mesmo theor de governo. Entre os Tupis, os odios de tribu a tribu eram menos frequentes, não se dava tanta fé aos adivinhos, e algum lugar fertil, se acertavam com elle, era morada para tres annos ao menos. Sabiam os Tupis estimar o grande preço da tal qual agricultura que tinham, e o quanto sobrelevavam a mandioca, o inhame, e o milho aos proventos da caça, por via de regra tam precarios. Em uma palavra, pareciam mais adiantados na sua organização social, talvez pelo só facto de pertencerem a uma raça menos supersticiosa, e mais providente. E nada menos foram as tribus dispersadas que ganharam mais com a marcha dos acontecimentos; pois não ficaram expostas, como os Tupinambás, á acção da civilização europea; e quando, mais tarde, as nações do littoral foram aniquiladas, reappareceram ellas, em um estado sem duvida mais barbaro, porem muito mais bem dispostas para receberem a civilização, já então melhor dirigida.

Mas donde sahiu esta mesma nação invasora dos Tupis? que origem tinha, e que marcha seguiu na sua emigração? Quer-nos parecer que das regiões temperadas do sul desceu ella para os tropicos, oriunda de uma raça que talvez houvesse recebido algumas noções grosseiras da civilização nas vastas planicies que se estendem até o Chili. Azara, enumerando as nações ribeirinhas do Prata, menciona os Tupis; e nos mythos da religião tupica vem o destino das almas bem-aventuradas, que vagueam pelos Andes fóra. Factos semelhantes não se devem arriscar sem grande circumspecção; todavia se os bem examinarmos, já nos não hão de parecer destituídos de

toda a probabilidade. A linguística também vem em nossa ajuda, porque a *lingua geral* que fallavam as mais das nações da costa, ao tempo da chegada dos Europeus, não era senão um dos dialectos da lingua dos Guaranis, povo que de ha muitos seculos demorava nas regiões do Paraguay.

Segundo a tradição mythologica conservada por Vasconcellos, a primeira emigração para as costas do Brazil, effectuou-se junto ao Cabo-Frio, promontorio que no tempo em que floresceu este historiador, lograva ainda uma certa celebridade religiosa entre os Indios da costa. Mas os mesmos Indios referiam que o paiz fora achado deserto, e a primeira familia o occupara sem opposição alguma, até que por uma desavença pueril entre duas mulheres, se dispersou a tribu logo nos seus começos. E' possível que seja esta a forma emblematica do que se passou na primeira erupção, e este mytho referido aos Europeus talvez seja destinado a representar a emigração das tribus, depois que a necessidade, ou a discordia as obrigou á divisão. A supposição é plausivel, mas semelhante ponto duvidamos que possa jamais ser completamente averiguado.

No Brazil encontraram os Europeus por toda parte muitas nações que conservavam o cunho da sua primeira origem, e que posto inimigas entre si, tinham a mesma lingua, e a mesma religião. Tudo isto é perfeitamente analogo ao que aconteceu na America do norte em uma multidão de tribus errantes, todas oriundas do povo leni-lenape, que chamavam e tinham por avoengo, bem que a certos respeitoes se houvessem modificado de um modo prodigioso. Assim, os Tupinambás, os Tupiniquins, os Tupiaes, e outras muitas tribus, conservavam a raiz generica do grande nome, em tanto que outras, como os Tamoyos, os Cabetés, a tinham abandonado; mas a religião e a lingua formavam um nó, que constantemente se fazia sentir. Não resta duvida de que a raça dos Tupis formava dezeseis nações ao longo da costa, ca-

da uma das quaes tinha os seus limites assignalados. Os Tupinambás constituíam no Brazil a nação preponderante. A esta pois examinaremos de preferencia; mas antes de descrever os seus costumes, vejamos como se ella estabeleceu na metropole, e senhareou-se do Reconcavo.

E' muito provavel que a raça dos Tupis, desembarcando nas proximidades do Rio de Janeiro, se encontrasse com a dos Tapuyas, e temesse ataca-la, pela julgar muito formidavel. Dahi se derramariam os Tupis pelo interior, e seguindo o curso dos rios, e tirando delles a sua subsistencia, viviriam algum tempo deste modo. Foi então que, segundo a tradição oral de alguns velhos que transmittiram este grande facto historico a Francisco da Cunha, a tribu formidavel dos Tupiaes avançou do interior para o Reconcavo, onde depois se fundou S. Salvador, e lançou dahi para sempre os primeiros dominadores. Ao que parece, não conservaram por muito tempo este bello paiz, porque os Tupinambás, descendo das regiões alem do S. Francisco, atacaram os Tupiaes, á beira-mar, e os forçaram a buscar de novo um asylo no interior. Aqui acharam os Tupiaes os seus antigos inimigos, e os recalcaram mais para o sertão, de modo que uma triplice zona de tribus inimigas se agitava por toda parte nesta bella porção da America, e faziam umas ás outras uma guerra sanguinolenta, cujas alternativas nos são pela maior parte desconhecidas.

Não era maior a tranquillidade no littoral, pois que os Tupinambás, depois de haverem tomado o Reconcavo, se dividiram tambem; sendo parte para a discordia no meio deste povo barbaro um drama igual ao que deu assumpto á Iliada. Uma rapariga de certa tribu da ilha de Itaparica foi raptada pelos habitadores do local onde depois se edificou a cidade da Bahia; e dahi accendeu-se uma guerra terrivel. Os partidos contrarios estavam, pelo dizer assim, á vista, apenas separados por uma legoa de distancia. Cada dia se encarniçava mais a guerra, e a nação ficou para todo sempre dividida.

No tempo de Francisco da Cunha ainda um dos ilheos da bahia se chamava *Ilha do Medo*, porque os dous partidos se rebufavam alternadamente nos mangaes que a orlam, para dahi saltarem de improviso as canoas inimigas que navegavam naquellas paragens.

Os Tupinambás que passaram á ilha de Itaparica, diz positivamente o *Roteiro*, povoaram as margens do rio Jaguaribe, Tenharia, e a costa dos Ilheos (e nós ajunctaremos que provavelmente foram até o Rio, pois foi lá que Lery os encontrou em 1555, e com elles viveu). E tam entranhavel odio conceberam contra os seus antigos concidadãos, que ainda hoje (1587) as reliquias das duas nações, tornadas contrarias, se detestam, e andam em continua guerra, sendo tamanho o seu odio que se a caso encontram alguma sepultura, desenterram o cadaver, e o affrontam por mil modos. No tempo em que os Portuguezes vieram povoar o Jaguaribe, houve um grande ajunctamento de diversas aldeas, para desenterrarem muitos cadaveres com grandes ceremonias, e mudarem depois de nome."

Esta cerimonia era um costume supersticioso que explicaremos mais aliante.

Nos povos primitivos sempre o nome foi cousa de grande importancia, quer para os individuos, quer para a nação; a sua significação symbolica é de ordinario a indicação de uma grande preeminencia; pelo que explicaremos o da raça primitiva, antes de passarmos á descripção dos usos.

Segundo Vasconcellos, tupã ou tupan, significava literalmente a excellencia terrifica, nome que os Tupis tomaram em grande parte para si, e cuja raiz se encontra a cada passo. Quanto á denominação de Tupinambás, sem procurar explica-la, diremos que ella tem variado de um modo estranho nos diversos viajantes, escrevendo uns Topenamboux, outros Tapinambos, outros Toupinambas, e finalmente um viajante francez do decimo sexto seculo, notavel pela sua grande exactidão—Tououpi-

nambaouit. Não obstante a singularidade desta orthographia, talvez seja ella a melhor, e a mais digna de preferirse, visto haver-nos sido transmittida por uma relação franceza de uma epocha em que se não alteravam os nomes. Mas como pode ser que ella fosse usada somente no antigo territorio do Rio de Janeiro, continuaremos a servir-nos do nome já consagrado.

Quem quizer ter dados positivos sobre as antigas usanças dos Tupinambás, já não poderá hesitar, pois ha de necessariamente, e em primeiro logar ir beber nas fontes allemãs e francezas, isto é, em Hans-Stade, Lery, Claudio d'Aberville, e Ivo d'Evreux. O primeiro, que foi prisioneiro dos selvagens durante nove mezes, e teve sempre a morte diante dos olhos, assistiu aos festins dos guerreiros anthropophages, em que esteve a pique de figurar como victima, e observou muitos dos seus usos; os outros eram religiados ou missionarios, que se metteram com os Indios ou para pedir-lhes asylo, ou para converte-los. Ao cabo de alguns annos, sujeita Lery a Hans-Stade a uma especie de contraste, e acha a sua exactidão admiravel. Ao testemunho destes auctores juntamos o de um Portuguez que viveu dezeseite annos no Brazil. Por mais estranhos que pareçam certos factos, especialmente os que dizem respeito á anthropophagia, não é possivel contudo pô-los em duvida, ou controvertê-los.

#### *Caractêres physicos dos Tupinambás.*

Quanto á estatura, parece que esta raça não recebeu maior desenvolvimento que a nossa; mas a sua força muscular era superior em certos exercicios, e Lery falla com admiração dos arcos immensos que os Tupinambás de Guanabara manejavam com a maior facilidade, em tanto que o mais habil archeiro europeu mal poderia servir-se do de um infante de doze annos. Como os indigenas de hoje, faziam aquelles marchas prodigiosas sem fadiga, e eram tam destros a nadar, que se gabavam



de poder passar uns poucos de dias n'agóa. Posto que o celebre Peron provasse, em these geral, a inferioridade da força dos povos selvagens, comparando-os comnosco, a conclusão deste sabio não é todavia applicavel aqui. E' de erer contudo que no exercicio continuo, tal como o requerem os trabalhos da agricultura, os Indios se mostrem inferiores, e até não faltarão factos que o provem. Os Tupinambás em geral tinham a pelle acobreada, mas alguns haveria de cores mais mitigadas, pois que Lery assegura que elles lhe não pareciam mais trigueiros que os Portuguezes e Hespanhoes. Tem-se affirmado que a raça americana era inteiramente falta de barba, sendo este até um dos seus traços caracteristicos. Semelhante asserção é mais que muito exaggerada, pois seja que os Tupis sempre conservassem alguns visos da raça caucasiana, ou que o facto em si mesmo não fosse bem observado em toda a extensão do continente americano, um antigo viajante diz positivamente: "Mal lhes começa a apontar o buço, e o cabello em qualquer parte do corpo, ou na *barba*, ou nas sobrancelhas e pestanas, ou arrancam-n'o com as unhas, ou depois que tiveram relações com os christãos, com umas pinças que estes lhes dão." (1). O P. Ivo d'Évreux tambem diz—"que é para elles cousa estranha o trazer barbas e bigodes, mas que não obstante, vendo como os Francezes as usavam, muitos delles tambem deixavam crescer, e entretinham barbas e bigodes."

Tinham os cabellos negros, corredios, e asperos, e a fronte largamente desenvolvida, que a não deprimiam, á feição dos Caraibas, com quem de resto offereciam tanta analogia; os olhos, de ordinario negros, orçavam menos que os dos Tapuyas pela forma mongol; e Lery nos revela ainda que ao nascer achatavam elles com o polegar o nariz ás crianças. Estes Brazilianos, diz elle, reputam grande formosura terem o nariz rombo.

---

(1) Lery.

*Aspecto dos Tupinambás com os seus ornatos festivos, e apparatus de guerra.*

Como os mais indigenas da costa, pintavam-se os Tupinambás de negro azulado, e de vermelho côr de laranja, com sumo de genipapo, e tintura de urucú. O lavor dos desenhos feitos na pelle era arbitrario e caprichoso; os selvagens os traçavam todavia com summo cuidado, e ás vezes despendiam dias inteiros nas suas combinações; mas por via de regra a mistura do negro e do encarnado, dava ao guerreiro um aspecto sinistro, que o resto das galas tornava ainda mais temeroso. Figurai-vos um homem membrudo e athletico, a cabeça em parte rapada com um pedaço de crystal, os cabellos dispostos á feição de corôa de frade, e o labio rachado desde a infancia. Se ainda é mansobo, traz na fenda um osso alvissimo, com uma ou duas pollegadas de comprimento á mostra; mas se já é mais entrado em annos, o ornato consiste em uma esmeralda verde que prende ao labio com uma especie de cunha. Bem que ande habitualmente exposto ao ardor do sol, sem resguardar a cabeça de modo algum, cinge-a nada menos em todas as occasiões solemnes, de um diadema de vistosas plumas, não inclinadas, como supponho, levados do que vemos nos theatros, senão tezas e direitas, e encurtando á proporção que se afastam da fronte. *Arasoya* era o nome deste diadema. Em occasião de festa cobrem os hombros com uma maneira de manto assaz curto, mui parecido no feitio aos que se usavam no tempo de Luiz XIII, o qual é artificialmente tecido de pennas brilhantes, presas com fios de algodão. Um semi-circulo de osso alvissimo, chamado *yaci*, desce á maneira de gola sobre o peito, em tanto que as longas pennas de cima da *arasoya* fluctuam sobre as ancas (1). Os Tupinambás

---

(1). Um pouco á cima tinha dito M. Fernão Denis que a *arasoya* era um diadema com que ornavam a cabeça.

não se pagam só dos ornatos que ficam descriptos; pois uma concha redonda, afeiçoada na pedra é cortada em mil pequenos discos, lhas ministra compridos collares. Este ornato, chamado *boure*, ás vezes cega de alvura, outras é negro como o ebano, e é feito de uma madeira pesada e dura. Em cima de tudo isto, uns certos braceletes de cascaveis, ou de sementes chocalheiras do *aouai*, que se costuma trazer nas pernas, e eis-aqui temos o Tupinambá todo loução para os seus dias de gala.

Comtudo, era ás vezes este aparelho mais simples, mas parece que por isso mesmo se afigurava mais extravagante aos Europeus—“Para a segunda vista do selvagem, diz Lery, depois de o desapressardes de todas estas armações, bezuntai-o bem de gomme glutinosa, e salpicai-lhe todo o corpo, braços, e pernas, de pennas picadinhas em miudo, á maneira de crinas finetas de encarnado, e assim revestido deste pello, dir-me-heis se não ha de ficar um rapazinho garrido.”

Era para os tempos de guerra mormente que os Tupinambás, como todos os povos na infancia da civilisação, reservavam a sua selvagem magnificencia. Quem quer que teve occasião de ver nas florestas algum caçador das tribus que ainda restam, poderá ajuizar do aspecto arrogante e temeroso do guerreiro Tupinambá que se preparava para os combates. Logo na face a sinistra mistura das tachas negras do genipapo com riscos encarnados de vermeilhão; a fronte cingida do yempenambi de guerra feito de pennas encarnadas de arara, e a arasoya fluctuando sobre as ancas. E o braço guarnecido d'uma especie de pavez feito de madeira leve ou couro d'anta, n'uma mão sustinha o arco enorme fabricado da luzento e flexível biguonia, e com a outra empunhava um feixo de setas sem aljava. Uma especie de maça, chamada *tacape*, e que a maior parte dos antigos viajantes conhecia por espada de pau, completava este trem de guerra. O tacape, fabricado de um pau pesado e duro, era uma arma terrivel, e equivalente ao boutou dos selvagens da

Guyana, ou ao tomawack dos d'America do Norte. O que aquelle instrumento não cortava, abolava. Uma cousa porem assaz notavel é que a *esgaravatana*, que despede setas envenenadas, e ainda hoje se encontra nas margens do Amazonas, não era conhecida da raça braziliã dos Tupinambás, desdenhando este povo bellicoso o emprego de uma tal arma, ainda na caça dos animaes. E' tambem para notar que só na caça é que elle usava de setas farpadas, pois na guerra as setas terminavam em ponta de forma oval longa, cujas feridas eram faceis de curar. N'isto havia uma especie de convenção tacita, sendo por este modo as leis immutaveis do direito das gentes conhecidas e respeitadas até no centro das florestas, e no meio de nações barbaras.

Por uma singularidade assaz commum no estado selvagem, as mulheres não se arreeavam com os ornatos brilhantes que tam primorosamente teciam de pennas de guará e canindé; andavam n'úas, soltos os longos e negros cabellos, ou trançados com um cordão vermelho, quasi á moda porque ainda hoje o trazem as mulheres da Suissa. Não se deformavam, como os homens, rasgando o labio inferior: mas fendiam o lobulo da orelha, e met-tiam-lhe uma concha branca, de forma redonda e comprida "assim como cousa de uma mediana vela de sebo, ( diz Lery na sua phrase tosca mas exacta ) por maneira que quando as vejo assim toucadas com taes adereços a lhes baterem no hombro, afiguram-se-me orelhas de sabujo penduradas a uma e outra banda."

As pinturas não eram defezas ás mulheres, que todavia não abusavam tanto dellas como os homens. Ouçamos ainda o antigo viajante no seu estilo com laivos de purista. "Quanto ao rosto, aqui temos como ellas o remendam: toma a companheira ou visinha um pincelzinho, e faz uma pequena roda bem no centro da face daquella que assim se quer pintar; e depois a tornêa com linhas circulares em caracol, até sarapintar-lhe a cara toda de vermelho, amarello, e azul; e arrancando as so-

brancelhas e pestanas, como dizem que também fazem umas tantas mulheres mundanas em França, não deixam de ali dar algumas rabiscadellas e pinceladas.

Tinham além disso as mulheres tupinambás certos ornatos que lhes eram especialmente reservados, como fossem uns grandes braceletes feitos de muitas peças de osso branco, sobrepostas umas ás outras, á feição de escamas de peixe, e assaz parecidos aos braçaes de que em algumas terras se servem no jogo da pella. Não era de uso trazerem os collares pendentes do pescoço, senão enroscados nos braços. Quando mais tarde se abriu commercio com os Europeus, os Indios entraram a substitui-los por contas e missangas de cor, artigo que sempre lhes mereceu grande apreço.

#### *Habitações.*

Dado que os Tupinambás formassem outr'ora aldeas de cinco a seis mil habitantes, actualmente nem vestigios restam das que se encontraram no tempo da conquista. Tudó lhes era inteiramente desconhecido, os monumentos mais simples, esses monolithos erigidos em memoria de qualquer grande acontecimento, esses toscos altares que até entre povos muito mais barbaros se tem encontrado; e ainda está por averiguar se pertencem aos Tupinambás essas mesmas inscripções hieroglyphicas encontradas em alguns rochedos, e destinadas a perpetuar antes a memoria d'algum feito d'armas, que alguma tradição religiosa.

Na fundação de qualquer aldea o *moussacat*, pae de familia ou chefe civil, ia em pessoa escolher o local, que devia de ser bem arejado, e á margem de algum ribeiro. O chefe mostrava ordinariamente grande tino nesta escolha. Pelas cabanas que ainda heje construem no interior as tribus actuaes, não podemos fazer uma idéa ajustada das habitações dos antigos Tupinambás. — Essas cumpridas arcas, (permittam-nos a expressão) em ca-

da uma das quaes se agasalhavam de vinte a trinta familias, eram assaz parecidas aos longos berços dos nossos jardins, cujas ligeiras arcadas são cobertas de folhagem. Entre os Tupinambás a arnação de madeira sustinha um tecto coberto de folhas de palmeira ou de cana; e segundo o precioso manuscripto que ora temos á vista, a duração deste tecto de folhagem é que regulava a residencia mais ou menos longa da tribu no mesmo local. Essa residencia durava quatro annos, ao muito, e como algum costume supersticioso que nos não é dado explicar, defendia a reparação das cabanas, de ordinario quando as abandonavam, já ellas eram inhabitaveis, e a chuva as inundava por toda parte. Tal estranheza causaram aos primeiros navegantes estas immensas arcas de palha, que elles as compararam na extensão a uma náu de linha.

Uma aldéa bem povoada continha quatro até seis cabanas dispostas de maneira que o centro formava uma praça regular onde se ajunctavam os conselhos da tribu. É verdade que Hans-Stade falla de uma especie de tabernaculo, collocado no centro da aldéa, e destinado a receber os sagrados maracás; porém é muito provavel que este templo em nada differisse das outras construcções, e como ellas, fosse coberto de palha. O interior destas habitações era extremamente simples, nem ali se via esse luxo de esteiras que ainda hoje se encontra em algumas cabanas dos insulares do mar do sul. Uma abertura arqueada, feita em cada extremidade, facilitava a circulação do ar; e muitas e solidas estacas, fincadas parallelamente, serviam para suspender essas innumeraveis macas ou redes de algodão, que os Tupinambás chamavam *inís*, e em cujo tecido se esmerava grandemente a sua industria. Uma especie de sôtão, formado de compridas varas, (1) presas ás travessas superiores do tecto, se dispunha de modo que cada familia podia ali guardar quanto

---

(1) Girau.

possuía. Era de uso invariavel entreter de continuo, e mormente á noite, uma multiplicidade de fogões, dispostos entre cada uma das redes.

Se havia inimigos na vizinhança, forticava-se a aldeia com uma estacada bem segura, e algumas vezes com cavallos de frisa dissimulados no meio das hervas, com que se acautelassem de qualquer surpresa. Estas fortificações, feitas sempre de madeira, variavam, de resto, na structura, e eram ás vezes assaz complicadas. Em cima das portas se espetavam os crancos dos inimigos, que ali ficavam á mostra, como outros tantos trophéos.

### *Meios de subsistencia.*

A este respeito, nunca paiz algum foi mais favorecido que o Brazil. Não queremos com isto dizer que, como nas ilhas de Sandwich ou em Taiti, um unico vegetal, a arvore de pão, bastasse a prover á subsistencia das mais numerosas familias durante todo o anno, e quasi sem preparação alguma; ao contrario, para tirar-se da raiz venenosa da mandioca um alimento são e nutritivo, havia-se mister uma certa industria; mas os Tupinambás estavam bem adiantados nella, e possuíam até certos processos culinarios que, não chegaram, dizem, até nós. Cita-se entre outras, uma especie de caldo que se fazia com o succo desta raiz, e servia para adubar a comida (1). Muitas outras iguarias preparadas com a mandioca, como o *mingau*, por exemplo, ainda conservam hoje entre os brancos, a sua antiga denominação tupi. O *aypi* ou mandioca doce, (*macaxeira*) que se póde comer sem haver mister torra-lo, o *cará*, a batata, o inhame, que se não era indigena, naturalisou-se sem difficuldade, forneciam tambem um sustento abundante e variado, que se obtinha mediante uma cultura facil e grosseira. Os cereaes da Europa eram desconhecidos no Brazil, mas colhiam-se nel-

---

(1) O *tucupi*.

Je não menos de cinco diferentes especies de milho, designado pelo nome generico de *avati* ou *abati*. A bananeira, que cresce sem trabalho, offertava os seus cachos abundantes e nutritivos, e em certas estações bastaria ella só a supprir a maior parte daquelles preciosos vegetaes, pois segundo os calculos scientificos de M. Humboldt, a mesma porção de sólo empregada na cultura da bananeira produz cincoenta vezes mais substancia alimentaria do que se fora plantado de cereaes. Nesta rapida nomenclatura de vegetaes proprios á alimentação do homem, não citaremos nem as lianas ou cipós de succos nutritivos, nem os fructos oleaginosos da palmeira, nem mesmo as amendoas da *sapucaya*, tam cobiçadas por todas as tribus da America do sul. Esses detalhes nos levariam longe, e baste dizer-se que uma multidão de fructos, sempre espontaneos, mas tam variados como as localidades, multiplicavam por toda a parte os recursos offerecidos pela terra com maravilhosa profusão.

Apezar da extrema fertilidade do sólo, os Tupinambás tiravam a sua principal subsistencia, sobretudo dos bosques e dos rios, os quaes offereciam naquelle tempo recursos que hoje em dia se acham em grande parte esgotados. O animal mais corpulento do Brazil, o tapir, que foi corrido para os sertões, apparecia então até nas margens do Oceano, onde se encontravam tambem em bandos innumeraveis, diversas especies de *pecaris*, (cuja carne offerece um alimento mais são e agradável que a do porco domestico,) não menos que veallos, tatús, pacas, e coatis, que enchiam as florestas. — Assim como as diversas tribus nomades que ainda hoje existem, os Tupinambás comiam a carne das numerosas castas de macacos que saltam por tolo esse Brazil, e se havemos de dar credito aos antigos viajantes, não desdenhavam nem a carne adocicada dos caimães ou jacarés, nem as das cobras da especie mais grossa. O lagarto conhecido pelo nome de *iguana* ou *tupinambis* (camaleão) indicava assaz pelo seu nome quanto eram delle apaixonadas estas tribus. Poucos paizes ha



tam abundantes de aves de caça como o Brazil; e ainda daqui tiravam grande proveito os Tupinambás, que as apanhavam tambem por meio de laços, rebuçando-se com os matos, e lançando-lh'os subtilmente, quando as aves descuidadas vinham pousar junto delles. Com o estabelecimento dos Europeus, entraram os Tupinambás a criar tambem galinhas; mas o costume de comer ovos que observavam nos estrangeiros, tinham-n'o como desmarcada glotoneria.

Bem que usassem da linha e do anzol, era sobretudo com a frecha, despedida com um calculo perfeito e admiravel dos desvios, que elles colhiam o peixe, de que faziam mais do seu sustento. A' beira dos lagos e dos rios usava-se de um processo mais facil, e por elle viviam fartas tribus inteiras durante alguns dias. Pisavam certos cipós, e raizes de plantas bem conhecidas, taes como o *sinapú*, e o *coniamy* do Pará, (*timba!*) e os lançavam n'agua. Era prompto o effeito, que o peixe entorpecido ou bebado, vinha logo á tona d'agua, e se deixava apanhar, sem que fizesse o menor movimento para escapar. Se a pesca e a caça eram abundantes, e excediam ás necessidades da tribu, estendiam as peças que se queriam conservar sobre uma grelha de pau, chamada *boucan*, (*moquem*) e expostas assim á acção lenta do calor, podiam depois guardar-se mezes inteiros. O processo, e o termo que o recorda, nos foram transmittidos, e é sem duvida aos Tupinambás, frequentados desde o principio pelos Normandos, que devemos as carnes moqueadas ou curadas ao fumo, tanto em uso por todo o Novo-Mundo.

Bem que estes povos soubessem preparar as suas viandas por diversos modos, ignoravam todavia um dos meios mais simples de assar a carne; e Lery nos refere que um espeto de pau, com uma peça de veação, a girar ao fogo, causou-lhes tal surpresa, que apostavam em como semelhante meio não sortiria bem. Em desconto, havia entre elles, mas sobretudo entre os Tapuyas, um modo de preparação muito mais complicado, e que ainda hoje se

usa nas ilhas do mar do Sul, e vinha a ser, que abriam uma cova no chão, forravam-n'a de folhas verdes, e posta ali a caça, cobriam-n'a de terra, e accendiam-lhe fogo em cima até chegar a um grau de cozedura, que sempre maravillhava os estrangeiros. Mas se as tribus não eram errantes, por maneira que as mulheres podessem dar-se á industria de seu vagar, fabricavam louça de barro, e então estufavam as carnes.

### Religião.

No decimo sexto seculo era moda decidir *à priori* que os povos selvagens não tinham idea alguma da divindade, e até não faltaram escriptores que, alliando a idea mais falsa á combinação mais extravagante, iam aprégoando que a lingua braziliana carecia de certas letras do alphabeto, como o *F*, o *L*, e *R*, por que os Indios eram gente *sem fê, sem lei, e sem rei*. E nada menos, bem examinada a mythologia dos povos da raça tupica, maravilha até o grande desenvolvimento metaphysico que a caracteriza.

Sem rasão se disse que a voz *Tupan* entre estes povos designava a um tempo a divindade e o trovão. *Tupa*, ou *tupan* significava—excellencia aterradora—ou—ente poderoso e terrivel. *Tupacanunga*, era o trovão, órgão da divindade, ou o rumor com que ella declarava sua vontade. O relampago, *tupaberaba*, era o clarão divino. Criam que Deus estava em toda parte, e era auctor de tudo. Ao Deus bom e favoravel era opposto um outro denominado *Anhangá*. *Geroparay* (Jurupary) emprega-se algumas vezes neste sentido; mas parece-nos que tem havido alguma confusão de ideas acerca de seus attributos. Os Indios diziam ao P. Ivo d'Evreux que os seus adevinhos nunca haviam fallado a *Tupan*, senão aos companheiros de *Geropary*, que era um dos servos de Deus. Esta só phrase revela a pluralidade de genios secundarios. Os bons genios eram conhecidos pelo nome de *Apoiacua*, e os maus pelo de *Ouiaou*.

*pia.* (1) Os bons espiritos traziam a chuva no tempo devido, regulavam a temperatura, e eram mensageiros incessantes da terra para o ceo. Mas os demonios expulsos por Deus, e sujeitos a Geropary, frequentando as tapéras e cemiterios, empeciam a regularidade das estações, e praticavam toda casta de maleficios contra aquelles que acaso topavam.

Um dos caracteres desta mythologia selvagem, commum nesta parte ás creanças mais completas do Mexico, Perú, e Bogota, é a existencia de um legislador divino, que apparece para civilisar os homens, e torna a desaparecer finda a sua celeste missão. Os Brazileiros tambem tinham o seu Quetzatcoatl, ou o seu Bochica, a quem chamavam *Sumé*. Este *maratá* ou apostolo divino lhes havia ensinado a cultivar a mandioca, e deixara numerosos vestigios sobre a terra, antes de desaparecer como Boudha. Tanto ao P. Simão de Vasconcellos como ao P. Ivo foram mostrados alguns dos seus rastos impressos na rocha; e a ambos, como era proprio do espirito do tempo, pareceu-lhes aquillo prova irrecusavel da passagem de S. Thomé por aquellas regiões. Tambem lhes não era estranha a tradição de um grande diluvio, com que Deus, em sua colera, inundara o mundo inteiro. *Temendaré*, que fora o velho escolhido para tornar a povoar o mundo, escapou com sua familia no cume de uma alterosa palmeira, da qual desceu, depois de escoarem as aguas, para vir a ser o novo paá do genero humano.

Os Tupinambás não só admitiam a immortalidade da alma, senão que a tal respeito tinham creanças bem pronunciadas. Em quanto a alma dirigia o corpo, chamava-se *au*; solta porem dos laços terrenos, já se designava com o nome de *angouere*. Havia uns certos genios dos pensamentos, a quem o P. Simão de Vasconcellos chama *curupiras*, no entanto que as almas que vinham annunciar a morte aos vi-

---

(1) M. Fernão Denis introduz evidentemente alguns *u u* nas vozes tucicas, para facilitar a pronunciação franceza.

vos eram *maraguiganas*. Era quasi escusado dizer que os varões assignalados por sua fortaleza, valor, e mais partes, iam, depois da morte, gosar da bem-aventurança eterna, qual a podia imaginar e desejar o habitador das florestas; em quanto os fracos, os covardes, e os traidores, eram irremissivelmente empolgados pelas garras de *Anhanga*.

Uma das crenças mais poeticas e tocantes destes povos, é a que no canto melancolico das aves, descortinava uma mensagem das almas, e um aviso bem-fazejo dos avengos finados á sua posteridade.

#### *Culto.*

Entre os Tupinambás parece que o culto de Deus e dos genios andava especialmente confiado a uma classe de homens chamados Pagés ou Caraibas, os quaes eram a um tempo os medicos, adivinhos, videntes e prophetas destes povos. M. de Humboldt julga até que este nome de Caraiiba designava uma nação privilegiada, que como os antigos Chaldeos, preenchia as funcões de adivinhos para com as tribus circumvisinhas. Concorrem muito para confirmar esta opinião as provanças terríveis a que os mesmos Piachés ou Piayés eram sujeitos entre os Caraibas, antes de serem investidos nesta dignidade, provanças que tambem tinham logar nas nações tupicas, bem que muito mais suaves.

Os Caraibas, Piayés, ou Pagés habitavam em cabanas separadas e obscuras, onde ninguem era assaz ousado a entrar. E' provavel que uns certos templos a Tupan e outras divindades inferiores se começassem a erigir pelos meados do XVI seculo, em que a nação formava aquellas grandes aldeas fortificadas de que já tractamos, pois Hans-Stade falla frequentemente de um tabernaculo mysterioso que demorava no centro de uma dessas aldeas onde estiveira prisioneiro. Posto que quasi nenhum historiador faça menção dos idolos dos Tupinambás, não padece duvida que elles os tinham, e este facto importante vem positivamente

consignado no P. Ivo d'Evreux. "E de feito, diz elle, é frequente, tanto no inferior da ilha, como nas terras visinhas, fabricarem estes feiticeiros umas pequenas casas de palma, nos logares mais escusos e sombrios dos bosques, onde collocam seus idolos de figura humana, feitos de cera, delles maiores, e delles menores, sendo porem que os maiores não vão alem de um covado de altura. Em certos dias vão para ali a sós os feiticeiros, levando consigo agua, fogo, carne, peixe, farinha, milho, legumes, flores, e pennas de diversas cores; dedicam os comestiveis em sacrificio aos idolos, a quem arrêam com as flores e pennas, queimando tambem ante elles algumas de suas gomas aromaticas; e ali se deixam estar muitos dias sequestrados dos mais homens, como em visões e commercio com os espiritos."

Estes feiticeiros eram entrados do espirito prophetic, com accessos de delirio mais ou menos frequentes, seja que pela acção de jejuns austeros, e de bebidas soporiferas taes como o summo do tabaco, ou ainda do fumo de certas plantas inebriantes, cahissem n'um estado real de extasis, e se deixassem embair por uma imaginação excitada e fallaz; seja que, de velhacos, colligissem o grande influxo e dominio que com taes memos poderiam exercer no espirito entusiastico e visionario dos selvagens. Nas vespervas das batalhas, costumavam elles interrogar os guerreiros sobre os seus sonhos, que de ordinario decifravam em vantagem da tribu; e n'umas taes ceremonias religiosas, renovadas todos os tres annos, sopravam brios nos selvagens, bafejando-os com o fumo do petume. Outras vezes proferiam os seus oraculos, no meio de certas danças consagradas, e tendo na mão o maracá symbolico; e tal era o seu prestigio, que o Indio a quem annunciavam a morte, prostrado de terror, e deposta toda esperanza, se deixava fenecer sem mais resistir ou murmurar.

Punha-se um maracá diante da aldeia, e para logo o cercavam de oblações, que eram a remuneração do sacerdote. Tinham os Pagés conhecimento de certas plantas medicinaes, cujas propriedades sempre recataram dos Eu-

ropeus, e com ellas faziam algumas curas admiraveis. Parece que tambem se serviam d'uma especie de magnetismo animal, e este facto seria digno de serias averiguações, sobretudo entre os Tupinambás, e os Caraibas da Guiana, se o não desfigurassem com mil esgares, e ridiculas imposturas. Da mesma forma que nas ilhas do mar do Sul, e entre infinitas outras raças ainda na infancia da civilisação, tinha o medico-sacerdote conhecido qual era a acção poderosa da alma sobre a organisação physica; e d'ahi, excitando a imaginação, invocando o espirito maligno por meio de imprecações, e chupando a parte enferma, persuadia ao paciente que o seu mal vinha todo dos corpos extranhos que lhe mostrava, e inculcava haver-lhe extrahido do corpo. Mas esta confiança de que assim gosavam, ninguem creía que se obtinha a bom barato, pois que em certas tribus a iniciação tinha um tal character de barbaria, que na Europa faria recuar os mais destemidos aspirantes.

### *Lingua.*

Reproduziremos aqui o que escreveu o erudito Balbi acerca do idioma dos antigos dominadores do Brazil. "A lingua *Est-guarani*, ou braziliãna, dita tambem *tupi*, ou por outra, a lingua geral, póde ser considerada como um dos tres dialectos principaes de um mesmo idioma. Estas tres linguas guaranis constituem uma familia, que não só differe das outras da America meridional, senão de todas as mais do Novo-Mundo; pois que, mediante um grande numero de particulas e preposições, estas linguas formam modos e tempos assás complicados, e mui outros dos da nossa syntaxe. A lingua braziliãna carece dos sons portuguezes do F, L, R, S, e V; possui porém o U francez que os jesuitas exprimiam por um Y. A lingua geral se tinha grandemente propagado em diversas provincias, e os moradores da capitania do Maranhão faziam della um uso habitual. Existem varias grammaticas e dictionarios dos diversos idiomas guaranis.

*Governo.*

Encontrando Montaigne um chefe indio no Havre, perguntou-lhe, por meio de um interprete, que prerogativas tinha elle na sua tribu: "A de marchar para a guerra à frente de todos" respondeu o selvagem. E esta bella resposta resumia effectivamente o grau de poder que a nação lhe confiava. Entre os Tupinambás o chefe era ao mesmo tempo electivo e hereditario, isto é, o filho era de ordinario escolhido para succeder ao pae, sem que todavia semelhante lei fosse immutavel. A exemplo de todas as nações americanas, tinham conselhos, onde deliberavam sobre os negocios mais importantes, e nos quaes os Caraibas pesavam muito com o seu voto, pois eram elles que declaravam as expedições felizes ou infelizes, depois de haverem consultado os maracás. Pelos meados do seculo XVI o chefe mais temido da costa chamava-se Koniam-Bebe, ou Konian-Beek, ao qual conheceram Hans Stade e Thévet, bem que o apreciem diversamente, chegando o ultimo a incluí-lo até na sua Biographia dos homens celebres. Koniam-Bebe não era certamente um homem da tempera de Pinow, de Radama, e de Tamehameha, que comprehendendo d'um lance toda a superioridade dos Europeus, promovem arrojadamente a civilização da sua patria; mas tambem não era inteiramente estranho a toda e qualquer combinação social, antes sabemos que fez levantar parapeitos de terra á roda da sua aldeia, e os guarneceu com algumas peças de artilharia. Era arrogante e vaidoso, tinha de si para si que nenhum outro cacique emparelhava com elle, folgava de comparar-se á onça, e blasonava de haver comido mais de cinco mil prisioneiros.

*Ideas acerca da propriedade.*

Já vimos como muitas familias habitavam debaixo do mesmo tecto. Cada individuo possuia apenas os moveis do seu uso. Era livre a cada um criar animaes domesticos, e dispôr delles a seu arbitrio, mas nunca pôde entrar na

cabeça do Tupinambá que uma porção determinada do sólo houvesse de pertencer eternamente ao mesmo individuo. É certo porém que cada trabalhador tinha direito á posse do terreno que lavrava. Mas como eram as mulheres que carregavam com os trabalhos da cultura, pouco se lhes dava de tudo o que dizia respeito á policia agricola. Uma unica phrase de Thevet basta a explicar todas as suas ideas sobre esta materia. "Reputar-se-hia para sempre des-honrado o selvagem que, possuindo qualquer cousa, não supprisse o visinho ou parente que carecesse della."

### *Leis.*

Bem que se não possa dizer que os Tupinambás não as tinham, eram todavia as suas leis mais que muito simples. No caso de assassinato premeditado, era o homicida entregue aos parentes da victima, que o justiçavam. Os demais crimes puniam-se com a pena de talião. Do furto mal podia haver idea onde quasi tudo era commum. No adulterio, a justiça era prompta e terrivel; a esposa infiel era condemnada á morte. As raparigas porem logravam uma completa liberdade.

### *Condição das mulheres.*

Era precario o estado das mulheres, como sóe acontecer em todas as sociedades nascentes, porem menos miseravel entre os Tupinambás que em muitas outras nações selvagens. Como algumas d'entre ellas eram admittidas ao sacerdocio, e recebiam dos Pagés o dom da inspiração, já se vê que haviam de gosar de alguma influencia; sendo que ao demais disso passavam em grande soltura a primeira mocidade. Mas a ellas tocava tambem lavar e semear a terra, seguir o marido na guerra, e carregar com o maior peso da bagagem; sem que por isso ficassem isentas de entrar uma vez por outra nos combates, e de ser pasto nos festins, quando prisioneiras, da meema maneira que os ho-



mens. Porem de ordinario contentava-se o vencedor de as reduzir á escravidão. Na velhice, exercitavam as mulheres um papel terrivel e mui principal nas ceremonias dos sacrificios,—especie de furias hediondas, cuja ferocidade não ha palavras que possam exprimir. Segundo uma antiga relação franceza, foram as mulheres desta nação, que, fatigadas do jugo dos homens, se retrahiram a uma das ilhas do Grande-Rio, onde renovaram um dos mythos mais celebres da antiguidade. Entretanto o P. Ivo, menos credulo de contos fabulosos, acha que o unico ponto de contacto entre as antigas e as modernas Amazonas, era o terem vivido umas e outras separadas dos homens; recebendo porem as americanas, como as da Grecia, na estação dos vinhos de cajú, os guerreiros das nações visinhas nas suas aldeas, servindo assim a perpetuar a povoação os fructos destas momentaneas uniões. Escusaremos quasi dizer que os filhos machos ou eram enviados a seus paes, ou immediatamente sacrificados. Posto que não duvidemos admittir com M. Humboldt a possibilidade de uma sociedade semelhante, contudo para podermos conciliar as noções contradictorias dos viajantes sobre esta tradição, é preciso admittirmos tambem que a sua duração foi muito curta, e que o facto se reproduziu em diversos pontos, e sempre com um character ephemero.

#### *Casamentos e Nascimentos.*

A polygamia estava em uso entre os Tupinambás, havendo chefes que contavam de doze até quinze mulheres. Estes casos porem eram mui raros, e de ordinario cada guerreiro se contentava com uma unica. Estas uniões se regulavam por certas leis, algumas dellas tam sagradas e tam simples, que as achamos reproduzidas em todos os povos. O pae não podia casar com a filha, o irmão com a irmã, e esta prohibição se estendia ao atourassap, ou amigo intimo e companheiro de cabana, com quem os bens eram communs. Mas já o tio podia casar com a sobrinha, e os outros grãos de parentesco, em vez de pro-

duzirem impedimento, facilitavam antes os casamentos. Um antigo viajante descreve com a costumada candura a simplicidade dos costumes nesta materia. “Pelo que toca às ceremonias, diz elle, outras não ha, senão que o que deseja tomar mulher, viuva ou donzella, depois de ganhar-lhe a vontade, vae tor com o pae, e em sua falta, com os mais proximos parentes, e pede-a em casamento. Se lh’a dão, sem mais escripturas, (que os tabelliães não fazem aqui grandes custas) levam-na consigo, e senão, nem por isso se dão por aggravados, e vão em busca de outra.” Gaba Lery tambem a paz sem igual que reinava nos gynecéos selvagens, quando o guerreiro tinha muitas mulheres.

No nascimento dos filhos, praticavam-se muitas ceremonias. Qualquer que fosse o sexo do recém-nascido, o pae lhe achatava para logo o nariz. Se era varão, lavavam-n’o immediatamente, e pintavam-n’o de negro e encarnado. Punham-n’o na sua redezinha, o pae fabricava-lhe o seu tacape, arco, e flechas, tudo de tamanho proporcionado, punha-lhe o nome que devia conservar na primeira idade, e exhortava-o a fazer-se homem, e a tornar-se um guerreiro temeroso aos contrarios.

Por via de regra eram os nomes tirados de objectos naturaes, ou da industria selvagem. Este chamava-se *Goaracyaba*, ou raio do sol; aquelle *Orapaeon*, o arco e a corda, e est’outro *Piragiba*, barbatana de peixe; e finalmente *Tabira*, que quer litteralmente dizer—braço de ferro. E o nome de *Camarão*, tam famoso nas guerras com a Hollanda, não ha por certo quem o ignore. A nobreza dos Tupinambás, de resto, parece que se qualificava pela quantidade dos nomes que cada um se julgava com direito de adoptar. A cada sacrificio de prisioneiro em festim solemne, o senhor do escravo tomava novo nome, sem perder todavia a memoria dos antigos. Succedia guardar-se e engordar-se um prisioneiro annos inteiros, para que o filho do senhor crescesse e o podesse immolar, em cuja occasião mudava o nome, largando o que se lhe impozera á nascença.

*Trabalhos e Festas.*

Já tive occasião de observar que nesta sociedade selvagem, a mulher carregava com a mór parte do trabalho. Se o homem consentia acaso em revolver a terra, os mais cuidados da lavra e sementeira sempre vinham a cair sobre a mulher. Pesava sobre ellas o trabalho de fazer as macas, e a louça, em que eram peritas, e o de moquear as carnes, não menos que o de adereçar o guerreiro, trabalho enfadoso, em que despendiam largas horas. Aos homens tocava a fabricação das armas, jangadas e canoas, sendo que a destas, antes da chegada dos Europeus, requeria uma operação difficil, que os selvagens todavia levavam ao cabo, mediante a applicação regradada do fogo, e graças á rigidez dos seus machados de pedra. Tambem corria por sua conta tudo o que respeitava á edificação e fortificação das aldeas, caça e pesca, no que desenvolviam uma habilitade maravilhosa. Estabelecido o commercio com os Portuguezes, iam os Tupinambás, ás vezes a largas distancias, cortar as madeiras de tinturaria, que dos centros carregavam ao hombro até á beira mar. Preenchidos estes penosos trabalhos, deitava-se o guerreiro no fundo de uma rede, e ali jazia inerte horas inteiras, poisque até para tomar qualquer alimento, era mister que ali lh'o trouxesse a esposa.

Antigamente renovavam-se as festas com frequencia, e sempre as havia antes e depois das grandes guerras. Dançavam-se certas danças symbolicas, cujos nomes ainda se conservam, e nas quaes não se admittiam mulheres. O nome geral da dança era *guan*, e o de uma das formas mais usadas, *urucapy*. A dança propria da idade juvenil chamava-se *curupirara*. Outras havia, como a *guaibipaya*, e a *guaibiábucü*; porem a mais solemne e estranha era uma em que os guerreiros, formando uma volta immensa, e sem mudar de lugar, cantavam alternadamente as suas façanhas em tom grave e compassado. Era antes uma cerimonia marcial que uma dança propriamente dita, e só tinha lugar de tres em tres annos. Uma a que assistiu Lery computava-se de quinhentos a seiscentos guerreiros, divididos

em tres turmas. Era um spectaculo extravagante e magestoso ao mesmo tempo. As mulheres ficavam clausuradas em uma cabana vizinha, donde deviam acompanhar o canto.—Imagine-se um vasto circulo movediço, pintados todos os homens que o compõem de negro e encarnado, graves no porte, postos juntos uns dos outros, sem se tocarem todavia, com uma das mãos nas cadeiras, e a outra pendente. Por um movimento de oscillação que se comunica a cada dançador, o corpo se ergue e abaixa alternadamente, agitando-se a perna e o pé direito ao som dos maracás. Nisto, do seio da multidão, levanta-se um choro harmonioso, que celebra a gloria dos antepassados, e convida os bravos a novos feitos de honra. Então tres Caraibas, revestidos dos seus mantos de plumas, depõem o instrumento sagrado, tomam uma especie de cachimbo, e começam a inundar os guerreiros com bafuradas de petume, convidando-os a aspirarem o espirito de força, com que vençam os seus contrarios. O viajante que nos refere todas estas particularidades, exalta a singular harmonia de todas essas vozes, a entoarem antigas canções; e dado que o entusiasmo guinde um pouco as suas expressões, é de crer comtudo que na epocha em que os Tupinambás eram uma nação poderosa, estes canticos primitivos tivessem um certo caracter magestoso que vieram a perder depois. O que não padece duvida é que, à feição dos Chactaws da America do norte, certas nações brazilianas, como fossem os Tamoyos entre os Tupis, gosavam do privilegio de prover as mais tribus de musicos e poetas, afirmando o *Roteiro do Brazil* que este titulo de cantor e de poeta dava direito a quem o trazia de penetrar sem susto no meio dos inimigos. A qualidade de bardo era outra que a do adivinho, mas de ordinario andavam reunidas no mesmo individuo, e os Caraibas eram assim os depositarios das grandes tradições poeticas com que animavam as festas.

Não nos acode á memoria qual foi o velho missionario portuguez que preoccupado de uma recordação mythologica, deu por averiguado que algum deus Bacho andara sem

duvida pelas florestas do Brazil a doutrinar os seivagens. E com effeito, as diversas nações da costa haviam de tal modo propagado o uso das bebidas embriagantes, que não se contavam menos de trinta e duas especies dellas. Não só se fazia vinho de cajú, pacoba, e guabiraba, senão uma especie de cerveja do milho, e sobretudo, da mandioca, a que chamavam *abatloy* e *cáuin*, cujo maior uso tinha lugar em umas festas dispostas de antemão, e que por isso tomavam o nome da bebida predilecta. As aldeas convidavam-se umas às outras para o *cáuin*, como quem se convida entre nós para um banquete.

Se as narrações recentes da maior parte dos viajantes não nos tivessem habituado a não recuar ante certos detalhes que formam os traços salientes da vida selvagem, certo que não proseguiríamos n'esta exposição, sem algum temor de provocar o asco dos nossos leitores; porem o uso do *cáuin* estava de tal modo propagado; e de uma à outra extremidade da America meridional, entre os Guibis da Guiana, e os Guaranis do Paraguay, era elle preparado de um modo tam analogo, que deste facto se pode concluir para uma sorte de identidade nos costumes destas raças, e é de toda a conveniencia reproduzirmos os pormenores estranhos que nos tem transmittido uma multiplicidade de relações.

A fabricação do *cáuin* era da attribuição das mulheres, e ainda entre ellas, das mais nãoças. Alguns dias antes da epocha designada para a solemne reunião, colhiam as mulheres grande copia de raizes de mandioca, que mollificavam um pouco, por meio da cocção; e começavam então de mastiga-las á porfia, postas derredor de grandes jarras, em que as lançavam, á proporção que as iam mastigando. Concluida esta singular preparação, punham aquella massa a ferver, e depois se deixava estar até que fermentasse. Passados alguns dias, tomava o *cáuin* de mandioca uma cor esbranquiçada, e um certo sabor de cerveja fraca. Mas o que se fabricava do *avati* ou milho sempre era mais forte. O que ha de notavel é que os primeiros Europeus que o quizeram fabricar, dispensando a mastigação tupinambá,

confessam a uma voz que nunca poderam conseguir-lo, e força lhes foi contentarem-se com o dos Indios, acrescentando Lery que passada a primeira repugnancia, este mesmo lhe parecia excellente. O *cáuin* havia de beber-se morno; por isso quando os guerreiros se junctavam, e se disputavam as danças, as mulheres cuidavam de entreter um fogo brando á roda das grandes jarras que continham o liquido. Como o licor entrava a aquecer, erguiam as mulheres a tampa do vaso, mechiam a bebida, e enchiam grandes cuias, que levavam até tres garrafas, e as iam assim offerecendo aos guerreiros. Cada um recebia a sua a dançar, e era estilo chupa-la de um só trago. Estas libações duravam até serem esgotadas as jarras, de modo que nem uma gota de liquido restasse; e diz Lery que d'uma vez viu trinta dellas, collocadas symmetricamente em uma só cabana, e contendo cada uma para mais de sessenta pintas, ou trinta canadas. " Eu os vi, continúa elle, não só a beber de continuo tres dias e tres noites inteiras, mas tam borrachos, que já não podiam mais, porem nenhum ousava de largar o jogo, não os tomassem por fracos e mulherengos . . . Mas para ir com a minha historia, digo que em quanto dura a cáuinada, os nossos bons patuseos brazilianos, para esquentarem cada vez mais o miolo, não cessam de cantar, assobiar, dançar e saltar, d'uma banda para outra; e ora acorados como groues, se animam e exhortam para a guerra, a qual fará mais valentias, e tomará mais prisioneiros. E é tam certo que são elles os maiores e mais superlativos mestres na beberroia, que tal ha que só á sua parte chupa mais de vinte potes de cáuin em cada folguedo destes. "

### Guerras.

Não sem causa tentamos descrever estas festas selvagens, antes de passar aos usos da guerra; por quanto as guerras mais sanguinosas vinham de ordinario apoz estas orgias consagradas, onde cada um e todos procuravam excitar-se, recordando os aggraves que tinham contra as

tribus inimigas—Antes de resoluta a marcha, fazia-se conselho na praça d'aldea, onde se ficavam esteios como os que serviam a prender as macas. Ajunctavam-se todos á roda do chefe, e corria o cachimbo de mão em mão, á maneira dos Indios do norte; e aspirando algumas fumaças de tabaco, que depois despedia de um modo extravagante por todas as aberturas do rosto, fallava cada guerreiro pela sua vez. Decidia-se a guerra, escolhia-se o chefe, e este mandava enviados appellidar a nação inteira para um logar determinado; fazia-se abundante provisão de farinha e carimã, e partia porfim a tropa em numero de oito a dez mil homens. Muitos historiadores fallam com admiração destes exercitos que invadiam inopinadamente os campos; e devia de ser em verdade cousa temerosa de ver, essas longas columnas de guerreiros tinctos de negro e vermelho, cores que unidas tem seu tanto ou quanto de lugubre.

Cingida a fronte d'um diadema de plumas, ornadas as faces de papos de tocano, que desciam pelas fontes á maneira de suissas, as cadeiras cobertas de rodellas de pennas de ema, ornamento symbolico que recorda a agilidade do guerreiro, resguardados pelos seus escudos de couro d'anta, e armados emfim de arcos immensos, e de tacapés de pau-ferro, seguiam os guerreiros em longas filas as margens dos rios, ou penetravam o coração das florestas, acompanhados das mulheres, que conduziam as provisões e as redes. Em quanto o exercito pisava território amigo, soavam os tambores, as janubias, e as flautas fabricadas de ossos humanos; porem transposta a fronteira, começavam todos de marchar mais precatados, pois que em geral as guerras eram de surpresas e emboscadas. Mandavam-se espias a diante explorar o inimigo, e depois, por meio de sonhos que os adevinhos decifravam, fallavam os oraculos, e resolvido o ataque, cahiam de improviso sobre a aldea contraria. Porem muitas vezes os estrepes dissimulados naservas estorvavam os assaltantes, e davam tempo aos sitiados para recobrar-se e defender-se, se a aldea era fortificada, atirando aos contrarios pelas seteiras que ha-

via. Algumas vezes punha-se cerco em regra; e arremetendo-se sobre as casas de pindoba, setas involtas em algodão inflammado, bastava que um só destes projectis produzisse effeito, para que a aldeia toda ficasse reduzida a cinzas. Ai da povoação que se deixava assim surprehen-der! Os que procuravam escapar ás chammaes, eram mortos sem piedade, e a massa que os abatia, ali ficava no meio dos cadaveres, como pairão do feito. O furor da carnificina não impedia contudo que se cuidasse em fazer prisioneiros, e não raro se conduziam centenas delles á aldeia dos vencedores. Porém se o cerco durava, e as provisões começavam a escassear, os aggressores improvisavam um campo guarnecido de reductos, em face da aldeia fortificada. A guerra mudava então de character, e os sitiados, trocando o papel, faziam sortidas, e atacavam por seu turno os que tinham vindo a exterminá-los. Se o encontro tinha lugar em campo raso, nada igualava a sua atrocidade, e o leitor o julgará á vista da seguinte pitoresca narração de uma testemunha ocular. “Primeiramente, quando os nossos Tupinambás, á cousa de um quarto de legua, avistaram o inimigo, entraram a dar taes urros, que os que vão destas bandas á caça dos lobos não são nada á vista delles, senão que, o ar se fendia por tal modo com a roncaria e o ruído, que se o trovão troasse, o não ouviríamos. E além disso, como se iam aproximando, redobravam de gritos, tangiam os instrumentos, estendiam os braços, e faziam ameaças, gesticulando, e mostrando uns aos outros os ossos dos prisioneiros que tinham comido, e a feira de dentes que traziam ao pescoço. Mas no encontro, tornou-se a cousa mais feia e medonha, pois mal se aproximaram obra de trezentos passos, entraram a saudar-se ás frechadas, e voavam as frechas em nuvens como mosquitos. Se ellas alcançavam alguns, como succedia, era de ver com que assombrosa coragem as arrancavam do corpo, partiam-n’as em mil pedaços, e mordiam-n’as como cães damnados, voltando para logo á refrega, magoados, e sangrentos. E’ de notar aqui que estes americanos são tam



encarniçados nas suas guerras, que em quanto podem metter com pernas e braços não recuam, nem dão as costas; combatem incessantemente, e isto é nelles a cousa mais natural. Seja porem como for, quando os nossos Tupinambás e Margaiás se travaram e confundiram, foi com as espadas e massas, que começaram a carregar, com golpes tremendos e taes, que o que apanhava a cabeça ao inimigo, não o levava somente ao chão, mas o abalava e abatia de veras como a uma rez no açougue. ”

Francisco da Cunha, (1) contemporaneo do viajante francez, falla-nos dos combates de mar, e da grande pericia dos Tupinambás, como marinheiros. As suas canoas, cavadas em um só tronco inteiriço, eram esquipadas por cerca de trinta remeiros, que remavam em pé, e faziam voar a embarcação, sem mais industria que a dos seus pangaiois. As canoas de guerra tinham na proa o maracá sagrado. A's vezes entravam em combate centenas dellas, e a combinação das manobras era digna de particular attenção.

#### *Sorte dos prisioneiros.—Anthropophagia.*

Publicou-se ha tempos na Allemanha, em um livro alias justamente apreciado, uma especie de apologia dos indigenas do Brazil, em que o auctor procura justifica-los da imputação de anthropophagia. E ainda mais que isto, pondo em duvida todas as relações do XVI seculo, sustenta o sabio naturalista que os antigos viajantes, e com especialidade Americo Vespucio, foram naturalmente levados por uma imaginação perturbada a confundir alguns membros de macacos que os Indios haveriam esfôlado e preparado para comerem, com restos sanguinolentos de carne humana. Posto que Southey, o historiador inglez do Brazil, admittisse tam horriveis circumstancias, custa-nos a crer com o P. Vasconcellos que os indigenas devorassem as victimas ainda palpitantes, e lhes bebessem

---

(1) Alias Gabriel Soares.

o sangue. Mas o facto da anthropophagia em si, isso já não é possível negar; e se as tribus do littoral, e mesmo do interior sustentam hoje com afincos que ellas não conservam esse abominavel costume dos seus maiores, não se segue dahi que estes nunca o tivessem.

Ser invocar agora auctoridades que, sendo mister, provariam que a anthropophagia foi commum a muitos povos da Europa, e sem apoiar-nos em factos recentes que estabelecem de um modo positivo a existencia deste costume horrivel na Nova-Zelandia e em Sumatra, facil é provar que a maior parte das nações americanas matavam e comiam os seus prisioneiros. Os Leni-Lenapes, que foram a nação mais poderosa da America do norte, confessaram ao veneravel Helkewelder que a anthropophagia estivera outr'ora em uso entre elles. Os proprios Mexicanos não se contentavam de immolar victimas sem conto ao deus Vitzilopatchtli, pois que os sacerdotes e nobres de certa ordem devoravam diversas porções consagradas da sua carne, se bem o não fizessem por sustento, mas por vingança. Os Caraïbas da Guiana e das Antilhas matavam todos os seus prisioneiros com o mesmo fim. Já vimos qual era a tal respeito o estranho costume dos Tapuyas; porem talvez nunca a anthropophagia se ostentasse em nação alguma do novo continente, com caracteres tam pronunciados de devaneio brutal e feroz, como entre os Tupinambás.

Mal cahia um prisioneiro em poder de qualquer guerreiro, era logo tido como propriedade sua exclusiva; e o senhor, segundo lhe aprazia, ou lhe dava immediatamente a morte, ou conservava-lhe a vida durante largos annos. Todavia o costume dominante era celebrar o festim ao cabo de alguns mezes, salvo se o senhor queria guarda-lo para o sacrificar mais tarde em honra do filho.

Ao chegar á aldea da tropa vencedora, era o escravo acolhido com ultrajes por uma multidão de velhas e meninos, a quem tinha por obrigação responder: *Eis aqui está a vossa comida que viva caminha para vós.* Em algumas tribus o prisioneiro ficava solto, em outras porem o

amarravam com uma longa corda a que chamavam *musurana*. Era lei e costume antigo concederem-lhe uma das moças mais formosas da tribu, com a qual vivia elle unido até o dia de sua morte. Acontecia ás vezes, diz o *Roteiro*, que afeiçoando-se a moça deveras ao marido, phantasiava traças e meios com que lhe proporcionasse a fuga. Mas estes casos eram raros, e por elles vinha grande affronta àquellas que assim preferiam o proprio amor á honra da tribu. Em todo caso a mulher do prisioneiro devia esmerar-se em tracta-lo bem; e dava-se-lhe boa e abundante comida a tempos e a horas, por maneira que engordasse, de modo a alegrar os olhos dos que assim o ceavam. No dia assignalado para o sacrificio acodiam ao convite todas as aldeas visinhas, junctando-se ás vezes para mais de cinco mil pessoas, e com immensas jarras de câuin preparadas d'antemão, dava-se principio ao abominavel festim.

Em quanto as velhas da aldea ataviavam o prisioneiro para o sacrificio, rapando-lhe a cabeça, untando-lhe de mel o corpo todo, e cobrindo-o de pennas variegadas e brillantes, entoavam os convivas canticos repetidos sobre as antigas guerras da nação, e a ventura sem igual de vingar-se cada um dos seus inimigos; travavam-se danças consagradas à terrivel cerimonia, e passava o dia inteiro em uma completa orgia, em que o mesmo prisioneiro tomava parte, sem deixar rever o menor sossobro n'alma; antes bem pelo contrario, como as danças iam cessando, e se aproximava a hora, cresciam-lhe os brios, e começava elle tambem a contar as grandes proezas que fizera em sua vida, e os festins semelhantes em que se havia achado, onde comera taes e taes parentes daquelle que ora se aprestava a mata-lo. Nisto o levavam a um logar disposto para a execução fora da aldea. Ali dous guerreiros, armados de broqueis, o seguravam a uma certa distancia pelas pontas da musurana, que o cingia pelo meio do corpo. N'algumas aldeas punham-n'o entre duas especies de paredes, erguidas a vinte palmos de distancia

uma da outra, nas quaes havião aberturas por onde passavam as pontas da corda, de modo que elle ficava ali seguro e immovel, sem poder ver os guerreiros que o traziam enleado. Um bando de velhas, verdadeiras fúrias infernaes, diziam-lhe então que se fartasse de ver o sol pela ultima vez, pois que a sua hora era chegada, e isto lhe diziam dançando uma volta funebre, chocalhando-lhe nos ouvidos os seus collares de dentes humanos, e affrontando-o com palavras e gestos, nuas inteiramente, e pintadas de amarello e preto. Por este theor se desdobrava o drama horas inteiras; recordando as velhas ao prisioneiro tudo quanto podesse tornar-lhe mais angustioso aquelle transe, e a ellas lhes dictava um odio furioso que a nossa civilisação nem se quer poderá comprehender; e elle, cada vez mais activo e cheio de entono. “Passarinho paparroz, lhe diziam ellas, cahiste a fim no laço.” E elle tornava que o soltassem à liberdade, e haviam de ver para quanto prestava, e a estas palavras acrescentava um gesto horrivel, mostrando a formidavel dentuça.

Durante toda esta scena se deixava ficar occulto o matador, e bẽm o havia mister para dispôr de seu vagar as galas e vestiduras da festa, que ainda haviam de ser assumpto às canções dos poetas. Alem de que, o uso exigia da sua parte um certo recolhimento religioso, parecendo que em tudo isto havia um symbolo estranho, que hoje ninguem saberã decifrar. Como querque fosse, o sacrificador, para poder apparecer como quem era, punha o maior esmero em ataviar-se, e a esse intento esgotava todos os recursos do luxo selvagem. Trazia todo o corpo pintado de genipapo azul ferrete, a cabeça ornada de um diadema de pennas amarellas cor de ouro, e as coxas e os braços enfeitados de braceletes tambem de pennas da mesma cõr. Pendiam-lhe sobre o peito longos collares de dentes humanos e de onça, e o corpo meneava-se de geito que as pennas de avestruz que cobriam as ancas se agitassem airoosamente. Alem disto, para completar este traje de cerimonia, lançava o matador sôs hombros al-

gumas vezes um manto de pennas encarnadas; e outras, a-  
pertava na cintura uma especie de saiote, que se alargava  
para baixo, á feição de um guarda-sol, como no-lo diz  
o P. Simão de Vasconcellos. A iverapeme, ou massa  
do sacrificio era fabricada com tal artificio e primor, que  
bem denotava a importancia da cerimonia em que tinha de  
servir, e o muito que os selvagens se esmeravam nas cou-  
sas que tocavam à sua vingança e nomeada. Era feita de  
pau-ferro, toda incrustada de contas, com seus mosaicos  
de cascas d'ovo de cores variegadas, e o punho, a que cha-  
mam *embagadura*, ornado de fiadores de pennas mui vis-  
tosas.

Como o sacrificador dava parte de prompto, vinham os  
parentes a busca-lo, com grandes apparatus, e tangendo os  
seus instrumentos. Dali guiavam para a praça onde os a-  
guardava a victima, e onde se passava uma scena estranha  
antes do fatal desfecho. Punham rimas de pedras e tições  
junto ao prisioneiro, e algumas vezes até lhe davam um ta-  
cape para se defender; com o que lograva elle dilatar a  
vida por alguns instantes, arrojando os projectis à mul-  
tidão, e pelejando com o sacrificador. Este nem sempre  
levava a melhor, e conta Lery que d'uma vez viu uma  
pedra arrojada com tal vigor que uma das velhas har-  
pias em quem acotou, teve quasi a perna quebrada. Em  
quanto assim se esforça por defender-se, continúa o pri-  
sioneiro as suas arengas funebres, nas quaes chama e in-  
voca os seus, e os excita a uma guerra de exterminação,  
até que no momento em que vae direito sobre o contrario  
com a massa feita, retido subitamente pela musurana que  
se enteza, vem ao chão com a cabeça partida d'um só golpe  
da iverapeme.

Acabada esta facção, recolhia-se o heroe à sua cabana,  
e depostas as decorações e ornatos, estirava-se n'uma re-  
de, e nem só não folgava na festa que se seguia, senão  
que ali devia ficar muitos dias a jejuar em grande reco-  
lhimento, até que apparecia a declarar em publico o nome  
que havia de novo tomado. O numero dos sacrificios que

prefazia cada guerreiro, era assignalado por incisões profundas abertas nas coxas e sobre os peitos, sendo assaz estranho que tambem suas irmãs e proximas parentas podessem trazer, á conta dos seus feitos, aquelles distinctivos de cavallaria e nobreza militar, bem que para os entalhar lhes fosse mister soffrer grandes dores, senão é que até punham a vida em perigo.

Como o matador se retirava por um lado, acodiam pelo outro seis velhas que tinham isto por officio, dançando ao som das cabaças em que deviam guardar o sangue das victimas, e travavam do corpo para beneficia-lo. Permitta-nos o leitor omittir aqui os horriveis aprestos do festim; que assaz será dizer-lhe que os membros cortados eram postos sobre umas grellhas de pau, a que os Tupinambás chamam *boucan* (*moquem*), com reserva somente dos miollos, e da cabeça que, entregue naquelle momento ás crianças para juguete, depois servia como trophéo nas principaes entradas da aldeia. Era quasi sempre tamanha a turba que acodia ao festim, que as mais das vezes não cabia a cada um quinhão maior que a cabeça de um dedo. Mas eram taes e tam espantosas as ideas de honra e vingança que os selvagens ligavam a semelhantes execuções, que isto mesmo lhes bastava, e aquelle naco guardava-se semanas inteiras para adubar a panella da familia.

Consumando estes abominaveis sacrificios, os Tupinambás ebedeciam menos a um gosto depravado, pelo qual preferissem a carne humana a qualquer outra, do que a um certo espirito de vingança, transmittido de uma a outra geração, e cuja incrível violencia não pode ser comprehendida no nosso estado de civilisação. Muitos talvez entendam o contrario; mas o certo é, que bem ao revez dos habitantes da Nova-Zelandia, que são os mais terriveis anthropophagos do tempo presente, alguns Tupinambás confessavam aos nossos antigos viajantes que o estomago não lhes soffria aquelle alimento, e muitas vezes o arrevesgava, sendo que se folgavam tanto com as festas de sangue,

faziam-n'o só por um sentimento de vingança tam entranhavel, que só com o ultimo sopro de vida se extinguia. Esta paixão infrene da vingança abafava até o sentimento do amor maternal, que de todos elles é porventura o mais poderoso. Se a companheira do captivo chegava a conceber, o ente desditoso que ella dava á luz, tomava o nome de *filho do inimigo*. (Cunhãbira.) Como chegava a dous ou tres annos de idade, a viuva mãe o entregava a seus irmãos ou primos, que o matavam com as ceremonias do estilo, e não deixavam de presentear a mãe com seu quinhão de carniça. Não ha escriptor antigo que não atteste este costume espantoso, acrescentando que as mães que se não conformavam com elle, cahiam em grande deshonra e abjecção. Não obstante, vencia ás vezes a ternura maternal, e mulheres havia que se expunham a tudo para salvarem o fructo das suas entranhas; mas estas, pelo que se conta, eram rarissimas.

Acontecia tambem, como já o dissemos, que ás vezes a rapariga ficava perdida de amores pelo captivo que lhe davam por esposo, e nesse caso o subtrahia á morte, fugindo com elle pelos matos. Mas em regra, o sentimento da vingança superava todos os mais, e segundo o dizer chão e simples de um antigo viajante—“bem não era morto o prisioneiro, acodia a mulher arrePELLando-se e gritando como uma carpideira, e posta ali junto ao corpo, o borri-fava com suas lagrimas amorosas, não sendo isso parte contudo para que não fosse ~~uma~~ das primeiras a trincar naquella carne.”

A vista destes espantosos costumes, será difficil ao leitor conceber na existencia social dos Tupinambás umas tantas virtudes, que aliás não florecem no mesmo grau entre povos muito mais adiantados em civilisação. O egoismo, por exemplo, chaga asquerosa da moderna sociedade, não havia entre os selvagens, nome que o designasse, e mais as suas odiosas combinações. No meio das frequentes misérias da vida selvagem, nunca o fraco era desamparado, e o forte era sempre o primeiro que se resignava.

Jamais houve chefe que, illudindo a propria consciencia, se apoderasse dos bens da terra, que eram propriedade commum da tribu inteira. Durante as fozas, participava o escravo do pouco que havia de parceria com o senhor. Sabida e preconizada de todos foi sempre a boa fé dos Tupinambás nas suas transacções, quer particulares, quer geraes, com as diversas nações com quem tractaram, e especialmente com a franceza. Mal conheciam o furto e o roubo, e não obstante a admiração que lhes causavam os artefactos europeus, que se lhes trazia para commercio, nunca tentaram apoderar-se delles pela astucia ou pela força, como estão sempre a fazer os habitantes do mar do sul. Talvez não haja exemplo de tractado que fizessem com os Europeus, e a que faltassem; e se na historia das suas guerras bem averiguarmos os factos, ha de ver-se que a causa real dos rompimentos foi sempre alguma infracção secreta aos seus principios de honra e religião. Esta fé observada nos tractados, guardavam-na tambem nas mais relações da vida, e os antigos escriptores attestam unanimes a grande união e boa cortezia que reinava entre elles, posto que algumas vezes mais de vinte familias se agasalhassem debaixo do mesmo tecto.

### *Funeraes.*

Neste rapido exame dos costumes de um grande povo, que desapareceu do sólo que dominava, só nos resta tractar da solemnidade dos funeraes. Terminemos com esta cerimonia a nossa narração, pois com ella tambem se põe termo a todas as cousas da vida. Os Tupinambás, semelhantes nisto a tantos outros barbaros, só cuidavam nos seus doentes em quanto estes davam esperanças de vida, sem que todavia lhes apressassem a morte, como soiam fazer os Tapuyas. Ao expirar qualquer delles, punham-lhe na cabeça o seu diadema de pennas d'arara, untavam-n'o de mel, penteavam-n'o, e aparelhavam-n'o em summa com todos os seus ornatos e galas festivaes, e assim o expunham



na maca que depois lhe servia de mortalha. Começava então um grande concerto de gritos e prantos entre os filhos e as mulheres que cercavam o defuncto. Qual lhe perguntava porque tam cedo deixara a terra; qual lhe deplorava a morte; qual lhe gabava a vida. “Nunca houvera, diziam, guerreiro tam brioso, pae tam benevolo, e esposo tam amoravel. Que caçador famoso, e que frecheiro tam possante!” E’ de notar que se ha algum ponto em que todos os povos barbaros sejam conformes, é certamente na adopção desta fórmula, pois a encontramos em uma multidão delles, completamente estranhos uns aos outros, e até de raças diversas, sem mais variedade, que a que necessariamente lhe imprime a natureza do sólo e do clima. Entre os Tupinambás estes prantos e lastimas arrematavam com um cantico religioso, em que se annunciava aos vivos uma maneira de paraiso ou terra de promessa, que demorava para lá das montanhas, lugar de inefaveis deleites, para onde havia partido o defuncto, e onde todos se haviam enfim de avistar com elle. Ensinavam-n’o assim os caraibas como ponto de fé, de modo que aberta a cova pelo parente mais proximo, dispunha-se tambem a matalotagem necessaria para a viagem do guerreiro. Ordinariamente abria-se a cova no mesmo lugar em que elle expirava, e nesse caso enterrava-se o defuncto mesmo no meio da sua família; outras vezes porem nas margens do Oceano, ou no coração da espessura, havendo sempre em tudo o maior cuidado e esmero. Dobrava-se então o corpo em dous, attitude estranha, que todavia se encontra na maior parte dos monumentos americanos, e involto na sua rede, o suspendiam no centro da cova por meio de estacas fincadas verticalmente, dispostas as cousas de modo que a terra não cahisse dentro desta especie de catacumba. E junto da rede mortuaria, collocavam as flechas, o arco, o tacape, e ainda o maracá do guerreiro, e este ultimo talvez n’uma intenção religiosa. Mantinha-se fogo acceso junto do funebre jazigo, para afugentar Anhangá, o genio do mal, daquelles dilectos manes. Durante muitos

dias seguidos, traziam-lhe peças de veação, fructas, e agua, que lhe punham em cuias e vasos de barro, como offerenda agradavel, e mettiam-lhe na mão seu cachimbo de folhas de palmeira bem servido de tabaco, renovando-se as provisões até que rascadamente se pudesse supôr que a alma, tomando o vôo, havia enfim chegado às regiões bem-aventuradas. Era então que dispunham uma especie de forro ou girau por cima da cova, o qual cobriam com ramas e terra, e deste geito ficava sepultado para todo sempre o guerreiro tupinambá, a quem a mulher tinha de obrigação vir ali prantear por muitos dias ainda.

Se a mulher é que fallecia, era de uso abrir-lhe a cova o proprio marido, e enterra-la. A donzella era enterrada pelo irmão, ou por algum parente dos mais moços. Os meninos, filhos dos chefes, mettiam-se dentro de uma jarra, que se enterrava na cabana de seus paes.

---

Que diremos agora das tribus indianas que circulavam esta grande nação? se consultamos as narrações contemporaneas, é facil de ver que ellas partilhavam mais ou menos os seus costumes, ideas religiosas, e superstições, sendo todavia inquestionavel que o foco da civilização nascente permanecia no povo que era como cabeça das mais nações. As differenças que se notavam entre uns e outros, derivavam principalments das localidades, da maior ou menor abundancia de certas produções, da maior ou menor distancia enfim entre certas raças, taes, por exemplo, como as do Sul, e as do Oeste. Mas estas variedades não eram tão pronunciadas, que nos obriguem a estabelecer aqui subdivisões mais extensas que as que já indicamos em outra parte. As analogias entre ellas eram tão fortes, que os antigos viajantes designavam ordinariamente muitas tribus por um só nome. Os Tupiniquins, os Tupiaes, (Tupinaes) os Tamoyos, e os Cahetés, se aproximavam muito dos Tupinambás, bem que com elles trouxessem frequentes guerras; os Carijós, mais vi-

sinhos das tribus agricolas dos Guaranis, tambem conservavam analogias de habitos e linguagem com a grande nação, dado que os seus costumes fossem mais brandos, e por isso se alliassem mais facilmente com os Europeus; os Petigoares, classificados entre os Tupis, se distinguiam pela sua inalteravel affeição para com os Francezes. Já os Goyanazes começavam a confundir-se com outras tribus, e os Papanazes se dispunham para aquella guerra terrivel que tiveram com os Tapiniquins e Goaytakazes, e que veio a terminar com a sua inteira dispersão. Que diremos tambem dos Tapuyas, repellidos para o interior, mas bem resolutos a nunca abandonarem as vastas campinas de Pernambuco, Ceará, e Piahy? Já nos primitivos tempos da conquista, começavam elles a vaguear por aquellas immensas solidões, obedecendo ás lugubres prophcias dos seus adevinhos, prefazendo quasi máu grado seu os ritos barbaros da sua religião, e dissipando no meio desta existencia agitada a tenue luz que parecia guia-los no principio da sua organização social, até de todo cahirem outra vez em uma barbaria tam profunda, que quando appareceram alguns annos mais tarde com o nome de Aymorés, os mesmos Tupis, já tambem em começo de dissolução, os consideravam selvagens.

Confessamo-lo agora de boamente, posto que o assumpto não deixe de ser interessante,—receamos fatigar o leitor, seguindo os diversos movimentos que o estabelecimento dos Europeus imprimia em todas as nações indianas. Veriamos aqui as differentes tribus que compunham uma nação, agglomerar-se, para se extinguirem de todo, como os Carijós e os Patós, e ali, depois de deliberarem, no grande conselho, e com toda a gravidade indiana, os diversos interesses da nação, guiarem atravez das florestas até o deserto da Amazonia, onde alfin cuidaram achar um asylo seguro e impenetravel às invasões dos Europeus.

Porem reseamos que a repetição de nomes desconhecidos e estranhos de povos e logares, a que nos veriamos

obrigados, narrando essas formidaveis emigrações, esses factos cheios de aridez, e esses detalhes infinitos, cujo ordinario paradeiro é a aniquilação desta ou daquella tribu, não viesse por fim a cançar e enfastiar o leitor.

Todavia, antes de deixarmos as nações, cuja organização social e religiosa procuramos esboçar, repitamos estas nobres palavras de M. de Chateaubriand, que tanto se applicam aos Tupinambás como aos Natchez, e que com tanta eloquencia como justiça dão a cada um, vencedor ou vencido, aquillo que lhe pertence:— “O Indio já não era de todo selvagem, e a civilização européa actuou sobre uma civilização americana, que ia despondendo. Se a civilização européa nada absolutamente tivesse achado, crearia sem duvida alguma cousa: mas encontrou certos costumes, e os destruiu, porque sendo a mais forte, entendeu que se não devia deixar contaminar por elles.”



## Nota C. Pag. 160.

---

—São muito para ver-se as graves dissertações e disputas que escreveram, e travaram o P. Símão de Vasconcellos, e tantos outros antigos escriptores acerca da origem dos selvagens da America, sustentando ou negando á porfia que eram oriundos dos Judeos, Phenicios, Carthaginezes &c. Com muito mais fundamento tem sido elles comparados aos antigos Germanos, e por uma razão bem obvia, pois deve de haver muitos pontos de semelhança e contacto entre tribus igualmente barbaras, posto que tam distantes e apartadas em relação ao tempo e logar da sua existencia.

Lendo Tacito, logo no começo do seu livro sobre os—Costumes dos Germanos—depara-se com uma notavel semelhança que ha entre aquelles barbaros e os nossos selvagens americanos, e vem a ser—que uns e outros constituíam raças isoladas, distinctas, só a si mesmas semelhantes, e de nenhum modo affectadas pela mesela de outras gerações, resultando dahi que posto fossem as tribus numerosas, tinham comtudo os individuos a mesma conformação e feições, como, por exemplo, os olhos azues e torvos, (falla-se dos Germanos,) a coma loira e rutilante, os corpos validos e robustos, proprios para resistir ao primeiro impêto, debeis porém e incapazes para a fadiga e longo trabalho.

Eis-aqui agora outros traços e feições em que os barbaros antigos se mostram tam parecidos com os modernos. Os Germanos eram sobremodo supersticiosos, tinham grande fé nos agouros e adivinhações, e procediam nesta materia já lançando sortes, já consultando o vôo e o canto dos passaros, e até o rincho dos cavallo sagrados.

Eram bellicosos em extremo. Se uma tribu vegetava muito tempo no seio da paz e do ocio, a mocidade nobre

ia servir em outra que andasse em guerra, porque, por uma parte não lhes soffria o animo estarem quietos, e por outra nos azares dos combates achavam occasião de illustrar-se, como nas suas rapinas, abundantes meios de subsistencia. A guerra e a pilhagem eram toda a sua riqueza. Não havia ahi persuadi-los a lavrar a terra, e colher os fructos, preferiam buscar os inimigos, e expôr-se à morte, tendo por vileza e ignominia alcançar com o suor do rosto, o que podiam tomar a preço do sangue.

Quando não havia guerra, entretinham-se algum tempo na caça, porem o mais d'elle viviam ociosos, sem mais occupação que comer e dormir, cahindo todo o trabalho domestico e do campo sobre as mulheres, os velhos, e os invalidos. Estranha contradicção, exclama Tacito, em um povo, que assim se mostrava tam inimigo do trabalho, como da quietação e do repouso!

Os Germanos não tinham cidades, e nem sequer toleravam que as casas fossem contiguas, levantavam-n'as isoladas e dispersas, determinada a escolha do local, por uma fonte, por um campo, ou por um bosque. Estas casas eram simples abrigos mal construidos, e informes. Cavavam tambem subterraneos, já para guardarem os grãos, ou para precaverem-se dos rigores do inverno, e ainda de inimigos.

Por unica vestidura, traziam uma saia, presa por um espinho. De ordinario andavam nús, e passavam a maior parte do dia a aquestrar-se junto ao fogo. Vestiam-se tambem alguns de pelles de animaes, de que usavam com mais ou menos desalinho ou esmero.

Levavam os dias e as noites a beber, do que não lhes vinha desar algum. No meio da embriaguez rebe-tavam rixas, em que das injurias passavam aos golpes, ás feridas, e ás mortes. De ordinario era nestes festins que tractavam dos negocios mais graves, da eleição dos seus chefes, por exemplo, da paz, e da guerra.

A sua bebida é um licor feito de cevada ou trigo fermentado, tal qual imitação de vinho máo e depravado. Os

seus alimentos eram simples, e não passavam de fructas silvestres, veação fresca, e leite coalhado; e sem requintes nem regalos aplacavam a fome. Mas quanto á sede estavam bem longe de usar a mesma temperança, porque se lhes facilitassem a satisfação do vicio dominante da embriaguez, pereceriam por elle não menos facilmente que pelas armas.

Os Arios, dotados de grandes forças, tinham um aspecto naturalmente medonho, porem mui de industria se esmeravam elles em torna-lo ainda mais terrivel. Tingiam de negro os broqueis e os corpos, e escolhiam de proposito as noites mais tenebrosas para os seus assaltos. O aspecto sombrio, horrivel, e quasi infernal deste lugubre exercito bastava para sossobrar o coração dos inimigos.

Na ultima escala da barbarie, encontravam-se os Fenezes, que eram como os Aymorês da Germania. Viviam n'um estado de miseria torpissimo. Não tinham armas, nem cavallos, nem habitações. Pasciam a herva do campo, cobriam-se de pelles, e dormiam no chão nũ. Todo o seu refugio e esperança estava nas pontas das suas setas que, á mingoa de ferro, faziam de ossos aguçados. Era a caça a sua ordinaria subsistencia, e nella tomavam parte homens e mulheres. Para abrigar-se do máu tempo ou das feras, não tinham outra guarida, senão alguns ramos entrelaçados, sob cuja folhagem se agasalhavam. E conceituavam-se assim mais venturosos, do que se dependessem a vida na cultura dos campos, e na construcção de casas, sempre sollicitos e afflictos entre a esperança e o temor, acerca do seu e do alheio. Igualmente seguros dos homens e dos deuses, attingiam aquella difficil situação—em que o homem nem sequer tem necessidade de desejar.

Se nestes pontos porem se aproximavam os Germanos dos nossos selvagens, em outros se apartavam sobremodo. Eram severos de costumes, e nisso benemeritos de grande louvor—e perventura os unicos barbaros que

se contêntassem de una só mulher. Havia algumas excepções, raras porein, e devidas menos á incontinencia, que a uma certa ostentação e apparatus de nobreza.

As mulheres eram virtuosas. Em uma nação tam numerosa, de maravilha se commettia um adulterio: a punição era de resto prompta, e o proprio marido se encarregava de infligi-la. E uma vez deshonradas, não havia para as mulheres mais regresso, ou maneira de achar marido, sendo para isso vãs a formosura, a mocidade, e a riqueza—pois entre aquelle povo não se zombava do vicio. Tomavam um só marido, como quem tinha um só corpo, e uma só vida, e naquelle unico homem cifravam e resumiam todos os seus pensamentos e desejos. Não procuravam tornar-se estereis, nem se descartavam dos filhos pela morte, porque elles lhes sobreviessem de mais. Esse procedimento tinham-n'o por odioso, e neste ponto mais podiam com ellas os bons costumes, que em outras partes as boas leis. Eram todas obrigadas a esposar os odios e as affeições do pae, e ainda dos proximos parentes; mas os odios não eram implacaveis e duradouros, pelo contrario até o homicidio se remia, contentando-se as familias offendidas com uma certa reparação em gados, o que era de grande utilidade em um paiz tam livre, e onde as inimizades podiam facilmente degenerar em facções. Nunca houve nação mais franca e hospitaleira; tinham por grande crime não acolher affectuosamente a quem quer que pedia agasalho.

Já vimos que os nossos selvagens, posto que bravos uns com os outros, e sobretudo, em face da morte solemne e apparatusa dos sacrificios, mal poderam todavia resistir aos Europeus, que logo nos primeiros tempos, e com poucas forças, conseguiram sem custo sacudi-los do littoral para o mais intimo das brenhas e sertões. E' certo que ainda hoje, mais de tres seculos depois do descobrimento, commettem elles de vez em quando suas hostilidades contra nós; mas essa guerra toda de correrias e depredações, exercida apenas contra estabelecimentos isolados e inde-



fesos, que acommettem por surpresa, fugindo depois com a mesma rapidez com que vieram: é uma guerra obscura e sem gloria, mais entretida pelo desprezo dos que a soffrem que pelo valor dos que a fazem, e na qual tudo se poderá enxergar, menos a *grandeza e magnanimidade* que nas antigas admira o Sr. Gonçalves Dias.

Que contraste, se os comparamos nesta parte aos Germanos! "Contava Roma, diz Tacito, seiscentos e quarenta annos de existencia, quando pela primeira vez rescou na Italia o ruido das armas dos Cimbroz. Do qual tempo, se contarmos até o segundo consulado de Trajano, decorrem não menos de duzentos e dez annos. Mais de dous seculos para vencer a Germania! E durante um tam longo periodo, que alternativas de successos e revezes! Nunca recebemos tam duras lições nem da parte dos Samnitas, Carthaginezes, Gallos, e Hespanhóes, nem mesmo dos Parthos, tendo sido para nós incomparavelmente mais pesada e asperrima a liberdade dos Germanos que o poderio absoluto de Arsace. Porque enfim, com que nos dá de rosto o Oriente, a não ser com a morte de Crasso, quando elle mesmo perdeu um de seus monarchas, e foi humilhado por Ventidio? Ao passo que a Germania, alem de Carvão, Scauro, Servilio Cæpião, e Manlio, mortos ou rendidos, devorou cinco exercitos consulares ao povo romano, e Varo com tres legiões a Augusto; não sendo por outra parte muito a salvo que conseguiram derrotar os seus bellicosos filhos, Mario na Italia, Juho Cesar nas Gallias, Druso, Nero, e Germanico nos seus proprios lares. Mais tarde, os formidaveis aprestos de Caio Cesar, dispararam em uma ridicula fanfarronada. Dahi por diante obtivemos algum soccego, até que convidados os Barbaros pelas nossas discordias e guerras civis, e expugnados os quartéis das legiões vieram acommetter as mesmas Gallias, donde foram expulsos, sendo que nestes ultimos tempos, foi mais facil alardea-los triumphados, que vence-los de veras."

---

Instituído este breve paralelo entre os selvagens antigos e modernos, façamos uma aproximação mais ligeira ainda, entre dous dos escriptores que narraram as suas guerras e costumes, Berredo e Tacito.

Tractando o primeiro das guerras inveteradas e destruidoras, que uns com os outros traziam os Indios, diz—que esses odios funestos assentavam as mais das vezes em causas tam leves, que se deviam tractar como ridiculas, a não se attribuirem antes a um favor especial da Providencia, porque, unidas as tribus nestas regiões, seria certa a ruína da christandade.

Tacito pela sua parte escreveu o seguinte: “Aqui se achavam outr’ora os Bruterios; mas hoje conta-se que os Chamavos e os Angrivarios, unidos com as demais nações, os expelliram e acabaram de todo, ou movidos do odio da sua soberba, ou do amor da pilhagem, ou finalmente, de algum influxo e favor dos deuses, benignos para conosco, os quaes nem ao menos nos invejaram o spectaculo do combate, em que, sem intervir com as nossas armas, podemos contemplar sessenta mil homens que se degolavam á nossa vista, e como para recrear-nos. Possa eternamente durar, em falta de afeição para conosco, este odio que as nações se consagram umas ás outras!”

Porque estranha coincidencia, os preceitos da charidade christã, e a moral da philosophia antiga, levaram o chronista catholico, e o grande historiador pagão, a formar os mesmos votos impios e sanguinarios contra os seus inimigos, buscando ambos palliar as proprias paixões e interesses com os suppostos, mentidos designios da divindade? O’ misera especie humana!

## **Nota D. Pag. 176.**

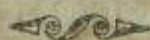
---

Foi nossa primeira intenção dar em uma nota a substancia das diversas leis promulgadas acerca de Indios ; mas depois resolvemos apresentar esse trabalho em livro distincto.

THE [illegible]

[illegible text]

## LIVRO VI.



### INDIOS.



*Bullas dos papas, e legislação portugueza sobre a liberdade, e escravidão dos Indios. Substancia das leis, e abreviada noticia de sua promulgação e execução.*

**A**cabamos de ver os Indios no estado selvagem, e nas suas primeiras ingenuas entrevistas com os Europeus; resta-nos consideral-os tambem sob o dominio portuguez.

A raça europea actnou sobre a indigena por muitos e variados modos—pelas leis de escravidão e liberdade—e na execução dellas—por meio dos chamados resgates e descimentos—pela administração das aldeas e do trabalho—pela catechese religiosa enfim—não menos que pelas guerras incessantes e prolongadas que se travaram desde os primeiros tempos da descoberta.

Havemos de examinar, cada um por sua vez, esses diversos meios e instrumentos de civilisação e de oppressão; e começaremos pelas leis, dando-as em substancia, e acompanhando este trabalho d'uma abreviada noticia sobre a origem, occasião, e execução dellas, com que melhor sirvamos á intelligencia de suas variadas, e tantas vezes, contradictorias disposições.

As datas que se seguem indicam outras tantas providencias legislativas sobre os Indios, promulgadas durante quasi tres seculos; desde D. Sebastião até os nossos dias, sob a denominação de leis, cartas regias, provisões, alvarás, edictos, decretos, regimentos, e directorios, a saber: 20 de março de 1570, 22 de agosto de 1587, 11 de novembro de 1595, 26 de julho de 1596, 5 de julho de 1605, 7 de março e 30 de julho de 1609, 10 de setembro

de 1611, 15 de Março de 1624, 8 de junho de 1625, 10 e 12 de novembro de 1647, 5 e 29 de setembro de 1648, 12 de setembro e 21 de outubro de 1652, 17 de outubro de 1653, 9 e 14 de abril de 1655, 12 de julho de 1656, 12 de setembro e 18 de outubro de 1663, 29 de abril de 1667, 21 de novembro de 1673, 23 de janeiro de 1677, 31 de março e 1.º de abril de 1680, 2 de setembro de 1684, 21 de dezembro de 1686; (são duas as disposições desta data, uma carta regia, e o famoso regimento das missões) 24 ou 28 de abril de 1688; 6 e 17 de janeiro de 1691; 19 de fevereiro e 15 de março de 1696; 15 de janeiro de 1698; 11 de janeiro, 1 e 3 de fevereiro de 1701; 21 e 22 de abril de 1702; 3 de fevereiro de 1703; 6 de dezembro de 1705; 5 de julho de 1715; 9 de março de 1718; 12 de outubro de 1719; 12 de outubro de 1727; 13 de agosto de 1745; 13 de outubro de 1751; 4 de abril, 6 e 7 de junho de 1755; 3 de maio de 1757; 8 de maio, e 17 de agosto de 1758; 11 de maio de 1774; 12 de maio de 1797; 18 de agosto de 1803; 13 de maio, e 2 de dezembro de 1808, e 28 de julho de 1809.

A esta immensa e complicada legislação portugueza accrescem ainda as bullas dos papas Paulo III, Urbano VIII, e Benedicto XIV sobre o mesmo assumpto da conversão e liberdade dos Indios. E já depois da independencia e do imperio, entre outras providencias menos importantes acerca delles, e sem fallar na legislação provincial, promulgou-se o conhecido regulamento de 24 de julho de 1845.

Das leis citadas, umas encontramos em sua integra, outras substanciadas, quer nas diversas colleções que possuímos dellas, quer em algum dos auctores que tem escripto sobre as cousas do Brazil; uma grande parte porém vem apenas citada com uma ligeira indicação da sua materia, ou nos mesmos auctores, ou nos indices e repertorios dos desembargadores Fernandes Thomaz, João Pedro Ribeiro, e Borges Carneiro.

Cabe aqui notar que as datas indicadas variam algumas vezes nos diversos indices e auctores, onde as en-

contramos. Sirva esta advertencia de anticipada solução às duvidas que essas variantes possam suscitar.

A escravidão dos Indios é contemporanea do descobrimento da America. Sendo o abuso da força, e a oppressão do fraco pelo forte, uma das faces porque mais commumente se revela o mal inherente à esta pobre natureza humana; maravilha fôra que este grande acontecimento da descoberta de um novo mundo se prefizesse pacifica e naturalmente, sem detrimento dos seus incultos habitadores, e sem desdouro dos navegantes europeus. Infelizmente para o grande nome de Colombo, foi elle o primeiro que se lembrou de prear Indios, tomados em justa guerra, dizia, e de os mandar vender á Europa a troco de mercadorias, para acodir aos gastos das armadas que levava áquellas paragens.

Um exemplo tam auctorizado, e a grande facilidade de imita-lo, prefizeram o resto, não só foram os Indios reduzidos geralmente á escravidão, senão extenuados de trabalhos excessivos, maltractados em toda maneira, martyrisados, assassinados, e quasi totalmente extinctos, por maneira que segundo o attesta o famoso Las-Casas, Bispo de Chiapa, de um milhão e meio que habitavam a Hispaniola, á chegada dos Europeus, á final já era difficil encontrar um ou outro, reliquias da monstruosa destruição.

Para desculpar estas horriveis atrocidades, que não é, de resto, intenção nossa referir aqui largamente, inventavam-se diversos pretextos, que mais tarde veremos figurar no corpo da legislação; mas é sobre todos notavel, o de não pertencerem os Indios á especie humana, pelo que era licito tracta-los como a brutas, e persegui-los não só com as armas que os homens empregam ordinariamente nas suas guerras, senão aqular contra elles libeus ferocissimos e esfaimados, que os dilaceravam sem piedade, e lhes devoravam depois as carnes palpitantes.

Esses horrores, por ventura exagerados, que deshon-

raram logo nos seus começos a occupação hespanhola, commoveram de tal modo os animos na Europa, que já em 1537 Paulo III provia sobre elles pela bulla— *Universibus Christi fidelibus*, datada em 9 de junho do mesmo anno (1).

Eis-aqui em substancia o contendo da bulla.—Chegando à noticia do santo padre que nas Indias então recentemente descobertas, tanto ao occidente como ao meio dia, eram os respectivos indigenas tractados como brutos, e havidos por inhabeis para a fé catholica; e sob capa de que eram incapazes de recebe-la, os reduziam e punham em dura servidão, affligindo-os e opprimindo-os em tanto extremo, que ainda aquella em que traziam as suas bestas, não lhe era comparavel; obra tudo do commum inimigo do genero humano, que suggeria estas doutrinas e procedimentos a ministros seus, por onde se impedisse a propagação da fé por todas as gentes sem excepção, porque todas são igualmente capazes para a receberem. Em vista do que, esse santo padre, que fazia as vezes de Deus na terra, e tinha por officio e estreita obrigação reduzir ao seu rebanho as ovelhas que andassem perdidas e desgarradas fora d'elle, determinava e declarava por autoridade apostolica que os Indios eram verdadeiros homens como os mais, e não só capazes da fé de Christo, senão propensos a ella, segundo chegara a seu conhecimento; e sendo assim, tinham todo o direito á sua liberdade, da qual não podiam nem deviam ser privados, e tam pouco do dominio dos seus bens, sendo-lhes livre logra-los e folgar com elles, como melhor lhes parecesse, dado mesmo que ainda não estivessem convertidos. Pelo que os ditos Indios, e mais gentes só se haviam de attrahir e convidar á fé de Christo com a prégação da pala-

---

(1) Esta data lhe dá o P. Simão de Vasconcellos, que a transcreve integralmente na sua—*Chronica da Companhia de Jesus*—porém Benedicto XIV, citando-a na bulla—*Immensa pastorum principis*—dá-lhe a de 28 de maio do mesmo anno.



gra divina, e com o exemplo da boa vida, sendo irrito, vão, nullo, sem valor nem firmeza, todo o obrado em contrario da presente determinação e declaração apostolica.

Estes principios tam generosos, como verdadeiros, apregoados do alto do sólio pontificio, não produziram todavia os effeitos desejados; a crueldade e a cobiça dos primeiros conquistadores continuou por diante nos seus deploraveis excessos; e dado que no Brazil nunca os crimes contra os Indios fossem praticados no mesmo grão de extensão e intensidade que em outras regiões, já em 20 de março de 1570 el-rei D. Sebastião, informado dos abusos que nessa materia se haviam introduzido, promulgava tambem uma lei, prohibindo os captivos que chamou illicitos, ou decretando a liberdade dos Indios, com as seguintes excepções, porém, para que podessem ser captivados :

1.º Os que fossem tomados em justa guerra, feita com licença d'el-rei, ou do governador do Brazil.

2.º Os que salteassem os Portuguezes ou outros gentios para os comerem.

Era mister todavia que ainda nestes casos se fizesse registo dos captivos nos livros das provedorias das partes do Brazil, dentro de dous mezes seguintes ao captivo, sob pena de se haver este por nullo, e de ficarem livres os gentios, como todos os mais não exceptuados. (Esta lei vem apenas substanciada na de 30 de julho de 1609.)

Mais favoravel ainda a liberdade, Philippe II de Castella, e I de Portugal, por uma lei de 11 de Novembro de 1595, revogou a antecedente, mandando que em nenhuma caso fossem os Indios captivos, salvo somente os que se tomassem em guerra, e ainda expressamente fa-

zer por provisões particulares assignadas por ei-rei; porquanto tinham vindo a seu conhecimento os meios palliados que os moradores do Brazil usavam para os captivarem sob pretexto de justa guerra.

---

Em provisão de 26 de julho de 1696, expedida pelo mesmo rei, se estabeleceram diversas providencias sobre os direitos dos Indios, reproduzidas depois na lei de 30 de julho de 1699, onde as veremos.

---

Por provisão de 5 de junho de 1605, expedida já em tempo de Philippe III, attendendo el-rei a que sem embargo das declarações da lei de 595, continuavam os captiveiros, com grave detrimento das fazendas do estado, e grandes inconvenientes contra o serviço de Deus e o seu, e consciencia dos que assim captivavam os Indios, houve por bem declara-los inteiramente livres, para que em nenhum caso se podessem captivar; porque, posto por algumas razões justas de direito fosse permitido em alguns casos introduzir o captiveiro, as razões em contrario eram de muito maior peso, mormente no tocante á propagação da fé, e assim se deviam antepôr a todas as mais.

---

A lei de 30 de julho de 1699, baseada nos principios da Ord. do liv. 4.º t. 42, tendo em vista o bom governo, e conservação do estado do Brazil, bem como atalhar os grandes excessos que poderia haver, se o captiveiro fosse em alguns casos permitido, declarou e determinou:

Que ficavam livres, segundo a direito, e seu nascimento natural, todos os Indios das partes do Brazil, sem distincção alguma entre baptizados, e não baptizados que vissem ainda como gentios, conforme seus ritos e ceremonias.

Que não eram obrigados, nem seriam constrangidos a serviço, ou cousa alguma contra sua livre vontade.

Que os moradores, e fazendeiros que delles se servissem, lhes pagariam seu trabalho, como a qualquer outra pessoa livre.

Que os religiosos da companhia de Jesus, por serem os mais bem aceitos dos gentios, que delles faziam grande credito e confiança, e pelo muito conhecimento e exercicio que tinham da materia, fossem ao sertão, para os domesticarem, e assegurarem em sua liberdade, encaminhando-os no que lhes convem, assim nas cousas tocantes a sua salvação, como nas da vida ordinaria e commercio, precavendo-os dos enganos e violencias com que os capitães, donatarios, e moradores costumavam traze-los do mesmo sertão.

Que nas povoações portuguezas lhes seria guardado o direito de propriedade da mesma forma que nos seus bosques—e por nenhum caso se lhes tomariam suas cousas, nem se toleraria que sobre isso se lhes fizesse molestia alguma.

Que o governador, ouvidos os religiosos, aos Indios que descessem da serra assignasse terras para lavrarem e cultivarem; e que uma vez estabelecidos, não podessem ser mudados para outros logares contra sua vontade, senão quando elles bem quizessem.

Que se lhes ordenaria um juiz particular, (nas povoações onde o não houvesse d'el-rei ou dos donatarios) Portuguez e christão velho de satisfação, com alçada no civil até dez cruzados, e no crime até trinta dias de prisão.

Que tambem se lhes ordenaria um curador, que sob a direcção dos padres, olhasse pelos seus interesses, quando houvessem de ser empregados no serviço real ou particular, ou no dos mesmos padres, que pelo seu trabalho lhes pagariam salario, como quaesquer outras pessoas, procedendo-se summariamente e executivamente na cobrança dos ditos salarios.

Finalmente, que sobre os Indios moradores nas povoações das capitánias, não tivessem os capitães e donatarios mais jurisdicção e senbriço que sobre as outras pessoas livres, sendo absolutamente defeso lançar sobre elles quaesquer tributos reaes, e pessoaes, annullando o governador tudo o que se praticasse em contrario, e fazendo restituir os tributos illegalmente cobrados.

E porquanto constara a el-rei que em tempo de alguns governadores passados se haviam captivado muitos gentios, contra a forma, e fóra dos casos e excepções marcadas nas leis anteriores, havia elle por bem pô-los a todos em sua liberdade, para que se tirassem logo do poder de quaesquer pessoas que os tivessem, e os deixassem ir livremente, sem embargo de allegação de que os compraram, e por sentença lhes foram julgados; pois tudo se havia por nullo, por ser contra direito, resguardado somente aos compradores o seu contra os que lh'os haviam vendido.

Termina a lei por impôr aos que captivam Indios as mesmas penas que pelas ordenações se dão aos que captivam pessoas livres, procedendo-se nisso breve e summariamente, sem mais ordem ou figura de juizo, que a que for indispensavel para conhecer-se a verdade.

A lei de 10 de setembro de 1611 recapitulou as disposições de todas as precedentes, confirmando a liberdade já reconhecida aos Indios, fazendo restitui-la aos que houvessem sido injustamente captivados, e mandando vigorar todas as providencias já expostas sobre o seu governo. Porém acrescentou que, succedendo caso, que os gentios movam guerra, rebellião ou levantamento, convocaria o governador uma junta composta d'elle, do bispo, (se fosse presente) do chanceller e mais membros da relação, e de todos os prelados que presentes fossem no logar; e na dita junta se averiguasse se era justo, necessario, e conveniente ao bem do estado, fazer-se guer-

ra ao gentio, e do assento que se tomasse, dar-se-hia parte a el-rei com larga informação de todas as causas que o justificassem, e uma vez deliberada a guerra por el-rei, e effectivamente feita, serão escravos todos os gentios que nella se captivassem.

Mas se houvesse perigo na dilacão até vir a decisão, a guerra se faria desde logo, se assim fosse assentado. Todavia os gentios que entretanto se tomassem na guerra assim declarada, só ficarão captivos provisoriamente, para o que serão assentados em um livro, com declaração dos logares donde eram, nomes, idades, signaes, e circumstancias que se dessem na sua apprehensão, afim de que, sendo a guerra aprovada, ficassem também definitivamente aprovados os captiveiros.

Não sendo preenchidas as formalidades do registo, ficarão os Indios livres, inda que aprovada fosse a guerra.

Desaprovando-a porem el-rei, observar-se-hia acerca dos Indios provisoriamente captivados, o que elle fosse servido determinar.

Mais seriam captivos os Indios que estivessem presos para serem comidos por outros que os houvessem captivado nas suas guerras intestinas, e ficarão pertencendo aos que os comprassem e resgatassem, o que era para remedio e bem seu, e salvacão de suas almas.

Se o preço da compra fór o taxado pelo governador e adjuntos, o captiveiro durará dez annos somente, no fim dos quaes ficará o Indio inteiramente livre; se exceder porem a taxa, ampliar-se-ha o tempo da escravidão proporcionalmente.

A legalidade do captiveiro, no allegado caso de resgate, depende de justificacão, feita pelos compradores, das circumstancias supramencionadas, attestando as pessoas que em conformidade desta lei podem ir ao sertão com ordem do governador.

O mesmo governador, ouvido o chanceller, e o provedor-mór dos defunctos, nomeará sujeitos seculares, casados e de boa vida, e de boa geraçã e abastados de bens,

podendo ser, e que lhe parecerem mais capazes para serem capitães das aldeas dos gentios.

Nomeará tantos quantos forem as aldeas, e por tempo de tres annos, ou mais, emquanto el-rei não mandar o contrario.

Os capitães assim nomeados irão ao sertão persuadir aos gentios desçam abaixo, usando para isso de meios e palavras brandas, afagos, e promessas, sem lhes nunca fazer força ou molestia alguma, por não quererem vir.

Cada capitão levará consigo um religioso, preferindo sempre os da companhia de Jesus, pratico da lingua, com que melhor persuada o gentio a descer.

Como tenham descido, o governador os repartirá em povoações de até trezentos casaes, assignando-lhes logar conveniente, onde possam edificar a seu modo, e a tam rasgada distancia dos engenhos e matas de pau-brasil, que não possam prejudicar nem a uma, nem a outra cousa.

Ouvido o chanceller e provedor-mór, repartirá com os mesmos Indios terras devolutas, para as lavrarem e cultivarem.

Em cada uma de duas aldeas laverá uma igreja, e um cura ou vigario, clerigo portuguez, que saiba a lingua, e em sua falta, religiosos, com preferencia os da companhia.

O cura residirá na aldeia, e prestará os seus officios aos Indios, confessando-os, sacramentando-os, e doutrinando-os nas cousas tocantes á sua salvação.

Outrosim residirá na aldeia o capitão com toda sua familia.

Governa-los-ha em sua vivenda commum, e commercio com os moradores.

Promoverá a cultura das terras, e o ensino das artes mechanicas.

Apresenta-los-ha ao governador, quando forem necessarios ao real serviço.

Da-los-ha para serviço particular, pela taxa geral

que para todo o estado do Brazil fôr estabelecida pelo governador de acordo com o chanceller e relação.

Fiscalisarã a exactidão dos pagamentos, não consentindo que sejam lesados.

Serã juiz dos Indios, esforçando-se pelos compôr. Terã a alçada civil e crime já declarada na lei anterior; e no que exceder, darã appellação para o ouvidor da capitania; e deste a baverã, se também exceder, para o provedor-mór dos defunctos da relação do estado; o qual serã juiz de todas as appellações que houver das causas dos Indios, e as despachará em relação com adjuntos, como se pratica nos mais feitos.

Terã regimento, ordenado pelo governador de acordo com o chanceller e provedor-mór, o qual logo se ha de pôr em execução, não obstante ficar dependendo da approvação regia.

No regimento se determinará o modo e ordem que hão de guardar o capitão e o cura no governo temporal dos Indios, bem como os ordenados que hão de vencer, pagos à custa dos mesmos Indios, e mão da real fazenda.

---

Alvarã de 15 de março de 1624. Revogou todas as mercês das administrações de aldeas de Indios. Trazido por Fr. Christovam de Lisbon, custodio dos frades capuchos de Santo Antonio, foi recebido sem maior difficuldade no Maranhão, concorrendo para isso os esforços do capitão-mór Antonio Moniz Barreiros; mas no Pará, onde feria mais os interesses dos moradores, excitou tamanha opposição, que a sua execução foi adiada (Berrêdo. Annac3, ns. 522, e 532.)

---

Resolução de 8 de junho de 1625. Permittiu de nove as administrações dos Indios forros, como meio de compôr as duvidas e opposições supramencionadas. Porém

esta resolução só foi trazida ao Maranhão, em 1638, pelo governador, então nomeado, Bento Maciel Parente (Berredo, n. 676). O nome do portador indica bem os termos em que seria concebida. Constançio na sua—Historia do Brazil—Tom. 1.º pag. 341, diz que Bento Maciel por um edicto de 1637 obtivera a administração dos Indios, forros sim, mas adstrictos ao sólo, e sujeitos aos proprietarios. É manifesta a confusão que faz Constançio da data, aliás inexacta, da apresentação no Maranhão do que elle chama edicto, com a data do mesmo edicto ou resolução.

---

Bulla de Urbano VIII de 22 de abril de 1639. Não podemos alcança-la, só sabemos pelas citações que dellas fazem as leis, e a bulla de Benedicto XIV, que versava sobre o mesmo assumpto da conversão e liberdade dos Indios.

---

Alvará de 10 de novembro de 1647. — Attendendo el-rei ao grande prejuizo que ao serviço de Deus e seu, resultava de se darem por administração os Indios e gentios, pois que os Portuguezes que tinham semelhantes administrações usavam tam mal dellas, que em breves dias de serviço os Indios ou pereciam á pura mingoa e extenuados de trabalho, ou fugiam pela terra dentro, havendo por semelhante causa perecido e acabado innumeravel gentio no Maranhão, Pará, e outras partes do estado do Brazil, houve por bem declarar, a exemplo dos reis seus antecessores—

Que os gentios eram livres.

Que não houvesse administrações nem administradores, havendo-se por nullas e de nenhum effeito todas as que estivessem dadas, de modo que nem dellas ficasse memoria.

Que os Indios podessem servir e trabalhar com



quem bem lhes parecesse, e melhor lh'es pagasse seu trabalho.

---

Alvará de 12 de novembro do mesmo anno, citado apenas na lei de 6 de junho de 1755. Regulou a taxa do serviço dos Indios.

---

Alvarás de 5 e 29 de setembro de 1649. Regulam a taxa e tempo de serviço dos Indios. Prohibem que trabalhem todo o anno em serviço alheio, e mandam que se lhes dêem livres quatro mezos para suas roças e culturas.

---

Regimento da relação da Bahia, de 12 de setembro de 1652. No titulo das *—Atribuições judicias do governador do estado—* vem algumas providencias acerca de Indios, recommendando-se ao governador a civilisação e bom tratamento delles em termos genericos. Este regimento cita outro da mesma relação, datado em 7 de março de 1609, e da citação infere-se que continha as mesmas recommendações.

---

Balthazar de Sousa Pereira, despachado capitão-mór do Maranhão em 1652, em um dos capitulos do seu regimento trouxe ordem para pôr em liberdade todos os Indios que até aquelle tempo tivessem vivido como escravos. O povo desta capitania sublevou-se por tal motivo, e no Pará rompeu ainda em maiores excessos; por maneira que a providencia da liberdade ficou suspensa, e consultou-se para a corte. Por maiores diligencias que tenhamos feito, não podemos ainda alcançar este regimento; e apenas encontramos estas noticias em Berredo, ns. 961 a 972.

---

Carta regia de 21 de outubro de 1652, dirigida ao padre Antonio Vieira, com ampla auctorisação para levantar igrejas, estabelecer missões, descer Índios, ou deixá-los em suas aldeas, tudo segundo julgasse mais conveniente, podendo requisitar dos governadores e mais auctoridades quaesquer auxilios de Índios, guias, linguas, canôas, e o mais que houvesse mister, mostrando-lhes para isso a referida carta regia, sob pena aos desobedientes e remissos, de serem castigados como parecesse justo a el-rei.

Esta carta regia excitou novos descontentamentos, mormente no Para, onde o povo exigiu a expulsão dos jesuitas; mas intervindo o senado da camara, conseguiu serenar os animos, e o negocio se foi dilatando.

Provisão de 17 de outubro de 1653. Constando a el-rei, por informação dos procuradores do estado do Maranhão, que da prohibição geral de se poder captivar Índios, que no anno anterior havia mandado com os capitães-móres Balthasar de Sousa Pereira, e Ignacio do Rego Barreto, não resultara utilidade alguma, antes grande perturbação nos moradores, prometendo males daninos para o futuro, por ser difficulosissimo, e quasi impossivel dar liberdade a todos sem distincção; em ordem a atalhar tudo, e considerada a materia attentamente em conselho, por ministros de letras e inteireza, determinou o seguinte, revogadas todas as disposições anteriores em contrario.

Que os officiaes das camaras do Maranhão e Parà examinassem em presença do desembargador syndicante, que então andava naquellas capitánias, e na sua falta, perante os ouvidores dellas, quaes dos Índios captivados até aquella epocha, o tinham sido legitimamente e com boa consciencia, e quaes não; e que, segundo as deliberações approvadas e julgadas pelo dito desembarga-

dor, ou ouvidores, assim fossem os Indios declarados livres, ou escravos.

No referido exame observar-se-hiam as regras seguintes.

Eram casos de captivoiro justo, precedendo justa guerra:

O impedir o gentio quer livre e independente, quer vassallo e submittido, a pregacao do evangelho.

O recusar-se a defender a vida e fazenda dos vassallos d'el-rei em qualquer parte.

O lançar-se com os inimigos da coroa, dando ajuda contra os vassallos della.

O exercitar latrocínios por mar ou por terra, infestando os caminhos, salteando, ou impedindo o commercio e tracto dos homens.

Seriam tambem justos os captivoiros:

Se os Indios vassallos faltassem ás obrigações que haviam accitado nos principios da conquista, negando os tributos, e não obedecendo quando são chamados para o serviço real de paz ou de guerra.

Se comessem carne humana.

Seriam igualmente reputados legitimos escravos:

Os Indios que estivessem em poder dos seus inimigos atados á corda para serem comidos, e, se os vassallos d'el-rei fossem remidos daquelle perigo com as armas ou por outra via.

Os que já eram legitimos escravos de outros Indios de quem fossem tomados em justa guerra, ou havidos por meio de commercio e resgate.

Para este effeito far-se-hiam entradas ao sertão, com religiosos que fossem á conversão do gentio, e com pessoas escolhidas em cada capitania, á pluralidade de votos do capitão-mór, officiaes da camara, vigario geral (onde o houver) e prelados das religiões.

Offerecendo-se casos de captivoiro licito durante as entradas, seriam justificados perante os religiosos que nellas fossem.

Ficava prohibido aos governadores, capitães-móres, e mais ministros superiores das duas capitancias o fazer lavrar tabacos ou outra qualquer cultura por si, ou por interposta pessoa, bem como occupar ou repartir Indios, senão por causa publica e approvada, ou pôr capitães nas suas aldeas, antes as deixassem governar pelos seus principaes, que os repartiriam aos Portuguezes voluntariamente pelo salario do estilo.

E isto para que os ditos governadores e ministros podessem com mais inteireza prover sobre a materia, livres dos particulares respeitoes que sóem desvia-los dos seus deveres.

Os procuradores no Maranhão e Grão-Pará obtiveram esta provisão da corte, sem embargo da opposição dos jesuitas; e chegaram triumphantes com ella ao Maranhão em fins de maio ou principios de junho de 1654. Tam desapontado ficou o padre Antonio Vieira com este successo, que partiu sem demora para a corte, a 15 ou 16 do dito mez, depois de haver prégado em dia de Santo Antonio o famoso sermão aos peixes.

---

Provisão de 9 de abril de 1655, alterando a de 17 de outubro de 1653. O padre Antonio Vieira, mal que chegou a Lisboa, envidou todos os seus esforços para alcança-la, e el-rei a expediu, depois de ouvida uma junta dos principaes theologos e letrados do reino, a cujas deliberações assistia o mesmo padre, ouvindo-se tambem sobre a materia os procuradores do Maranhão e Grão-Pará, que ainda sollicitavam na corte. Com esta lei volveu o padre ao Maranhão, e os povos se lhe submeteram a principio, mediante a grande auctoridade e respeito do governador André Vidal de Negreiros, decídido protector dos jesuitas.

Não possuimos o texto completo da lei. Bérredo (n. 1000) apenas diz que ella restringiu a de 653; porem na vida do padre Antonio Vieira, por André de Barros, cap. 96

a 106, vê-se que deliberando esta junta sobre os diversos pontos que lhe foram submettidos, salvo sempre o principio da liberdade dos Indios, (*salva Indorum libertate*) assentou-se uniformemente que não havia outra cousa a seguir se não o que a companhia usava no Maranhão e Pará, e que depois destas deliberações, decretou el-rei:

1.º Que houvesse uma junta de missões, especie de tribunal consultivo, especial e privativo para esta materia, como os havia para os negocios da fazenda, ultramar, e outros.

2.º Que as aldeas e Indios de todo o estado fossem governados, e estivessem sob a disciplina dos religiosos da companhia; e que o padre Antonio Vieira, como superior de todos, determinasse as missões, ordenasse as entradas ao sertão, e dispozesse os Indios convertidos á fé, pelos logares que julgasse mais convenientes.

3.º Que os governadores dessem toda ajuda e favor aos missionarios, com que se lhes facilitasse o necessario para a conversão dos gentios, que as tyrannias passadas traziam afugentados, e remontados da igreja.

4.º Que os missionarios tivessem voto nos exames dos escravos, em ordem a atalhar as violencias que se faziam aos Indios do sertão; sendo o cabo da escolta das entradas; pessoa approvada pelos mesmos missionarios, e o tempo e logares das missões, marcados pelo padre superior.

5.º Que os Indios christãos e aldeados não podessem ser constrangidos a servir mais que somente seis mezes cada anno; e estes mesmos alternados de dous em dous, e pagando-se-lhes duas varas de panno de algodão por cada mez.

6.º Que não se pozessem capitães nas aldeas, antes fossem nellas os Indios governados pelos principaes das suas nações juntamente com seus parochos.

Alem do que diz André de Barros, e acabamos de extractar, a lei do 1.º de abril de 1680 substancia a esta

de 55 na parte relativa aos casos de captiveiro justo, que foram reduzidos a quatro, a saber:

1.º Quando os Indios fôsem tomados em justa guerra, dadas certas circumstancias, na dita lei declaradas, mas que não vem no extracto de 1680.

2.º Quando impedissem a pregação do evangelho.

3.º Quando estivessem presos á corda para serem comidos por seus contrarios, e fossem resgatados em qualquer modo pelos Portuguezes.

4.º Quando fossem vendidos por outros Indios, que os houvessem tomado em guerra justa.

Finalmente, o mesmo padre Antonio Vieira, em uma — *Informação sobre o modo com que foram tomados e sentenciados por captivos os Indios do anno de 1655* —, impressa no T. 3.º das suas cartas, substancia estes quatro casos, quasi pelos mesmos termos empregados na lei de 680.

Como porem nesses extractos se não diz quaes são os casos que constituem a guerra justa, e elles multiplicavam as hypotheses de captiveiro justo, pode-se dizer que esta lei de 55 só alterou a de 53 na parte relativa ás jurisdicções e administrações, e não quanto á materia da escravidão, sendo por consequencia fraudado o principio tam emphaticamente estabelecido no começo das deliberações: *Salvo Indorum libertate.*

---

Regimento de 14 de abril de 1655, dado aos governadores do estado do Maranhão e Grão-Pará. Deste regimento, expedido no tempo de André Vidal de Negreiros, obtivemos uma copia extrahida dos archivos da provincia do Pará.

No capitulo ou artigo 8.º recommenda-se o bom tractamento dos Indios—que se lhes não façam vexações, e se lhes guarde sempre o que com que elles torpacteados.

No capitulo 19.º —que se atalhê e evite que com-

mercêem com os estrangeiros estabelecidos intrusamente em alguns pontos do estado, chamando-os nesse intento, e com bons termos, á nossa propria communicação e commercio.

Nos capitulos 42, 43, 44 e 45, recommenda-se a fiel observancia da lei antecedente, reproduzindo-se algumas das suas disposições,—em primeiro logar para que a administração das aldeas seja confiada somente a uma só religião, e não a muitas, pelos inconvenientes que de tal confusão resultavam; preferindo-se entre todas, a companhia de Jesus, pela muita experiencia que os padres tinham dos Indios, e grande applicação e industria com que procediam na sua conversão;—e em segundo logar para que a repartição delles fosse feita por dous arbitros, um da escolha da camara, e outro dos seus parecchos missionarios, á vista de um rol organizado no principio de cada anno, contendo os nomes de todos os Indios capazes do serviço, e dos moradores em circumstancias de recebê-los—por maneira que na repartição se guardasse tanta e tam perfeita igualdade, que grandes e pequenos, ricos e pobres, seculares e ecclesiasticos, todos sem excepção ficassem providos e satisfeitos, conforme suas qualidades e estados.

Os capitulos 46, 47, 48, reproduzem com pequeno desenvolvimento as disposições da lei acerca do tempo de serviço alternado, sobre salarios, modo dos pagamentos, depositos previos &c.

Os capitulos 49 a 53 merecem ser aqui substanciados. Eis o que elles dispõem:

O prelado ou superior das missões marcará o tempo das entradas. O governador lhe dará a guarda militar que elle pedir, nomeando por cabo della a pessoa que lhe propozer. O cabo acompanhara a missão para onde, e pelo tempo que o missionario bem quizer e julgar conveniente: e só terá o commando militar da força, sem per nenhum caso intrometter-se a praticar nem enten-

der por si ou por interposta pessoa com os Indios, sob pena de rigoroso castigo.

Marcado o tempo das entradas, segundo parecer ao superior das missões, o governador as não dilatará ou impedirá com frívolos pretextos, e se o fizer se lhe levará em culpa.

A religião que fizer as missões não poderá em tempo algum lavourar com os Indios canaviaes, tabacos, nem alguma outra lavoura ou engenhos.

Reduza-se o numero das aldeas, e augmente-se a população de cada uma dellas. Sejam postas em sitios apropriados, e faça-se o possível para que cada uma tenha ao menos cento e cincoenta casas, que muito importa assim, para serem os Indios melhor doutrinaados.

O governador empregará todos os meios de comunicação com os Indios, em ordem a obter delles que declarem se querem ser vassallos, ou simples alliados d'el rei, tomando-se-lhes de uma e outra cousa por seus chefes e principaes os competentes juramentos por termos e autos solemnes, que se archivarão. E quanto aos que não quizerem a aliança e amizade dos vassallos portuguezes, nem por isso se lhes fará damno algum, com tal que elles tambem o não façam, nem impidam a prégação do evangelho.

Os Indios, não vassallos, que fizerem latrocinios e maleficios, ainda que seja em ajuntamentos, como bandoleiros, serão castigados segundo a lei commum do reino, cuja substancia far-se-ha chegar a seu conhecimento, para saberem as penas em que incorrem por tais delictos.

Mas se os damnos forem causados por comunidades com caracter de nação, e por auctoridade publica de seus principaes, que não conheçam superior, então se guardará a lei antecedente sobre o captivoiro dos gentios.

Que cuidasse enfim o governador muy seriamente



de os fazer descer dos sertões, por meio das missões, pois constava que os já descidos naquelle tempo eram bem poucos.

---

Alvará de 12 de julho de 1656. Dá providencias sobre serviços, e taxa do salario dos Indios.—E' o que indica a lei de 6 de junho de 1755, onde vem citado

---

Com a substituição do governador André Vidal de Negreiros, afrouxou a protecção aos jesuitas; e povo começou a murmurar contra a abusiva accumulção que faziam os padres da jurisdicção temporal e espirital, e por fim rompeu em revolta declarada, tanto no Maranhão como no Pará, e prendeu e expulsou os padres, sem exceptuar o proprio superior. Attingindo pouco depois a maioridade, e entrando no pleno exercicio da soberania el-rei D. Affonso VI, o padre Antonio Vieira de todo decahiu da graça, e chegou até a ser desterrado da corte.

A provisão de 12 de setembro de 1663, precedida de outra da mesma data, que concedeu amnistia plena aos sublevados das duas capitãias, reconheceu que os tumultos derivavam das vexações que soffriam os povos, pela maneira porque os padres entendiam e executavam a lei de 655; e em ordem a atalhar maiores damnos, decretou:

Que nem os religiosos da companhia, nem outros quaesquer tivessem jurisdicção alguma temporal no governo dos Indios.

Que a espirital a tivessem não só os da companhia, senão os de todas as mais religiões, que residissem no estado, pois era justo que todos fossem obreiros da vinha do senhor.

Que o prelado ordinario, com os das religiões, escolhessem os religiosos que lhes para isso parecessem

mais pertencentes, encommendando-lhes as paróchias, e a cura das almas das aldeas do gentio, e podendo remove-los a seu arbitrio.

Que nenhuma religião podesse ter aldeas de Indios forros de administração, visto que no temporal deviam de ser governados pelos seus principaes.

Que no tocante ao serviço das Indias se guardasse o que dispõem as ordenações a respeito das orfãos do reino, pois sendo igual o perigo da honestidade, não devia haver differença no serviço.

Que para a repartição das Indias, elegessem as camaras do estado no principio de cada anno um repartidor, o qual visse o numero de Indios que cada morador havia mister, apontando e designando o parochos que deviam servir, e observando-se no seu pagamento o que dispõe o regimento dos governadores no capitulo 48.º

Que elegessem outrossim um religioso, da religião a que tocar por turno, que com o cabo da escolta, sempre da escolha das camaras, fizessem as entradas ao sertão todas as vezes que as mesmas camaras as julgassem necessarias.

Que o religioso que fosse á entrada, não podesse trazer para si, nem para a sua religião, escravo algum dos que se resgatassem na mesma entrada; e que ainda dos resgatados em outras entradas, nenhuma religião podesse have-los, antes de passado um anno, sob pena de perdimento dos ditos escravos, metade para o denunciante, e metade para a real fazenda.

Que ficassem advertidos os cabos das escoltas, os governadores, capitães-móres, e mais ministros do dito estado, que lhes era absolutamente defeso fazerem resgates para si, sob pena de rigoroso procedimento.

Determinou outrossim a citada provisão que com aquellas declarações e chausulas se guardasse a ultima lei do anno de 655, continuando os religiosos da companhia naquella missão, pela forma que fica referida, excepto o

padre Antonio Vieira, por não convir ao real serviço que tornasse a ella.

---

Mandou mais el-rei por postilla ou carta de 18 de outubro do mesmo anno de 663 que fossem restituídas aos padres as igrejas e parochias que haviam fundado no dito estado com sua despeza e industria, e de que estavam de posse, quando foram expulsos delle; e que assim o havia por bem, pela satisfação que tinha do seu bom procedimento, e do zelo com que entendiam no serviço de Deus, e no bem das almas daquella gentildade.

---

A provisão da 12 de setembro desagradou não menos ao povo, que ao governador Ruy Vaz de Sequeira, cuja jurisdicção, e interesses coarctava e feria sensivelmente, por maneira que no acto da sua publicação na cidade de S. Luiz, foi ella embargada pelo senado da camara. Convoçou-se depois uma junta geral do clero, nobreza, e homens bons, e nella, presente o governador, deliberou-se a suspensão da mesma lei, até que por S. M. fossem resolvidas as duvidas e inconvenientes que se lhe representavam, e que de sua execução se deviam seguir.

---

A resolução destas duvidas veio por carta regia de 9 de abril de 1667, que apenas conhecemos substanciada em Berredo n. 1153 a 1155. Ratificava-se a lei de 663, com as seguintes alterações: os missionarios e parochos eram excluidos da repartição dos Indios; e os repartidores, que as camaras haviam de eleger no principio de cada anno, seriam sempre os juizes ordinarios mais velhos, membros das mesmas camaras, sem dependencia de outra qualquer approvação.

O governador do estado, successor de Ruy Vaz de

Sequeira, remettendo esta nova lei ás camaras, adverti-lhes que tudo lhe ficaria subordinado, porque a sua jurisdicção era superior a tudo, assim para mandar dar á execução a repartição dos Indios feita pelo juiz, como para prover ás queixas dos moradores sobre ella!

Foi esta a ultima lei relativa a Indios, promulgada no reinado de el-rei D. Affonso VI.

---

No regimento dado ao governador geral do Brazil em 23 de janeiro de 1667, tambem se encontram algumas providencias acerca de Indios, e missões. Os arts. 4.º e 5.º mandam dar favor aos missionarios, e promover a propagação da fé, bem como repartir terras com os Indios, protege-los, e manter os seus privilegios. Os arts. 21 e 22 recommendam a vulgarisação do conhecimento da sua lingua, fazendo-se a esse fim compôr, e imprimir vocabularios.

---

Alvará de 31 de março de 1680.—Prohibe ao governador, e ao bispo do Maranhão, commerciar, cultivar, ou tomar Indios a seu serviço. E' isto simplesmente o que se collige do Indice de João Pedro Ribeiro, onde vem citada.

---

Alvará do 1.º de abril do dito anno, providenciando sobre Resgates e administração dos Indios do Maranhão. Vem citado pela mesma maneira no referido Indice. Constançio, na sua—Historia do Brazil, Tom. 2, pag. 28 e 29—diz que por esta lei foram os Indios divididos em tres classes, e o tempo do seu trabalho, reduzido a dous mezes, sob a direcção dos jesuitas.

A lei de 6 de junho de 1755 transcreve apenas o § 4.º deste alvará, que diz em substancia o seguinte:

Que para que o gentio descido do sertão, e os mais que existiam então, melhor se conservassem nas aldeas; havia el-rei por bem que elles fossem senhores de suas fazendas, como o eram no sertão, sem que nem a elles, nem sobre seus bens, se lhes podesse fazer molestia alguma; devendo antes o governador, com parecer dos religiosos, assignar-lhes terras para suas lavouras, das quaes não poderiam ser mudados contra sua vontade, nem pagariam tributo algum, ainda que anteriormente se houvessem dado a pessoas particulares em sesmaria, porque na concessão destas se reserva sempre o prejuizo de terceiro, e de nenhum se devia reservar mais que o prejuizo e direito dos Indios—primarios e naturaes senhores das ditas terras.

---

Lei do 1.º de abril do dito anno (1). Recapitula as disposições da lei de 9 de abril de 1655, e de outras com as quaes os reis antecedentes procuraram atalhar os inconvenientes dos captiveiros illicitos; mas havendo sido inefficazes todas essas providencias, e continuando pelo contrario os escandalos e excessos, com que se impedia a conversão da gentilidade; e mostrando a experiencia de cada dia que supposto sejam licitos os captiveiros por justas rasões de direito em alguns casos exceptuados nas leis anteriores; todavia são de maior ponderação as rasões que militam em contrario para os prohibir absolutamente, cerrando-se assim a porta aos pretextos, simulações, e dolos, com que a malicia, abusando dos casos em que os captiveiros eram justos, introduzia os injustos, enlaçando-se as consciencias, não somente em privar da liberdade aquelles a quem a com-

---

(1). Estas duas disposições do 1.º de abril, em alguns outros indices e auctores trazem a data ora de 4, ora de 10 do mesmo mez. A diversidade provem naturalmente de erros de imprensa ou de copia.

municou a natureza, e que por direito natural e positivo são verdadeiramente livres; senão nos meios ilícitos de que usavam para este fim; ponderada a materia em conselho, com a madureza que pedia a importancia della, houve el-rei por bem decretar:

Que, renovada a disposição da antiga lei de 30 de julho de 609, com a provisão nella citada de 5 de julho de 605, dali por diante se não podesse captivar Indio algum em nenhum caso, nem ainda nos exceptuadas nas ditas leis, derogadas nesta parte somente.

Que se alguma pessoa de qualquer qualidade ou condição, captivasse ou mandasse captivar Indios, sob qualquer titulo ou pretexto, o ouvidor geral do estado a fizesse immediatamente prender, sem lhe conceder homenagem ou fiança, e com os autos que formasse, a remetteste no primeiro navio para o reino, a fim de el-rei a mandar castigar como merecesse.

Que o dito ouvidor fizesse immediatamente pôr em liberdade os Indios assim captivados, mandando-os para as aldeas dos Indios catholicos e livres.

Que o governador, o bispo, e os prelados das religiões do estado, dessem sempre conta a el-rei, por intermedio do conselho ultramarino, e da junta das missões, das transgressões desta lei, e de todas as noticias que sobre esta materia viessem a seu conhecimento, a fim de se prover convenientemente na observancia da mesma lei.

Que succedendo mover-se guerra defensiva ou offensiva a alguma nação de Indios do estado, nos casos em que é permitido faze-la; os Indios que nella forem tomados, ficariam somente prisioneiros, como os inimigos que se tomam nas guerras da Europa.

Que somente o governador os repartisse, como julgasse mais conveniente ao bem e segurança do estado, pelas aldeas dos Indios livres, onde se podessem reduzir á fé, e servir o estado, conservando-se na sua liberdade, e com bom tractamento.

Que fossem severamente castigados os que lhes fizessem qualquer vexação, e com maior rigor aquelles que a fizessem, no tempo em que delles se servissem, por se lhes haverem dado na repartição.

---

Lei de 2 de setembro de 1684. Concedia a administração dos Indios descidos do sertão aos moradores de Maranhão; mas não se chegou a praticar, por se offerecer outro meio mais conveniente, segundo diz a lei posterior de 19 de fevereiro de 1696, onde vem citada. A causa real porem da suspensão desta lei foi sem duvida a revolução que no principio desse mesmo anno rebentou na capitania do Maranhão.

---

E com effeito, já desde 1681 o desgosto da população se havia aggravado, com uma grande distribuição de Indios forros feita no Pará, em execução das leis de 689 que aboliram o captivoiro de um modo absoluto, e cuja auctoridade e sanção se ia assim consolidando pela pratica. Expediram os povos novos procuradores para o reino; e foi por ventura em satisfação ás suas reclamações que se expediu a lei, depois sustada, de 2 de setembro de 684. Mas como a revolta do Maranhão tinha sabido das proporções ordinarias, expulsando os sublevados não somente os padres da companhia, mas depondo o governador geral, e prendendo o capitão-mór, tomou-se afinal outro accordo, que foi o de sopear a revolta, para cujo fim veio o general Gomes Freire de Andrada com poderes extraordinarios. Vencidos os rebeldes, processados e justicados os seus chefes, e restituídos os jesuitas aos seus collegios e missões, se começou de novo a legislar sobre essa interminavel questão de Indios.

---

Regimento de 21 de dezembro de 1686; sobre as

missões do Grão-Pará e Maranhão. Este regimento não vem em nenhuma das colleções de leis que conhecemos. Foi impresso em Lisboa, por Antonio Manescal, em 1724, em um vol. in fol. com muitas outras leis e provisões anteriores relativas a semelhante objecto. Não nos foi possível alcançar este volume; mas do extracto que fez do dito regimento o desembargador Seabra na—Deducção Chronologica—Tom: 1.º, pags. 442 e 43, vê-se que os jesuitas abusaram grandemente da sua victoria, fazendo decretar em nome d'el-rei:

1.º Que os padres da companhia tivessem o governo, não só espiritual que d'antes tinham, senão o politico e o temporal das aldeas de sua administração.

2.º Que os Índios teriam dous procuradores, um na cidade de S. Luiz, e outro na de Belem.

3.º Que o superior das missões propria dous sujeitos para cada um dos ditos logares, para dos dous escolher o governador um.

4.º Que estes procuradores se haviam de regular pelo regimento que lhes faria o superior das missões com conselho dos padres missionarios das aldeas.

5.º Que nas ditas aldeas não poderiam assistir nem morar outras algumas pessoas, mais que os Índios com suas famílias, pelos damnos que os estranhos sempre faziam nellas, devendo o governador mandar expulsar quaesquer brancos ou mamaluços que nellas morassem ou assistissem.

6.º Que se depois desta prohibição, que se faria publica por edictaes e bandos, tornassem lá a voltar, sendo peões, seriam açoitados publicamente pelas ruas da cidade, e sendo nobres, degradados por cinco annos para Angola, e em um e outro caso, sem appellação.”

---

Carta regia da mesma data (21 de dezembro de 1686) dirigida ao governador Gomes Freire de Andrada. Manda repôr nas suas aldeas e roças os Índios que dellas



foram tirados pelo levantamento da cidade de S. Luiz, e dispõe novas missões de padres da companhia, e capuchos de Santo Antonio para o Cabo-do-Norte, com a separação necessaria (diz a carta regia) em ordem a evitar ciúmes e discordias entre as duas religiões.

---

O alvará de 28, outros dizem de 24 de abril de 1688 revogou a lei de 1.º de abril de 1680, suscitando em parte a de 9 de abril de 1655.

---

Os de 6 e 17 de janeiro de 1691 prohibem captivar os Indios, e dão providencias sobre o seu resgate. A respeito destas leis, é tudo quanto se collige dos indices que as citam.

---

Carta regia de 19 de fevereiro de 1696, dirigida ao governador do estado do Brazil, e concedendo a administração dos Indios livres, que tinham descido do sertão, aos moradores de S. Paulo, e seus descendentes, sob diversas condições, das quaes as mais importantes são as seguintes :

Dos Indios, em numero competente, formar-se-hão aldeas em sitios apropriados, com terras demarcadas para suas roças e fabricas, e dentro das ditas terras não poderão lavrar nem os moradores, nem os seus familiares.

Em cada aldeia haverá uma igreja ou capella conforme o numero de Indios, e uma casa decente para moradia do parocho ou cura d'almas.

Serão livres no temporal, mas obrigados a trabalhar e servir aos administradores, dividindo-se este trabalho a semanas, de maneira que uma servirão aos administradores, e outra ficarão nas aldeas para cuidarem de suas roças e familias.

Os administradores lhes pagarão seus salarios no fim de cada semana, e sem isso não os poderão occupar outras.

Se os moradores de S. Paulo tiverem de ir ao sertão, só poderão levar metade dos Indios robustos e proprios para a jornada, ficando a outra metade nas aldeas para cuidarem das suas roças e familias.

Estas jornadas ao sertão nunca excedam de tres a quatro mezes; e antes da partida, os moradores depositarão em mão do parochio metade do salario, segundo o tempo calculado, para sustento das familias, e pagarão a outra metade no regresso.

As Indias nunca sahirão das aldeas, salvo em companhia de seus maridos, paes, ou afins que os substituirem, ou para crearem de leite em casa dos administradores ou de outras quaesquer pessoas, precedendo, neste ultimo caso, licença do parochio, e sob condição de se lhes pagar seu salario, e de voltarem á aldeia, acabada a criação.

Se alguns Indios casarem com negras escravas, e vice-versa, algumas Indias com negros escravos, constando que foi por suggestão dos senhores, com o fim de os tirarem das suas aldeas, e de os reduzirem á escravidão, ficarão os escravos livres em pena deste delicto, e poder-se-hão ir com os Indios para as aldeas; mas ainda que tal suggestão não haja, e não obstante o casamento, não poderão sahir das aldeas nem as Indias, nem os Indios; e para o fim do matrimonio, lhes deputará o bispo dias certos, em que se possam juntar—como é de direito.

Compete ao bispo a nomeação dos parochios, sob apresentação dos administradores. No caso porem de regeição de duas propostas successivas por falta de idoneidade dos clerigos e religiosos apresentados, o bispo fará a nomeação directamente. Tambem poderá remover os parochios a seu arbitrio.

Faltando a descendencia dos administradores, devol-

ver-se-hão as aldeas á coroa; e no caso de querer esta fazer nova concessão, serão preferidos os collateraes dos administradores, com tanto que sejam moradores da villa de S. Paulo, ou de suas dependencias.

Ficou a arbitrio do governador o alterar as providências meramente administrativas, e quaesquer circumstancias, não substanciaes da liberdade dos Indios, segundo conviesse aos administradores.

---

Resolução de 11 de janeiro de 1701—, endereçada ao governador e capitão-general de Pernambuco—para que se não podessem comprar nem vender Indios, se não em praça publica, nas cidades e villas; no sertão porem poder-se-hão fazer as vendas em presença e com auctoridade do juiz que houver, o qual inquirirá se o escravo tem duvidas á sua escravidão, e exigirá o título della; e sem esta averiguação a venda se não faça. Esta lei vem substanciada nas—Memorias Históricas da provincia de Pernambuco—pelo tenente Fernandes Gama.

---

Carta regia de 6 de dezembro de 1705 sobre missões do Maranhão. Vem impressa na já referida collecção de Manescal, e apenas citada no indice de João Pedro Ribeiro, sem mais eselarecimento que possa indicar o seu conteúdo. Mas em Berredo (n. 1452) vemos que o governador do estado do Maranhão, Christovam da Costa Freire, executou logo em seguida (1707) as leis sobre liberdade de Indios com tal severidade, e excitou com isso taes clamores e tamanhos descontentamentos nos povos, que para os apaziguar e compensar lhe foi mister expedir uma grande tropa de resgates ao sertão. Talvez a execução severa do governador tenha relação com a lei de 6 de dezembro, que quasi immediatamente a precedeu.

As mais disposições que menciona nos no principio deste livro e vão até a data da famosa bulla de Benedicto XIV, versam em geral sobre missões, resgates, captiveiros, e administrações de Indios, e nem outra coisa alem podemos colligir dos logares em que as encontramos citadas.

Porem a provisão de 12 de outubro de 1727 é assaz notavel, porque prohibe o uso da lingua geral, e manda ensinar a portugueza nas povoações, ao revez dos jesuitas que queriam e faziam justamente o contrario disto.

---

Foi sem duvida contristado pela vergonhosa instabilidade e perpetua contradicção de tantas leis, que favoreavam ora o principio da liberdade, ora o da escravidão, e pungido pelos escandalos ainda maiores da sua execução, em que os bons principios nellas inseridos, eram constantemente fraudados, quando não abertamente violados, que Benedicto XIV promulgou a bulla—*Immensa pastorum principis*—datada em 20 de dezembro de 1741, e dirigida aos bispos do Brazil, e mais dominios portuguezes na America, e Indias Occidentaes.

Depois de commemorar os grandes sacrificios e dispendios de cabedal e riqueza, e do thesouro das graças, feitos para reduzir os infieis á luz orthodoxa, acrescenta o sancto-padre que não podia ouvir sem dor gravissima que ainda houvesse, principalmente nas regiões do Brazil, homens que fazendo profissão da fé catholica, viviam, nada menos, tam aheios á caridade infusa pelo Espirito-Sancto em nossos corações e sentidos, que reduziam a captiveiro, vendiam como escravos, privando-os ao mesmo tempo de todos os seus bens, não somente os miseraveis Indios ainda não alumados pelo evangelho, senão até aquelles que já se achavam baptisados, e habitavam os sertões do Brazil, atrevendo-se a tractallos com uma barbaridade tal, que apartando-os de vi-

rem buscar a fé de Christo, os endurecia pelo contrario no odio que por aquelles motivos haviam contra ella concebido; e tudo isso não obstante as admoestações e constituições apostolicas dos pontifices, seus predecessores, nas quaes haviam ordenado que se soccorressem os indios no melhor modo, prohibindo, debaixo de severas penas e censuras ecclesiasticas, que se lhes fizessem injurias, que se lhes dessem açoites, que fossem mettidos em carceres, que os sujeitassem enfim á escravidão, e se lhes maquinasse ou fosse dada a morte. E pois que havia a sancta-sé obtido da eximia piedade de el-rei D. João V, de Portugal, a segurança de que ordenaria a todos e a cada um dos ministros dos seus dominios que castigassem com as penas estabelecidas nas suas leis todos os que fossem culpados de exceder com os Indios a mansidão e caridade que prescrevem os preceitos evangelicos; exhortava por isso elle sancto-padre os bispos a que, penetrados de nobre emulação, buscassem exceder o zelo e caridade dos ministros do poder secular no soccorro e protecção com que se devia acudir aos Indios, e conduzi-los ao gremio da igreja catholica.

Alem de que, de auctoridade apostolica, renovando e confirmando os breves de Paulo III, e Urbano VIII, e insistindo nas suas disposições, para reprimir a ousadia e impia temeridade de todos aquelles que avexavam os Indios tam deshumanamente, ordenava e mandava o sancto-padre a todos os bispos, e seus successores para que todos, e cada um de per si, assistissem aos Indios com o soccorro de uma efficaz protecção, mandando afixar editaes publicos, pelos quacs apertadamente se prohibisse, sob pena de excomunição *lata sententia* (da qual não pederiam ser os transgressores absolutos, senão pela sancta-sé, salvo em artigo de morte, e dando primeiro uma competente satisfação) que qualquer pessoa, secular ou ecclesiastica, de qualquer estado, sexo, condição, grau ou dignidade que fosse, se atrevesse dali por diante a fazer escrayos os referidos Indios, a vende-los, compra-

los, troca-los, da-los, separa-los de suas mulheres e filhos, despõjando-os de seus bens e fazendas, e levando-os para outras terras, e por qualquer modo priva-los da sua liberdade, e rete-los em escravidão; nem tam pouco ou- sasse alguém dar conselho, auxilio, favor, e ajuda aos que isto fizessem, sob qualquer cor ou pretexto, ou prégar e ensinar que os referidos factos são licitos; podendo aggra- var-se as penas aos transgressores que reincidissem, in- vocando-se até, se fosse necessario, o auxilio do braço secular contra elles.”

Não será fora de proposito observar aqui que pos- to fosse este breve expedido desde 1741, e de accordo com el-rei D. João V, não veio todavia a ser publica- do, senão em 1757, em pastoral de 29 de maio do bispo do Pará D. Fr. Miguel de Bulhões, posteriormente á promulgação das famosas leis de liberdade d'el-rei D. José, e quando se achava já travada a luta, que teve em resultado a expulsão dos jesuitas.

---

Regimento de 13 outubro de 1751, dado á relação do Rio de Janeiro. Reprodaz no § 28 T. 2.º as mes- mas disposições a favor os Indios, que já vimos no § 21 do regulamento de 12 de setembro de 1692, dado á relação da Bahia.

---

Alvará de 4 de abril de 1755. Considerando el-rei á grande conveniencia de se povoarem os seus dominios da America, e o quanto para tal fim podia concorrer a communicação com os Indios por meio de casamentos, foi servido declarar:

Que os seus vassallos do reino, e da America que casassem com Indias, não ficariam por isso com infamia alguma, antes se fariam dignos da sua real attenção.

Que nas terras em que se estabelecessem, seriam pre-

feridos para os logares e occupações que coubessem na graduação das suas pessoas.

Que seus filhos e descendentes seriam habéis e capazes de qualquer emprego, honra, ou dignidade, sem necessitarem de dispensa alguma, motivada destas allianças, gozando do mesmo favor as contrahidas antes desta lei.

Que fossem as suas disposições tambem applicaveis às Portuguezas que casassem com Indios.

Que quando alguns filhos e descendentes destes matrimonios trouxessem alguns requerimentos perante el-rei, lhe fizessem saber esta qualidade, para em rasão della attende-los mais particularmente.

Que aos vassallos casados com Indias, ou a seus descendentes ficava rigorosamente prohibido dar o nome de caboculos, ou outro semelhante, que se podesse haver por injurioso; pena aos contraventores, precedendo queixa da parte injuriada, de desterro para fora da commarca, dentro de um mez, sem appellação nem aggravo, até mandar el-rei o contrario.

---

Lei de 6 de junho de 1755.—Mandando el-rei examinar em conselho, e por pessoas doutas e zelosas, as verdadeiras causas porque, desde o descobrimento do Grão-Pará e Maranhão, não se tinham multiplicado e civilisado os Indios daquelle estado, desterrando-se delle a barbaridade e gentilismo, propagando-se a doutrina christã, e o numero dos fiéis allumiados pela luz do evangelho, servindo a sua prosperidade, fortuna, e commodos de estímulo aos que viviam dispersos pelos matos para virem buscar na sociedade por meio dos bens temporaes a bem-aventurança eterna, unindo-se ao gremio da igreja; e muito pelo contrario se via que havendo descido dos sertões muitos milhares de Indios, foram sempre mingando, de modo que era então muito pequeno o numero das povoações e dos moradores dellas; vivendo ainda estes poucos em tamanha

miseria, que em vez de convidarem e animarem os barbaros a imitar o seu exemplo, lhes serviam de estímulo para se embrenharem cada vez mais, com prejuizo da salvação de suas almas, e grave damno do estado, e dos moradores, a quem de todo falleciam braços para ajudalos na cultura das suas terras: foi assentado pela generalidade dos votos que a causa de tudo isso estava em não se haver mantido e guardado aos Indios a liberdade que a seu favor haviam declarado os summos pontifices, e os reis passados em muitas e diversas leis; cujas disposições foram sempre cavilladas pela cobiça dos interesses particulares, até que el-rei D. Pedro II promulgou a lei do 1.º de abril de 1680, cuja integra se transcreve. (Já ficou substanciada a pag. 303, e seguintes.)

E porquanto o tempo foi cada dia demonstrando os justos fundamentos desta lei, que restituia aos Indios a sua antiga e natural liberdade, fechando a porta às impietades e malicias com que, (sob pretexto dos casos, em que, antes e depois della, se permittia o captiveiro) se captivavam os referidos Indios, sem mais razão que a cobiça e a força dos oppressores, e a rusticidade e fraqueza dos opprimidos: foi el-rei servido, com o parecer das ditas pessoas e ministros, revogar todas as leis, regimentos, e ordens, que desde o descobrimento até aquella data, haviam, ainda em certos casos particulares, estabelecido a escravidão dos Indios; renovando e excitando pelo contrario a observancia da sobredita lei de 680, com as ampliações, restricções, e declarações seguintes:

Que a respeito dos Indios que ao tempo da publicação desta lei se achassem dados por via de repartição, ou ainda por administração, se observassem as disposições do alvará de 10 de novembro de 1647; (é o que está substanciando a pag. 290) declarando-se por editaes postos nos logares publicos das cidades de Belem e S. Luiz—que os Indios, como livres e isentos de toda a escravidão, podiam dispôr de suas pessoas e bens como



melhor lhes parecesse, sem outra sujeição temporal, mais que a que devem ter ás leis do reino, como os demais subditos delle, nos quaes ficavam incorporados os ditos Indios, sem distincção ou excepção alguma, para gozarem de todas as honras, privilegios e liberdades de que elles gosam.

Que a disposição antecedente se applicasse tambem aos Indios que estivessem possuidos como escravos, observando-se mais particular e inviolavelmente a respeito destes o § 9.º da lei de 10 de setembro de 1611. (Vide a pag 236)

Que desta generica disposição fossem somente exceptuados os oriundos das pretas e escravas, para serem conservados no dominio de seus senhores, enquanto el-rei não desse outra providencia sobre a materia.

Porem para que com este pretexto se não retenham no captiveiro os Indios verdadeiramente livres, ficava estabelecido que os beneficios dos editaes supramencionados se estendesse a todos os que andassem reputados por Indios, ou que taes parecessem, (\*) sendo todos havidos por livres, sem mais outra prova que a que resultava em seu favor da presumpção de direito divino, natural, e positivo, que está pela liberdade, enquanto por outras provas plenas e taes, que bastem a illudir esta presumpção, se não mostrasse que effectivamente eram escravos, incumbido sempre o encargo da prova aos que requererem contra a liberdade, ainda semlo reos.

Que os respectivos processos corresseem breve e summariamente, julgando-se de plano, e pela verdade sabida;

---

(\*) O P. Antonio Vieira, em carta escripta da Bahia ao marquez mordomo-mór, em data de 5 de agosto de 1684 (é a 94.ª do tom. 2.º) diz que—se se mostra que o Indio é de cabello corredio, é posto logo em liberdade, por jurisprudencia antiquissima da relação daquella cidade, ainda que a posse do senhor seja immemorial, e transmittida de paes a filhos.

e que preparados os autos pelos ouvidores geraes em suas respectivas jurisdicções, fossem propostos em uma junta, composta do governador, do bispo diocesano, dos quatro prelados maiores das missões, (a saber, da companhia de Jesus, do Carmo, das Mercês, e dos capuchos de Santo-Antonio) do dito ouvidor geral, do juiz de fora, e do procurador dos Índios. — As decisões se tomariam á pluralidade de votos, não as podendo haver contado sem tres votos conformes pelo menos. Em caso de empate, seria a decisão pela liberdade.

Que destas sentenças só poderia recorrer-se no effeito devolutivo para o tribunal da meza da consciencia e ordens, onde estas causas seriam vistas e sentenciadas de preferencia a quaesquer outras.

Que logo á publicação desta lei, ouvindo o governador e capitão-general do estado os ministros letrados da cidade de Belém, bem como o governador e ministros da cidade de S. Luiz, e os officiaes das suas respectivas camaras, estabelecesse aos referidos Índios os jornaes necessarios para se alimentarem e vestirem, segundo as suas diferentes profissões; conformando-se com o que a tal respeito se pratica em Portugal, e mais reinos da Europa, a saber, tenha de salario o Indio, simples trabalhador, o dobro do que se calcular, segundo os preços da terra, que lhe é mister para seu diario sustento; e o artifice, outro tanto, e mais metade, do que vence o trabalhador.

Que estes jornaes fossem pagos aos sabbados de cada semana, em paño, ferramenta, ou dinheiro, como melhor conviesse ás pessoas a quem eram devidos, procedendo-se por elles verbal e executivamente.

E porque não bastaria, para se restabelecer e aliantar o estado, que os Índios fossem restituídos á liberdade de suas pessoas; se com ella se lhes não garantisse tambem o livre gozo e disposição de seus bens, que até então se lhes havia impellido com manifesta violencia, havia el-rei por bem que a tal respeito se exe-

entasse logo a disposição do § 4.º do alvará do 1.º de abril de 1680, em virtude do qual gosariam da plena propriedade de seus bens, e se lhes distribuiriam terras em logares convenientes, e ainda as já concedidas em sesmaria, vista à preferencia que lhes competia, como primarios e naturaes senhores dellas. (Vide a pag 302)

E renovada assim a dita disposição, em toda a sua plenitude, o governador e capitão-general do estado fizesse incontinenti erigir em villas as aldeas que tivessem o competente numero de Indios, e as mais pequenas, em logares; repartindo pelos mesmos Indios as terras adjacentes; seguindo-se nestas fundações e repartições, quanto fosse possível, a policia ordenada para a fundação da Villa de S. José do Rio-Negro; sustentando-se os Indios, no dominio e posse das terras que se lhes demarcassem, para que as lograssem perpetuamente, por si e seus descendentes; e castigando-se em fim com toda a severidade das leis, os que abusando da sua simplicidade, os perturbassem na mesma posse e cultura.

E porque os Indios que ainda vagueavam pelos sertões mais remotos, difficilmente se persuadiriam a descer para as povoações já estabelecidas, mandava S. M. que mesmo a esses sertões se dilatasse a prégacao do evangelho, estabelecendo-se nelles aldeas, erigindo-se igrejas, e convocando-se missionarios que os instruissem na fé, e lhes ministrassem o pasto espiritual.

E porque a experiencia de tantos annos havia mostrado que só estes meios espirituaes, desacompanhados dos recursos meramente temporaes, não bastavam para a perfeita civilização dos Indios; houvesse o governador de applicar o maior cuidado na sua instrucção civil, exhortando-os, e animando-os a cultivarem as terras, e a permutarem os fructos e drogas que ellas produzem, com os habitantes dos logares maritimos, afin que, na frequencia do tracto e communicação, fossem deixando seus barbaros costumes, em proveito commum dellas e dos mo-

radores, não menos que do estado, cuja riqueza devia necessariamente medrar por meio deste commercio.

Alvará de 7 de junho de 1755. Havendo-se restituído aos Indios do Grão-Pará e Maranhão a liberdade das suas pessoas, bens, e commercio, pela lei antecedente; mas não sendo possível dar-lhe real execução, tornando effectiva a liberdade concedida aos mesmos Indios, se ao mesmo tempo se não estabelecesse para regê-los uma forma de governo temporal, certa, invariavel, e accommodada aos seus costumes, no que fosse razoavel, licito, e honesto, porque assim seriam mais facilmente atrahidos á fé, e ao gremio da igreja; e sendo por outra parte prohibido por direito canonico a todos os ecclesiasticos o ingerirem-se no governo secular que, como tal, é absolutamente alheio das obrigações do sacerdozio; e ligando esta prohibição mais apertadamente os parochos das missões que eram membros das diversas ordens religiosas, sobretudo os da companhia de Jesus que, por força de voto, são incapazes de exercitar no foro externo até a mesma jurisdicção ecclesiastica; e os capuchos, cuja indispensavel humildade é incompativel com o imperio da jurisdicção civil e criminal; não tendo podido até então, e não podendo certamente para o diante prosperar o estado no meio de uma tam desusada e impraticavel confusão de jurisdicções tam incompativeis, como o são a espiritual e temporal, seguindo-se de tudo a falta de administração da justiça, sem a qual não ha povo que possa subsistir; ouvido o parecer dos do conselho, e de outras pessoas doulas, pias, e zelozas do serviço, foi el-rei servido decretar:

Que ficasse derogado o capitulo 1.º do regimento das missões do dito estado, de 21 de dezembro de 1686, e todos os mais capitulos, leis, resoluções, que em contrario ás disposições canonicas, constituições apostolicas, e ao presente alvará, permittissem aos missionarios

o involverem-se no governo temporal, de que são incapazes.

E que pelo contrario ficasse em seu inteiro vigor a lei estabelecida sobre esta materia em 12 de setembro de 1663. (Vide a pag 299)

Que outrossim nas villas fossem preferidos para juizes ordinarios, vereadores, e officiaes de justiça, os Indios naturaes dellas, e dos seus respectivos districtos, havendo-os idoneos; sendo as aldeas, independentes das villas, governadas pelos seus respectivos principaes, e tendo estes por subalternos os sargentos-môres, capitães, alferes, e meirinhos das suas nações; recorrendo delles as partes que se considerassem aggravadas para os governadores e ministros de justiça, que sem duvida lh'a fariam segundo as leis.

---

Alvará de 8 de maio de 1758, ampliando a todo o estado do Brazil as disposições das leis anteriores de 6 e 7 de junho de 1755, decretadas especialmente para as capitancias do Pará e Maranhão.

---

Alvará de 17 de agosto de 1758, confirmando o directorio dos Indios do Pará e Maranhão, organizado em 3 de maio do anno precedente de 1757, pelo governador e capitão-general do dito estado, Francisco Xavier de Mendonça Furtado.

Este directorio ou regimento, com noventa e cinco artigos ou §§, é mais importante pelas noticias que ministra acerca dos costumes e do estado social dos Indios naquella epocha, do que pelas disposições administrativas que encerra.

Da primeira parte faremos menção quando tractarmos das missões, e dos seus resultados; quanto á segunda, eis em substancia as disposições mais dignas de memoria.

Haverá em cada povoação de Indios um director da nomeação do governador, o qual será sujeito dotado de bons costumes, zelo, prudencia, verdade, sciencia da lingua, e de todos os mais requisitos necessarios para poder desempenhar com acerto os seus importantes deveres.

Só terá a jurisdicção directiva, e não a coactiva, que pertence a seus juizes, vereadores, e principaes, creados pela lei de 6 de junho. O director poderá somente admoestar estes officiaes a que cumpram seus deveres, e se forem incorrigiveis, participa-lo-ha ao governador.

Deverá auxiliar o prelado, e os parochos na catechese dos Indios.

Haverá em cada povoação duas escholas, uma para meninos, e outra para meninas; nas quaes se lhes ensine a doutrina christã, ler, escrever, e contar, e alem disso, ás meninas, fiar, fazer renda, costura, e todos os mais ministerios proprios do seu sexo. O director terá especial cuidado em vulgarisar a lingua portugueza, não consentindo que se use de outra nas escholas; e em desterrar a chamada geral, invenção verdadeiramente abominavel e diabolica, para os conservar na barbaridade.

Não havendo na povoação pessoa alguma idonea para mestra de meninas, aprenderão estas até idade de dez annos, simultaneamente com os meninos. As escholas serão sustentadas á custa dos Indios, e conforme suas posses.

O director promoverá as diversas culturas e o commercio, estimulando os Indios ao trabalho e misteres da vida civilisada, excitando nelles o amor da propriedade e das riquezas, e procurando ao mesmo tempo desterrar o costume de andarem nus, e os vicios da embriaguez e ociosidade, dando conta ao governador dos que forem laboriosos, ou negligentes e preguiçosos, para serem uns e outros premiados, ou castigados, segundo os seus merecimentos e culpas, havendo-se em tudo com

brandura, suavidade, e prudencia, em ordem a não afugenta-los.

Manterá inviolavelmente os privilegios aos Indios nobres e officiaes que exercitarem os diversos cargos nas povoações.

Cuidará em desterrar das mesmas povoações o diabolico costume de se não pagarem dizimos dos fructos da terra, que em signal de supremo dominio, reservou Deus para si e para seus ministros, fazendo sentir aos Indios que devem pagar a decima parte de todos os fructos que colherem, e de todos os generos que adquirirem, afim de que o mesmo senhor abençoê e prospere as suas lavouras e trabalhos.

Alem dos dizimos, pagarão os Indios aos seus directores, em remuneração do trabalho destes, mais a sexta parte de todos os fructos que cultivarem, e generos que adquirirem, inclusive os comestiveis de que fazem venda e commercio.

Diversas providencias sobre a arrecadação dos dizimos, commettidas aos directores e outros funcionarios.

Vigiem os directores não sejam os Indios lesados no seu commercio: assistam aos negocios que elles fizerem, regulando com justiça o preço dos generos, e valor das fazendas porque as trocarem, e tolhendo que as recebam, ou prejudiciaes, como a aguardente, ou inuteis, e não conformes a sua condição e geral pobreza.

Promovam o uso das pesos e medidas.

Haverá um registro de todas as vendas e permutas que se fizerem, escripto pelo escrivão da camara, e em sua falta, pelos mestres das escolas, de que se extrahirã lista para ser annualmente remettida ao governo.

O commercio, ou a compra, trocagem e venda das diversas mercadorias, será feito por pessoas para isso deputadas, attenta a notoria incapacidade dos Indios para procederem por si a quaesquer operações mais complicadas. Regras estabelecidas a tal respeito. Aos directores he absolutamente prohibido o commercio com elles.

Serão os Indios divididos em duas partes iguaes, uma das quaes se conservará sempre nas povoações, assim para defeza do estado, como para todas as mais diligencias do real serviço; e a outra, se repartirá pelos moradores, afim de equiparem as canoas que vão buscar drogas ao sertão, e ajudarem-n'os na cultura do tabaco, assucar, algodão, e mais generos.

Serão matriculados como capazes de trabalho todos os Indios de treze até sessenta annos de idade, havendo para isso dous livros.

Os Indios não poderão ser empregados no serviço particular dos moradores, fora das suas respectivas povoações, sem expressa licença do governador do estado.

Os moradores que receberem Indios, depositarão immediatamente a importancia do seu salario, segundo o tempo de trabalho ajustado, nas mãos do respectivo director. Os Indios porem só receberão uma terça parte adiantada, ficando as duas em deposito, para as receberem no fim do trabalho. Se porem desertarem antes de findo o tempo, restituir-se-hão as ditas duas partes a seu dono, salvo se elle houver dado causa á fuga, porque então até as pagarão em dobro.

O director promoverá o estabelecimento de escolas de camara e cadeas, e persuadirá os Indios a levantarem casas decentes.

Cada povoação deverá ter cem habitantes pelo menos, para não comprometter a cultura e civilisação dellas que sejam demasiadamente pequenas.

Para fornecer-se a falta de novos Indios, promover-se-hão expedições ao sertão, por via dos seus officios, e a real fazenda, sob a inspecção superior.

Com a odiosa prohibição, serão os brancos do estado admittidos a residir nas povoações indias, com tal que sejam de bom comportamento, e apresentem licença do governador. E nas mesmas povoações poderão levantar casas, e cultivar as terras que



so lhes derem, sem prejuizo dos Indios, primarios e naturaes senhores dellas.

O director envidará todos os seus esforços para fazer cessar a odiosa distincção até então observada entre Indios e brancos, persuadindo e obrigando a estes a que usem de bons termos para com aquelles, e respeitem todos os seus privilegios, sob pena de expulsão. A esse intento, promoverá os casamentos entre uns e outros.

Se porem, contrahidas estas allianças, uns conjuges desprezarem os outros, por serem indios, o director participa-lo-ha incontinenti ao governador, para serem castigados os culpados, como fomentadores dos antigos prejuizos e discordias, e perturbadores da paz e união publica.

Em geral, deverão os directores considerar-se tutores dos Indios, enquanto estes se conservarem na barbara rusticidade em que foram educados; e usem com elles, sempre que fôr possível, da maior brandura e mansidão, mórmente no que toca á reforma dos seus vicios e costumes, não succeda que, pungidos da violencia, se façam de novo aos matos, onde renovem todos os erros e abominações do paganismo.

---

Carta regia de 12 de maio de 1798. Aboliu o directorio que fica substanciado, e mandou que os Indios, iguaes em tudo aos demais súbditos, fossem livres de guiar-se nas suas relações civis como melhor entendessem.

---

Carta regia de 18 de agosto de 1803.—Isentou os Indios do serviço particular, e de arrecadação dos dízimos, na capitania do Maranhão. Vem citada a pag. 337 do Compendio-Historico de Gaioso.

---

Carta régia de 13 de maio de 1808. Declara guerra offensiva aos Botocudos de Minas-Geraes, por ser a defensiva inefficaz, para rebater as suas aggressões. São ferozes, anthropophagos, e até bebem o sangue aos que matam. Dure a guerra em quanto não forem submettidos. Os prisioneiros ficarão a serviço do commandante que os aprisionar, por espaço de dez annos.— Poderão ser castigados, e postos a ferros.

---

Carta régia de 2 de dezembro de 1808, dirigida ao governador de Minas-geraes, providenciando sobre o aldeamento de quinhentos Indios Puris que se haviam apresentado, depois da expulsão dos Botocudos, e ordenando que se pratique a mesma cousa com outros quaesquer que se apresentem em grande numero. Deviam pagar o imposto do dizimo para os seus capellães durante dez annos; e dahi por diante para a real fazenda. Os que se estabelecerem nas fazendas dos lavradores, sirvam a estes.

---

Carta régia de 28 de julho de 1809, dirigida ao mesmo governador, com instrucções em vinte um artigos para o aldeamento dos Indios Puris e Xamixunas, sob a auctoridade de um director, que os persuadissem á agricultura, e promovesse a instrucção civil e religiosa da mocidade. Não poderão os Indios sahir da aldea sem licença. Estarão sob a tutella do director e capellão. Nas faltas leves, poderão ser castigados com penas moderadas, e brandas correções; nos crimes mais graves porem, serão remettidos ás justiças ordinarias. Reprodiz algumas das disposições da carta régia anterior.

---

Não tractamos neste logar dos regimentos de 15 de janeiro de 1698, 13 de agosto de 1745, e 11 de maio de 1774, citados em uma memoria do Sr. brigadeiro Machado de Oliveira, impressa em um dos numeros da Revista do Instituto-Historico, porque versam particularmente sobre a administração economica e interna das aldeas, de que pretendemos tractar em outra parte. E omittimos tambem o regulamento de 25 de julho de 1845, que creou directores geraes e parciaes, e deu outras muitas providencias sobre Indios, porque, assim como varias outras medidas connexas, pertence aos tempos modernos, cuja apreciação não entra pelo enquanto no plano do trabalho que temos comprehendido.

---

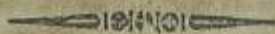
Eis-ahi quanto nos foi possivel fazer nesta materia; e sem lisongear-nos de haver pelo menos indicado todas as leis promulgadas acerca della; é certo que nem metade destas vem apontadas nas diversas memorias e trabalhos que a tal respeito havemos visto, e tem publicado a Revista do nosso Instituto-Historico.

Accresce que dispozemos todas estas leis pela ordem das suas datas, quando nas colleções existentes essas datas se acham invertidas, e incluidas umas leis em outras, que as suscitam ou revogam, sem attender-se na collocação ao tempo da sua promulgação, por maneira que se tornava difficil atinar com ellas.

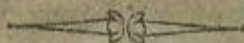
De resto, é bem de presumir que tanto as leis citadas que não podemos alcançar, como aquellas de que não temos noticia alguma, não sejam mais do que a expressão ou repetição das outras, attenta a pouca novidade que se nota nesta legislação durante o espaço de quasi tres seculos. Os principios eram constantemente os mesmos, e toda a variedade consistia na frequente substituição de uns por outros, segundo dictavam os interesses e paixões em voga na corte portugueza, sempre fluctuante e incerta nos seus designios.

Na parte propriamente historica, desdobrada a longa  
têa dos acontecimentos, narrados os factos, e retratadas  
as personagens que nelles figuraram, conheceremos me-  
lhor as causas dessa perpetua contradicção no espirito  
das leis, por meio da sua propria applicação e execução.

## LIVRO VII.



### INDIOS E JESUITAS.



#### SECÇÃO 1.<sup>ª</sup>

*Idea geral das missões. Ignacio de Loyola, fundador da companhia de Jesus. Theor de vida, doutrinas, e principios do mestre, e dos primeiros discipulos. Missão de S. Francisco Xavier ao Oriente.*

**A**cabamos de ver os principios que regulavam ou deviam regular a escravidão e a liberdade das raças indigenas, e traçavam as relações e condições em que ellas deviam achar-se para com a raça invasora, quer na paz, quer na guerra; para mais completa e perfeita intelligencia desses principios, cumpre agora vê-los em acção, isto é, como se executavam, embaraçavam, sophismavam e fraudavam essas innumeraveis leis, de resto tão pouco estaveis e tão repugnantes entre si, quanto infecundas, pelos germens de morte e dissolução que a falsidade e a iniquidade introduziram desde a origem no seu seio.

Este exame é nada menos que a historia do antigo regimen colonial, considerado por uma das suas faces mais notaveis e constantes: historia restricta e especial, é certo, mas varia e copiosa nos successos e nos homens, abrangendo no seu plano o assumpto immenso das missões, e dos jesuitas, que no Brazil quasi exclusivamente as personificavam, e eram os missionarios por excellencia.

Começemos pois por dar uma idea geral das mis-

sões, e uma noticia mais ampla dessa ordem celebre, composto formidavel de vida e de morte, e de luz e de sombra, que n'uma existencia quasi ephemera de dous seculos, deixou cheio o universo do ruido do seu nome e das suas obras, não menos que das suas ruinas.

Propagado geralmente o christianismo em todo o continente europeu, as diversas congregações religiosas, sentindo-se desfallecer no proprio sólo, á mingoa de elementos em que exercessem a sua vigorosa actividade, conceberam a idea grandiosa de dilatar a fé pelas mais partes do globo, enviando seus membros a prêga-la aos infieis e e aos selvagens. Os cultos pagãos (diz Chateaubriand) nunca conheceram o enthusiasmo divino que abraza os apóstolos do evangelho; e os mesmos philosophos antigos nunca deixaram as avenidas do Academo, e as delicias de Athenas, para irem humanisar o selvagem, instruir o ignorante, curar o enfermo, vestir o pobre, e trazer á concordia e á paz as nações revoltas e inimigas. Este é entretanto o officio quotidiano dos religiosos christãos, a quem nunca impediram os passos nem o mar nem a terra, nem os gelos do polo, nem os sógos do tropico.—Não ha canto remoto e escuso nos continentes, nem ilha ou rochedo perdido no meio do Oceano que o seu zelo não registasse; e assim como já outrora á ambição de Alexandre, faltou a terra em nossos dias á sua caridade immensa. Era necessario penetrar no coração da espessura, vadear brejos insalubres, atravessar rios profundos, galgar montanhas inaccessiveis; cumpria affrontar povos cruezs, superticiosos, e desconfiados, superando em uns a ignorancia da barbarie, em outros os preconceitos da civilisação. Tudo fizeram os missionarios, nenhum obstaculo foi cabal a suspende-los.

“Troca alguns dias de vida transitoria por seculos de gloria, illustra o seu nome, e attinge às horas e às riquezas o homem que á vista de um povo inteiro, dos

amigos, e dos parentes, affronta a morte pela patria. Mas com que palavras se hão de nomear e glorificar a morte e o sacrificio do missionario que ou gasta a vida na aspereza das brechas, ou expira nas torturas do supplicio, sem espectadores, sem applausos, sem vantagens terrenas para os seus, obscuro, desprezado, havido talvez por louco e por fanatico, e tudo isto para remir da condemnação eterna alguns selvagens desconhecidos ? ”

Bellas e nobres palavras sem duvida, salidas de uma boca formada para soar as cousas grandes, bellas e nobres, (\*) como devia de ser essa republica evangelica do Paraguay, reliquia da antiguidade, modelada pelas leis de Minos e de Licurgo, surgindo á voz de Deus ou de seus ministros, das profundezas de um deserto do Novo-Mundo ! Mas se estas palavras são são exageradas quando as applicamos á dedicacão e aos sacrificios do homem, por outra parte os resultados sociaes e christãos alcançados pelas missões, como a seu tempo se ha de ver, não corresponderam infelizmente a tanta magestade e pompa de linguagem.

---

Pois que fallamos em missões, e em Paraguay, o espirito nos conduz naturalmente a pensar nos jesuitas. Qual foi a origem desta ordem, quem a creou, porque occasião, com que meios, com que leis, e com que fins, como cresceu, e como cahiu enfim, depois de dominar, assombrar, e perturbar o mundo ?

---

Designios profundos e insondaveis da Providencia ! N'um obscuro recanto da Hespanha vivia um obscuro fidalgo, cavalleiro e namorado, sem outro mister que o das armas, sem outra distracção que o galanteio, sem

---

(\*) *Os magna sonaturum.*

outra instrução e leitura que a dos livros de cavallaria. Ferido em um combate, e obrigado a uma operação dolorosa, onde mostrou não menos valor que em face do inimigo, a cura e a convalescença o retiveram longo tempo em um leito solitario e enfadonho. O ocio e inacção do corpo escandecem uma imaginação naturalmente ardente e irritavel; o enfermo procura espaireece o espirito na leitura dos seus amados livros de cavallaria; mas o tecto que o abrigava não os tinha, e força lhe foi contentar-se com vidas de sanctos, e outros livros de piedade, proprios a desligarem o homem das cousas terrenas, e a elevarem-n'o em pensamento ao ceo e a Deus.

Esta leitura, verdadeira novidade ou revelação, toca, converte, e transforma para logo o antigo corteção dissipado e peccador, em cavalleiro de uma nova dama, que nada menos era que a virgem sanctissima; e ei-lo ahi, primeiro simples devoto illuminado, depois mendigo, peregrino, theologo, doutor; e afinal beato e sancto, como foi successivamente declarado pela curia romana.

Este homem extraordinario era Ignacio de Loyola; e desta forçada residencia no castello de seu pae, data a primeira entre as diversas grandes phases da sua vida que o deram a conhecer ao universo, por esse padre S. Ignacio, chefe da mais poderosa confraria religiosa do seu tempo.

Invalido desde então para a galanteria e para a guerra, a sua vida passa toda nos jejuns e macerações, nas leituras asceticas, nos extasis, e nas visões; no meio das quaes, opprimido de delirios nervosos, e suffocado em lagrimas e suspiros, praticava longamente com a virgem. Estes excessos e excitações physicas e moraes o levaram quasi a um estado de demencia; mas não é impossivel que por entre tam estranhas aberrações de espirito começassem já a despontar aquell'outras qualidades, que mais tarde se desenvolveram em alto grau, e lhe deram tamanho poder e nomeada—a profundeza, a reflexão, a observação, a astucia, a dissimulação, a



paciência, e a longanimidade. Parece cousa averiguada que a fraude e o embuste, ao menos em toda sua nudez, não foram jámais o moyel das acções deste homem; julga-se pelo contrario que sorteado com os dons mais disparatados, alliava as operações de uma rasão superior aos sonhos enfermos de uma imaginação ardente e desregrada, de cuja fallacia era victima. Macaulay, historiador inglez protestante de um grande merito, faz esta justiça à boa fé e sinceridade do sancto catholico; e acrescenta que não sabia a gloria que os reformadores podiam alcançar, deprimindo o nome do seu mais illustre antagonista, e rebaixando o merito do homem que, mais que nenhum outro, soube oppor resistencia efficaz á propagação dos novos dogmas, e conseguiu salvar o edificio romano de uma ruina imminente.

Mendigo não só humilde, mas sordido, começou Ignacio a perigrinar de uma terra para outra, esmolando o pão de cada dia, e abrigando cada noite o corpo extenuado e flagellado pelos cilícios e disciplinas na primeira caverna que encontrava. Mas bem depressa as inspirações do genio, e talvez uma forte previsão dos seus futuros destinos, lhe fizeram comprehender a necessidade do estudo. Na idade de trinta annos, entrou Ignacio para uma escola de latim frequentada por rapazes!

Aqui foram novas difficuldades e trabalhos; a intelligencia e a memoria o não ajudavam nesta rude tarefa; custava-lhe ainda mais a soletrar o latim que os seus antigos romances, a ponto tal que Ignacio bem conheceu andar nesse empenho formal do demonio para atravessar os seus sanctos designios. Felizmente (e é elle proprio quem o diz) as disciplinas do pedagogo eram um excellente remedio para afugentar aquelle impertinente e cruel inimigo do genero humano.

Concluidos estes rudimentos, Ignacio de Loyola entrou a fazer de doutor, e a pregar e ensinar uma tal theologia da sua invenção; até que a inquisição hespanhola, a cujos ouvidos chegara a noticia do caso, lhe

poz a mão, e o aferrolhou nos seus cárceres. Por este successo bem se vê quam cedo os reverendos padres de S. Domingos começaram a dar signal da má vontade que sempre guardaram depois aos seus irmãos da companhia. Conduzido Ignacio entretanto á presença do tribunal, com tal segurança e dexteridade se houve nos interrogatorios, que não foi possível acharem-lhe culpa, se bem que, como medida de cautela, sempre lhe ficou prohibido continuar no ensino da sagrada sciencia, antes de aprende-la elle mesmo por um modo regular, e durante quatro annos, em alguma das universidades estabelecidas.

Ignacio antepoz Pariz a Salamanca e Alcalá; e guiou para França, guardando no porte e no trajo, o antigo humilde theor da sua vida de peregrino, mas descartando-se já da sordidez e dos andrajos que a principio alardeara. Ali não tardou muito que entre os companheiros de estudo não entrasse a fazer proselytos e discipulos, sobre os quaes exerceu desde logo essa influencia decisiva, que soube sempre conservar depois o seu genio superior e predestinado ao imperio. Esses discipulos eram homens ardentes e dedicados, e promptos a segui-lo na vida e na morte, até os confins do mundo. Naquelles tempos, e sobretudo n'um paiz aventureiro como a Hespanha, patria de Cortez e de Pizarro, não faltavam soldados dispostos para as conquistas dos reinos da terra ou do ceo.

Anteriormente, na sua peregrinação a Jerusalem, ajoelhado sobre o sancto-sepulchro, e vendo com seus olhos carnaes o Deus vivo que a sua piedade invocara, Ignacio fizera voto solemne de dedicar a vida toda inteira ao serviço daquelle cujo nome devera servir de estandarte ao instituto que meditava; e á sua fê ardente foi então dado descobrir em uma visão beatifica a longa serie de trabalhos gloriosos, que os missionarios da companhia, movidos do seu exemplo, haviam de acabar e prefazer em todo o orbe.

Este voto, foi renovado em 1534, sob as abobadas de S. Diniz, depois de celebrado o sancto sacrificio da missa, e de haverem commungado Ignacio, e os nove fieis discipulos que por então o acompanhavam. Quando se deu este successo não havia bem nove annos que o futuro chefe da ordem, impellido por uma especie de loucura raciocinada, singular mixtura de exaltação e de calculo, havia começado a sua vida de contemplação, de torturas, e até de milagres, cuja existencia todos os chronistas da mesma ordem attestam, e foi de resto solememente reconhecida e consagrada na sua canonisação.

Dos annos mais tarde, e depois de uma nova peregrinação á Hespanha em busca de proselytos, Ignacio e a sua pequena esquadra guiaram para Roma por diferentes vias; e não foi sem difficuldade, e sem grande despeza de tempo e trabalho que conseguiram ali do sancto padre o consentimento necessario para a existencia legal da ordem. Com um instincto admiravel presentiu a curia os embarços e perturbações que o porvir desta ordem tinha de trazer á igreja; e foi só depois de mil sollicitações, empenhos e promessas (\*), em que se moveram as potestades do ceo e da terra, que Paulo III resolveu-se emfim a promulgar a bulla — Regimini — a 27 de setembro de 1540.

Considerações de uma ordem superior venceram as hesitações do vaticano. Nesta epocha as mais das ordens religiosas andavam em grande decadencia e descredito; e aos vicios, á corrupção e incapacidade da immensa maioria dos seus membros, tam devassos e avidos como ignorantes, se attribuiam em grande parte os fymidaveis progressos da reforma protestante. Duvidava por isto tambem, e agitava o papa, em seus conselhos se devia accrescentar a já numerosa e inutil cohorte dos regulares, quando novas e recentes tentativas de dis-

---

(\*) Ignacio fez promessa de dizer tres mil missas, se conseguisse a sua pretensão.

sidencia no coração mesmo da Italia, fizeram pender a balança em favor dos jesuitas, esperando-se que ao entusiasmo e dedicação viçosa e ardente do novo instituto seria dado conseguir, o que já não podia a inerte decrepitude dos antigos.

E com effeito, aquelles mesmos que sustentam a inutilidade, ou antes a absoluta impossibilidade da restauração da companhia em nossos dias, reconhecem todavia que ella veio á proposito na epocha do seu nascimento, e como suscitada para fazer frente ao protestantismo victorioso, que acabava de conquistar todo o norte da Europa, a maior parte da Allemanha, Inglaterra, e a Suissa, e ameaçava já invadir a mesma França. Esses homens possantes e energicos pozeram o peito a represar a torrente, e se não conseguiram fazê-la recuar á sua origem, poderam ao menos suspendê-la em seu curso impetuoso.

Veio tam de molde para o espirito do tempo, tam favoraveis achou as circumstancias, e tam cabalmente desempenhou os seus fins o instituto, que ao cabo dos dezeseis annos do governo de Loyola, contava elle já quatorze provincias com mais de cem collegios; e para os fins do seculo, vinte uma casas professas, e duzentos e noventa e tres collegios na Italia, França, Hespanha, Portugal, Allemanha, Polonia, India, e Brazil. A habilidade consummada do chefe principal, e dos seus cabos immediatos devia de ser parte essencial nestes gigantescos resultados.

“ Se applicarmos a successos já tam distantes a linguagem que hoje fallamos, (diz o protestante Macaulay) havemos de considerar a Ignacio como o chefe dos conservadores do seu tempo, e o campeão do *statu quo* papal contra as invasões do espirito novador. A apparição de um novo Brenno contra a Roma dos papas, necessitava a de um Camillo para defendê-la; e sendo o grito de guerra dos sitiantes a isenção do pensamento, a senha dos sitiados foi a submissão espiritual, cega,

e sem limites. Quem ia apoz o allemão, chegava áquella sagrada solidão, onde nenhum intermediario perturba as relações do homem com a divindade; o Hespanhol, pelo contrario, guiava os sectarios para aquella innumeravel multidão, cuja voz se ergue a compasso, e para quem as doutrinas das gerações extinctas são a regra immutavel das gerações futuras. Dirigiam ambos a guerra mais importante que tem revolyido o mundo depois da queda do paganismo; e seja em capacidade, seja em valor, seja em desinteresse, ou no amor da verdade, eram ambos dignos rivaes um do outro. E todavia, que maravilhoso contraste!

“Luthero foi procurar mulher no interior de um convento; durante o espaço de trinta annos, jámais ousou Loyola levantar os olhos para uma só que fosse destas frageis e feiticceiras creaturas. O reformador poz toda a sua gloria em destruir as casas da ordem a que pertencera; a do sancto consistiu na fundação de uma nova ordem solidamente organizada. A vida do primeiro começou em uma cella, e acabou nos palacios dos grandes da terra; a do segundo, iniciada nos combates, e absorvida em occupações terrenas, terminou porfim em longos annos de orações e contemplações extaticas. Coração cheio de simplicidade e lealdade germanica, Luthero só aspirou a uma perfeição compativel com os cuiidados domesticos, com os deveres universaes, e os prazeres innocentes da vida social; heroe na sua empresa, porem homem, e *bem* homem na sua vida privada; agora opprimido de uma vaga melancholia, daqui a pouco entregue aos intimos jubilos do coração, e cheio de gratidão pelos beneficios abundantes que lhe dispensava o ceo. Amante e amado, troca de continuo os mais ternos cuidados com a esposa que escolhera, e as praticas mais suaves e innocentes com os filhos que lhe ella dera; busca e acha alivio para os pezares da vida em mil prazeres mundanos, nos encantos da musica, no aspecto simples da natureza; e em um sem conto de emoções sensuaes que sabia receber e gosar como poeta. Ignã-

cio, esse não, que vive só, estranho ao resto dos homens, ebrio de jubilos a que ninguém se associa; severo e reportado até no enthusiasmo; mudo na dor, e indifferente a qualquér sympathy; sempre grave e austero, sempre isolado, e bem que accessivel á ternura, sempre esquivo e remontado della, como se fora um crime; humilde, despotico, ambicioso, e ao mesmo tempo limpo de egoismo.

“ Destes dous homens é todavia o protestante que nós preferimos. Se a sabedoria humana busca exceder a do creador, não fica sendo mais do que uma loucura disfarçada. Quem presume de aperfeiçoar uma parte do seu ser, annullando ou matando a outra, apenas consegue tornar-se um monstro disforme e sem proporção. Por mais que se annuie e tolde a verdade, quem lhe acertar com a porta, saberá facilmente a conta em que deve ter o stoicismo christão ou pagão, ambos filhos impuros de um immenso orgulho, perpetuo adorador de si mesmo. As noções universaes porem daquella que se pode chamar a perfeição humana, estão ao alcance dos mais simples e dos mais ignorantes. Sem embargo dos preceitos didacticos, das sentenças imperiosas, dos canticos inspirados e solennes, das instituições civis ou ecclesiasticas, das legendas e das biographias sagradas, uma voz eterna e unanime diz ao homem que o mundo, no meio da qual elle existe, e o mundo que traz dentro de si mesmo, foram feitos e adaptados um para o outro; que para conservar a sua força e o seu equilibrio, a sua vida interior ha mister renovada e nutrida em certo modo por continuas relações com a vida exterior; e que attingirá enfim aos supremos limites da elevação que lhe é permittida, se todo entregue aos jubilos e aos desgostos da existencia, andar sempre preparado a renunciar a uns, e a soffrer os outros de boa sombra, satisfeito sempre, e submisso à vontade de Deus.

“ Todavia, bem que pouco seductora pelos seus attractivos, a grande figura que acabamos de esboçar não

tem menos direito ás homenagens do universo. Nem antes, nem depois de Loyola conhecemos homem algum, que, sem inspiração divina, sem auxilio militar ou civil, sem appellidar as paixões tumultuosas da plebe, tenha sido capaz de comprehender uma obra politica tam fecunda em resultados habilmente previstos, reunindo á idea e ao pensamento a coragem da execução, e a gloria do successo. A despeito das suas loucuras asceticas, das suas morbidas visões, e do verniz grosseiro com que os seus chronistas de milagres o desfiguraram, o todo do seu character não carece, nem de graça, nem de sublimidade. Baste dizer-se que vivendo elle no meio de homens eminentes, todos lhe consagravam um respeito quasi sem limites. De todos os angulos da terra os devotos lhe pediam conselho e guia; os infelizes, soccorros; os sabios, doutrina; e os senhores do mundo, auxilio; adivinhando deste geito todós os seus contemporaneos que havia no meio delles surgido um desses homens que reinam em virtude de certo direito innato de supremacia, e aos quaes todas as vontades vulgares devem curvar-se de bom ou de máu grado. Estes reis do acaso dão-se a conhecer pelo genio com que traçam de um só lanço os seus planos maravilhosos, e pela paixão com que os executam, e põem por obra.”

Mas de que meios poderosos se serviram este homem e os seus discipulos para elevarem a companhia a esse grãu de prosperidade e grandeza que o mundo contemplou admirado? Cumpre ve-los primeiro que tudo nos seus preceitos, constituições, e institutos; e como nenhum de seus livros pô-los chegar ás nossas mãos, é força que continuemos a consultar os auctores que os apreciaram, Macaulay e Edgard Quinet principalmente, a quem já devemos em grande parte as breves noticias que ficam expostas.

Os *Exercicios espirituaes*, primeiro livro de Loyola, e que, segundo elle asseverava, lhe fôra dictado pela propria virgem sanctissima, encerram um plano ou ma-

nual completo de disciplina, com que o mais endurecido peccador possa dentro em quatro semanas converter-se no mais ardente servidor de Jesu-Christo. Para isso apresenta o auctor o apparatus de certas machinas ou spectaculos, já temerosos, como o inferno e os seus tormentos, já sem significação ou ainda pueris, como um jardim ou uma casa, uma caverna, um caminho, com cuja contemplação excite alternativamente os sentimentos do terror, da humilhação, do pasmo, e do arrependimento no individuo subactido a esta singular experiencia. O paciente, segundo os casos, devia tambem traçar linhas em um papel desta ou daquella maneira, encerrar-se em uma casa, passear nesta ou naquella direcção, ter as janellas fechadas ou abertas. Todos estes objectos, e todas estas acções tinham mais ou menos relação com os fins sanctos da conversão. Porém, observou-se com sobrada rasão, não impertava isto materialisar completamente a religião, e transformar o christão n'um automato, por esse processo mechanico que modela uma revolução de consciencia pelo curso de uma revolução lunar?

Destes meios materiaes, mais absurdos e ridiculos talvez que perigosos, e antes dictados pelo visionario hallucinado, que pelo ambicioso profundo e sagaz, passemos aos principios ou regras moraes de conducta. A obediencia illimitada, cega, e constante é o preceito capital. O candidato deve observar esta virtude, transformando-se, se tanto for mister, em um calaver, *ut cadaver*, ou no berlão de um velho, *senis baculus*, proprio a servir a vontade alheia, sem vida nem movimento proprio. O superior que manda, pensará e obrará pelo subdito, que obedece.

*Non intueamini in personam superioris hominem obnoxium erroribus atque miseriis, sed Christum ipsum.*

*Superioris vocem ac jussa non secus ac Christi vocem accipite.*



*Ut statuatis vobiscum quidquid superior præcipit ipsius Dei præceptum ac voluntatem.*

*Si quid, quod oculis nostris apparet album, nigrum definiert ecclesia, debemus itidem quod nigrum sit pronuntiare.*

“Não devemos ver na pessoa do superior um homem ordinário, sujeito aos erros e misérias communs, senão o proprio Jesu-Christo.—A voz e as ordens do superior, tomá-las como de Jesu-Christo.— Assentae com vosco que tudo o que o superior preceitua, é vontade e preceito do proprio Deus.—Se a igreja disser de algum objecto que é negro, e os vossos olhos virem que é branco, repeti todavia que é negro.”

Eis-aqui a mais completa ablicação que sabamos de toda rasão e vontade humana! “A religião de Loyola, diz a este proposito Edgard Guinet, não é a religião de Jesus—porque este arrancava os Lazaros do sepulchro, e os resuscitava á vida;—e Loyola quer fazer de todos os seus adeptos outros tantos Lazaros, mudos e immoveis no sepulchro que lhes cava.”

Esta virtude sem igual da saheta obediencia, que Ignacio recommenlava ainda no seu leito de morte, devia andar de companhia com a virtude não menos preciosa de saber mandar; e todos á uma voz confessam que ninguem a comprehendeu e praticou melhor que elle, nos dezeseis annos em que dirigiu o governo da companhia com mão tam habil, como firme e despotica.

Depois dos *Exercícios espirituales* (*Exercitia spiritualia*) veio o *Directorium*, escripto já por um dos discipulos, o famoso *Aquaviva*. Os preceitos dos novos doutores eram bebidos na vida e nos exemplos do mestre; e recommenlavam as virtudes verdadeiramente jesuiticas da dissimulação, da astucia, da sagacidade, da paciência, das reticencias, e das restricções mentaes, que nelle haviam admirado. Era mister que o bom jesuita se amoldasse a tudo, sem nada perder todavia da sua intima rigidez; que buscasse o seu fim atravez de mil rodeios; que en-

saminhasse as ideas, as palavras, e os habitos em ordem a auxiliar os planos que tivesse; que não deixasse escapar uma só circumstancia sem tirar della todo o partido; que não perdesse a menor parcella de tempo; que procurasse ganhar a confiança do povo, insinuar-se no seio das familias, e attrahir os mancebos ricos ou talentosos, havendo-se nisso com prudencia e cautela, espreitando as occasiões favoraveis, a de um desgosto, por exemplo, e a de máus negocios, e explorando enfim os proprios vicios, se tanto fosse mister. Devia-se sempre empregar os afagos e as caricias: os dotes dispensavam-se. Para entrar na ordem era todavia mister que o candidato nunca tivesse pertencido a outra alguma; por este modo obter-se-hiam sempre dedicações fortes e viçosas, e o que mais é, virgens de todo o contacto estranho, faceis e maleaveis a todos os fins da ordem. E uma vez admittidos, já lhes não era licito aceitar mais cargo algúm fora della; matava-se assim toda a pessoal ambição; obtinha-se uma abnegação completa, e accendia-se uma immensa e devoradora ambição collectiva.

---

Vejamos agora o que fazia a sociedade destes instrumentos, quasi cadaveres, cuja respiração, e pulsação se modelava toda pela dos chefes. “ Concluia o padre, (diz Chateaubriand) estudos profundos ou brilhantes. Não tinha elle mais que aquella graça e elegancia que tanto praz à sociedade e ao mundo? mettiam-n'o á cara em alguma grande capital, introduziam-n'o na corte, ou nas casas dos grandes. Se era amigo da solidão, ia para as bibliothecas, ou ficava no interior da companhia. Se era bom orador, subia aos pulpitos para mostrar a sua eloquencia; se tinha o entendimento claro, recto, e paciente, assentava-se em uma cadeira de professor. Se era ardente, intrepido, cheio de fé e de zelo, ia converter selvagens, ou morrer no meio dos infieis. Se mostrava enfim talentos proprios para dirigir os homens, o

Paraguay o convidava para o seio das suas florestas; e a ordem o punha á frente das suas casas e provincias.”

Era com esta tactica habil, e com este conhecimento profundo do coração e das paixões humanas que a companhia attrahia e absorvia os grandes talentos, e os applicava ao seu fim grandioso e constante de subjugar o universo, não por certo pela força, mas pela astueia e dissimulação, affectando as apparencias da humildade e da mais perfeita abnegação.

Mais tarde havemos de ver as incriveis aberrações em que se transviaram os doutores e commentadores da primitiva doutrina; e a mesma ordem em acção, proseguindo esse grande proposito de dominação universal, desenvolver os germens do mal encerrado nas suas leis, exceder o alvo, cahir, e desapparecer; pelo emquanto porrem, para que possamos melhor apreciar a instituição, cumpre-nos estudá-la parcialmente em algumas das suas mais poderosas e brilhantes personificações, ou em alguma das suas façanhas, limitadas e restrictas a certas epochas e theatros.

---

S. Francisco Xavier, o primeiro na serie dos missionarios jesuitas, um dos poucos eleitos, que em 1534, assellaram com a communhão e o juramento o voto solenne feito em Pariz, será documento sobejo e illustre para mostrar o que podiam, naquelles primitivos tempos da companhia, as doutrinas, os preceitos, e os exemplos do mestre sobre as almas simples e apaixonadas.

Xavier era nobre, nascido e criado em um castello dos Pyreneos. A sua indole bellicosa o inclinava á carreira das armas; mas os paes o obrigaram a seguir a das letras, fiados n'uma predicção de que ainda o menino viria a ser um grande sancto, honra da sua casa e da igreja.

Posto no collegio de Sancta-Barbara em Pariz, mos-

trou-se logo Xavier não só bom estudante, senão excellentê mestre, ensinando aos outros a philosophia que aprendera, e continuando ao mesmo tempo os estudos theologicos. Foi durante o curso destes estudos que Ignacio o conheceu, acariçou, e attrahiu para a sua nascente congregação. Não que Xavier se deixasse fascinar pelo primeiro olhar, como a tantos outros succedeu; pelo contrario, vão, dissipado, e amigo dos prazeres, zombava até do theor de vida do futuro mestre, não menos que dos seus conselhos e palavras repassadas de mysticismo, não sendo isto parte todavia para que o não estimasse muito, e lhe não dêsse agasalho e sustento em sua propria casa. Afinal a perseverança, a gravidade, a verdadeira superioridade em somma, que estavam da parte de Ignacio, venceram a facilidade e leviandade de Xavier; e tanto maior fôra a resistencia, quanto mais rendido e submisso se mostrou dali por diante.

Feito o voto que já vimos, guiaram os piedosos companheiros a capital do orbe catholico caminhando pela França, e Alta-Allemanha até Veneza, onde fizeram uma primeira estação. Neste longo trajecto, feito no coração do inverno, atravessaram os Alpes a pé, carregando os seus livros aos hombros, vestindo os trajes humildes dos peregrinos, (pendentes do pescoço os longos rosarios da virgem, com que se distinguem dos hereges); celebrando diariamente os que já eram sacerdotes, e commungando os que o não eram ainda; esmolando o pão indispensavel ao quotidiano sustento, sempre alegres, conformes, e perseverantes na vigiliação, na oração, nas praticas e canticos espiritaes, sem que jámais lhes fossem estorvo as chuvas, os frios, e as neves perpetuas d'aquellas montanhas.

Foi durante esta viagem que Xavier se assignalou por façanhas superiores a toda humana admiração. Entendia que o corpo e a carne, como inimigos mais proximos, se deviam domar e vencer primeiro que tudo; e imbuido nestas ideas, os cilicios, as disciplinas, as vi-

gílias, e os jejuns a pão e agua eram já para elle exercicios e privações usuaes. Quando fez os exercicios espirituaes, passou d'uma vez quatro dias inteiros sem comer um bocado. Estas obras porem já não tinham grande merito a seus olhos; e porque, no seu tempo de estudante, fôra de grandes forças, destro e gentil no exercicio de correr e saltar, muito usado entre os mancebos seus companheiros, imaginou uma traça com que castigasse o gôsto e vaidade que dantes tivera com aquellas prendas. Tomou uns cordeis delgados, e cheios de nós, atou com ellos em muitas voltas os braços e as pernas, e apertou-os de modo, que entrando os cordeis pela carne, não só debilitavam as forças, e impedião a ligeireza, que outrora correndo e saltando profanamente exercitara, senão que a todo o corpo era tormento insupportavel. Muitas jornadas não eram feitas, quando um dia viram-nô os companheiros desfallecer e cair subitamente. Acudiram a soccorre-lo, e a inquirir-lhe a causa do mal. Em sua profunda humildade e modestia, bem a quizera Xavier recatar, dissimulando; mas não lh'o consentiu a dor extrema. Viu-se então que trazia os membros chagados e de tal modo inchados, que os cordeis, mettidos pela carne, mal se podiam ver, e menos tocar, havendo consideravelmente concorrido para aggravar o mal, o violento exercicio da viagem. Conduzido à villa mais proxima, e chamado um cirurgião, repugnou este fazer a operação de cortar os cordeis, não succedesse perigar o paciente ainda mais, cortando-se alguma veia; e apartando-se descarçoado declarou que naquelle estado o seu remedio, só Deus lh'o podia dar. Magoados ficaram os companheiros com esta decisão, não menos que do lastimoso estado de Xavier; mas recorrendo ao verdadeiro medico, que lhes apontara o cirurgião, e passando em oração toda a noite, como foi manhã viram os cordeis fora, e feitos mil pedaços, as chagas sãs, a carne desinchada e igual, e quasi sem vestigios do que passara, e sobretudo, o enfermo com as forças

tam inteiras, que logo no mesmo dia se pozeram de novo a caminho, rendendo infinitas graças a Deus por tam singular, e assignalado beneficio!

Chegados a Veneza, e não lhes sendo possível continuar logo a viagem para Roma, assentaram de encher o tempo, repartindo-se a servir pelos hospitaes. Nesta repartição pretendem e alcançou Xavier o hospital dos incuraveis, “no qual (diz o P. João de Lucena, historiador da sua vida) foi cousa maravilhosa a diligencia com que procurou a cura ou remedio das almas, (que estas sempre o tem) e o alivio e refrigerio dos corpos daquella affligida gente, consolando com incançavel caridade os tristes, enchendo de esperanças do ceo aos desanimados, ajudando na morte os que acabavam. A todos era presente, nenhum sem D. Francisco passava suas dores, achava-se aos queixumes e lagrimas de todos. E quanto ao serviço corporal, elle varria as enfermarias, fazia as camas, amortalhava, enterrava os mortos, curava os vivos, alimpava, servia nos officios mais baixos com mór gosto, mostrando em todas estas obras uma tam notavel devoção, modestia e respeito no rosto e nos olhos, que era facil de ver como trazia nelles a Christo, senhor nosso, e que assim o servia em seus pobres, como se o fizera a elle em pessoa.”

Acreditarã agora o pio leitor que o infatigavel inimigo da nossa salvação vir-se-hia collocar entre Francisco e as suas boas obras, tentando este servo de Deus, e buscando maneira de o fazer afrouxar na sua ardente caridade? Pois foi nem mais nem menos o que aconteceu. Ouçamos ainda ao seu chronica, que continúa por este meio: “Havia no hospital entre outros um pobre homem, a quem o mal que os Hespanhoés chamam francez, assim tinha podre, feio, e nojento, que nem os olhos se atreviam a pôr nelle os enfermeiros; este tomou D. Francisco todo à sua conta, visitava-o mais frequentemente, detinha-se com elle mais tempo, e mostrava mais gosto em o alimpar, curar, e servir: aos

quaes effeitos da graça encontravam todavia outros da natureza, que eram um desgosto, um asco, e um horror grande da vista e mau cheiro daquelle podridão; e valendo-se grandemente o inimigo destas fraquezas tão naturaes, começava-se e sentia-se D. Francisco esfriar na caridade, até que determinando tirar de todo aquelle mimo á carne, se chegou um dia ao enfermo, e para o curar com mais brandura, lhe expremeu as chagas, já não com os dedos, mas com os beijos, recolhendo na boca a materia, a qual, por se vencer e triumphar inteiramente do inimigo, bebeu e levou algumas vezes para baixo, como se não fôra peçonha, mas um suave leituario. Consta-nos que depois desta assignalada victoria, que aqui alcançou de si mesmo, pondo a boca á chaga enojosa do enfermo, como se fôra uma fresca fonte, nunca mais sentiu D. Francisco por toda a vida em casos semelhantes repugnancia ou pejo algum da natureza.”

E em verdade, seria mister que o diabo fosse bem pertinaz e desenvoltô para depois de uma tal derrota, atrever-se a investir de novo com um homem desta tempera!

Alludindo rapidamente, e como assustado, a esta repulsiva anecdota, escusa-se Macaulay de a particularisar, porque, diz elle, não tinha missão para provocar repugnancias physicas em seus leitores; e contra estes e outros semelhantes excessos levanta a voz eloquente, mas não sabemos se inspirada por uma razão verdadeiramente esclarecida, se pelos erros funestos do protestantismo, em que andava transviado e perdido. “O ente divino, escreve elle, cujo nome Ignacio e seus adherentes adoptaram, igualmente victorioso das illusões do stoicismo, e das tendencias materiaes que degradam a natureza humana, não repellia nem o repouso no seio da vida domestica, nem as consolações innocentes que o homem acurvado ao peso da existencia pode acaso encontrar durante a sua trabalhosa perigrinação neste mundo. Nem ha hi cousa menos logica, e mais avessa á doçura e se-

renidade inalteravel de Jesu-Christo, que esse refinamento de emoções vehementes, esses habitos de Cordidez, essas torturas inuteis, tanto em voga nos primeiros membros da companhia, e que o proprio Loyola era o primeiro a tolerar, animar, e partilhar, pois como elles andava sempre desalinhado e desfeito, dormia em um leito durissimo, cingia-se de agudos e penetrantes cilicios, e guardava rigorosamente um regimen severo e repulsivo."

Entretanto, se o mestre e seus primeiros adeptos procuravam edificar a terra e ganhar o ceo por meio destas incriveis façanhas, que por vezes pozeram alguns delles ás portas da morte, é nada menos certo que o mesmo Loyola, tam profundo conhecedor da miseria humana, já nas suas primeiras regras insinuava a maneira de illudir as demasias do rigor, mandando usar de disciplinas brandas e flexiveis, que, fazendo alguma molestia á flor da pelle, não affectassem todavia o interior nem arruinassem a saude. *Quare flagellis potissimum utimur ex-funiculis minutis, quæ exteriores affligunt partes, non autem adeo interiores, ut valetudinem adversam causare possint.*

Este preceito, bello ideal do jesuitismo, deu logo causa, como bem se pôde crer, a vehementes accusações de hypocrisia, de fraude, e simulação, injustas e mal cabidas alias em soldados tam aguerridos, e que tam galhardemente pagavam de suas pessoas. Nos successores, porem dos primeiros jesuitas, e antes mesmo que começasse a degeneração da ordem, nunca se viram esses excessos; pelo contrario, em taes materias e outras semelhantes, os padres se mostravam mais desabusados que nenhuns outros. E a verdade requer se diga que neste particular nos ultimos tempos, não só os jesuitas, senão em geral todos os regulares, eram mais fervorosos em observar a regra, do que em seguir o exemplo de Loyola.



Com a empreza das descobertas e conquistas do Oriente, e do Novo-Mundo, andava sempre de companhia o piedoso intento da propagação da fé, e conversão dos idólatras e infieis. Este pensamento acollia de continuo a Xavier, e o trazia oppresso e desvelado, mesmo durante o somno, pois em sonhos se lhe representava frequentemente que tomava e trazia aos hombros um Indio possante e negro, como os da Ethiopia, tam pesado, que mal lhe deixava levantar a cabeça; e ainda depois de acordado e esperto, sentia-se tam cansado e alquebrado, como se realmente andara assobornado daquelle peso enorme.

Assim, quando o papa, á requisição de el-rei D. João o III de Portugal, o nomeou para a missão da India, foi prostrado, rendido, desfeito em lagrimas, e com uma voz abafada de soluços e suspiros que agradeceu a mercê, primeiro a Jesu-Christo, e depois ao seu vigario na terra. O jubilo ineffavel, e o zelo ardente que lhe inundaram e abrazaram o coração, não soffriam delongas:—arrimado ao seu bordão de peregrino, com os alfororges ás costas, e o breviario na mão, Xavier começou a sua viagem para a India, atravessando á pé a Italia, a França, e a Hespanha toda, até vir embarcar-se em Lisboa.

No seu penoso trajecto teve de atravessar tambem a terra que lhe dera o berço, e por ventura de alto dos Pyrneos avistaria as antigas torres do solar paterno, onde ainda vivia sua velha mãe, e aquella boa irmã que tam cedo vaticinara os seus gloriosos destinos. Em vão perfiamam com Xavier para que fosse dar os ultimos osculos e abraços naquelles entes caros e veneraveis que nunca mais talvez houvesse de ver. Mas aquelles olhos, cravados no Oriente, nada mais viam derredor do si; e aquelle coração, exclusivamente entregue a Deus, havia banido todos os affectos terrenos. Xavier recusou. “Não torceu (diz o P. João de Lucena) nem um passo do caminho, não visitou nem viu um só parente, e deu-nos a nós um grande e memoravel exemplo daquelle sancto

edio á carne e ao sangue, em que Christo poz uma parte tam principal da sua divina philosophia!"

Xavier partiu enfim para a India. Não nos é possível acompanhá-lo passo a passo nesse immenso labor em que despendeu dez annos de tempo e a propria vida. Referi-lo-hemos em substancia apenas, que temos pressa de passar a outras regiões. Chegado a Gôa, o spectaculo da depravação universal o scandalisou e affligiu. Aquelles Portuguezes do Oriente, que se nos pintam como a flor de toda a nobreza e cavallaria da metropole, não valiam mais que os malfeitores e degradados do Brazil. Lede os seus chronistas, e vereis ali a cada passo esses actos de cruza e brutalidade que por toda parte caracterisavam os conquistadores civilizados nas suas relações com as raças que haviam vencido, e traziam subjugadas. "Reinavam naquelle tempo (escreve Lucena) grandes desordens e corrupção de costumes nos homens da India. Bastam-me poucas regras para dar aqui exemplo das forças da cobiça, ambição, e largueza da carne. Quebrantam as delicias e os vicios sensuaes o valor, abatem o esforço, escurecem a razão, negam o respeito á honra e á nobreza; e não o tem o interesse nem ás leis, nem ao primor, nem á verdade, e primeiro que tudo o perde ao mesmo Deus. É a ambição falsa, desleal, cheia de inveja, vingativa, e traiçoãla. Pois qual destas boas qualidades faltaria onde tudo se vendia por dinheiro? onde se castigavam desafios com mercês? onde matar homens, por ter que gastar, era vantagem? Vivia o senhor com suas escravas, cinco e seis, de portas a dentro, como se com cada uma se recebera, e nem isso se estranhava em Goa, mais do que em Berberia. A outras obrigavam sob pena de tormento a lhes responder cada dia com tanto de ganho, que não o podendo ellas ajunctar pelo seu trabalho, traziam vendida a propria castidade pelo haver, sabendo-o e consentindo-o os senhores. Nos tractos e contractos o demais proveito, era o mais licito. As culpas privadas em juizo seryiam somente de pesos.

de pesar dinheiro, ou conforme ao termo da sagrada escriptura, de pão e sustentação dos juizes. Nem do remedio de tam grandes males havia algum cuidado ou lembrança. Quantos, nem depois de muitos annos, se chegavam aos sacramentos da confissão e sanctissima communhão? Estando a fé tam morta naquelles em quem devia resplandecer por obras, pera ser conhecida e abraçada dos infieis, que conversões se podiam delles esperar?"

Assim, o apostolo das Indias tinha uma duplicada tarefa a desempenhar, combatendo por um lado os vicios e os crimes dos seus compatriotas europeus, e convertendo do outro a innumeravel gentildade daquellas vastas regiões. Trovejou contra os primeiros, arrestou-se com o visó-rei, denunciou a corte o seu zelo frõuxo e tibiõ em reprimir o mal, e em ajudar a propagação da fé; e devassou os mares, illhas, e continentes, o Malabar, Cambaya, Ceylão, Malaca, e as Molucas; bateu ás portas de bronze do imperio de Confucio, e chegou a penetrar nesse mysterioso Japão, ainda hoje mesmo mal decifrado. Convertreu setecentas mil almas, tanto populares humildes e pobres, como príncipes, rajahs, reis, e imperadores. Assim como soffria o entono da magestade, e entrava desassombrado pelos palacios cozidos em ouro e scintillantes de pedraria, assim passava o mais do tempo nas humildes choças do miserrião Paria; a quem vertia o nectar da doutrina em troca do grosseiro sustento que esmolava à mesma penuria delles. E ou nas cortes, ou nas aldeas, era sempre o mesmo Xavier, flagellando-se até escorrer sangue, pungindo-se com agullos cilicios, mal tomando o alimento indispensavel para sostar a vida, dando ao somno e ao repouso tres horas cada dia somente, apenas involto na sua andrajosa roupeta, sempre desalinhado, sordido, e até, dizem, inçado de insectos e bichos immundos.

Tudo isto soffria de boa sombra o sancto missionario, por amor do proximo; ou antes a tudo era indiffe-

rente, e nada via na sua profunda humildade, todo entregue á unica luz, unica alegria, e unica paixão que lhe abrazava o peito, o desejo immenso de dilatar o reino de Christo na terra. E no curso desta tarefa prodigiosa, e não obstante a larga distancia, nunca lhe esqueceu cultivar a virtude da sancta obediencia, entretendo uma correspondencia seguida com o seu amado P. Ignazio, a quem sempre tractou com reverencia e piedade de filho.

“Nobre entusiasmo! (exclama o protestante Macaulay) abnegação rara e sublime, diante da qual podemos abater-nos no pó, sem temor de lhe suscitarmos por isso imitadores numerosos. O entusiasmo dos tempos de agora, inda mal! não é mais que um vão phantasma, contra o qual se evapora a eloquencia tambem vã, arida e insipida dos nossos gelados e inertes predicantes.”

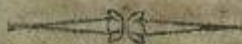
E depois, que empreza nobre e gigantesca proseguiam estes homens simples e energicos, mov. los de um impulso divino, e por ventura sem a si mesmas se proporem, em consciencia clara e liquida, tobo o alcance della! Nada menos que a unidade da fé, e a solidari. dele moral de todas as familias do genero humano, dispersas sobre a face do globo. Digamo-lo ainda uma vez, se resultados duradouros não responderam ao esforço e ao zelo empregados para consegui-los, a só tentativa basta para immortalisar esses homens de eleição, grandes e verdadeiros heroes, se este nome compete de preferencia á dedicacão e ao sacrificio.

Era quasi escusado dizer que os milagres brotavam sob os passos de Xavier, por ondequerque os elle encaminhasse; não que o sancto, em sua grande modestia, os recebesse por taes, pois a muito conceder os imputava, não aos seus fracos merecimentos, senão á graça infinita de nosso senhor Jesu-Christo. Não o entendeu porem assim a curia romana, que cincoenta annos mais tarde, e sob o pontificado de Urbano VIII, poz a causa em conferencia, contrariada, e replicada por um dos letrados mais sabedores, que effectivamente defendia assim as partes do diabo contra as da igreja, sempre glorificada no maior numero possivel

de seus sanctos. Apurou-se a verdade dos milagres, de modo a arredar todas as duvidas presentes e futuras; o padre Francisco Xavier foi canonisado, e a mesma igreja o celebra hoje um dos mais dignos servos do senhor.

---

Mas já é tempo de arredarmos os olhos fascinados desse Oriente quasi fabuloso, para os descaçarmos sobre as regiões que hoje são a nossa patria; se o spectaculo que ora se vae desdobrar diante delles não é tam grandioso e phantastico, ha de ser ao menos mais veridico, e mais conforme às proporções da humana natureza, que o apostolo collossal das Indias ultrapassou; e ainda sobre isso offerecerá o interesse que naturalmente se liga à historia das raças indigenas, e da infancia da nossa existencia colonial.



## SECÇÃO 2.ª

---

*Primeiros jesuitas no Brazil. Contemporaneos da fundação da cidade de S. Salvador. Missões pelos arredores da Bahia, e por outras capitánias visinhas. Primeiras lutas com os colonos pela liberdade dos Indios. Collegio de Piratininga. Nobrega e Anchieta. Guerras com os Francezes e Tamoyos.—Trabalhos sublimes dos missionarios.—Catastrophe em que perecem o P. Ignacio de Azevedo com mais trinta e nove padres.—Idade de ouro da companhia de Jesus, maculada por um crime atroz. Supplicio do protestante João Bolés.*

Os primeiros cincoenta annos depois do seu casual descobrimento, esteve o Brazil como desamparado da coroa portugueza, objecto apenas das explorações dos navegantes, e de algum limitado commercio de drogas e pau-brazil; ou simples dom para se repartir em capitánias, com que a munificencia de el-rei premiava aos seus nobres e capitães os serviços prestados e recebidos. Este estado de cousas não podia entretanto durar eternamente: em 1549 veio o governador Thomé de Souza com uma armada fundar a Bahia. A' volta da organização civil e politica, proveu-se tambem à moral e religiosa. Com Thomé de Souza vieram logo seis jesuitas; no anno seguinte mais quatro; e em 1553, com o novo governador D. Duarte da Costa, outros sete. Não era possivel que a companhia mentisse á sua vocação, e deixasse de acódir promptamente ao reclamo de um imperio virgem e recente, que se offerecia quasi espontaneo a uma conquista não menos gloriosa á religião em ge-

tal que aos filhos de Sancto Ignacio em particular. Já se vê que o Brazil e os padres são coevos; e quando isto succedeu, mal contava a ordem dez annos de existencia no antigo continente.

Todos estes homens se assignalaram por um zelo mais ou menos ardente, e por serviços mais ou menos importantes; porem Nobrega e Anchieta, esses dous tomaram para logo proporções colossaes, e os seus nomes, gloriamente identificados á grande historia do Brazil, não ficaram encerrados em chronicas particulares e obscuras.

Apenas esboçamos traços rapidos e geraes, e reproduzimos alguns successos de maior valor historico, com que possamos encaminhar o leitor mais facilmente á apreciação do nosso assumpto e intento principal. Não podemos nem devemos pois gastar o tempo e encher o espaço com noticias particularisadas sobre as mínimas circumstancias da vida destes sanctos varões, que os curiosos acharão de resto, amplas e copiosas, nas antigas chronicas da companhia, e n'alguns artigos biographicos publicados nas Revistas do nosso Instituto-Historico.

Era o P. Manoel da Nobrega, Portuguez, e filho do paes qualificados por sua nobreza. Fez estudos brillhantes em Salamanca e Coimbra, tomou o grau de bacharel em canones, e ordenou-se presbytero; oppondo-se porem a uma collegiatura da universidade de Coimbra, succedeu ser-lhe preferido outro sujeito que lhe era somente em capacidade. Do revez e da injustiça lhe veio grande pezar e desgosto do seculo.

Já vimos como uma das regras primitivas da companhia era explorar a irritação, e os desgostos que produzem os máus negocios e os azares e infortunios da vida. Cederia Nobrega a suggestões estranhas, ou á propria e intima vocação? Nós o ignoramos, e sabemos só que por occasião deste successo entrou para a companhia em todo o vigor e flor dos annos.

Fôra repetição molesta e enfadosa dizer aqui os successos da sua vida o tempo que passou na Europa depois

da profissão; o leitor poderá avalia-los pelo que já ficou escripto dos fundadores da ordem. São os mesmos exercicios espirituaes, os mesmos flagícios à carne, as mesmas peregrinações e predicas, a mesma fè, enthusiasmo, e zelo ardente.

Atrevessemos rapidamente o Oceano, e nem nos detenhiam a missão que Nobrega fez a bordo da nau do governador, e os fructos copiosos que della colheu, nem o estupendo milagre de uma cabeça de peixe que se pescou, a cabeça só sem mais corpo, e com que alcançou elle desviar o mesmo governador de certa superstição que usava de não comer cabeça de peixe ou de outra alguma alimaria, por devoção à cabeça de S. João Baptista, cortada em odio da castidade que o sancto defendia. O que nos importa é ve-lo no Novo-Mundo.

Mal desembarcam na capital do futuro imperio, logo começaram a levantar com as proprias mãos a sua primeira igreja, sem que para isso recebessem a minima ajuda da mais gente, toda divertida e occupada pelo governador na edificação da cidade, e nas fortificações que aconselhava a visinhança do gentio. Tam os padres ao mato, derribavam as arvores, carregavam aos hombros, afeiçoavam, e collocavam a madeira, e amassavam a taipa, sempre esforçados e diligentes, apezar da falta de alimentos, que esmolavam de porta em porta, sem todavia colherem muito, por que a penuria era geral. Tam á fonte pela agua, ao mato pela lenha, com o corpo um pouco à ligeira, descalços, sem camisa talvez, que onde era tamanha a pobreza, não havia que apurar requintes de decencia, mal cabidos nas circumstancias. Dentro em pouco largaram esta primeira igreja a um vigario vindo de Lisboa, e foram erguer com igual trabalho nova habitação fora da cidade, em um lugar elevado, onde era o assento de muitas aldeas do gentio.

As mesmas difficuldades que encontrou Xavier na India, se puzeram diante dos seus companheiros na Bahia;



de um lado os Portuguezes atolados nos vicios; e do outro os naturaes esquivos, rudes, feros, e crueis. A situação era perfeitamente identica, e a ponto tal, que a descripção que nos fazem da depravação dos costumes dos Europeus os P. P. Lucena e Vasconcellos, e nós transcrevemos a paginas 174, e 348 se podem substituir uma por outra, sem differença sensivel, e sem a menor alteraçao da verdade historica. Para vencer este inimigo birronte empregaram-se as mesmas armas que no Oriente, o trabalho, a paciencia, o zelo constante e indefesso, e uma fé superior a todos os obstaculos.

Mas que rudes e gigantescos obstaculos, cabaes a descoroçar outros quaesquer combatentes que não fossem os jesuitas dos primeiros tempos do Brazil! A ignorancia absoluta dos numerosos dialectos dos Indios, os seus ritos barbaros e grosseiros, o predominio de paixões sem freio, como o amor da multidão de mulheres, as demasias nos vinhos, as guerras, os odios, a vingança nunca saciada! Tudo allia se venceu, senão que, quanto ao vicio abominavel e torpe da gula, no comer a carne humana, lidaram e suaram os padres sem poder-lo refrear de todo durante longo tempo. Viam os padres a cada passo diante dos seus olhos aquella infanda carnificaria nos terreiros, e as festas e solemnidades com que, sacrificadas as victimas, retalhavam e repartiam as carnes como em açougue, e não tinham maneira de atalhar o mal. A razão era, segundo o P. Simão de Vasconcellos, que tinham os Indios aquella comida pela mais saborosa, e substancial de quantas havia na terra; não havendo carne de fera, veado, porco montez, tatú, paca ou pereá, que pudesse chegar a uma só posta de carne humana. Com ella criavam os meninos mais regalados, e entendiam que era superlativa para tirar o fastio aos enfermos. A este proposito, refere o chronista um exemplo espantoso, provavel sim, mas cuja authenticidade não ousaremos garantir de um modo absoluto. Penetrando uma vez um missionario pelo sertão, em certa aldeia achou uma India velha prestes a despedir-se da vida. Acodia-lhe

primeiro com os soccorros espirituaes, como o requeria a urgencia do perigo; mas attentando depois na extrema debiliidade e abatimento em que estava: Avó, disse-lhe, falando-lhe ao modo costumado da terra, se vos eu desse agora um torrãozinho de assucar ou outro algum conforto de lá das nossas bandas do mar, não o tomarieis por me dar gosto? Ai! meu netinho, respondeu a velha, já catechizada e convertida, cousa alguma da vida já desejo, tudo me despraz: só uma me podera agora abrir o fastio; se eu tivera uma mãozinha de um Tapuya de pouca idade, tenrinha, e lhe chupasse aquelles ossinhos, então me parece que tomaria algum alento; mas eu (coitada de mim) não tenho quem me vá frechar um destes.

De excessivo transpunha ás vezes o zelo dos padres o alvo a que fitavam. Um dia, sacrificado quasi á sua vista um mísero prisioneiro, não se poderam ter que e não arrebatassem da mão das fúrias que se dispunham a retalha-lo. Os selvagens attonitos não souberam a principio dar-se a conselho; mas passada a primeira surpresa, e pungidos dos insultos das mulheres, que, furiosas de se lhes haver arrancado a presa, os affrontavam de covardes, vieram em grande alvoroço e ardendo em raiva acommetter a corça dos padres, e ninguem sabe o que teria succedido, se o governador, advertido a tempo, os não fizesse recolher á cidade, e não acodisse com toda a força á defeza della, pois os barbaros, no impeto com que vinham, chegaram até aos seus muros.

Os moradores da sua parte marmuravam deste zelo indiscreto, que não só punha suas vidas em perigo, como estorvava o commercio e os resgates, unico remedio da nascente povoação.

Poderam os padres fazer enfim uma especie de compromisso com os Indios, em virtude do qual, sem ficar tolhida a morte dos prisioneiros, seria aos mesmos padres permitido catechizá-los na sua hora derradeira, ministrarlhes as ultimas consolações, e regenera-los pelo baptismo. Mas dentro em pouco rompeu aquella gente bronca e in-

constante o pacto convindo, porque começaram a persuadir-se que a agua regeneradora tirava o sabor à carne das victimas.

Então a infatigavel piedade dos missionarios ideou uma traça com que se baldasse este novo capricho. Aco-diam às aldeas em occasião de carnificinas, simulando curiosidade de as observar, como se fôsem grandes proezas, com o que ficavam os Indios inchados de vaidade; e como vissem a estes de todo enfrascados nos vinhos e folias do costume, aproveitavam os padres a distracção, chegavam-se ao prisioneiro, sopravam-lhe rapidamente ao ouvido algumas das palavras consagradas, e espargiam-lhe sobre a fronte votada à morte algumas gotas da agua regeneradora, de que sempre traziam, por precaução, os lenços impregnados.

Era isto empalmar literalmente as almas ao diabo, que já quasi folgava de as ver nas garras; e o artificio, concebido em um espirito verdadeiramente jesuitico, faria honra á propria agudeza do padre mestre Sancto Ignacio. Talvez o sacramento, bem que reduzido a formas externas e incompletas, produzisse todos os effeitos da graça, em consideração à pia intenção com que era administrado.

E isto não era tudo. Levrou uma grande peste com fatal estrago dos Indios convertidos; e ainda às aguas do baptismo levaram a culpa desta nova calamidade. O leitor talvez já tenha penetrado que estes devaneios dos barbaros não deixavam nunca de attribuir-se ás suggestões do demonio, exasperado com os progressos da fé.

E em verdade, a fé progredia, apesar de tudo, e os trabalhos apostolicos prosperavam a olhos vistos, estendendo-se as missões desde Pernambuco até S. Vicente, e comprehendendo no centro S. Salvador, Porto-Seguro, e Spirito-Santo. Aprendia-se a lingua dos barbaros, ensinava-se-lhes a portugueza, e facilitava-se por este theor a pregação e a doutrina. Fundavam-se escholas e collegios para os orphãos portuguezes, e meninos indios, e por estes domavam-se e convertiam-se os paes, que depunham toda

a esquivança, vencidos da innocencia daquelles pequenos e gentis missionarios, transformados pela religião em mestres dos grandes.

Esses collegios, que por uma approximação tocante se chamavam do menino Jesus, não passavam em verdade de humildes choças, ou na cidade, ou já no campo entre as aldeas dos cathécumenos. Os meninos, alem de transmittirem o conhecimento da lingua e da doutrina aos gentios adultos, exercitavam certos officios religiosos, ajudando ás missas, assistindo aos moribundos, e convertendo-os até algumas vezes. Sahiam tambem em procissões, entoando ladainhas e outros canticos sagrados, com que levavam apoz si os olhos, os ouvidos e os corações.—Assim, diz Chateaubriand, cantam tambem os passarinhos adestrados para attrahirem ás redes do caçador os ariscos e bravios.

Aos meios brandos e suaves, junctavam-se os meios violentos e terriveis. Se não bastavam para prender as almas as pompas e apparatus das ceremonias, as graças ingenuas da infancia, e os encantos da musica, travavam dellas com spectaculos de outro genero, disciplinando-se os missionarios até tingirem as vestes, e ensoparem a terra com o proprio sangue. Combatidos incessantemente, e por todos os lados, abrandava-se e rendia-se emfim o endurecido selvagem. Foi com espantosas flagellações destas que o P. João de Aspícueta Navarro conseguiu desterrar d'entre os Indios, já christãos o costume de comerem carne humana, em que estavam tam enraizados.

---

A liberdade dos Indios desafiou tambem a attenção e zelo dos padres, e lhes foi occasião de não pequenos trabalhos desde os primeiros tempos.

Achamos escripto em algumas memorias que a escravidão legal dos Indios no Brazil data do anno de 1557, no qual por uma provisão regia foram os Cahetés, e

seus descendentes; sem distincção do sexo ou idade, condemnados a perpetuo captiveiro, em vingança da guerra encarniçada que haviam feito aos Portuguezes, e da fereza com que devoraram o primeiro bispo D. Pedro Fernandes Sardinha; e mais com desgraçados companheiros que com elle haviam naufragado em uma costa deserta.

Não podemos achar o texto desta lei; mas já antes dessa epocha, a escravidão existia de facto, e á chegada dos primeiros jesuitas, já elles a encontraram estabelecida, bem como o commercio denominado de—resgates—que era a troca de Indios prisioneiros e destinados á morte, por objectos de infimo valor. Posto não houvesse leis escriptas para regular a materia, comtudo por uma especie de consenso, e convenções tacitas, de que em 1558 fez o governador Mem de Sá um regulamento, já se distinguiam os captiveiros justos dos injustos. Acothiam os padres não só pela liberdade dos Indios injustamente captivados, senão em defeza dos escravos maltractados. Bem cedo rebentaram as desavenças por esta causa, mormente em S. Vicente; e houve tal senhor, duro e deshumano que, impacientado e malsoffrido das rasões dos padres, chegou a levantar um pãu para maltractar o P. Leonardo Nunes. Este porem, com mais serenidade e gallardia que Themistocles, ajoelhou-se, offereceu a cabeça ao golpe, e continuou a afear e exprobrar o crime, e o vicio. Corrido de vergonha o aggressor, sosteve o braço, e retirou-se.

Estes actos de violencia se repetiram por vezes, e algumas degeneraram em motins. Entre os inimigos da companhia assignalou-se um João Ramalho, antigo morador de S. Vicente, onde cobrara fama assim pelas riquezas como pelos vicios, sendo que por viver amancebado cerca de quarenta annos, andava de ordinario excommungado, e tolhido de frequentar as igrejas. Este costumava sair á rua seguido da numerosa caterva dos filhos, bastardos mamalucos, gente raim e desalmada, que se der-

ramavam a fazer alvoroços, e a injuriar e calumniar os padres.

A maioria porém da população os amava e defendia, pois se por uma parte os missionarios reprehendiam e reprimiam os vicios e os crimes com inteireza e energia, pela outra procuravam desarmar as paixões irritadas, com a brandura e humildade das palavras e maneiras, e com a alta prudencia e desinteresse de todo o seu procedimento.

---

A' proporção que crescia o numero dos operarios, alargavam-se os trabalhos da missão. Em 1553 chegara ao Brazil como já dissemos, a terceira cohorte desta sancta milicia, pequena e debil, se attendermos só ao numero, mas grande e poderosa pelo esforço e pela dedicação. O P. Nobrega foi então nomeado, por patente, provincial do Brazil, separado da provincia de Portugal, dando-se-lhe por collateral no governo o P. Luiz da Grãa, que vierá na mesma occasião com o veneravel Anchieta.

Com a chegada deste poderoso soccorro intentou Nobrega a fundação de um collegio nos campos de Piratinin-ga, situação vantajosa a muitos respeitos; pela visinhança do mar e do porto de S. Vicente, distante apenas umas dez a doze leguas; pela salubridade do clima; e pela fertilidade do terreno; e não menos por ser ali o centro das aldeas de innumeravel gentilice. Ouçamos a descripção que destas campinas e serranias faz o P. Simão de Vasconcellos, se exagerada, talvez por isso mesmo mais brilhante e encantadora. Estes padres, a tantos outros dons do ceo, reuniam ás vezes o da poesia.

“ Estes campos (diz no L. 1.º da Chronica da Companhia) merecem o nome de elyseos ou bem afortunados, assim pela ventura que lhes coube de que fossem elles o primeiro seminario da conversão da gentildade daquellas partes, e o maior de toda a provincia do Brazil; como porque partiu com elles a natureza do melhor do mundo,

De toda a abundancia de cousas necessarias para uso da vida, são capazes; e ainda para recreação e delicia, a quem a procurar. Ficam quasi na segunda região do ar depois de atravessada aquella notavel serra, que sempre vae subindo, accumulando montes sobre montes, e tem bem que suar os que houverem de vello-los, para chegarem a gosar do raso das campinas. . . . O caminho com ser em parte, escolhida, e feito por arte, é tal, que põe assombro aos que hão de subir ou descer. O mais do espaço não é caminhar, é trepar de pés e de mãos, aferrados às raizes das arvores, e por entre quebradas e despenhadeiros taes, que confesso de mim que a primeira vez que passei por aqui, me tremiam as carnes, olhando para baixo. A profundidade dos valles é espantosa, a diversidade dos montes, uns sobre outros, parece tira a esperança de chegar ao fim, quando saltas que chegas ao cume de um, achae-vos ao pé de outro não menor. Verdade é que compensava o trabalho desta subida de quando em quando, porque assentado sobre algum daquelles penedos, lançando os olhos para baixo, me parecia que olhava do ceo da lua, e que via todo o globo da terra posto debaixo dos meus pés; e com notavel formosura, pela variedade das vistas do mar, da terra, dos campos, dos bosques, e serranias, e tudo vario e aprazivel.

“ Se houvera de medir o grande diametro desta serra, acharia talvez, o melhor de oito leguas, por se supposto que vae fazendo em paragens, algumas, como a modo de tableiros, sempre vae subindo e tornando a mesma aspereza, até chegar ao raso das campinas, e segunda região do ar, onde corre tam delgado, que parece se não podem fartar os que de novo vão a ella. A grande copia de lagoas, fontes e rios, a formosura de bosques, brutescos, e arvorados, a diversidade das herbas e flores; a variedade de animaes, terrenos e voadores; as apparencias admiraveis da compostura da penedia posta em ordem desigual desde o principio da criação do mundo;

a riqueza dos mineraes emfim; tudo isto, se se houvera de escrever em particular, pediria figura mui diffusa.

“Aqui, no mais patente destes campos, junto a um rio, e perto da vivenda dos Indios, escolheram os padres o sitio pera seu collegio, e por bom annuncio do futuro, disseram nelle a primeira missa aos 25 de janeiro de 1554, dia da conversão do apostolo S. Paulo, de cujo nome quizeram todos se denominasse o sitio, e depois se denominou a villa e territorio todo.”

---

Este collegio fundou-se com treze missionarios, sob a direcção do P. Manuel de Paiva, e aqui continuou Joseph de Anchieta aquelles memoraveis trabalhos, começados na Bahia, que mais tarde lhe valeram o cognome glorioso de—apostolo do Novo Mundo.

“Desde janeiro até agora (escrevia elle em agosto de 1554 ao padre Ignacio de Loyola, que estava a duas mil leguas, em Roma) que aqui vivemos, não menos de vinte pessoas, (contando os meninos catechumenos,) em uma pobre casinha feita de madeira e barro, e coberta de palha, com uma esteira de canas por porta, a qual nem chega a ter quatorze passos de comprimento com dez de largura. Este estreito local serve de escola, enfermaria, dormitorio, cozinha e refeitorio; mas nem por isso coligamos habitação mais folgada e agasalhada, consolando-nos a idea de que por nos remir, N. S. Jesu-Christo submetten-se a maiores estreitezas e apertos, querendo nascer n'um humilde presepio entre dous animaes, e soffrendo ser pregado em uma cruz.” E continuando a particularisar as cousas, acrescentava que aquelle aperto era ajuda contra o frio, assaz intenso na terra, com muitas e grandes geadas. As canas eram redes, das que usavam os Indios; e em falta de cobertores, aqueciam-se ao fogo, para o qual, acabada a lição da tarde, iam os irmãos aguçado por lenha, e traziam-n'a ás cos-



las, para passar a noite. O vestido do panno de algodão, era pouco e humilde, sem calças nem çapatos. Serviam-lhes de meza e toalha folhas largas de arvores; mas bem podiam escusa-las, onde faltava o comer, o qual não tinham donde lhes viesse, a não ser alguma farinha, e ás vezes alguns peixinhos do rio, ou caça do mato, que de esmola lhes davam os Indios.

Aqui nesta pobreza e desamparo abriu o irmão Joseph de Anchieta a segunda classe de grammatica que houve no Brazil (a primeira se estabelecera na Bahia). Molestado do fumo que enchia a exigua habitação, muitas vezes vinha ler fora ao ar livre as suas lições, exposto a todo o rigor do frio. Como lhe faltavam livros, copiava de sua letra com insano trabalho e heroica paciencia tantos cadernos quantos eram os discipulos que leccionava: gastando nisso as noites sem dormir, porque os dias lhos levavam obrigações mais severas.

Applicou-se tambem a ensinar a lingua latina, e a aprender a brazilica, servindo-se uns aos outros reciprocamente de mestres e discipulos; e taes progressos fez em pouco tempo no idioma dos barbaros, que compoz d'elle grammatica e vocabularis que se imprimiram, e foram por muito tempo de grande proveito. Compoz na mesma lingua catechismos para a instrução religiosa, manuaes para guia dos que houvessem de administrar os sacramentos, e hymnos sagrados que foyto cantar em vez das canções lascivas que até então cantavam em voga.

A's privações, e aos trabalhos do entendimento, se reuniam os mechanicos, desempenhando os padres por suas proprias mãos todos os misteres da vida, e alcançando a sua engenhosa industria supprir a falta de çapatos com alpergatas que fabricavam de cardos bravos.

Foram os Indios acommettidos da peste. Acodiu-lhes á imaginação perturbada e aterrada a mesma idea que aos da Bahia: o mal não podia derivar senão das aguas do baptismo. Mas a charidade dos missionarios conseguiu desterrar esta absurda supposição. Alem das

preces publicas em procissões, e de disciplinas a'ê o sangue, a que recorreram para aplacar a cólera divina; e apartar o flagello com que a Providencia aprazia visitar os peccadores. serviam os padres de enfermeiros e medicos, e como não havia lancetas, aguçaram os seus canivetes de apitar pontas, e começaram a sangrar os Indios com tam maravilhoso effeito que raro foi o que dali em diante morreu; e já porfim diziam elles que a doença trazia-a o diabo, e a saude davam-na os padres.

Um facto nos dá idea de toda a ingenuidade destes homens simples e de boa vontade; entraram a escrupulizar se, derramando sangue pelas sangrias, não incorreriam por isso no perigo de irregularidade, e consultaram para Roma, afin de socegarem as consciências assustadas. O patriarcha Sancto Ignacio respondeu por estas palavras: *Quanto ás sangrias, digo, que a tudo se estende o bazo da choridade.* Dali em diante, ninguem mais duvidou.

Os padres se assignalaram tambem por trabalhos de outra natureza. Nobrega ajudou a expulsar os Francezes do Rio de Janeiro, trazendo muito a ponto aos Portuguezes, um grande refugio de Indios de S. Vicente, alem de mantimentos de que careciam. E' certo porem que este serviço não ficou sem o merecido galardão, como tantos outros; porque, quando mais tarde se fundou a cidade do Rio de Janeiro, mandou el-rei levantar no centro d'ella um collegio para cincuenta pobres, ordenando-lhes ao mesmo tempo uma larga dotação para sua subsistencia.

Aconteceu tambem que os centios visinhos de Piratininga, ou movidos das suggestões dos mamelucos Rammalhos, ou da propria inconstancia e fereza, ou já finalmente de alguns aggrayos que tinham recebido dos Por-

tuguezes, entraram a ver com máus olhos o estabelecimento christão, e afinal, resolutos a destrui-lo, vieram sobre elle em crescido numero, e com grande furia; mas os catechumenos, dado que poucos, esforçados pela religião, se houveram com tal gentileza que desbarataram e puzeram em fuga os inimigos.

Estes contudo, e os Tamoyos especialmente, perseveraram nas suas disposições hostis; e com tal poderio de gente de guerra se preparavam a vir sobre as colonias portuguezas de S. Vicente, que a ruina destas seria infallível, se o acommettimento se realisasse. Nestas criticas circumstancias, o P. Manuel da Nobrega que por mais de dous annos meditara este projecto ousado e sublime, metten-se desassombrado por entre os inimigos, acompanhado só do P. Anchieta, e sem mais guarda e defeza que a fé, esperança, e charidade, que guiavam todos os seus passos.

Esta determinação heroica paralysou á principio os barbaros, a ponto de consentirem em abrir negociações, que os padres tractavam, pregando ao mesmo tempo, e celebrando os officios divinos em altares erguidos á pressa sob humildes tectos de palha, no coração daquellas florestas. Mas cansados das dilacões, assanhavam-se os Indios em novos furores, e por muitas vezes esteve em risco imminente a vida dos dous missionarios diplomatas. E a salvação della sem duvida se deveram a favor especial da Providencia, que permittiu-lhes alguns milagres, como a realisacão de varias prophcias, certas curas extraordinarias, e outras cousas a este modo maravilhosas e incriveis.

Crescia entretanto a impaciencia dos barbaros, e foi forçoso aos padres fazerem um novo accordo. Nobrega partiu para S. Vicente a dar noticia á conclusão da paz, e Anchieta ficou como ex referens. Tã multiplicas e rapidas viagens fazia Nobrega, em proveito commum, que os Indios admirados lhe pzeram o nome de *Abaré-Bebe*, *padre voador*. Mas nesta ultima demorou-se, e excedeu

tanto o prazo marcado, que entraram elles a conceber vehementes suspeitas de traição, e a vida de Anchieta e mais outros prisioneiros correu novos perigos. Naquelle angustioso trance, não havendo mais industria humana que os podesse salvar, encheu-se de fé o sancto missionario, e prophetizou ousadamente que no dia seguinte a taoz horas, que designou pela altura do sol, chegaria sem falta o companheiro com a nova das pazes. A prophecia cumpriu-se muito a ponto, e a autoridade dos padres ganhou com isso ficar mais assentada e robustecida.

Naquelles tempos de fé singela e ardente, quasi tudo se afigurava milagroso aos animos prevenidos e entusiasmados; assim as caprichosas combinações do acaso, como os successos mais ordinarios e naturaes; porque a natureza real andava como toldada e involta n'uma miragem phantastica e prestigiosa, e os homens a contemplavam, não com os olhos corporaes, mas com os da alma, comovida e arrebatada por sentimentos sublimes. De modo que, ainda quanto aos successos extraordinarios, e humanamente impossiveis, não é licito acceher a idea de impostura em homens que assim expunham a vida a perigos immediatos e temíveis, ou a despendiam lentamente em assombrosos e quotidianos sacrificios; devemos antes crer que a Próvidencia os permittia algumas vezes, em favor e graça especial a tamanhos servidores da fé; ou que naquellas imaginações exaltadas até o delirio, os sonhos e as visões tomavam as proporções da realidade.—Pode ser tambem que escrevendo os chronistas cincoenta e cem annos depois dos acontecimentos, adoptassem os contos e legendas populares sem escolha alguma, podendo com elles menos a critica que a piedade.

---

O perigo não ameaçara somente a vida dos padres durante a residencia que fizeram entre os Tamoyos; pois

tambem a sua castidade andou exposta a tentações de tal natureza, que o inimigo houvera certamente triumphado, se não encontrasse campeões tam esforçados. Os principaes das aldeas, como é de uso entre aquellas gentes, lhes offereciam as mais formosas d'entre suas filhas e irmãs; e pasmado de verem como os padres as refusavam, inquiriam curiosos de que natureza estranha eram elles, que assim menospresavam aquillo que todos os mais homens tanto cobiçavam? Mostrava-lhes Nobrega então umas disciplinas ensanguentadas, e lhes dizia que marcando com ellas o corpo, asseguravam a continencia, e se defendiam dos impetos lascivos.

Mas a este, velho e quebrado, era a virtude mais facil, ao passo que a Anchieta, vigoroso e na flor dos annos, era preciso esforço mais que humano para poder domar as rebelliões da carne. O perigo cresceu quando o piedoso manco, que não tinha hem trinta annos, viu-se de todo solitario pela ausencia do companheiro, entre aquella turba de selvagens. "Spectaculo digno de Deus, dos anjos, e dos homens, (fiz o Sr. Simão de Vasconcellos) era ve-lo metido em terra barbara, entre homens feras, e mulheres nãas, elle consigo só, sem quem pudesse notar-lhe excessos, em combates continuos e quasi necessarios, de olhos, de ouvidos, da carne, dos homens, do diabo, e do proprio inferno. Para poder guardar-se a si, havia-se como morto ao tropel de objectos torpes, que eram inevitaveis, onde a natureza não conhecia pejo, e a honestidade não era conhecida. Era continua sua penitencia, cilicio, jejum, contemplação, que divertiam a alma a Deus, e apoz ella os olhos e desejos. Em semelhantes exercicios passava a mór parte das noites, porque os dias podesse gastar em bem dos homens. Tomou em primeiro lugar por advogada da empreza, e muito em especial de sua castidade; a virgem senhora nossa, no meio deste incendio de Babylonia. El era tal o effeito de sua protecção, que não chegou a elle o minimo calor, nem ainda fumo daquelle fogo infernal."

No meio destas tribulações, entre a vida e a morte, as tentações e as penitencias, a oração e o trabalho, fez Joseph voto à senhora de escrever a sua vida em versos latinos. Nem papel, nem tinta, nem penhas tinha; mas a falta mais sensível era a dos livros. Não obstante tudo isso, deu principio á obra: e seguiu todos os passos da vida da senhora, desde a conceição até a assumpção, sem que ficasse passagem alguma das escripturas e propheticas, ou dito celebre de sanctos, relativo ao assumpto, que não inscriisse no poema. Compunha-o elle a passear nas praias do mar visinho, ao ruído solemne das ondas; e á proporção que os compunha, ia trazendo os versos na areia, para mais facilmente rete-los na memoria. Conta-se que vivera muito tempo na tradicção dos Indios — que em quanto Joseph assim passeava e conversava, com os olhos erguidos ao ceo, uma avesinha graciosamente pintada, ora o rodeava, e festejava com grande vôo, ora lhe pousava nos hombros, na gallega, ou nas mãos, como para mostrar-lhe o cuidado que o ceo tinha delle, trazendo-lhe o despacho do que pretendia da virgem, que era o dom da confirmação da pureza, em galardão do seu trabalho e amor.

Este poema sem igual pelas circumstancias extraordinarias em que foi composto, verdadeiro prodigio de memoria e devoção, acha-se no fim da — *Chronica da Companhia de Jesus no Estado do Brazil*, pelo P. Simão de Vasconcellos. Cõsta de pouco mais de 5900 versos, e termina com a seguinte dedicatória, pela qual poder-se-ha fazer algum conceito da obra inteira. “ Eis-aqui, mãe sanctissima, os versos que offereci a vossos louvores, ao ver-me cercado de inimigos, quando sociegava com minha presença os Tamoyos irritados, e desarmado tractava pazes entre armados barbaros. Aqui teve vossa benevolencia com amor de mãe cuidado de mim; e á sombra do vosso amparo vivi seguro no corpo e n’alma. Muitas vezes desejei com divinas inspirações, padecer do-

res, prisões, e morte, porém não foram acolhidos os meus votos, porque gloria tamanha só cabe aos verdadeiros heroes." (\*)

Se as aspirações de Anchieta ao martyrio não foram satisfeitas, é porque a sua vida sem duvida servia os interesses da religião melhor que a sua morte; porém com outros muitos membros da ordem não foi o ceo tam avaro deste raro favor. Dous irmãos, de nomes Pedro Correa, e João de Souza, metteram-se animosamente pelas brechas com intento de converterem os Carijós. Bem recebidos a principio, logo depois entraram a ser objecto da desconfiança dos barbaros. Conhecendo que se lhes dispunha o martyrio, puzeram-se de joelhos com os olhos e as mãos erguidas ao ceo, e nesta attitude tam humilde como heroica receberam immediatamente a morte, trespassado o corpo de innumeraveis frechas. Uma circumstancia digna de memoria é que este Pedro Correa, antigo morador do Brazil, tivera em seus principios por officio andar salteando e captivando Indios. Convertido depois pelo P. Leonardo Nunes, e abraçando o instituto, deu-se todo, em desconto dos seus peccados, ao serviço e conversão dos mesmos Indios, a cujas mãos veio a acabar.

Mas a todos sobreleva, pela immensidade do sacrificio, o martyrio do P. Ignacio de Azevedo, e seus companheiros. °

Este padre havia já visitado o Brazil, e regressando a Europa, foi a Roma, onde o seu geral S. Francisco de Borja lhe deu missão para tornar com quantos companheiros pudesse congregar, afim de empregar-se na

---

(\*) Constancio dá a este poema 7500 versos, e o P. Vasconcellos 4172. Se estes escriptores leram, como é de presumir, parece contado que não contaram os versos.

conversão dos gentios. O mesmo papa animou esta sancta empreza com dons numerosos e singulares,—indulgencias plenarias, reliquias de sanctos, e até uma copia do retrato da virgem, tirado por S. Lucas. Este ultimo favor nunca fora concedido, afim que, pela raridade, fosse maior a veneração e o culto da sagrada imagem.

Partiu o P. Ignacio para o Brazil, em 1570, com mais sessenta e nove companheiros, na frota em que vinha o governador do estado D. Luiz de Vasconcellos, a saber o P. Ignacio com mais trinta e nove, na nãu San-Thiago, vinte na capitania, e os outros repartidos pelos outros navios. Detida a frota na ilha da Madeira, foi a nãu S. Thiago a de Palma, uma das Canarias, largar parte da carga, e tomar outra para o Brazil. Como aquelles arredores eram infestados de corsarios, pelejaram com o provincial para que se passasse para a capitania, mas elle, recusando-se a isso, deu entretanto liberdade aos que a quizessem para ficarem. Alguns noviços usaram della, mas foram para logo substituidos por outros padres, que só parece que andavam todos apostados, a quem primeiro alcançaria a palma do martyrio.

Jacques Soria, corsario calvinista, que commandava cinco embarcações, encontrou effectivamente a nãu S. Thiago, atacou-a e rendeu-a. Durante o terrivel conflicto, os padres animavam os soldados com a voz e com o exemplo. Foram todos mortos, á excepção de um noviço, e o cruel vencedor arrojou os corpos sangrentos ao mar. Conta-se que o P. Azevedo, tendo nas mãos aquella milagrosa imagem da virgem, de que ha pouco fallamos, ficara suspenso sobre as ondas com os braços abertos em attitude de crucificado;—que os hereses em vão forcejaram por lho arrancarem da mão o retrato;—que o P. enfim só desceu ao fundo, quando a frota inimiga começou a afastar-se, mas que tornara a subir à flôr d'agua quando acertou de passar por aquellas paragens um navio catholico—que este tomara a imagem, já sem resistencia, e a levava á Bahia, onde os jesuitas a expozeram á venera-



ção dos fiéis, ainda toda assignalada dos dedos sangrentos do martyr.

Pouco tempo depois, e durante o curso desta mesma desastrosa viagem, o governador, reduzido só á nãu capitania, foi atacado por outro corsario chamado Capdeville, que vinha com forças mui superiores. Foi o successo igualmente infeliz, e o governador morto com todos os seus, e quatorze padres que ainda o acompanhavam. De toda esta gloriosa phalange de setenta soldados do Christo, só um chegou sã e salvo ao Brazil, onde deu a fatal nova.

Mais de um seculo depois, estando o F. Antonio Vieira em Roma, continuou a sollicitar a canonisação do P. Ignacio de Azevedo, e seus trinta e nove companheiros martyres, que já de alguns annos atraz se havia intentado.—A curia mandou examinar o negocio, e correndo o processo os devidos termos, chegou a ser sentenciada a verdade do martyrio. A averiguacão porem do milagre ficou para mais tarde, e nunca chegou a ter lugar. Vieira escrevia para Portugal com o costumado espirito e agudeza que a maior difficuldade do negocio era o grande numero dos sanctos. E com effeito, o breve de canonisação teria muitos ares de semelhança com os decretos das modernas monarchias constitucionaes, em virtude dos quaes se cream de tropel esses esquadrões de pares, a que a malignidade publica tem dado o nome de *fornudas*.

13

O P. Manuel da Nobrega falleceu cerca de quatro mezes depois deste immenso desastre, de que não chegou a ter noticia, menos adiantado em annos (pois apenas contava cincoenta e tres) que exaustos e rendido de trabalhos e fadigas. Mas ficaram o seu nome, a sua doutrina, e sobretudo o seu grande exemplo. Seguindo a carreira por elle aberta, Anchieta e os seus outros discipulos, continuaram a conversão dos gentios, e não

obstante a gradual diminuição da população indígena, devida ao contacto fatal da civilização, às fomes, e às pestes, em uma das quaes foram arrebatados mais de trinta mil Índios, tal foi o ardor do seu zelo que em menos de meio seculo quasi todo o maritimo do Brazil, desde Pernambuco até S. Vicente, se via povoado de aldeas de selvagens domesticados e reduzidos á fê.

Estes podem com rasão chamar-se os tempos heroicos da companhia de Jesus no Brazil. Quasi tudo quanto se offerece ás vistas do observador é puro e sem mancha. Não alcançam os olhos por toda parte senão dedicação, sacrificio, e trabalho abençoado com fructos copiosos. Os padres ajudam a expulsar os invasores estrangeiros, catechizam os selvagens, preservam as aldeas christãs da ruina, e abrigam os fracos da oppressão. Algumas lutas se travam por esta causa; mas a sua humildade as desarma, e esses breves tumultos compoem-se, sem tomarem o character funesto da guerra civil. Nunca a ambição politica de mando e de poder vem aggravar o mal, e afastar o bem, como nos tempos posteriores tantas vezes se viu. Diz-se que os jesuitas fomentaram a discordia entre o primeiro bispo, e o governador Mem de Sá; mas ainda que o facto fosse incontestavel, não vemos que avultasse em consequencias por extremo nocivas.

---

Dissemos que nesta primeira idade *quasi* tudo, não tudo, era puro e sem mancha; porque infelizmente parece não ser dado ao genero humano atravessar periodo algum da historia, sem tropeçar em crimes e cadaveres. A destes tempos dourados encerra tambem uma pagina negra e ensanguentada.

Alguns Francezes protestantes, fugindo à perseguição do traidor Villegaignon, vieram buscar asylo às povoações portuguezas de S. Vicente. Era um delles, de nome João Bolés, homem instruido e versado nas sagra-

das escripturas, possuia perfeitamente o latim, o grego, e o hebraico; e era sobretudo isso, discreto e insinuante no dizer. Comoquerque, ennobrecido e rico com tantos dotes do engenho, armasse algumas disputas e controversias com o P. Luiz da Grãa, accusou-o este de andar inficionando as suas ovelhas com a peçonha da heresia, e com tal pretexto fe-lo prender e remetter para a Bahia, onde jazeu n'um carcere oito annos. Os companheiros, fallecendo-lhes o coração ante o soffrimento e o perigo, abraçaram ou fingiram abraçar o catholicismo; João Bolés porém, espirito tam cultivado, como animo firme e resolutto, perseverou na sua fé, e affrontou a morte. Depois da restauração do Rio de Janeiro, o governador Mem de Sá o reenviou para ali, afim de que padecesse, dizia-se, no mesmo lugar onde havia dado escandalo. Foi condemnado a morrer como herege obstinado!

Não nos podemos subtrahir a um sentimento de dor e de tristeza vendo o veneravel Anchieta figurar na execução desta iniqua sentença. A pretexto de salvar o infeliz das arras do demonio, a principio dilatou-lhe a agonia, fazendo demorar o tempo do supplicio, para que elle o tivesse de converte-lo; e depois, no momento fatal, como o algoz inexperiente não soubesse abrevia-lo, e com a dilação lhe aggravasse o soffrimento; vendo Anchieta a impaciencia do condemnado, que era homem colerico, e receando que dali resultasse a perda daquella alma (tal era a confiança que tinha na pretendida conversão) entrou em zelo, reprehendeu o algoz, e ensinou-lhe elle mesmo como havia de fazer o seu officio!

“O' charidade admiravel e engenhosa! (exclama o P. Vasconcellos). Bem sabia Joseph que segundo as leis ecclesiasticas incorria na suspensão das ordens todo o sacerdote que accelera a execução da morte em qualquer occasião, inda que movido de causa pia; porem mais podia com elle a charidade e amor que devia ao proximo, que outro qualquer respeito e consideração.” E nós dizemos: abominavel fanatismo que assim perverte e transforma um mis-

·sionario sublime em miserável ajuda do algoz! triste e eterna contradicção do espirito humano! Estes padres que vertiam o proprio sangue pela conversão de selvagens canibae, agora o derramam de um irmão innocente, e quando muito transviado, violando na sua pessoa as leis sagradas da hospitalidade, e atanzando-o na sua hora derradeira com torturas moraes, mais crueis e incomportaveis porventura que as da corda e do cutello!

E pois que a Providencia em seus designios profundos e insondaveis, permite que andem assim alternados e frente a frente o bem e mal; levantem ao menos a voz sempre e por toda parte, as almas bem nascidas onde o amor do bem prepondera, e votem ao opprobrio e á execração do genero humano essa abominavel justiça politica e religiosa, fonte perenne de crimes, e desdouro eterno da historia.



## LIVRO VIII.

### INDIOS. E JESUITAS.

#### SECÇÃO 1.ª

*Missões dos capuchos, carmelitas, e mercenários ao Maranhão. Desavenças de Fr. Christovão de Lisboa, custodio dos capuchos, com o povo. Difficultades que encontram os primeiros jesuitas para se estabelecerem em S. Luiz e em Belém. Annuem ás condições impostas pelo povo com restricções mentaes. Primeiros tumultos por causa das leis de liberdade de Indios.—Chegada do P. Antonio Vieira em janeiro de 1653. Posto que nascido em Portugal, passou este homem extraordinario mais de metade da sua vida no Brazil, e pertence á nossa historia.*

**V**AMOS entrar na segunda idade dos jesuitas no Brazil. Foi aquella em que floreceram no Maranhão, e em que, ás antigas virtudes individuaes, junctaram em alto gráu a ambição collectiva da influencia politica e poder temporal.

Todas as mais ordens religiosas forneceram missionarios ás conquistas, nenhuma porém como a companhia de Jesus, cujos membros eram os missionarios por excellencia. Mas assim como entre as diversas ordens, avultava e sobressahia a de S. Ignacio, assim entre todos os jesuitas realçava a grande figura do P. Antonio Vieira, brilhante personificação do instituto, em quem se resumiu todo o lustro e interesse daquelles tempos.

Escreveremos pois succintamente o que constar das diversas ordens—com mais largueza dos jesuitas—e por fim, quanto soubermos, do seu grande superior Antonio Vieira, em cuja vida encontrará o leitor o espirito, a ambição, a grandeza, os trabalhos, os sacrificios, e a dedicação da ordem; como a historia toda inteira das raças indigenas sob a dominação portugueza, nas diversas relações com a liberdade, escravidão, catecheze e administração dos Indios; ou consideremos essas relações em these, e involtas em formas legislativas; ou nos variados e infidos accidentes da acção e execução.

---

Os missionarios associavam-se a todos as explorações e expedições, se não eram elles mesmos que as emprehendiam e guiavam. Já vimos (n. 5, a pag. 44) como em 1605 os padres Francisco Piuto, e Luiz Figueira, ambos jesuitas, tentaram chegar até a serra de Ybiapaba na esperança de converterem os selvagens que a povoavam, e como foram victimas da sua fereza, morto um, e outro afugentado.

Logo no anno seguinte (1606) alguns outros jesuitas da provincia de Quito, exploraram o Alto-Amazonas, penetrando no territorio chamado de Cofanes, junto á nascente do rio Coca, no mesmo piedoso intento de conversão, que custou a vida ao P. Ferrier, sendo os outros obrigados a fugir. Estas explorações duraram até 1611.

Em 1637 o capitão João de Palacios desce da mesma cidade para explorar o grande rio. Não logrou o intento, que os selvagens o mataram; mas uns frades capuchos, de que se acompanhava, puderam vir até o Pará. Este successo accendeu no governador do Maranhão, Jacome Raymundo de Noronha, o desejo de tentar a mesma empreza; o capitão Pedro Teixeira, por ordem sua, subiu pelo Amazonas até Quito, e o collegio daquela

cidade fe-lo acompanhar na volta por dous padres de muitas letras, que escrevessem a derrota, e as noticias que fossem colhendo daquellas regiões novas e desconhecidas, e dos gentios que as habitavam.

O nome dos jesuitas tambem se encontra nos descobrimentos das nações fabulosas das Amazonas, Pés-virados, Gigantes, Pygméos, Barbados ou Ibirajaras, descendentes dos antigos naufragos de Ayres da Cunha; e dos Amanajós, de cabellos louros e olhos azues, oriundos dos Hollandezes. Posto que, fallando dos descendentes dos Perós, (os Barbados do Itapucurú) diga André de Barros que a sua fama é mais plausivel que averiguada; quanto à nação dos gigantes, afirma desenganadamente que um missionario a descobriu em 1721 no rio Tocantins. (\*)

Com a mesma intrepidez assevera este escriptor (Vida do P. Antonio Vieira, Tom. 1.º, Cap. 170 a 178) que a restauração do Maranhão do jugo hollandez, foi devida, não a Antonio Moniz Barreiros e a Antonio Teixeira de Mello, senão principalmente aos jesuitas Lopo do Couto e Benedicto Amodei; á industria daquelle, que foi quem deu o plano do levantamento, e animou a elle Moniz Barreiros, seu sobrinho; e ás orações e penitencias deste, conhecido e venerado por sancto, e que, como tal, fôra quem abrandara e dobrara o ceo, antevira com prophético espirito o fim do successo, e nos casos mais desesperados promettia aos Indios e Portuguezes a felicidade e o triumpho, com que vieram a ser vencidos os hereges. Se isto calaram os historiadores, (conclue o chronista da ordem) deixou-o ao menos em memoria n'uma certidão jurada o capitão-mór Antonio Teixeira de Mello.

Foi ainda um jesuita, Francisco de Vilhena, quem veio á Bahia com a nova da restauração de 1640, e com ordens e instrucções para faze-la aceitar dos povos do Brazil. Deixemos porem estes factos, ou duvidosos, ou

---

(\*) Veja-se a nota A no fim do livro.

isolados, para seguirmos as ordens nas suas obras mais serias e duradouras.

---

Já vimos que logo no principio da conquista vieram com Jeronimo de Albuquerque dous capuchos que se apossaram do convento dos capuchinhos francezes. Acrescentemos agora que com Alexandre de Moura, e por capellães da sua armada, vieram dous carmelitas, que em um sitio elevado da recente povoação levantaram seu convento, o primeiro que aqui houve de Portuguezes.— Alexandre de Moura lhes concedeu mais a ilha do Medo, e duas leguas de terra na de S. Luiz.

Tambem vieram na sua armada quatro jesuitas, a saber, os dous já mencionados Lopo de Couto, e Benedicto Amodei, pretendidos restauradores do Maranhão, outro cujo nome nos não foi conservado, e por superior de todos, o P. Luiz Figueira, que mais tarde veremos figurar nas perturbações civis. A estes, pelo emquanto, não se permitiu estabelecimento algum, e muito tardou primeiro que a corte de Madrid lhes levantasse a prohibição.— Por isso lhes foi forçoso seguirem para uma grande aldêa do Monim a prégar a fé aos selvagens.

Os capuchos e carmelitas tomaram a si a conversão dos Tupinambás, uns e outros, escreve Berredo, com grande fructo. Não foi isso parte todavia para que dentro em pouco não rebentasse a formidavel sublevação dos de Cumã, que se estendeu até o Pará; e para que se lhes não fizesse uma guerra de exterminio, começada por Mathias de Albuquerque, e continuada por Bento Maciel.

Em 1617 quatro religiosos capuchos chegam ao Pará, e fundam o hospicio de Una, o primeiro que ali houve.

Em 1620, Fr. Antonio de Merciana, commissario ou custodio dos mesmos religiosos, faz-se eleger adjuncto de um capitão elevado ao governo, por deposição do capitão-mór.



Em 1622, reinando uma grande peste no Maranhão, o capitão-mór Domingos da Costa, para aplacar a colera divina, fez levantar á sua custa a igreja matriz, e deu grande auxilio ás obras do convento de Carmo, que ainda continuavam.

No mesmo anno veio por capitão-mór do Maranhão Antonio Moniz Barreiros, nomeado pelo governador do Brazil, o qual, em attenção á sua pouca idade, lhe deu por assessor aquelle mesmo P. Luiz Figueira, jesuita, que já aqui estivera, e se vira obrigado a voltar, por lhe haver negado Philippe III a permissão de estabelecer tambem uma missão nestas paragens. Veio na mesma occasião mais outro jesuita italiano; e tal era já naquella epocha o poder e influencia desta ordem celebre, que o povo, alimentando as mesmas desconfianças que a corte de Madrid, e receando alem disso, a sua intervenção nas questões de escravidão dos Indios, começou a alvoroçar-se, e exigiu por intermedio do senado a immediata expulsão dos padres. O P. Luiz Figueira, deposta então a mansuetude apostolica de que inculcava vir animado, e anticipando um dito celebre de Mirabeau; declarou perante o senado que só feito em postas se apartaria dos exercicios da sua vocação de converter e salvar os infieis. Mas afinal os dous capitães-móres, usando da sua influencia, conseguiram pacificar a porfia por meio de um compromisso. Os padres ficaram, porem assignaram termo de que nunca se intrometteriam com os Indios domesticos ou escravos, sob pena de expulsão, e de confiscação de todos os bens que viessem para o diante a possuir. Talvez o P. Figueira applicasse então a doutrina das restricções mentaes, e se reservasse a faculdade de proceder no futuro como julgasse mais opportuno e conveniente, sem embargo da obrigação apparente a que se sugitava pelo termo.

---

Em 1625 chegou de Pernambuco o capucho Fr. Christovam de Lisboa, com os cargos de 1.º custodio da sua religião nestas conquistas, de visitador ecclesiastico, e de commissario do sancto-officio, trazendo consigo dezeses missionarios da sua ordem, e mais dous carmelitas. Os capuchos hospedaram-se provisoriamente em uma casa particular; porque o antigo conventinho francez, depois de haver successivamente hospedado os primeiros capuchos, jesuitas, e carmelitas portuguezes, viera a arruinar-se inteiramente. Os dous primeiros capuchos, Fr. Cosme de S. Damião, e Fr. Manoel da Piedade, companheiros da fortuna de Jeronimo de Albuquerque, tinham-se já restituído á sua provincia de Pernambuco, mas antes da partida, estiveram morando em outra casa religiosa, chamada o—Carmo—Velho—junto ao muro do collegio da companhia, hoje da sé.

Fr. Christovam deu pressa á erecção do novo convento, construido sòlidamente de pedra e cal, quando os primeiros domicilios eram de páu a pique e barro, e cobertos de palha. Parece que esta obra é a que ainda hoje perdura dentro do actual moderno edificio, levantado, sem previa demolição do antigo, que por isso só serve ali de empachar o pateo interior, e dar-lhe um aspecto desagradavel. (\*)

Fr. Christovam foi quem apresentou o alvará de 15 de março do anno de 624, de que viera munido, abolindo, ou removendo dos particulares para os religiosos todas as mercês de administrações de Indios; e não obstante ferir esta lei os interesses da colonia, foi a principio executada, mediante a influencia do capitão-mór

---

(\*) De tudo isto infere-se que as casas dos nossos conventos mudaram de local, e foram completamente reformadas por mais de uma vez. A tal respeito consulte-se Berredo, Ann. n. 521, e *Claustro Franciscano*, por Fr. Apolinario da Conceição. Lanço 2.º, Cap. 22. Lisboa, 1740.

Moniz Barreiros, desviada por então a tormenta que mais tarde estalou com mór fracasso.

Mas no Pará, onde os interesses ligados às administrações eram muito mais avultados, encontrou a lei uma opposição viva e formal; e o senado pôde adiar a sua execução, pretextando que como a mesma lei se dirigia ao governador do estado que já se achava em Pernambuco, e era esperado sem muita demora, só a elle competia a decisão das duvidas occorridas. Contentou-se por enquanto Fr. Christovam destas rasões, temeroso de que a sua obstinação não dêsse causa a mais serios disturbios; mas o curso dos acontecimentos fará ver que elle só aguardava occasião mais azada para pôr por obra os seus intentos.

Acompanhado de mais tres padres da sua ordem, subiu Fr. Christovam em missão pelo Tocantins, e dizem que fez copioso fructo entre os selvagens. De volta à cidade, entrando de novo no exercicio de visitador, e insistindo no antigo proposito, mandou em um domingo, 21 de dezembro, afixar na porta da matriz uma pastoral, fulminando excommunhão maior contra todos os que, estando de posse das administrações de Indios, as não largassem sem detença.

Esta violação da promessa solemnemente feita, não havia mais de sete mezes, causou grande agitação no cidade; o senado da camara convocou para uma reunião geral toda a nobreza civil e militar, e homens bons da povo; e posto o assumpto em deliberação, alem de afearse o procedimento do padre, fizeram-se valer naquella occasião os sophismas que em todas as outras da mesma natureza sempre se empregaram depois—que a extincção das administrações era contraria aos interesses dos mesmos Indios, porque soltos daquella sugeição, farse-hiam para logo aos mates, onde perderiam as almas com a falta de doutrina, e as vidas, nas continuas guerras a que eram avezados;—que demais era grande sem rasão privar daquelle seu unico remedio os moradores

da capitania, que a tinham descoberto, conquistado, e povoado á custa de seu sangue e suor, e agora a sustentavam sem mais auxilio d'el-rei que a sua propria lealdade para com elle;—e que tudo isto desattendia Fr. Christovam, sem lhe lembrar a justiça e boa igualdade que tinha havido na distribuição das administrações; podendo mais com elle a ambição do dominio temporal das aldeas que o respeito á boa razão e á propria palavra dada. Em conclusão, assentou-se em representar ao padre que retirasse as suas censuras, e que caso não viesse elle nisso, se appellasse dellas, protestando-se por todos os damnos que se seguissem.

Fr. Christovam recuou mais esta vez, retirou-se immediatamente para o Maranhão, e seguindo daqui para o Ceará, foi no trajecto acommettido pelos Tapuyas de corso, a quem com os seus pôz em fuga, combatendo armado de espada e rodella, e mostrando-se em tudo, diz Berredo, tam bom capitão como religioso.

---

Em principios de 1626 os carmelitas fundaram o seu convento em Belem; e requerendo pouco depois os jesuitas permissão para fundarem tambem uma casa sua, oppoz-se-lhe o procurador da camara, em nome do povo, fazendo ver que a terra era nova e pequena, e tendo já dous conventos (de capuchos e carmelitas) mal poderia com terceiro. E assim se decidiu. Os jesuitas resignaram-se, appellando para melhores tempos.

---

Em 1652, vindo Balthasar de Souza Pereira por capitão-mór do Maranhão, com regimento especial, e apertadas ordens para pôr em sua liberdade todos os Indios que até então se tinham como escravos; e que-

rendo da-las á execução, excitou com isso tam declarada sedição no povo, que este veio em tumulto occupar a praças de armas da cidade. O capitão-mór flanqueou-a de toda a artilharia disponivel, e marchou para ella à frente da pequena infantaria da guarnição, com mostras de quem queria decidir a contenda pelas armas; mas, depois desta demonstração, recuou sem nada fazer, cedendo, segundo se diz, ás representações dos jesuitas. Como objecto mais principaes do odio popular, receiavam os padres soffrer mais das consequencias do conflicto, e procuraram por isso compô-lo a todo custo, o que se conseguiu, expelindo-se de parte a parte procuradores e cartas para a corte em ordem a obter-se a solução das duvidas que a nova lei suscitara, e empenhando-se cada qual no sentido das suas opiniões e interesses.

A mesma tentativa feita no Pará pelo capitão-mór Ignacio do Rego Barreto, abortou com successo igualmente infeliz, senão é que, como fosse ali maior a quantidade de escravos, e consequentemente, dos senhores prejudicados em seus interesses, seria maior o perigo, se Ignacio do Rego não desistisse immediatamente da execução do seu regimento.

Os procuradores enviados do Maranhão reuniram-se em Belem ao da capitania do Pará, Manuel Guedes Aranha, celebre pelo cynismo das suas opiniões a respeito da escravidão dos Indios, e partiram todos junctos para a corte no começo do anno de 1653.

Por este mesmo tempo os jesuitas conseguiram fazer-se receber nesta ultima capitania, mas não sem condições que bem deviam custar ao padre reitor João de Souto-Maior, e lhe foram duramente impostas pelas cautelosas desconfianças dos habitantes, ainda escarmentados da recente tentativa em favor dos Indios escravos. Essas condições constam do seguinte termo, que é um documento da mais alta importancia, assim pelo facto historico que attesta, como pela flexibilidade que revela nos jesuitas, sempre promptos a dobrar-se às circumstancias, e a sof-

frerem humilhações momentaneas, uma vez que par ellas conseguissem dispôr grandes vantagens futuras. Ei-lo:

“Aos 26 dias do mez de janeiro de 1653 annos, nesta cidade de Belem, capitania do Grão-Pará, estando presentes os officiaes da camara, e o P. reitor João de Souto-Maior, *que vinha fazer casa para ensinar doutrina e latim aos filhos dos moradores*; pelo procurador do conselho foi dito ao dito padre reitor que havia de assignar um termo, em que não havia de entender com escravos dos brancos, a que o dito padre reitor disse que elle queria assignar o dito termo de em tempo nenhum entender com escravos de brancos, *nem ainda queria administração de Indios forros, mais que ensinar-lhes a doutrina, e que para isso levava muito em gosto que este termo se fizesse; e declarou mais que esta obrigação ficava nos mais que viessem succeder-lhe.* E assignou com os ditos officiaes.”

Não passaram mais de dez mezes, sem que os padres faltassem redondamente a esta solemne estipulação. Antes e depois disto, sempre procederam pelo mesmo theor; quando quizeram mais tarde erigir uma casa em Alcantara, renunciaram da mesma forma a todas as suas outras pretensões, e inculcando que só os levava ali o desejo de doutrinar a mocidade, alcançaram porfim vencer as velhas desconfianças dos habitantes. (\*) Não

---

(\*) Não temos podido encontrar documento algum que indique de um modo positivo a data em que os jesuitas se estabeleceram definitivamente na cidade de S. Luiz. Pelo que fica exposto parece que foi em 1622. O hospicio de Alcantara foi erigido um seculo depois da conquista. A provisão regia de 12 de fevereiro de 1716 o permittiu, sob condição de não haver nelle mais de seis padres que ensinassem a ler, escrever, latim, e doutrina christã; e não excedendo as rendas ao restrictamente necessario para a subsistencia dos mesmos padres. Esta provisão acha-se registada em um dos antigos livros da camara municipal.

anticipemos porem os acontecimentos, e observemos aqui sómente que esta insigne mã fé que caracterisava quasi todos os seus actos, foi parte mui principal para os embaraços e perturbações que se seguiram.

---

Até esta epocha, (1653) que vae ser assignalada por um acontecimento da primeira ordem, nada encontramos de assaz notavel na vida das ordens religiosas e missões destas capitánias do norte, a não ser a tenacidade com que os jesuitas desde 1615 procuraram estabelecer-se nellas, já sollicitando em Madrid e Lisboa, já acompanhando os governadores e as expedições, e já intrigando, humilhando-se, e insinuando-se pelo modo que acabamos de ver. Os livros impressos não dizem mais nada alem do pouco que acabamos de substanciar; e foi debalde que tambem interrogamos o archivo da camara, alias falto quasi inteiramente de livros e documentos anteriores a esta epocha, provavelmente extraviados ou destruidos durante a invasão hollandeza. (\*)

Porem neste anno de 653, justamente quando Manuel Guedes Arauha com seus companheiros partia de Belem para Lisboa, desembarcava o P. Antonio Vieira nas praias de S. Luiz.

---

Este homem extraordinario nasceu, sim, em Portugal, mas passou a maior parte da sua vida no Brazil, já na Bahia, já no Maranhão e Grão-Pará. (\*\*)

---

(\*) O monumento mais antigo que encontramos no archivo da camara municipal é um livro truncado de termos de vereação, começado em 1646. Nada contem sobre o presente assumpto.

(\*\*) O P. Antonio Vieira nasceu em Lisboa a 6 de fevereiro de 1608. Veio a primeira vez para a Bahia em 1615; e voltou para Lisboa logo nos principios de 1641,

quasi oito annos que demorou entre nós, resumiu na sua pessoa toda a existencia politica e religiosa desta obscura colonia, cujo nome, associado ao seu, fez resoar na Europa. E elle mesmo escrevendo ao marquez das Minas, em 1673, diz em proprios termos: *Que pelo segundo nascimento devia ao Brazil as obrigações de patria* (\*). No Brazil enfim viveram e morreram com elle seus paes, irmãos, e parentes. De modo que é a vida de um verdadeiro compatriota nosso que vamos escrever; e esta tarefa seria já de si grata ao auctor, quando não fosse tambem indispensavel, pois não será facil comprehender perfeitamente a missão do P. Antonio Vieira no Maranhão e Grão-Pará, se não tivermos tambem um perfeito conhecimento da sua vida, character, engenho, e produções.

depois de uma residencia de vinte cinco annos e alguns mezes. Chegou a primeira vez ao Maranhão em 16 ou 17 de janeiro de 1653, e voltou em 16 de junho de 1654, tendo estado aqui um anno e cinco mezes. Chegou a segunda vez em 17 de maio de 1655, e voltou preso para Lisboa em fins de 1661, com seis annos e meio pouco mais ou menos de residencia. Deixou Lisboa pela ultima vez em 27 de janeiro de 1681, para voltar à Bahia, donde se havia ausentado cerca de quarenta annos antes. Dali não sahio mais até que falleceu em 11 de julho de 1697, dezesseis annos e alguns mezes depois da sua chegada. Assim, de oitenta e nove annos, e quasi seis mezes que viveu neste mundo, passou quasi cincoenta na terra do Brazil.

(\*) Carta de 13 de setembro de 1673. Vem no T. 2.º dellas.



## SECÇÃO 2.<sup>a</sup>

### VIDA DO P. ANTONIO VIEIRA.

*Educação do P. Antonio Vieira na Bahia. Seus progressos maravilhosos nos estudos. Entra para a companhia de Jesus, e ordena-se presbytero. Famoso sermão prégado em 1640 contra os Hollandezes. Parte para Lisboa. Admiração que ali causa a sua eloquencia. Grande privança com el-rei. Ciumes e invejas que excita, e inimizades que por isso toma. Dissensões com a sua propria ordem, com quem depois se reconcilia. Missões politicas a Roma, Pariz, e Haya. Serviços importantes e multiplicados que presta á sua patria.*

Não contava bem Antonio Vieira oito annos de idade, quando em 1615 teve de acompanhar sua familia para a metropole do Brazil. Da rasão desta viagem não ha cabal certeza; mas presume-se que Christovam Vieira Ravasco, seu pae, viera despachado a servir algum emprego, talvez o de secretario do estado, que depois exerceu durante toda a vida seu filho Bernardo Vieira Ravasco, irmão mais novo do padre.

Mal desembarcou na Bahia, começou este a estudar os primeiros rudimentos e humanidades, frequentando as escholas dos jesuitas, que floreciam então, ali como em toda parte, com grande aproveitamento da mocidade. Mostrava-se Antonio Vieira assiduo e fervoroso nos estudos, e lidava deveras por avantajar-se aos demais seus concdiscipulos; mas conta-se que nos primeiros tempos, ape-

zar da natural vivacidade que desd'os mais tenros annos manifestara, não podera fazer grandes progressos, pelo não ajudar a memoria, rude e pesada, e como toldada de espessa nuvem.—Era o estudante grande devoto da virgem; e um dia que ajoelhado ante a sua imagem, e cheio do pezar e abatimento que lhe causava aquella natural incapacidade, a implorava em fervorosa oração para que o ajudasse a vencer semelhante obstaculo, de repente sentiu como um estalo e dôr aguda na cabeça, que lhe pareceu que ali acabaria a vida. Era a virgem que sem duvida escutara e deferia á supplica ardente e generosa; e era o veo espesso que trazia em tam indigna escuridade aquelle juvenil engenho, que n'um momento se rasgava e desfazia para sempre. Guiou d'ali Vieira para a eschola com grande alvoroço, e sentiu-se tam outro do que fôra até então, que logo animosamente pediu para argumentar com os mais sabedores e adiantados. E a todos venceu e desbancou, com entranhavel assombro do mestre, que bem conheceu andava naquillo grande novidade. Assim o referem pelo menos as chronicas da ordem; (\*) e se a anecdotica não é verdadeira, é pelo menos calculada para dar uma côr romanesca e maravilhosa aos primeiros lampejos deste engenho novel, que mais tarde havia deslumbrar o mundo pelo seu extraordinario fulgor.

D'ali por diante nunca mais a memoria e as outras faculdades do entendimento mentiram ao seu ardor immenso de aprender; e como lhe batesse no peito um coração generoso e cheio de impulsos e aspirações para as grandes e nobres cousas, já em tam verdes annos cogitava o mancebo nos meios de pôr por obra as suas ideas e designios. E ou fosse que a sua intelligencia e ambição precoce lhe dêsse a conhecer que nos jesuitas estava concentrado todo o poder da epocha, e que abraçando o instituto, entrava pela porta mais facil e azada para quem queria seguir os caminhos que guiam à gran-

---

(\*) Veja-se André de Barros.

V. tambem J. Lucio d'Azevedo  
 "Hist. de Auto. Vieira

deza humana; ou fosse que os padres, sondando com um só lanço do seu olhar profundo e penetrante, tudo quanto o porvir reservava áquella flor apenas desabrochada, e fieis ás maximas da ordem, empregassem todos os meios para captá-lo e seduzi-lo; o certo é que Vieira fugiu de casa, e recolheu-se ao collegio dos jesuitas, em 1625, tendo pouco mais de quinze annos de idade.

Debalde os paes, que lhe reservavam outros destinos, envidaram todos os esforços pelo dissuadir; Vieira perseverou, despontando nelle por este modo, em occasião tam solemne, e desde a aurora da vida, aquelle ferrenho desprezo dos sentimentos mais ternos e suaves, e aquella ambição asperrima e insaciavel, que o dominaram depois em todo o curso della.

Passados dous annos completos de noviciado, Vieira professou; e bem que continuasse a fazer progressos maravilhosos nos estudos, com igual applauso dos mestres e condiscipulos, a gloria tranquilla e modesta das letras não o tentou assaz; e aspirando incessantemente a cousas mais arduas e lustrosas, fez consigo voto de despendar a vida na doutrina e conversão dos escravos africanos, e selvagens do Brazil, e a esse intento deu-se para logo ao estudo das linguas de uns e outros. Quando, aos vinte e um annos de sua idade, quizeram os padres que Vieira começasse um curso de philosophia, para passar depois aos de theologia, declarou elle o voto que até então guardara secreto. Os superiores lh'o irritaram, é certo, mas não foi sem repugnancia que o futuro missionario, adstricto aos preceitos severos da ordem sobre a obediencia, abriu mão dos projectos que lhe sorriam na mente, para continuar a cultivar as letras, e a aprofundar aquelles conhecimentos que, no entender dos padres, ajustavam melhor com a elevação e brilho do seu talento.

Que poderemos nós dizer que responda aos prodigios operados nas eschololas por esta aguiazinha ainda mal emplumada? Aos dezoito annos já Vieira ensinava rethorica no collegio de Olinda; e quer na sua cadeira de

professor, quer nos bancos de philosophia e theologia, era sempre o mesmo portentoso mancebo, que anticipando o tempo e o trabalho, mostrava-se com mais aptidão para mestre que para discipulo. Compunha dissertações e tractados sobre os assumptos mais elevados, commentava os livros mais obscuros e difficeis das sagradas escripturas, e arguia com tanta subtileza, ardor, e vivacidade, que era o pasmo de quantos o viam e ouviam. Assim madrugavam nelle aquelles grandes dotes de argumentador, e interprete de prophcias, que lhe acarearam depois tamanha celebridade entre os contemporaneos, mas que sem duvida corromperam o seu talento, e concorreram para depreciar aos olhos da posteridade o merito das suas obras, tam cheias e pesadas de cousas inuteis, frivolas, e absurdas.

Em 1635, foi Vieira ordenado presbytero, e disse a sua primeira missa. Apontamos esta circumstancia pela sua data para deduzir della uma observação, e vem a ser que, segundo parece, naquella epocha não era cousa facil a promoção ao sacerdocio, cujas tremendas obrigações se confiaram a um homem tal como Vieira, só depois de vinte oito annos de idade, e de tantos e tam elevados estudos.

Escreve André de Barros que por estes tempos gastara Vieira cinco annos na conversão dos gentios do Brazil; e o mesmo Vieira em uma carta escripta em 1695 ao P. Manuel Luiz (é a 144.<sup>a</sup> do T. 2.<sup>o</sup>) diz tambem que estivera cinco annos em todas as aldeas da Bahia, sem todavia particularisar mais circumstancia alguma, por onde se possa avaliar a epocha e importancia dos serviços, com que desde então buscava satisfazer a sua vocação.

O que não padece duvida é que tanto antes como depois de receber as ordens, já elle prégava nas igrejas da Bahia e seus arredores, desdobrando desde então as grandes qualidades oratorias com que depois encheu de admiração Lisboa e Roma. Que dizemos nós? no seu fa-

moço—*Sermão pelo bom successo das armas de Portugal contra as de Hollanda*—prégado em 1640, elevou-se o P. Antonio Vieira a um tam alto gráu de eloquencia, a que raras vezes attingiu depois.

Então contava elle apenas trinta e dous annos, e em todo o viço da mocidade, o seu talento virgem e vigoroso rompeu em vivos lampejos, sobrepujando a falsa sciencia, que em idade mais crescida por ventura lhe offuscava o brilho, e lhe impedia a liberdade dos movimentos.

O patriotismo portuguez, paixão dominante, que sempre occupou o seu coração, o enchia e abrazava então mais que nunca, não desfallecido ainda nem pelos gelos da velhice, nem pelas ingratidões e desenganos que mais tarde tantas vezes encontrou nas cortes.

As circumstancias, de resto, eram proprias a excitar todos os seus sentimentos de Portuguez, de catholico, e de membro de uma ordem religiosa. Os Hollandezes haviam conquistado uma parte consideravel do Brazil; o principe Mauricio de Nassau, com um formidavel armamento de terra e mar, tinha vindo tentar em 1638 a tomada da Bahia; e posto que a empreza se mallograsse, não se fez todavia sentir menos pesada nas devastações que se lhe seguiram. A guerra continuou depois, e o anno de 1640 foi logo nos seus começos assignalado por batalhas encarniçadas e incessantes entre a esquadra hollandeza e a luso-hispana sob o commando do conde da Torre.

Essas batalhas, cujo resultado foi sempre favoravel aos Hollandezes, pelejaram-se tanto á vista das costas do Brazil, que, pode-se dizer, a população as contemplava das praias.

Sob a impressão dos sentimentos de terror e de esperanza que estes grandes acontecimentos excitavam em todos os animos, ordenaram-se preces publicas na Bahia, e os melhores oradores subiam successivamente ao pulpito. No ultimo dia coube ao P. Antonio Vieira a sua vez de prégar. A vida dos oradores está principalmente nos seus discursos; e um grande triumpho orato-

rio é para elles, como para um general o ganho de uma batalha. Não faremos pois como os seus outros biographos que, com culpavel omissão, deixaram em completo silencio, ou apenas assignalaram este notavel acontecimento. (\*)

Dominado de uma soberba inspiração, e desdenhando seguir os trilhos usados pela rethorica fria e rotineira dos outros prégadores, desde as primeiras palavras affrontou-se o orador com a divindade, com uns meneios e formas tam estranhas, e com uma tal audacia de pensamentos, que faz involuntariamente recordar a passagem de Homero, citado por Longino entre os exemplos do sublime. (\*\*)—*Exur-*

(\*) O Sr. Roquette cita apenas este sermão, sem o apreciar; é desculpavel, porque escreveu um simples epitome; porem André de Barros nem sequer falla nelle. Em uma obra recentemente publicada, e alias recommendavel pela escrupulosa veracidade com que foi escripta—(*Les Hollandais au Brésil*—par P. M. Netscher. 1853) não houve, é certo, completa omissão; mas o auctor, sem referir-se positivamente ao sermão de que tractamos, disse todavia—com pouca exactidão desta vez—que fôra o P. Antonio Vieira um dos que, com os seus sermões prégados na Bahia, mais fomentaram a sublevação de João Fernandes Vieira. Ora é bem sabido que essa sublevação começou em 1645, depois da partida do conde Mauricio de Nassau, e quando havia já mais de quatro annos que o nosso jesuita se achava na Europa, percorrendo por diversas cortes, e aconselhando talvez a D. João IV a politica meticulosa que este rei seguiu por tanto tempo com as Provincias-Unidas, e que, em vez de favorecer, muitos embaraços causaria á sublevação pernambucana.

(\*\*) Involvido de repente o exercito grego por uma nuvem carregada e escura que o tolhia de combater, Ajax, frustrado no seu furor, lançou esta arrojada apostrophe á face da propria Divindade:

Deus grande ! Aparta a noite que nos cega,  
E briga contra nós á luz do dia !

*ge*, (disse elle começando) *quare obdormis, domine?* E continuou, depois de explicar a situação, e de justificar a novidade do tom que usava: “ Não hei de prégar hoje ao povo, não hei de fallar com os homens, mais alto hão de subir as minhas palavras; a vosso peito divino se ha de dirigir todo o sermão. E’ este o ultimo dos quinze dias continuos, em que todas as igrejas desta metropole, a esse mesmo throno de vossa patente magestade, tem representado suas deprecações; e pois o dia é o ultimo, justo será que nelle se acuda tambem ao ultimo e unico remedio. Todos estes dias se cançaram debalde os oradores evangelicos em prégar penitencia aos homens; e pois elles se não converteram, quero eu, Senhor, converter-vos a vós. E tam presumido venho da vossa misericordia, que ainda que sejamos nós os peccadores, vós haveis de ser hoje o arrependido . . . . .

Muita rasão tenho eu de o esperar. Olhae, Senhor, que já dizem os hereges insolentes com os successos prosperos que vós lhes daes ou permittis: já dizem que, porque a sua, que elles chamam religião, é a verdadeira, por isso Deus os ajuda, e vencem; e porque a nossa é errada e falsa, por isso nos desfavorece, e somos vencidos. Assim o dizem, assim o prégam, e ainda mal, porque não faltará quem os creá. Pois é possível, Senhor, que hão de ser vossas permissões argumentos contra vossa fé? E’ possível que se hão de occasionar de nossos castigos blasphemias contra vosso nome? Que diga o herege que Deus está hollandez! Oh não o permittaes, Deus meu, por quem sois! Não o digo por nós, que pouco ia em que nos castigasseis; não o digo pelo Brazil, que pouco ia em que o destruísseis; por vós o digo, e pela honra do vosso sanctissimo nome, que tam impudentemente se vê blasphemado: *Propter nomen tuum*. Já que o perúdo calvinista, dos successos que só lhe merecem nossos peccados, faz argumento da religião, e se jacta insolente e blasphemo de ser a sua a verdadeira; veja elle na roda dessa mesma fortuna que

o desvanecer, de que parte está a verdade. Os ventos e tempestades que descompoem e derrotam as nossas armadas, derrotem e desbaratem as suas: as doenças e pestes que diminuem e enfraquecem os nossos exercitos, escalem as suas muralhas, e despovôem os seus presidios; os conselhos que, quando vós quereis castigar, se corrompem, em nós sejam alumiados, e nelles enfatuados e confusos. Mude a victoria as insignias, desaffrontem-se as cruces catholicas, triumphem as vossas chagas nas nossas bandeiras; e conheça humilhada e desenganada a perfidia, que só a fé romana que professamos, é fé, e só ella a verdadeira e a vossa. . . . .

“ Parece-vos bem, Senhor, parece-vos bem isto? Que a mim, que sou vosso servo, me opprimaes e afflijaes? e aos impios, e aos inimigos vossos, os favorecaes e ajudeis? Parece-vos bem que sejam elles os prosperados e assistidos de vossa Providencia; e nós os deixados de vossa mão, nós os esquecidos de vossa memoria, nós o exemplo de vossos rigores, nós o despojo de vossa ira? . . . . .

“ Considerae, Deus meu, e perdoae-me se fallo inconsideradamente. Considerae a quem tiraes as terras do Brazil, e a quem as daes. Tiraes estas terras áquelles mesmos Portuguezes a quem escolhestes entre todas as nações do mundo para conquistadores da vossa fé, e a quem destes por armas, como insignia e divisa singular, vossas proprias chagas. E será bem, supremo senhor e governador do universo, que ás sagradas quinas de Portugal, e ás armas e chagas de Christo, succedam as hereticas listas de Hollanda, rebeldes a seu rei e a Deus? Será bem que estas se vejam tremular ao vento victoriosas, e aquellas abatidas, arrastadas, e ignominiosamente rendidas? E que fareis, ou que será feito de vosso glorioso nome em casos de tanta affronta? . . . . .

. . . . . Assim fostes servido que entrassemos nestes novos mundos, tam honrada e tam gloriosamente; e assim permittis que saiamos agora com tanta affronta e ignominia. . . . . Se esta havia de ser a paga e o fructo de



nessos trabalhos, para que foi o trabalhar, para que foi o servir, para que foi o derramar tanto e tam illustre sangue nestas conquistas? Para que abrimos os mares nunca dantes navegados? Para que descobrimos as regiões e os climas não conhecidos? Para que contrastamos os ventos e as tempestades com tanto arrojo, que apenas ha baixio no Oceano, que não esteja infamado com miserabilissimos naufragios de Portuguezes? E depois de tantos perigos, depois de tantas desgraças, depois de tantas e tam lastimosas mortes, ou nas praias desertas sem sepultura, ou sepultados nas entranhas das feras e monstros marinhos,— que as terras que assim ganhamos, as hajamos de perder assim?.....

“Ganha-las para as não lograr, desgraça foi, e não ventura: possui-las para as perder, castigo de vossa ira, Senhor, e não mercê nem favor de vossa liberalidade. Se determinaveis dar estas terras aos piratas da Hollanda, porque lh'as não déstes enquanto eram agrestes e incultas, senão agora? Tantos serviços vos tem feito esta gente pervertida e apostata, que nos mandastes primeiro cá por seus aposentadores, para lhes lavrarmos as terras, para lhes edificarmos as cidades, e depois de cultivadas e enriquecidas, lh'as entregares?..... Mas pois vós, Senhor, o quereis e ordenaes assim, fazei o que fores servido. Entregae aos Hollandezes o Brazil, entregae-lhe as Indias, entregae-lhe as Hespanhas, entregae-lhe quanto temos e possuímos, ponde em suas mãos o mundo: e a nós, os Portuguezes e Hespanhóes, deixae-nos, repudiae-nos, desfazei-nos, acabae-nos. Mas só vos digo e lembro, que estes mesmos que agora desfavoreceis e lançaes de vós, pode ser que os queiraes algum dia, e que os não te nhaes..... Hollanda vos dará os apostolicos conquistadores que levem pelo mundo os estandartes da cruz. Hollanda vos dará os prégadores evangelicos que semêem nas terras dos barbaros a doutrina catholica, e a reguem com o proprio sangue. Hollanda edificará templos, levantará altares, consagrará sacerdotes,

e oferecerá o sacrificio de vosso sanctissimo corpo. Hollanda emfim vos servirá e venerará tam religiosamente, como em Amsterdão, Meldeburg, e Flesinga, e em todas as outras colonias daquelle frio e alagado inferno se está fazendo todos os dias.....

“Se acaso fôr assim, e está determinado em vosso secreto juizo que entrem os hereges na Bahia, o que só vos represento humildemente, e muito deveras, é que, antes da execução da sentença, repareis bem, Senhor, no que vos pode succeder depois, e que o consulteis com vosso coração enquanto é tempo; porque melhor será arrependêr agora, que quando o mal passado não tenha remedio. Bem estaeis na intenção e allusão com que digo isto, e na rasão, fundada em vós mesmo, que tenho para o dizer. Tambem antes do diluvio estaveis vós mui colerico e irado contra os homens, e por mais que Noé orava em todos aquelles cem annos nunca houve remedio para que se aplacasse vossa ira. Romperam-se emfim as cataratas do ceo, cresceu o mar até o cume dos montes, alagou-se o mundo todo:—já estará satisfeita vossa justiça. Senão quando, ao terceiro dia, começaram a aboyar os corpos mortos, e a surgir e apparecer em multidão infinita aquellas figuras pallidas, e então se representou sobre as ondas a mais triste e funesta tragedia que nunca viram os anjos, que homens, que a vissem, não os havia. Vistes vós tambem, como se o visseis de novo, aquelle lastimosissimo spectaculo, o posto que não chorastes, por que ainda não tinheis olhos capazes de lagrimas, enterneceram-se porem as entranhas de vossa divindade com tam intrinseca dor (*Tactus dolore cordis intrinsecus*) que do modo que em vós cabe arrependimento, vos arrependestes do que tinheis feito ao mundo, e foi tam inteira a vossa contricção, que não só tivestes pezar do passado, senão proposito firme de nunca mais o fazer. Este sois, Senhor; e pois sois este, não vos tomeis com vosso coração. Para que é fazer agora valências contra elle, se o seu sentimento, e o vosso, as ha de pagar depois? Já que as execuções de vossa justiça

custam arrependimentos á vossa bondade; vêde o que fazeis, antes que o façaes, não vos aconteça outra. E para que o vejaes com cores humanas, que já vos não são estranhas, - dae-me que eu vos represente primeiro ao vivo as lastimas e miserias deste novo diluvio; e se esta representação vos não enternecer, e tiveres entranhas para o ver sem grande dor, executae-o embora.

“ Imaginemos pois (o que até fingido e imaginado faz horror) imaginemos que vem a Bahia e o resto do Brazil a mãos dos Hollandezes; que é o que ha de succeder em tal caso? Entrarão por esta cidade com furia de vencedores e de hereges: não perdoarão a estado, a sexo, nem a idade; com os fios dos mesmos alfanges medirão a todos. Chorarão as mulheres, vendo que se não guarda decoro á sua honestidade: chorarão os velhos, vendo que se não guarda respeito ás suas cãs: chorarão os sacerdotes vendo que até as coroas sagradas os não defendem; chorarão finalmente todos, e entre todos mais lastimosamente os innocentes, porque nem a esses perdoará a deshumanidade heretica. Sei eu, Senhor, que só por amor dos innocentes dissestes vós alguma hora que não era bem castigar a Ninive. Mas não sei que tempos, nem que desgraça é esta nossa, que até a mesma innocencia vos não abranda. Pois tambem a vós, Senhor, vos ha de alcançar parte do castigo, tambem a vós ha de chegar.

“ Entrarão os hereges nesta igreja e nas outras, arrebatarão essa custodia em que agora estaes adorado dos anjos, tomarão os calices e vasos sagrados, e applica-los-hão a suas nefandas embriaguezes; derribarão dos altares os vultos e estatuas dos sanctos, deforma-las-hão a cutiladas, e mette-las-hão no fogo; e não perdoarão as mãos furiosas e sacrilegas, nem ás imagens tremendas de Christo crucificado, nem ás da virgem Maria. Não me admiro tanto, Senhor, de que hajaes de consentir semelhantes aggravos e affrontas em vossas imagens, pois já as permitistes em vosso saeratissimo corpo; mas nas da virgem Maria, nas de vossa sanctissima mãe, não sei como isto pode

estar com a piedade e amor de filho. No Monte-Calvario esteve esta senhora sempre ao pé da cruz, e com serem aquelles algezes tam descortezes e crueis, nenhum se atreven a lhe tocar, nem a lhe perder o respeito. Assim foi, e assim havia de ser, porque assim o tinheis vós promettido pelo propheta: *Flagellum non apropinquabit tabernaculo tuo*. Pois, filho da virgem Maria, se tanto cuidado tivestes então do respeito e decoro de vossa mãe, como consentis agora que se lhe façam tantos desacatos? Nem me digaes, Senhor, que lá era a pessoa, cá a imagem. Imagem sómente da mesma virgem era a arca do testamento, e só porque Oza a quiz tocar, lhe tirastes a vida. Pois se então havia tanto rigor para quem offendia a imagem de Maria, porque o não ha tambem agora? Bastava então qualquer dos outros desacatos ás cousas sagradas, para una severissima demonstração vossa, ainda milagrosa. Se a Jeroboão, por que levantou a mão para um propheta, se lhe seccou logo o braço milagrosamente, como aos hereges, depois de se atreverem a affrontar vossos sanctos, lhes ficam ainda braços para outros delictos? Se a Balthasar, por beber pelos vasos do templo, em que não se consagrava vosso sangue, o privastes da vida e do reino; porque vivem os hereges que convertem vossos calices a usos profanos? Já não ha tres dedos que escrevam sentença de morte contra sacrilegos?

“Emfim, Senhor, despojados assim os templos, e derribados os altares, acabar-se-ha no Brazil a christandade catholica: acabar-se-ha o culto divino: nascerá herva nas igrejas como nos campos, nem haverá quem nellas entre. Passará um dia de natal, e não haverá memoria de vosso nascimento: passará a quaresma e a semana sancta, e não se celebrarão os mysterios de vossa paixão. Chorarão as pedras das ruas, como diz Jeremias que choravam as de Jerusalem destruida: *Vix Sion lugent, ed quòd non sint, qui veniant ad solemnitatem*. Ver-se-hão ermas e solitarias, e que as não pisa a devoção dos fieis, como costumava em semelhantes dias. Não haverá missas, nem altares, nem sacerdotes que as digam: morrerão os catholicos

sem confissão nem sacramento: prégar-se-hão heresias nestes mesmos pulpitos, e em lugar de São Jeronimo e Sancto Agostinho, ouvir-se-hão e allegar-se-hão nelles os infames nomes de Calvino e de Lutheiro: beberão a falsa doutrina os innocentes que ficarem, reliquias dos Portuguezes; e chegaremos a estado que, se perguntarem aos filhos e netos dos que aqui estão: Menino, de que seita sois? Um responderá, eu sou calvinista; outro, eu sou lutherano. Pois isto se ha de soffrer, meu Deus? Quando quizestes entregar vossas ovelhas a Pedro, examinaste-lo tres vezes, se vos amava: *Diligis me, diligis me, diligis me?* E agora as entregaes desta maneira, não a pastores, senão a lobos? Sois o mesmo, ou sois outro? Aos hereges o vosso rebanho? Aos hereges as almas? Como tenho dito, e nomeei almas, não vos quero dizer mais. Já sei, Senhor, que vos haveis de enternecer e arrepender, e que não haveis de ter coração para ver taes lastimas e taes estragos. E se assim é, (que assim o estão promettendo vossas entranhas piadosissimas) se é que ha de haver dor, se è que ha de haver arrependimento depois, cessem as iras, cessem as execuções agora; que não é justo vos contente antes o de que vos ha de pezar em algum tempo.”

---

Tudo isto é, e será eternamente bello; e nós o dizemos com tanta maior satisfação, quanto serão raras as vezes em que o grande orador se mostre igual ao que foi nesta occasião. E ainda ha de o leitor advertir que neste extracto omittimos paginas inteiras em que o auctor, já daquelle tempo, affectava derramar a sua muita erudição, em frequentes citações, exemplos e digressões, que sem a ornar ou illuminar, serviam só de empecor e enfraquecer o ardor impetuoso desta magnifica oração.

---

Um talento desta ordem não havia de ficar eternamente confinado nos estreitos limites de uma colonia; e ao

brado da restauração de 1640, Vieira partiu para Lisboa a encontrar os seus destinos. Foram na mesma occasião o P. Simão de Vasconcellos, auctor da celebre Chronica da Companhia, e um filho do vice-rei, marquez de Montalvão, chamado D. Fernando, que o pae enviava a dar os emboras a el-rei pela sua feliz exaltação. Mas comoquerque dous irmãos deste mancebo houvessem seguido as partes de Castella, tendo-se recentemente passado áquelle reino, foram os nossos viajantes, depois de uma longa e molesta travessia, acolhidos no desembarque por um modo brutal, acodindo o povo alvoroçado e tumultuario a vingar no irmão a infidelidade de uma familia que julgava ser toda composta de traidores. D. Fernando foi gravemente ferido naquelle conflicto, e o mesmo Vieira correu não pequeno risco, de que os salvou o governador de Peniche, fazendo-os recolher a uma prisão, e conseguindo illudir assim o furor popular. Atravessados estes perigos que encontrou nos elementos, e nas paixões humanas, e que por ventura deram novo lustre à reputação de patriotismo e de talento que trazia do Brazil, apresentou-se o P. Antonio Vieira na corte, onde foi graciosamente acolhido por el-rei. Daqui data verdadeiramente a epocha brilhante da sua vida.

Entrou logo a prégar em diversas igrejas, e no 1.º de janeiro de 1642 prégonou na capella real em presença de toda a corte. Pelo que sabemos das memorias daquelle tempo, foi prodigioso o effeito dos seus sermões. Fallava o orador ao gosto do tempo, assim na escolha dos assumptos, ferindo vivamente o da restauração da independencia portugueza, como nos modos e meneios da linguagem, supposto o seu grande talento lhe arredasse os vicios mais communs entre os oradores contemporaneos. A uma noticia vasta, immensa, e quasi universal de todas as sciencias e luzes antigas e modernas—sagradas e profanas—reunia Vieira a novidade e agudeza, propria do seu engenho, com que tractava e desenvolvia as materias, a facilidade, pureza, copia, e energia da linguagem; não menos que a efficacia e nobreza da declamação e do gesto,

em que era singularmente ajudado pelos dotes corporaes. O todo da sua figura era grave e auctorizado—estatura mais que ordinaria—fronte elevada e magestosa—tez morena e como crestada do sol dos tropicos—barba espessa e crescida—cabellos negros na mocidade, e alvos e nevados na velhice—olhar vivo e scintillante.

Os templos mais vastos não eram cabaes a conter a multidão que concorria a ouvi-lo, e a admirar nelle a lição variada e profunda do sabio, a clareza e simplicidade da expressão, os conceitos chistosos e agudos, a graça e desembaraço das maneiras, e a arte infinita com que fallava a todos as ideas, interesses, e paixões dominantes naquella epocha, fosse para combate-las, ou favonea-las.

Requer a verdade se diga tambem que o orador abusava não raro do seu sagrado ministerio para fazer invectivas, e dirigir allusões pungentes e injuriosas aos seus inimigos e invejosos, servindo assim a religião em geral, e os textos sagrados que violentava e accomodava a seus intentos, à satisfação de paixões particulares, que ordinariamente andam eivadas de impureza. Não faltarão occasiões, no curso deste trabalho, em que o mostremos por factos e casos especiaes. O que importa agora saber è que el-rei ficou tam enamorado e rendido das grandes qualidades de Antonio Vieira, que para logo o admittiu à sua privança, e não só lhe mandou em 1644 a patente de seu prégador, por um grande do reino, o que era distincção pouco ordinaria, senão que o ouvia em todas as cousas do seu governo, preferindo muitas vezes os seus planos e alvitres aos dos ministros de estado, e submettendo até à sua censura as ideas e actos destes.

Esta alta e rapida fortuna, de resto mui propria a exaltar a sua imaginação, e a dar largas à ousadia e petulancia natural do seu character, suscitou-lhe em pouco tempo numerosos inimigos, e alguns contratempos e desgostos.

O mais grave de entre elles brotou do seio da propria companhia. Seja que offuscados os padres da sua gloria, toda pessoal, entrassem a encara-lo com máus olhos, vendo

nelle mais um cõrtexão que buscava abrir-se caminho ás honras e ao poder, em proveito proprio, do que um irmão exclusivamente dedicado aos interesses da ordem, como era de seu instituto e obrigação; seja que o suspeitassem fautor de algum projecto de reformação geral na mesma ordem, ou pelo menos de querer introduzir nella algumas novidades, cousa que era muito de recear, attento o seu espirito audaz e innovador, e a grande influencia que tinha no animo de el-rei; passa por certo que chegaram a pôr em conselho a sua demissão e exclusão; e ainda pretendem alguns que a medida veio a ter effeito, se bem revogada depois, mediante uma reconciliação e certos compromissos.

Fosse uma ou outra cousa, D. João IV mandou-lhe offerecer uma mitra das mais opulentas, ou para mitigar o desar da exclusão, ou para faze-lo sahir decorosamente da ordem. Mas este homem singular e extraordinario, por um subito regresso dos seus sentimentos de ambição pessoal e exclusiva para os da primitiva dedicacão ao seu instituto, (cousa de resto muito natural nestes caractères violentos e excepçionacs) refusou a mitra, submetteu-se, humilhou-se, e disse:—*“ Que não tinha S. M. tantas mîtras em toda sua monarchia, pelas quaes houvesse elle de trocar a pobre roupeta da companhia de Jesus; e que se chegasse a ser tamanha a sua desgraça que a companhia o despedisse, da parte de fóra das suas portas se não apartaria jãmais, perseverando em pedir ser outra vez admittido, senão para religioso, ou menos para servo dos que o eram. E que se, nem para isso o quizessem, ali estaria sem mais alimento que o seu pranto, até acabar a vida junto daquellas amadas portas, dentro das quaes lhe tinha ficado a alma toda.”*

Fallando por este modo, exprimia acaso o P. Antonio Vieira os verdadeiros, e desinteressados sentimentos do seu coração, ou era arrastado, sem que disso tivesse uma clara e perfeita consciencia, pelo sentimento intimo do poder immenso da ordem, de cujos interesses não devia separar os seus? *Mysterios d'alma* são esses, que a nenhuma perspi-



racia humana é dado penetrar; e se a simples duvida occorreu ao nosso espirito, é porque em todo curso da vida de Vieira sempre o acharemos mais Portuguez, que jesuita, mais amigo da patria, da corte, e dos grandes, que da sua ordem, a qual sempre figura mui secundariamente, e antes como instrumento dos seus planos, que como objecto e fim principal de seus desvelos.

E' difficil atinar com a verdade neste ponto, como em alguns outros da vida do nosso jesuita; as suas obras são mudas a tal respeito, e André de Barros, jesuita como elle, é antes panegyrista que historiador; tendo de attender igualmente á gloria do seu heróe, e aos interesses da sua ordem, omitta, falsifica, attenúa, obscurece e enreda em palavras turgidas e sibyllinas todos os pontos espinhosos e delicados, como este. Consta entretanto que o P. Antonio Vieira, emendado e arrependido de suas culpas, obtivera o perdão da ordem, sob condição de apartar-se da corte e das grandezas, e de voltar ao Brazil, afim de empregar-se na conversão do gentilismo. (\*) Se tal foi, ou o ajuste se não guardou, ou Vieira, amparado do regio valimento, conseguiu adiar por muitos annos a sua execucao; porque o certo é que nunca elle se deu mais aos negocios politicos e profanos, do que depois destes obscuros enredos.

A parte que em taes negocios tomava o P. Antonio Vieira consistia em repetidas missões a diversas cortes da Europa, e em planos e arbitrios que propunha a el-rei, sobre administração, guerra, marinha, e outros assumptos. Esses trabalhos enumerou-os elles largamente em uma carta apologetica que escreveu ao conde da Ericeira, e cuja data ignoramos, por se ter perdido o final della. (E' a 118.ª do T.

(\*) Veja-se, a respeito destas occorrencias, o Epitome do Sr. Roquette, em uma nota a pag. XVI, onde se dá por averiguada a demissão do P. Antonio Vieira.

V. tambem - "Manita Secreta -  
in Mello Moraes "Historia  
dos Jesuitas" T. I - p. 248.

2.º). Ali vemos que propoz a criação de duas companhias de commercio, à imitação das de Hollanda, uma para o Brazil, e outra para a India. A primeira chegou a organizar-se, posto que mais tarde. O seu fim era enriquecer Portugal pelo commercio, proporcionando-lhe ao mesmo tempo meios de fazer a guerra a seus inimigos, e de manter a possessão das suas colonias contra a Hollanda.

Nesse mesmo intento, e considerando por ventura mais difficil conservar a India que o Brazil, propoz que se cuidasse seriamente de transplantar para esta ultima região as drogas daquella, porquanto, com este expediente ficaria completamente arruinado o commercio que a Hollanda fazia no Oriente, podendo Portugal fornece-las à Europa por preços muito mais vantajosos, como quem as trazia de mais perto, e com muito menos custo.

Entretanto, assevera Constancio na sua—Historia do Brazil—(T. 1.º, pag. 472 e 473) que o procurador da fazenda Pedro Fernandes Monteiro fôra quem em 1647 propozera a criação de uma companhia de commercio do Brazil, plano que foi adoptado pela meza de consciencia e ordens; ao passo que o P. Antonio Vieira, a quem el-rei communicou as deliberações, aconselhara o abandono e sacrificio de Pernambuco, para se censervar a India, expondo a sua opinião em um memorial, cujas rasões pareceram tam solidas a D. João IV, que o denominou *papel forte*. Sem contestarmos a veracidade destas noticias, só diremos que Antonio Vieira nos transmite as suas em contrario, na carta já citada, com taes circumstancias e pormenores, que seria temeridade pô-las em duvida. E no—Portugal Restaurado—tractando o conde da Ericeira dos successos deste anno de 647, refere o mesmo que nós colligimos da carta de Vieira, isto é, que o padre votara pela conservação do Brazil, depois de resumir e comparar em um escripto brilhante todas as opiniões do conselho, que el-rei havia submettido ao seu exame.

Para acodir ao Brazil, propoz o padre igualmente a compra de quinze fragatas de trinta peças, que em Amster-

dão lhe offereceram por vinte mil cruzados cada uma, postas em Lisboa aparelhadas de todo o necessario. O alvitre agradou, mas para o pôr por obra eram necessarios trezentos mil cruzados, e não os havia á mão. Indicou Vieira um leve imposto sobre a frota que havia chegado do Brazil naquelles dias, opulentissima de mais de quarenta mil caixas de assucar. Mandou-lhe S. Magestade que puzesse tudo aquillo em um papel *sem labia*, e passados poucos dias fez-lhe saber que mandando consulta-lo por seus ministros, responderam estes—*que o negocio estava muito crú*. Mas eis que apenas passam seis mezes, e chegam noticias de como Segismundo apertava com a Bahia, e fazia grande falta a armada que se não comprara nem mandara. Interpellado Vieira por el-rei acerca desta difficuldade com as seguintes prlavras:—Que vos parece que façamos?—O negocio, Senhor, (respondeu elle) é mui facil. Não disseram a V. M. os ministros que aquelle negocio era muito crú? Pois então cozam-n'ó agora.

O cortezão triumphava com pouca caridade dos embaraços dos ministros, e ainda do seu proprio rei. Esses embaraços não pararam aqui.—Assentou-se em conselho que era indispensavel soccorrer a Bahia, e para isso se havia mister de trezentos mil cruzados, sem occorrer todavia maneira de acha-los. Tornou el-rei a communicar o caso com o padre, e este lhe respondeu indignado: Basta, senhor, que a um rei de Portugal hão de dizer seus ministros que não ha meio de haver 300:000 cruzados com que acodir ao Brazil, que é tudo o que hoje temos! Ora eu com esta roupeta remendada espero em Deus que hoje mesmo hei de dar a V. M. toda esta quantia.—E assim foi, que a obteve immediatamente de emprestimo por intermedio de um negociante, seu amigo e antigo conhecido do Brazil.

A noticia destas e d'outras proezas semelhantes, e especialmente a do projecto da companhia occidental, fez dizer aos mais abalisados politicos de Roma—que pois havia em Portugal sujeitos tam cabaes que sabiam excogitar semelhantes arbitrios, já não era possivel duvidar

da conservação do reino, apesar de todo o poder dos seus inimigos.—E' o mesmo Antonio Vieira quem no-lo refere com um desvanecimento um pouco improprio da humildade da sua roupeta, mas por certo desculpavel em quem nasce-  
ra Portuguez, e ambicioso, antes de professar na compa-  
nhia.

Foi elle quem indicou tambem a el-rei que acabasse com as caravelas, embarcações ligeiras, e verdadeiras es-  
cholas de cobardia, fazendo-as substituir por nâus gran-  
des e bem artilhadas; e este conselho afinal se veio a  
seguir.

Nas diversas missões de que foi encarregado por estes  
tempos até 1650, foi uma vez a Roma, e duas a Haya e a  
Pariz, tocando em Douvres e Londres.

Da Hollanda agenciou elle a construcção e armamento  
de tres fragatas em Hamburgo, pelas quaes enviou grande  
quantidade de artilharia e munições, que muito concorre-  
ram para as victorias que Portugal então alcançou nas  
guerras que trazia com Castella.

Mas o seu principal fim, tanto em Haya como em Pa-  
riz, era vigiar e guiar os ministros e embaixadores, e ti-  
nha instrucções o de Pariz para nunca dirigir-se ao car-  
deal Mazarino, então primeiro ministro todo poderoso, ou à  
rainha regente, sem assistencia e conselho do P. Antonio  
Vieira. E tal era a importancia de que este gosava, que  
todos accitavam sem murmurar uma situação tam humilha-  
nte e pouco decorosa. El-rei se correspondia secretamente  
com elle por meio de uma cifra de que só tinha conheci-  
mento o secretario Pedro Fernandes Monteiro.

Chegou o padre a estar nomeado para acompanhar um  
embaixador portuguez ao celebre congresso de Munster;  
mas como este projecto se não realisasse, houve tenção de  
despacha-lo ministro residente em Haya, o que elle re-  
fusou, por julgar a publicidade do cargo incompativel com  
as regras do seu instituto. Entretanto exercia-o de facto,

e para melhor o desempenhar, e não offender as susceptibilidades de um paiz de hereges, vestia trajas seculares, e vivia luzidamente á lei da nobreza, frequentando damas e cavalleiros, e assistindo ás funcções e solemnidades publicas com a mesma flexibilidade de espirito e de maneiras, com que dos pulpitos severos dos templos catholicos explicava os passos mais obseuros das sagradas escripturas, e trovejava contra os vicios e os prazeres vãos e mundanos.

No meio dos trabalhos e distracções, inherentes ao cargo, o jesuita dava a ver-se todavia de vez em quando, pois esquecido da prudencia que o aconselhara a despir a roupeta, travava controversias theologicas com hereges e judeus, nas quaes, dizem, como habil e subtil argumentador que era, levava sempre a melhor de seus antagonistas. Não sabemos porem de grandes conversões que fizesse.

Mas de todas as suas missões a mais ardua sem contradicção, foi a que o levou a Roma em 1650. D. João IV suspirava pela paz, cansado da guerra com Castella, com a qual se ia o reino extenuando, sem lograr a consolidação da sua independencia. Mas como corressem boatos de que Napoles, sempre impaciente do jugo hespanhol, dava indicios de querer sublevar-se, para entregar-se a Portugal, o pequeno rei, ainda mal seguro no proprio throno, e a quem a ambição de dominio sorria não menos que o amor do repouso, acolheu e acariciou a idea, e assentou de tirar partido, como lhe fosse possível, de todas as circumstancias. O P. Antonio Vieira, pelo seu espirito destro, flexivel, e igual a todos os negocios, pareceu ainda o homem mais proprio para guiar de frente estas duas empresas, tam arriscadas, como repugnantes entre si, e que em nada menos consistiam que em sollicitar uma alliança matrimonial e politica do rei de Hespanha, ao mesmo tempo que se promovia uma sublevação entre os seus subditos, para despoja-lo de uma porção consideravel dos seus dominios.

O fogo do patriotismo, que abrazava o coração de An-

fonio Vieira, e o levava a actos sublimes de desinteresse e sacrificio, escaldava-lhe tambem o cerebro, e impellia-o a ideas disparatadas, e a projectos temerarios e absurdos. Illudido sem duvida pela ephemera grandeza de Portugal, depois das conquistas de Africa, e da descoberta do Oriente, e hallucinado pelas suas interpretações visionarias dos prophetas, capacitou-se firmemente de que a Portugal estava reservado o sceptro do mundo, idea extravagante que inculcou mais tarde em um livro que lhe foi occasião de grandes trabalhos, sem advertir que a dominação do mundo, ou de uma parte consideravel d'elle, nunca poderá ser lanço de pequenas nações; e que se estas chegam a exerce-la, é isso devido a causas passageiras e excepcionaes, como a ignorancia e a apathia dos grandes povos. Mas dae que estes despertem, e para sempre esvae-se nas trevas aquelle esplendor facticio e fugaz que offuscava o mundo. Nos tempos modernos temos o exemplo de Veneza, e os da Hollanda e do proprio Portugal, decahidos para sempre da sua antiga grandeza, e substituidos na America pela possante nacionalidade saxonica.

Não o entendia porem assim naquelle tempo o rei de Portugal, e nem o P. Antonio Vieira que correu açodado a Roma, para sondar daquelle grande centro as disposições revolucionarias dos Napolitanos, e abrir ao mesmo tempo negociações com o embaixador hespanhol, acerca da fusão dos dous reinos por meio do casamento do principe D. Theodosio com a infanta, unica herdeira de Philippe IV.

Vemos por aqui que a idea da fusão, que tantas vezes, e ora mesmo (1854) se tem agitado, e agita com grande calor, nada tem de nova; mas todos comprehendem, e o ensaio dos sessenta annos do dominio dos Philippes o prova, que ella não pode consistir senão na absorpção mais ou menos completa do reino menor pelo maior. O P. Antonio Vieira entretanto o entendia muito pelo contrario, e pretendia nada menos que elevar Lisboa, sua patria, a cabeça e corte de toda a grande monarchia, contando sem duvida que por ahi ficaria Portugal preponderando nos negocios,

sem advertir que se os Hespanhoes viessem nesse intento, abandonadas dentro em pouco as margens do mesquinho Manzanares, passaria a respectiva população a occupar Lisboa, e a transforma-la em uma cidade mais hespanhola que portugueza.

Era embaixador de Hespanha perante a curia, o duque do Infantado. Não ousando abrir-se logo com elle, dirigiu-se Vieira aos seus privados; e com as precauções que a importancia do negocio requeria, ora mostrava as grandes vantagens politicas e religiosas da alliança projectada, com argumentos solidos e eloquentes, ora arrasado do seu gosto das antitheses, e alludindo ao casamento que devia firma-la, dizia que com o auxilio do amor desejava elle conquistar Hespanha para Portugal, na mesma occasião em que Hespanha dispunha a conquista de Portugal com o auxilio das armas.

Dizem que esta idea adquiriu numerosos proselytos em Roma na facção hespanhola; mas o certo é que chegando a noticia della, e dos manejos do padre, á corte de Madrid, expediu esta ordens tam terminantes para ser elle expulso de Roma, que o duque do Infantado, procurando o geral da ordem, chegou a dizer-lhe que se Vieira não despejasse incontinenti, mandaria mata-lo publicamente e ondequerque o encontrasse.

Assim desarmou em vão toda a eloquencia e habilidade deste grande politico, emmaranhado n'uma empreza, toleravel em outros tempos, mas temeraria n'uma epocha em que Philippe IV, considerando ainda o duque de Bragança como um rebelde digno de exemplar castigo, andaria bem longe de admitti-lo a uma alliança de familia. Talvez para este ridiculo desfecho concorresse tambem o conhecimento dos manejos relativos a Napoles, irritado igualmente o monarcha hespanhol da ousadia com que um pequeno rei rebelde aspirava ao mesmo tempo á alliança do seu sangue, e á usurpação dos seus dominios.

Quanto a essa absurda tentativa sobre Napoles, o proprio Antonio Vieira escreveu a el-rei que as informa-

ções recebidas eram inexactas, e que não havia o menor fundamento para se Portugal empenhar em semelhante facção.

Cabe aqui referir que mandando el-rei pôr em Roma seiscentos mil cruzados à disposição de Antonio Vieira para os elle gastar neste negócio como entendesse, o jesuita não tocou em um só real—sendo esta inteireza e desinteresse, qualidades suas ordinarias, e de que sempre deu honrosas provas nas muitas occasiões em que no curso da sua vida teve de manejar grossos cabedaes.

Mas esta virtude exercida obscuramente não o livrou do patente desar da mallograda empreza; e é de crer que voltando a Portugal mais depressa do que cuidava, não foi sem alguma confusão e constrangimento que se apresentou diante de amigos e inimigos. El-rei, é certo, lhe escrevera, estando elle ainda em Roma, dando-se por mui bem servido do seu zelo no tocante aos negocios que o tinham levado áquella capital; mas no seu regresso não pôde ou não quiz impedir a sua partida para o Maranhão, que como já vimos, foi uma especie de desterro que lhe haviam imposto os superiores da ordem, como castigo dos seus projectas de innovação. Mas este successo da partida requer uma mais particular averiguação.





### SECCÃO 3.<sup>a</sup>

#### VIDA DO P. ANTONIO VIEIRA.

*Parte a primeira vez para o Maranhão contra sua vontade. Missões a bordo. Arribada a Cabo-Verde. Chegada ao Maranhão. Seu abatimento e tristeza, e vida retirada que passa as primeiras semanas. Volve sem tardança á costumada actividade. Relação que dá do estado temporal e espirital do Maranhão naquelle tempo. Condição miseravel dos Indios, tyrannias e crueldades que com elles usavam os capitães-môres, e os moradores. Missões mallogradas ao Itapuecurú, e ao Tocantins. Idea geral do modo porque se faziam as entradas. Graves accusações aos capitães-môres, cobizosos e prevaricadores. Plano, que traça, de governo civil e politico para o estado, onde repete as mesmas accusações. Aspira desde logo ao dominio espirital e temporal exclusivo para a companhia. Primeiras disputas com os moradores, e opposição das outras ordens. Sermão sobre a mentira. Satyra mordaz contra os nossos maiores, que increpa de mentirosos e maldizentes. Os procuradores do estado voltam de Lisboa com novas leis contrarias á liberdade dos Indos. O P. Antonio Vieira resolve partir. Sermão pré-gado aos peires em dia de Sancto-Antonio. Novas invectivas contra os moradores. Parte enfim furtivamente para Lisboa.*

O P. Antonio Vieira não partiu para o Maranhão, logo á sua volta de Roma; esteve, pelo contrario, detido em Lisboa cerca de dous annos, occupado em prégar sermões, em fazer umas missões a Torres-Vedras, e em outros

negocios de pouco momento. Já uma tam larga demora não revelava por certo no futuro missionario esse ardor immenso de converter gentios que desde então lhe attribuia o seu panegyrista André de Barros; mas para sabermos que o padre-cortezão não fez a viagem muito por seu gosto, temos rasões ainda mais explicitas e peremptorias.

Nas—*Vozes Saudosas*—publicou o mesmo André de Barros uma longa carta, que attribue a Vieira, e é dirigida ao padre provincial, da qual resultaria que uma primeira viagem, emprehendida a 22 de setembro de 1652, se mallograra e não tivera effeito algum, por decidida opposição de el-rei, que fez desembarcar a Vieira do navio que já se fazia á vela. E na *Vida* do mesmo padre acrescenta que annuindo el-rei depois deste successo á sua partida, e tendo-lhe já expedido a provisão de 21 de outubro do mesmo anno, mudara subitamente de resolução, e lhe intimara que de modo algum partisse, insinuando-lhe todavia que continuasse a proceder como quem tinha effectivamente de partir, pois que na hora do embarque expediria ordem terminante em contrario:— que Vieira, pezaroso e contristado de uma resolução que contrariava tam abertamente a sua ardente vocação, não teve comtudo outro remedio senão conformar-se com ella; mas que sem duvida por grande milagre e particular disposição da Providencia, a ordem tardou no momento decisivo, e a viagem effectuou-se emfim.

Todos esses manejos de ordens e contra-ordens, de embarques e desembarques, poderiam accitar-se no sentido pouco verosimil em que os interpreta André de Barros, de resto tam propenso a alterar e a attenuar todas as circumstancias, que podessem desairar o seu heroe, se elle nos explicasse tambem a rasão porque el-rei se prestava a taes manejos, a não ser por instancias do proprio Antonio Vieira, que como já vimos, fizera com a companhia, uma especie de compromisso (cuja execução sempre foi retardando) em virtude do qual se obrigara a partir para o Brazil. Mas o que tira todas as duvidas

tal respeito, é a carta que o mesmo padre escreveu ao príncipe D. Theodosio, logo á sua chegada a Cabo-Verde, em 25 de dezembro (7.<sup>o</sup> do tomo 1.<sup>o</sup>) Nesta carta, é certo, diz o padre que el-rei lhe determinara que ficasse, assentando-se tambem que fosse procedendo em supposição de que havia de partir, emquanto S. M. de publico não mandava revogar a ordem de partida—*para satisfação dos padres*—mas di-lo de modo que bem parece que tudo se fazia por pedido seu, e de tal geito—que ficasse elle desobrigado para com a companhia. O caso é que recebendo na vespera da viagem ordem para embarcar, mandou avisos repetidos della, quer a el-rei, quer ao príncipe D. Theodosio, quer ao bispo do Japão, para ver se vinha a revogação, procedendo em tudo com extrema cautela, para evitar suspeitas, *em uma occasião, em que todos os incredulos andavam espreitando as suas acções, e esperando o successo.* No dia fatal sahiu enfim, detendo-se quanto podia pelo caminho, e olhando de vez em quando para traz, como quem esperava alguma mensagem de salvação; e só foi illudido de uma falsa nova que lhe deram na praia, que embarcou para a caravela *mais desasustado*, segundo a sua própria expressão. Posto a bordo, a ordem salvadora não veio; a caravela largou os pannos, “*e eu dentro della, e fôra de mim* (continúa o padre na carta citada) *pois não sei, senhor, o que diga neste caso, senão ou que Deus não quiz que eu tivesse merecimento nesta missão, ou que se conheça que toda ella é obra sua; porque a primeira vez vinha eu contra vontade de S. M., mas vinha por minha vontade; e agora parti contra a de S. M., e contra a minha, por mero caso, ou violencia.*”

Em presença desta confissão, já não é permittido sustentar que o P. Antonio Vieira veio para o Maranhão de sua livre vontade, movido só de pretendido zelo pela conversão dos barbaros; e este ponto não é pouco importante para a apreciação das suas obras e trabalhos subsequentes nestas regiões.

---

Com vontade ou sem ella, embarcou elle em Lisboa aos 22 de novembro de 1652. A viagem foi trabalhosa em seus começos; e o fragil baixel, que o conduzia, ora perseguido de corsarios, ora combatido do furor dos elementos, gastou não menos de um mez de Lisboa a Cabo-Verde, onde foi obrigado a arribar em 20 de dezembro.

Durante a longa e enfadosa travessia, não ficou Antonio Vieira ocioso; e mesmo a bordo foi experimentando e ensaiando as forças para os futuros trabalhos. Dividiu o navio em varias missões que confiou aos seus diversos companheiros; prégava todos os domingos, cantava a ladainha em choro todas as tardes, e resava o terço todas as noites; resoando assim os canticos sagrados por aquellas vastas solidões do Oceano, entre o sibilar dos ventos, e o baloiçar das ondas. No dia da Conceição houve confissão geral. Estas scenas tocantes e singellas, alias já observadas em outras expedições da mesma natureza, servem assaz a caracterisar os costumes daquelles tempos.

Desembarcado na ilha de Santiago, começou Antonio Vieira a fazer o seu officio de catechizador; e mal satisfeito do acanhado recinto das ilhas, lançava os olhos avidos á costa fronteira de Guiné, de mais de quatrocentas leguas de extensão, e povoada de immenso gentilismo, que se contava, dizia elle segundo o seu costume de computar á larga nesta materia, não por milhares, senão por milhões. E excitado pela consideração dos copiosos fructos que a religião podia colher naquellas vastas messes, já aquelle espirito mobil e ardente aspirava trocar uma missão por outra, e ficar ali sem mais passar adiante. Valeu porem que já metade da expedição tinha seguido avante. Arrancou-se dali o padre *com grande inveja e dor*, segundo elle mesmo o diz, em carta escripta ao confessor do principe em 25 de dezembro (1.º do tom. 3.º) parecendo-lhe que lhe estavam repetindo aquellas palayras proferidas outr'ora na costa fronteira d'Africa, e ora tam conformes á sua situação:

*Facta fugis, facienda petis*—e não menos saudoſo da miſſão que abandonava, que dos clérigos e conegos que ali viu e tractou, *tam negros como azeviſhe, mas tam compoſtos, tam auctorizados, tam grandes musicos, tam discretos e bem morigerados, que podiam fazer invejas aos das primeiras cathedraes do reino.*

Em 16 ou 17 de janeiro chegou a caravela ao Maranhão, quasi pelos mesmos tempos em que deste estado partiam para a corte os procuradores das duas capitãncias a obter a revogação das leis de liberdade de Indios, cuja execução, intentada pelo capitão-mór Balthasar de Sousa Pereira, dera occaſião em S. Luiz ao motim popular que já sabemos. Tanto André de Barros, como o Sr. Roquette, que o seguiu nesta parte, confundindo as datas, asseveram erradamente que á chegada de Vieira, houve uma sublevação, que necessitou o emprego de força armada, e para aplacar a qual, muito concorreu a intervenção e eloquencia do illustre missionario. E' engano evidente. Dos *Annaes* de Berredo vê-se claramente que não houve por então outro tumulto senão o que já referimos de 652, nem dos escriptos do mesmo Vieira consta outra alguma coisa em contrario. Parece até que Vieira, nos primeiros mezes da sua residencia nesta colonia, se conservou inactivo, em relação aos negocios publicos ou de jurisdicção temporal e espirital sobre Indios, que tantos trabalhos e desgostos lhe acarearam depois. Aquelle homem habituado á pompa, ao ruido, e vã-gloria das cortes europeas, e ás fortes emoções que deviam gerar em sua alma os grandes negocios em que andara constantemente empenhado, cahiu sem duvida em profunda tristeza e abatimento, quando se viu opprimido da solidão e do silencio, no meio das quatro palhoças que naquelle tempo se chamavam a cidade de S. Luiz. E' isto pelo menos o

que podemos colligir do que elle escreveu em maio seguinte ao P. Francisco de Moraes, seu grande amigo e antigo condiscipulo. D'entre a numerosa collecção das suas cartas, é esta talvez a unica que revele alguma sensibilidade, podendo mais o tedio do desterro para tocar aquelle coração ordinariamente secco e duro, que tantas outras grandes desgraças que o assaltaram no curso de uma vida tam longa como tempestuosa. Depois de confessar ao amigo que viera contra sua vontade para o Maranhão, espraia-se em reflexões moraes sobre a vaidade desta vida, e a felicidade da futura; chora o tempo passado perdido, e volvendo sobre a sua presente situação, "sabei, amigo, (lhe diz) que a melhor vida é esta. Ando vestido de um panno grosseiro cà da terra, mais pardo que preto, como farinha de pão, durmo pouco, trabalho de pela manhã até a noite, gasto parte della em me encommendar a Deus, não tracto com minima creatura, não são fóra senão a remedio d'alguma alma. Choro meus peccados, faço que outros chorem os seus, e o tempo que sobeja destas occupaões, levam-n'o os livros da Madre Thereza, e outros de semelhante leitura."

Mas não era possivel que um homem de imaginação tam viva e inquieta ficasse por muito tempo encarcerado entre as paredes de um cubiculo de frade; e por muito somenos que fosse o spectaculo do pequeno mundo a que seus olhos estavam por então condemnados, bem depressa essas lutas dos moradores com os Indios, e essas mesmas insignificantes controversias que a principio o achariam indifferente e desdenhoso, seriam cabaes a despertar a actividade da sua alma ambiciosa, momentaneamente entorpecida. E quem sabe? talvez o seu espirito penetrante comprehendesse instinctivamente quanto avultaria seu nome em grandeza, se desde as longiquas florestas do Amazonas elle o fizesse resoar nas brilhantes cortes da Europa, ligado a todo esse mysterioso prestigio do Oceano atravessado, dos desertos devassados, e do gen-

tilismo domado e convertido. No principio do seculo actual, vimos tambem o moderno Cesar, outra imaginação ardente e aventureira, ir dourar-se e aquecer-se ao sol do Oriente, e contemplar quarenta seculos pousados sobre as pyramides, antes de vir subjugar a Europa deslumbrada.

A mesma immoralidade que S. Francisco Xavier encontrou na India, e os primeiros missionarios do Brazil na Bahia, encontrou Vieira no estado do Maranhão. A religião não era observada nem nas suas formas externas. Belem esteve muitos annos sem matriz. Em todo o Maranhão apenas havia dous curas, um na ilha, e outro na terra firme; e alem destes, pouco mais sacerdotes, de poucas letras, má vida, e muito ruim exemplo, pois eram os mais delles degradados, ou sujeitos tam faltos de prestimo, que só pelo não terem para ganhar a vida em outra parte, a vinham buscar a estas. Quasi ninguem ouvia missa ou prégação, e menos se confessava; muitos morriam sem sacramentos, porque a tam poucos padres, inda que tivessem maior zelo, não era possível acodir a tam largas distancias, principalmente tendo de caminhar a pé, que no paiz não havia então nenhum genero de cavalgadura. Abundavam porem as intrigas, os odios, os falsos testemunhos, os roubos, os concubinatos, e os adulterios mais escandalosos.

Da maior parte destas cousas deu noticia Antonio Vieira a el-rei, em carta que lhe dirigiu a 20 de maio de 653, e que das que vem na collecção dellas (9.º do tom. 1.º) foi a primeira que daqui escreveu. O assumpto dos Indios foi logo aquelle em que mais se alargou. A população, segundo elle refere, apenas compunha-se então de Portuguezes, ou de Indios naturaes da terra; e destes, uns viviam nos sertões, como gentios; e outros, pelo maior parte christãos, entre os Portuguezes. Dos christãos, uns eram livres, e moravam em suas proprias aldeas; outros, parte livres, e parte escravos, e moravam com os Portuguezes, a quem serviam em suas casas e lavouras.

As necessidades espirituaes que padeciam os Portuguezes, e os vicios que entre elles lavravam, se faziam sentir com maior damno entre os Indios domesticos, muitos dos quaes eram verdadeiros pagãos, e de christãos só tinham o nome; pois da sua instrucção religiosa não havia o menor cuidado, nem da parte dos senhores, nem da parte dos religiosos, uns e outros homens de vida e doutrina pouco ajustada, sobre ignorantes das linguas indigenas, sem cujo conhecimento era sempre vão e perdido todo o trabalho da conversão.

A estes diversos males acrescia o dos captiveiros injustos. Vieira os explica neste logar, e logo aponta diversas providencias para obviar a elles. Como porem as suas propostas se reproduziram diversas vezes com mais largo desenvolvimento, e tenhamos de occupar-nos dellas para o diante, omitti-las-hemos pelo emquanto. Baste dizer-se que já naquella occasião lembrava elle que os capitães das entradas não fossem da nomeação exclusiva dos capitães-móres, porque sendo assim, escolheriam estes quem fosse buscar mais os seus interesses, que os de Deus, e do bem commum.

“ Tanto assim, (continúa elle) que os Indios que moram em suas aldeas, com titulo de livres são muito mais escravos, que os que moram nas casas particulares dos Portuguezes, só com uma differença, que cada tres annos tem um novo senhor, que é o governador ou capitão-mór, que vem a estas partes, o qual se serve delles, como de seus, e os tracta como alheios, em que veem a estar de muito peor condição que os escravos, pois ordinariamente os occupam em lavouras de tabaco, que é o mais cruel trabalho de quantos ha no Brazil; mandam-nos servir violentamente a pessoas, e em serviços a que não vão senão forçados, e morrem lá de puro sentimento; tiram as mulheres casadas das aldeas, e poem-nas a servir em casas particulares, com grandes desserviços de Deus, e queixas de seus maridos, que depois de semelhantes jornadas muitas vezes se apartam dellas; não



lhes dão tempo para lavrarem e fazerem suas roças, com que elles, suas mulheres, e seus filhos padecem, e perecem.....

“As causas deste damno bem se vê que não são outras mais que a cobiça dos que governam, muitos dos quaes costumam dizer que V. M. cá os manda, para que se venham remediar, e pagar dos seus serviços, e que elles não tem outro meio de o fazer senão este.”

Aqui lembra o padre outras providencias para acatellar os abusos dos governadores e capitães-móres, sendo uma das principaes não poderem elles lavrar tabaco nem outro algum genero, nem por si nem por interposta pessoa, e nem occupar ou repartir Indios; e deste modo ia desde logo revelando, nas providencias que lembrava, e nas accusações que fazia, as suas disposições para a luta com o poder temporal, cuja jurisdicção cobiçava para si, ou para a companhia, que representava como chefe nestas paragens. E é bem para notar que já nesta carta, e entre as suas costumadas declamações, e algumas justas reclamações a favor dos Indios, admittia elle como rasoavel a distincção dos captiveiros justos e injustos, e sustentava a utilidade e necessidade dos primeiro, como o principal recurso que tinha o estado para manter-se, e como unico meio de arredar os tumultos que a prohibição absoluta costumava provocar.

---

A maior parte deste anno de 653 passou-a o P. Antonio Vieira na cidade de S. Luiz com alguma tranquillidade, ora recolhido e entregue á leitura, como elle mesmo referiu na carta que extractamos, ora prégando nas diversas igrejas, e com especialidade na matriz, e na do collegio, e attrahindo numerozo concurso, que dispunha em procissões pelas ruas principaes. Estas procissões se compunham principalmente de Indios, mulheres, e me-

ninos; e era á doutrina e liberdade dos Indios que inclinavam de ordinario os seus discursos.

Procurou tambem fazer erigir um hospital, e a esse intento despertou o zelo da irmandade da misericordia, que arrecadou não poucas esmolas; mas como a obra por então não fosse adiante, conseguiu sempre que se dispozesse uma casa particular para receber os enfermos de todo desamparados, e em favor desse hospital provisorio privou-se elle mesmo de muitas commodidades indispensaveis, dando-lhe até a propria cama, e dormindo dali por diante em uma simples esteira de tabúa.

Contam-se da sua charidade, para com os pobres, enfermos, e presos das cadeas, durante todo o tempo que residiu no Maranhão, tanto da primeira como da segunda vez, cousas admiraveis, que havemos de referir opportunamente; bastando por agora dizer que segundo a estima de André de Barros gastou elle durante esses sete annos de residencia para mais de cincoenta mil cruzados, fructo de seus ordenados, da impressão de suas obras, e dos consideraveis donativos que lhe faziam seus parentes, amigos, e admiradores.

Desde março do mesmo anno, dous mezes apenas depois da sua chegada, principiou a cogitar uma missão ao rio Itapucurú para converter os Ibirajaras, ou Indios barbados, pretendidos descendentes dos primeiros exploradores portuguezes; mas a expedição, que devera ter logar em junho, não chegou a effectuar-se, por manejos do capitão-mór, como referiremos, ao tractar da do Tocantins, pois de ambas ellas deu o padre conta a el-rei em uma só carta.

Desenganado de obter cousa alguma no Maranhão, seguiu para o Pará; mas querendo ali fazer executar a provisão de 21 de outubro de 52 que havia trazido, em desprezo do que tinha solemnemente pacteado o P. João de Souto-maior, isto é,—que os jesuitas se absteriam de

toda e qualquer intervenção acerca de Indios domesticos—alterou-se o povo com isso de tal modo, que chegou a exigir a sua expulsão e dos mais padres; e não se pôde calcular até onde seria levada esta manifestação, se o senado da camara, a quem o mesmo povo recorreu, não interpozesse os seus bons officios, conseguindo reduzir aquella dura exigencia a outra mais toleravel, qual a de assignar o P. Antonio Vieira o mesmo termo e promessa do P. João de Souto-maior. Esta mesma porém foi illudida, dilatando-se as cousas sob diversos pretextos, e serenando entretanto os animos agitados.

No meio destas contrariedades, que soube vencer nesta occasião com mais prudencia que em outras, tentou-se a primeira missão ao Tocantins. Vejamos nas suas cartas as causas que a mallograram, depois de intentada, assim como as que impediram a do Itapucurú, pois é nas suas cartas, memoriaes, e sermões que poderemos beber, como em fonte mais copiosa e pura, as melhores e mais exactas noticias, sobre tudo quanto respeita a Indios, missões, governadores, e colonos.

Foi na de 4 de abril de 654 (11.º do tom. 1.º) que Vieira deu conta a el-rei destes successos. Começa pela expedição do Itapucurú.—Diz que ajustada em março com o capitão-mór, (era Balthasar de Sousa Pereira, que Vieira, calando-lhe o nome, designa pelas iniciaes de convenção N. de N.) havia tempo de sobra para se disporem os aprestos necessarios até junho. O capitão-mór o foi de feito entretendo com promessas e mentidas apparencias; mas como viu o padre ausente em uma aldeia, e partido para o reino o navio unico que poderia levar as suas queixas, fez uma juncta, composta de gente de sua escolha, na qual se decidiu que a expedição se não fizesse, por ser a occasião impropria.

Este foi o pretexto, porque a verdadeira causa da sua opposição era outra. Verificou-se afinal que nem Indios, nem canoas havia prestes para a jornada; pois havendo de ser dezoito ou vinte as que deviam de subir o

rio, pedindo-lhe o padre uma, tanto que se desfez a missão, para ir ao Pará, muito custou ao capitão-mór o achá-la para lh'a dar. E sobretudo, ao mesmo tempo em que se havia de dispôr a jornada, mandou elle fazer duas grandes lavouras de tabaco, as quaes era força que se colhessem e beneficiassem naquelle mesmo tempo, e pelos mesmos Indios, que haviam de ir, por não haver outros. Nem era de crer (acrescenta Vieira) que um homem que era pobre, e tinha desejos de o não ser, quizesse perder a sua lavoura, e plantar o que não havia de colher.

Chegado ao Pará, e preparando uma missão para o Amazonas, tractou de o dissuadir o capitão-mór Ignacio do Rego (que na carta a que nos referimos também vem designado pelas falsas iniciaes N. do N.), inculcando-lhe antes outra missão para o Tocantins, onde dizia que havia dez ou doze mil Indios promptos a descerem. Aceitou Vieira, e tractava de dispôr as cousas convenientemente, quando sobre o ulterior destino dos Indios se entraram a suscitar duvidas e disputas entre elle e o capitão-mór, sendo infinitas as traças, machinas e enganos que este urdia para encaminhar os resultados da entrada ao fim dos seus interesses. Cuidou logo de repartir anticipadamente os Indios pelos moradores, que era um modo córado de os captivar e vender, sem differença mais que chamar à venda repartição, e ao preço agradecimento. O capitão-mór insistiu na sua idea, e para vencer a opposição do padre, propoz-lhe que tomasse dos Indios quantos quizesse para as suas aldeas do Pará e Maranhão. O padre eugeitou a offerta, e rebatendo a injustiça projectada, pediu que ao menos se fizessem mantimentos, para que, chegando, não percessem os Indios á mingoa, como succedia ordinariamente em semelhantes casos; mas Ignacio do Rego respondeu por vezes que morressem muito embora, que melhor era morrerem na cidade que no sertão, porque ao menos morreriam baptisados!

“ Esta é uma das causas, escreve Vieira, que tem destruido infinidade de Indios neste estado, tirarem-nos de

suas terras, e trazerem-n'os ás nossas, sem lhes terem prevenidos os mantimentos de que se hão de sustentar; mas fazem-n'o assim os que governam, porque se houverem de fazer as prevenções necessarias, ha de se gastar muito tempo nellas, e entretanto pssam-se os seus tres annos, e elles antes querem cincoenta Indios que os sirvam, ainda que morram quinhentos, do que muitos mil vivos e conservados, de que elles se não hajam de aproveitar."

Partiu enfim a expedição; e o capitão-mór depois de muitas disputas sobre um regimento que dera ao capitão da entrada, (Gaspar Cardoso, ferreiro de seu mister) absolutamente contrario ás leis e instrucções regias, fingiu revoga-lo, dando-lhe ordem publica para obedecer ao superior das missões, mas au torisando-o em particular a obrar como entendesse. Deste perfido procedimento resultaram para o di nte mil contestações e embaraços, que prejudicaram ao bom exito da empreza.

Subiu o padre com mais tres companheiros, todos theologos e praticos da lingua, pelo Tocantins ácima mais de duzentas leguas, chogaram ao lugar onde estavam os Indios que buscava; e Gaspar Cardoso, por meio de um mulato que lhe servia de interprete, era quem punha e dispunha em tudo, quem recebia os Indios em nome de el-rei, quem lhes mandava embaixadas, e os seduzia, malquistando-os com os padres, e empregando ameaças, promessas, e bebidas; de tudo o que, eram os mesmos padres mudos espectadores, sem lhe poderem ir á mão. Em vão por tres vezes lhe requereram que se não intromettesse no que lhe não tocava, e era só proprio da profissão religiosa, allegando-lhe e lendo-lhe diante dos soldados da escolta as ordens de el-rei e do governador; elle sempre respondia com insolencia de quem estava seguro de si, que as de el-rei não podia executar, e as do capitão-mór, não queria!

Por este modo, e mediante as seduccões já indicadas, conseguiu Gaspar Cardoso arrancar de suas terras metade dos Indios que ali havia, e que ao todo seriam

mil, e com elles desceu rio abaixo, repartindo alguns pelos soldados, levando outros para sua casa, e a maior parte para uma aldea chamada de Morajuba, sem embargo de não haver ali mantimentos alguns dispostos para seu sustento, e pela unica rasão de ficar ella mui proxima aos principaes tabacos do capitão-mór.

Antonio Vieira concluiu a sua exposição, requerendo medidas promptas e energicas, que libertassem a prégão da fé, e a desforçassem das violencias inauditas que padecia, pois tendo-a Deus feito tam absoluta, e tam isenta, não era bem que até a mesma salvação dos Indios fosse neste estado captiva como elles. Essas medidas, tantas vezes, e tam profusamente indicadas pelo illustre missionario, se resumiam contudo em uma só—immensa, é verdade, e capital—as missões absolutamente independentes da jurisdicção temporal dos governadores, e de outros quaesquer officiaes da republica.

Por este specimen já poderá ir o leitor ajuizando do modo porque se faziam as entradas e descimentos, de que brevemente lhe daremos mais larga noticia; não menos que da habilidade e vigor com que os padres tendiam para a conquista do poder e jurisdicção temporal, reclamada com tanta tenacidade, como unico meio de assegurar a conversão dos barbaros, e evitar a perdição das suas almas.

---

No meio destas lutas, foi Antonio Vieira consultado por el-rei sobre a conveniencia de haver no estado ou dous capitães-móres, ou um só governador. Cada qual imaginará o ardor com que elle aproveitaria a oportunidade para desabafar o seu mau humor contra os dous que tanto o haviam contrariado. Assim, em outra carta escripta na mesma data (4 de abril de 654, è a 10. a do tom. 1.º) exprimiu-se o padre nos seguintes termos: “Eu, senhor, rasões politicas nunca as soube, e hoje as sei muito menos; mas por obedecer, direi toscamente o

que me parece. Digo que menos mal será um ladrão que dous; e que mais difficultosos serão de achar dous homens de bem, que um. Sendo propostos a Catão dous cidadãos romanos para o provimento de duas praças, respondeu que ambos lhe descontentavam, um porque nada tinha, outro porque nada lhe bastava. Taes são os dous capitães-móres, em que se repartiu este governo. Balthasar de Sousa não tem nada, Ignacio do Rego não lhe basta nada; e eu não sei qual é maior tentação, se a necessidade, se a cobiça. Tudo quanto ha na capitania do Pará, tirando as terras, não val dez mil cruzados, como é notorio, e desta terra ha de tirar Ignacio do Rego mais de cem mil cruzados em tres annos, segundo se lhe vão logrando bem as industrias. Tudo isto ha de sahir do sangue e do suor dos tristes Indios, aos quaes tracta como tam escravos seus, que nenhum tem liberdade para deixar de servir a elle, nem para poder servir a outrem o que alem da injustiça que se faz aos Indios, é occasião de padecerem muitas necessidades os Portuguezes, e de perecerem os pobres.”

Aqui faz o auctor uma digressão sobre a grande miseria em que vivem muitos dos Portuguezes que emigravam para estas partes na esperanza de melhorarem de fortuna, e a quem faltavam com os Indios na repartição, por lhes faltarem tambem a elles meios com que galardoar os distribuidores—grande desamparo a que S. M. devia de acudir com promptas providencias. Mas tornando logo ao assumpto principal, mostra—que nenhum destes Indios vae ao trabalho, que era excessivo, senão violentado e por força; que nelle morriam muitos todos os annos, por ser venenosissimo o vapor do tabaco; que o rigor com que eram tractados, era mais que de escravos; os nomes que lhes chamavam e que elles muito sentiam, feissimos; o comer, quasi nenhum; a paga, tam limitada, que não satisfazia a menor parte do tempo, nem do trabalho; e como os tabacos se lavravam sempre em terras fortes e novas, muito distant es das aldeas, anda

vam os Indios sempre ausentes de suas mulheres, e ordinariamente elles e ellas em máu estado, e os filhos em desamparo, pois não tinham os paes tempo nenhum para fazerem as suas rossas, com o que a fome e a miseria reinavam sempre nas aldeas. E por derradeiro, estes Indios assim ausentes e divididos, mal podiam ser doutrinados; e vivendo sem o conhecimento da fé, sem haver quem tivesse cuidado de seus corpos nem de suas almas, morriam miseravelmente, e iam ao inferno; concorrendo estas crueldades, para a fuga dos já convertidos, não menos que para trazer esquivos e remontados os do sertão.

“ Assim que, Senhor, (conclue o padre, dando parecer sobre a melhor maneira de governar o estado, e de atalhar todos os males enumerados,) consciencia e mais consciencia é o principal e unico talento, que se ha de buscar, nos que vierem a governar este estado. Se houvesse dous homens de consciencia, e outros que lhes succedessem, não haveria inconvenientes em estar o governo dividido. Mas se não houver mais que um, venha um que governe tudo, e se não houver nenhum, como até agora parece que não houve, não venha nenhum, que melhor se governará o estado sem elle, que com elle. Se para a justiça houver um letrado recto, para o politico basta a camara, e para a guerra um sargento-mór, e esse dos da terra, e não de Elvas nem de Flandres. Aqui ha homens de boa qualidade, que podem governar com mais noticia, e tambem com mais temor; e ainda que tractem do seu interesse, sempre será com muito maior moderação, e tudo que grangearem, ficará na terra, com que ella se irá augmentando; e se desfructarem a herdade, será como donos, e não como rendeiros, que é o que fazem os que vem de Portugal. *Mas uma vez que os Indios estejam independentes dos governadores, arrancada esta raiz, que é o peccado capital e original deste estado, cessarão tambem todos os outros*



*que delle se seguem, e Deus terá mais motivo de nos fazer mercê."*

No fim da carta, parece que cahiu em si o padre, e conheceu que não era muito proprio do seu character, escrever por semelhante theor, e com tal desabrimento, contra o proximo; e dahi, para desculpar-se, aggravou o mal, espraçando-se em novas recriminações contra os que governavam, e queixando-se particularmente da perturbação que causavam a sua alma, obrigando-o a andar com pleitos, requerimentos, e informações, e *ainda descer ao particular de escrever vidas e procedimentos alheios, de que só Deus é verdadeiro juiz, o que elle entretanto não fazia sem grande pena, e ainda escrupulo*, posto que quanto dizia era sem paixão nem odio algum contra as pessoas, que lhe era forçoso nomear por seus nomes, para poder informar a S. M. fiel e cumpridamente, como lhe fôra determinado.

O seu plano de governo, de resto, não brilhava muito pelo engenhoso e profundo da concepção; e nós veremos que o jesuita esqueceu-se inteiramente das suas cautelas contra os governadores logo que os teve de sua feição, a quem, em vez de baldões e vituperios, barateou depois por tantas vezes os mais estrondosos elogios. O que porem nunca mudava nelle era o proposito firme e tenaz de subtrahir os Indios á jurisdicção do governo politico, para submete-los exclusivamente ao da companhia, tanto no espiritual como no temporal.

O juizo que nesta carta forma o padre dos dous capitães-móres, e dos governadores em geral, sobre curioso e picante, tem alem disso a grande vantagem de ministrar-nos elementos de comparação para podermos melhor apreciar os de Berredo, sempre tam liberal nos louvores que dispensa aos seus antecessores, quasi todos, (se lhe dermos credito) homens de grande inteireza e virtude, e de não somenos capacidade e talento.

Do seu proposito de monopolisar o governo dos Indios deu Antonio Vieira outra prova ainda mais valida e

completa, em nova carta escripta a el-rei, dous dias depois das duas anteriores, (6 de abril de 654, é a 12.<sup>a</sup> do tom. 1.<sup>o</sup>) na qual ministrando novas informações sobre esta materia, em cumprimento de ordens regias especiaes, propõe uma reforma e mudança radical no mesmo governo, em um plano dividido em dezenove capitulos, cujas disposições foram depois quasi litteralmente copiadas e promulgadas como lei na provisão de 9 de abril de 1655, e no regimento dos governadores de 14 do mesmo mez e anno (Vid pag. 294 ate 299.)

Depois de desculpar-se com a difficuldade da materia, sendo que no estado havia bem poucas pessoas com quem consulta-la, porque quasi todos eram suspeitos, como interessados nos Indios, e viviam das mesmas injustiças que el-rei procurava remediar, propõe o padre em substancia o que se segue:

Que os governadores e capitães-móres não tenham jurisdicção alguma sobre os Indios naturaes da terra, quer christãos, quer gentios, nem para os mandar ou repartir, nem para alguma outra cousa, salvo em caso de guerra, em que os poderiam convocar, e elles deviam acudir ao serviço. Para o serviço particular dos mesmos governadores se nomeará um numero sufficiente de Indios, attenlendo à quantidade que houver para distribuir, e à qualidade e auctoridade do cargo.

Que os Indios tenham um procurador, eleito annualmente pelo povo, o qual seja independente dos governadores e capitães-móres, em tudo que respeitar aos mesmos Indios.

Que estes sejam totalmente sujeitos aos religiosos, e por elles governados, pois de todos os meios tentados, tem mostrado a experiencia ser este só o efficaz para os conservar nas suas aldeas.

Faça-se no principio de cada anno repartição dos Indios, com attenção ao numero delles, e dos moradores, e preferindo-se, d'entre estes, os mais pobres.—A repartição será feita pelo prelado da ordem que administrar os

Indios, de accordo com o procurador destes, *sem que por nenhum caso se possam nella intrometter nem governador, nem camara, nem outra alguma auctoridade.* Nas dvidas que se moverem entre Indios e moradores, recorrerão uns e outros ao dito prelado e procurador, e estarão pelo que elles decidirem, *sem appellação nem agravo, nem forma de juizo.*

Que as entradas ao sertão sejam dirigidas por pessoas ecclesiasticas, da mesma religião que administrar os Indios.

Que para haver maior uniformidade na sujeição e doutrina, e se evitarem bandos entre os Indios, que são naturalmente varios e amigos de novidades, posto que no estado haja diversas religiões, o cargo dos Indios se encomende todavia a uma só—*áquelle que S. M. julgar que o desempenhará com maior inteireza, desinteresse, e zelo, assim do serviço de Deus, e salvação das almas, como do bem publico.*

Que nas entradas que se fizerem ao sertão, possam resgatar-se os Indios de corda que acaso se acharem, ou outros quaesquer que se possa julgar licitamente captivos, e para esse fim irão sempre nestas jornadas alguns religiosos, bons linguas e bons theologos, que com o cabo julguem os casos de captiveiro justo e licito.

Que feitos os resgates, a repartição dos escravos se faça *pró rata* entre todos os moradores, preferindo-se os mais pobres, e conforme o numero de Indios resgatados; os repartidores serão o mesmo procurador geral, e o prelado da religião, a quem estiver incumbida a repartição dos Indios forros.

Que haja uma companhia de soldados brancos para escoltar os religiosos e mais pessoas do seu sequito que firem ás jornadas do sertão, a qual se chame — companhia da propagação da fé—, cujo cabo e soldados serão escolhidos d'entre os sujeitos de maior christandade das companhias então existentes: sobre os quaes nenhum mando tenham os governadores e capitães-móres, salvo em tempo de guerra, porquanto, em tudo mais, estarão direct-

mente sujeitos, e á inteira disposição do prelado maior da religião que tiver as missões a seu cargo, o qual tambem será missionario geral de todo o estado. O capitão, os cabos seus immediatos, e os soldados seguirão as determinações do missionario geral em tudo o que respeitar ás missões; só terão jurisdicção na disposição das cousas da guerra, se a houver licita e defensiva; e por nenhum caso se intrometterão a practicar e estabelecer relações directas com os Indios, sob pena de caso maior.

Que para evitar aos religiosos que tiverem o cargo dos Indios, toda e qualquer occasião de os occupar em interesses particulares seus, fica-lhes prohibido ter fazendas ou lavouras de tabacos, canaveaes, ou engenhos, nos quaes trabalhem Indios forros ou escravos. E os que houverem mister para o serviço dos seus conventos, se lhes repartirão, a elles, e ás mais religiões, da mesma forma que fica estabelecido para os moradores, e segundo as suas necessidades.

Diversas providencias emfim sobre resgates, descimentos, trabalho, salario dos Indios e administração de suas aldeas.

Vimos já a singular modestia com que em um dos artigos deste projecto o nosso padre se absteve de nomear a ordem a quem devia incumbir o cargo das missões, bem que a indicasse com aquella delicadeza que a sua posição especial exigia. Mas não se contentou com isso o seu zelo, e ao terminar a carta, voltou de novo a esse ponto capital, que tractou, não diremos com summa hypocrisia, mas com aquella habilidade consummada que sempre distinguuiu os grandes mestres da ordem, e a que o mundo tem dado o nome de *jesuitismo*.

“Só parece (escrevia elle) que faltava dizer aqui, que religiosos, ou que religião ha de ser a que tenha a seu cargo os Indios na forma sobredita; mas neste particular não tenho eu, nem posso ter voto, porque sou padre da companhia. Só digo que é necessario que seja uma religião de mui qualificada e segura virtude, de grande desinte-

resse, de grande zelo da salvação das almas, e letras mui bem fundadas, com que saiba o que obra, e o que ensina; porque os casos que cá occorrem são grandes, e muitos delles novos, e não tractados nos livros. Emfim, senhor, a religião seja aquella que V. M. julgar por mais idonea para tam importante empreza, e seja qualquerque fôr.”

Para o diante ha de o leitor ver como o P. Antonio Vieira tractava as outras ordens; e então as suas palavras presentes se tornarão mais claras e significativas. Mas em tudo isto, o que se mostrava mais que muito evidente, era o crescimento progressivo das pretensões ambiciosas da companhia e de seu illustre representante. Já elle se não contentava de exercer sobre os Indios, isto é, sobre a parte mais consideravel da população do estado naquelle tempo, uma jurisdicção independente dos governadores; já propunha tambem a exclusão das outras ordens, e por fim a creação de um pequeno exercito, de que o superior das missões seria o verdadeiro general; e as cousas iriam assim gradualmente até estabelecer-se no Maranhão uma republica igual a que depois viu o Paraguay, se aqui, como lá, os padres tivessem sómente de haver-se com brancos selvagens, e não com moradores tam ousados e turbulentos, como impacientes dos obstaculos que se lhes oppunham; e com governadores e senados que não podiam de boa sombra contemplar o seu poder usurpado por simples religiosos, que haviam feito voto solemne de humildade, pobreza, e abstenção completa dos negocios mundanos.

Contra a opposição de uns e outros reagia entretanto o P. Antonio Vieira, e desabafava o seu máu humor, não só nas cartas a el-rei, e pelo modo que já havemos visto; senão nos mesmos pulpitos, como agora veremos. Na quinta dominga da quaresma do anno de 654, prégou elle na igreja maior de S. Luiz; e tomando

do evangelho um texto apropriado ao seu intento, recitou, sobre a verdade e a mentira, um longo discurso que era antes uma verdadeira satyra mordaz e pungente contra os nossos antepassados, seus ardentes antagonistas. “Temos junctamente hoje no evangelho (disse elle ao começar) duas cousas, que nunca podem andar junctas: — a verdade, e a mentira. — E porque não podem andar junctas, por isso as temos divididas: a verdade no prégador: a mentira nos ouvintes: o prégador muito verdadeiro, o auditorio muito mentiroso, Uma e outra cousa disse Christo aos escribas e fariseos com quem fallava.”

Este exordio podia muito bem assentar na verdade das cousas; mas era certamente improprio para captar a benevolencia do auditorio, e devia aggravar cada vez mais a irritação que reinava nos animos, e que um verdadeiro missionario, bom e prudente, procuraria ao contrario acalmar por todos os meios brandos a seu alcance. O padre continuou, e disse que levava considerando comsigo mesmo que verdades diria ao povo naquella occasião; mas que segundo as noticias que alcançara da terra, só uma tinha que dizer-lhe, e era que—no Maranhão não havia verdade. Que na antiguidade, segundo o conceito dos seus sabios, em cada região influa e reinava uma divindade diversa; que da mesma forma, no seu tempo, se o imperio da mentira não fôra tam universal no mundo, podera-se rasoadamente suspeitar que nesta ilha tinha a sua corte. Aqui contou uma fabula que disse ser invenção dos Allemães; e vinha a ser—que cahindo um bello dia o diabo do ceo, se fizera no ar em pedaços, e estes foram cahindo tambem cada um em uma terra diversa, onde ficaram reinando os vicios correspondentes ao membro que lhes coube. Na Allemanha, por exemplo, cahiu o ventre; e dahi resultou serem os Allemães dados á gula, á meza, e á taça. Na França caíram os pés, e por isso são os Francezes inquietos, andejos e dançarinos. Os braços com as mãos e unhas crescidas caíram, um em Hollanda, outro em Argel, e dahi

lhes veio serem corsarios. A cabeça cahiu na Hespanha, pelo que eram os Hespanhoes fumosos, altivos e arrogantes. Da cabeça coube a lingua a Portugal; e os vicios da lingua eram tantos, que já delles se fizera um grande e copioso abcedario. O que supposto, se as letras deste abcedario se houvessem de repartir pelas varias provincias de Portugal, não ha duvida que o M pertenceria de direito à nossa, porque, M Maranhão, M murmurar, M motejar, M maldizer, M malsinar, M mexericar, e sobretudo M mentir; mentir com as palavras, mentir com as obras, mentir com os pensamentos. Que de todos e por todos os modos se mentia. Que novellas e novellos eram as duas moedas correntes da terra, só com esta differença, que as novellas armavam-se sobre nada, e os novellos armavam-se sobre muito, para que tudo fosse moeda falsa. Que no Maranhão até o sol era mentiroso, porque amanhecendo muito claro, e promettendo um formoso dia, de repente e dentro em uma hora se toldava o ceo de nuvens, e começava a chover como no mais entranhado inverno. E dahi, já não era para admirar que mentissem os habitantes como o ceo que sobre elles influia.

Das influencias do clima tirou então o prégador novas consequencias, e achou que a mentira vinha da ociosidade. Onde o clima influe ocio, (disse) dá-se a mentira a perder. Nasce, cresce, espiga, e de um não sei que, tamanho de um grão de trigo, podeis colher mentiras aos alqueires. Estes são os dous vicios do Maranhão, estas as duas influencias deste clima; ocio e mentira. O ocio é a primeira influencia, a mentira a segunda:—causa, e effeito.—Não ha terra no mundo que mais incline ao ocio, ou á preguiça, como vós dizeis; e ella é a semente de que nasce tam má herva.”

Para o fim do discurso, fingiu o orador que queria dar satisfação ao auditorio; mas o que em verdade fez, foi requintar na zombaria. “Tenho acabado de provar a materia que propuz, disse elle; mas parece-

me que estaes dizendo que tenho dito muitas affrontas à vossa terra. Porem eu digo que antes a tenho desaffrontado. E senão, pergunto, qual vos está melhor, que seja verdade o que se diz, ou que sejam mentiras? Se fôra verdade o que se diz, era grande affronta vossa; mas como tenho mostrado que tudo são mentiras, ficaoes todos muito honrados. Hoje vos restitui a vossa honra, porque provei mentem todos os que dizem mal de vós; e fi-lo por amor dos forasteiros que me ouvem, e que não são praticos nos costumes da terra.

“E’ verdade que os mesmos forasteiros podem fazer um terrivel argumento contra ella. Chegam a este porto, põem os pés em terra, e ouvindo dizer mal de todos e de tudo, fazem este discurso. Ou estes homens mentem, ou fallam verdade; se fallam verdade, esta é a peor terra de todo o mundo, pois nella se commettem tantas maldades; e se mentem, tambem a terra é muito má, pois os homens tem tam pouca consciencia, que levantam tantos falsos testemunhos. Este argumento parece que não tem facil solução, mas eu a dou, e respondo a uma e outra parte delle. Quanto à primeira, digo, que as maldades que se dizem são falsas, e que como falsas, não se devem crer. São falsas? (insta a outra parte) logo, onde os homens levantam tantos falsos testemunhos, não póde ser senão a peor terra do mundo. Eis-ahi o engano em que estão os que não teem pratica interior da terra. No Maranhão é certo que ha muitas mentiras, porem mentirosos, isso não: muito falso testemunho, sim; mas quem os levante, por nenhum caso. Pois como póde isto ser? Eu vo-lo direi. Nas outras terras os homens levantam falsos testemunhos; nesta, os falsos testemunhos levantam-se a si mesmos. Se vos parece difficultosa a proposição, vamos á prova. Confessa-se um homem, e chegando ao quinto mandamento, diz:—Padre, accuso-me que desejei a morte a um homem, e o busquei para o matar, e propuz de lhe fazer todo o mal que pudesse.—E porque? Porque me tirou a minha honra



com um falso testemunho, de que eu estava tam innocente, como S. Francisco.—Irmão, perdoae-lhe, para que Deus vos perdoe.—Passamos adiante, chegamos ao oitavo mandamento:—Levantastes algum falso testemunho?—Não, padre, peccado é de que nunca me accusei, seja Deus louvado.—Vem uma mulher, chega ao quinto.—Digo a Deus minha culpa, que eu ha tantos mezes que tenho odio a uma mulher, e roguei-lhe muitas pragas, que a falla e a confissão lhe faltasse na hora da morte, e que nem nesta vida nem na outra lhe perdoava; e que seus filhos, visse ella mortos diante de si a estocadas frias.—Porque?—Porque me levantou um aleive a mim, e a uma filha minha; com que nos infamou em toda esta terra, e não me resolvo a lhe perdoar.—Ora, senhora, estamos em quaresma, alguma cousa havemos de fazer por amor de um Deus, que padeceu tantas affrontas, e se poz em uma cruz, por amor de nós.—Emfim, compungiu-se, prometeu de perdoar. Chega o confessor ao oitavo mandamento.—E vossa mercê levantou algum falso testemunho?—Senhor padre, melhor estrêa me dê Deus; muito grande peccadora sou, mas nunca elle permitta que eu diga das pessoas o que nellas não ha: se ouço alguma cousa, ajudo tambem; mas levantar falso testemunho, nunca em minha vida o fiz.—

Isto que aqui vos puz em dous, acontece infinitas vezes; de maneira que no quinto, todos se queixam de que lhes levantam falsos testemunhos; e no oitavo, ninguem se accusa de os levantar. Logo bem dizia eu que nesta terra os falsos testemunhos se levantam a si mesmos. Em summa, que temos aqui os peccados, mas não os peccadores; temos os falsos testemunhos, mas não as testemunhas falsas. Isto é o que só posso eu cuidar. Mas se acaso é o contrario, miseraveis daquelles que assim vivem!”

Com estas frequentes transcripções, não o desconhecemos, tornamos lenta e pesada a marcha da narração, e empeçemos talvez ao movimento e vivacidade que cumpria

dar-lhe; mas se as preterissemos, seria isso parte para que por um lado continuasse a ficar menos perfeitamente conhecido esse insigne Antonio Vieira, que como escriptor e orador tanto deve viver hoje pelos seus escriptos, como outr'ora viveu pelas suas palavras e façanhas:—e por outro, continuassem a jazer occultas e ignoradas na poeira de algumas raras bibliothecas, essas famosas passagens, tam picantes e tam cheias de originalidade, que servem não menos a caracterisar o auctor que a epocha em que floreceu; e que talvez não exagerem quando argüem nos nossos maiores os vicios da mentira e da maledicencia, ainda hoje, segundo o conceito de alguns, tam dominantes entre os seus dignos descendentes.

---

Mas em vão lidava Antonio Vieira, clamando dos pulpitos, e escrevendo do gabinete, contra os vicios e as tyrannias dos governadores e colonos, aliás poderosamente ajudados pelo clero secular, e pelas outras ordens, ciosas da preponderancia da sua, e estimuladas talvez dos seus dictos pungentes e mordazes; a torrente contraria o assoberbava, e o mallogro da ultima expedição ao Tocantins poz bem patentes todas as desvantagens da luta em que elle se via empenhado. No meio daquellas difficuldades os padres que acaso se achavam no Parã pozeram em conselho envia-lo a Lisboa a requerer providencias, e assim o chegaram a resolver. Até parece que do Parã partiu o superior para o Maranhão resolute nesse intento; mas é certo que depois abriu mão d'elle, ou sobreteve pelo menos em sua execução, considerando, como elle mesmo disse, *que nem por poucos dias se podia deixar, sem grande risco, aquelle pobre rebanho tam desamparado, e tam perseguido.*

Destas hesitações porem veio tira-lo a chegada de Manoel Guedes Aranha, e dos outros procuradores do estado que em fins de maio de 654 voltaram de Lisboa

com a provisão de 17 de outubro de 653, (vide pag. 252 a 254) pela qual eram consideravelmente modificadas as disposições favoráveis à liberdade dos Indios, cuja execução havia excitado os tumultos de 652. Desapontado em suas esperanças, e ferido no seu orgulho, o P. Antonio Vieira tomou subitamente a resolução de partir; mas antes de pô-la por obra prégou o seu famoso sermão aos peixes, em dia de Sancto Antonio, e a proposito da festa que se celebrava no respectivo convento.

Conceituam os escriptores da sua vida que dirigindo-se elle aos homens, debaixo da allegoria dos peixes, aproveitara a occasião para desabafar o seu zelo, ou antes os seus ressentimentos contra os moradores do Maranhão. Isto é verdade até certo ponto; porque comquanto em uma grande parte do sermão não vejamos mais do que considerações geraes sobre os vicios e paixões humanas, tam applicaveis ao Maranhão, como a outro qualquer povo, não soffre duvida que em alguns logares e passagens tomou-se o orador directamente com o seu auditorio. Tractou elle por exemplo, de uns peixes chamados *pegadores* que se grudavam ao costado do tubarão, para dali se aproveitarem dos sobejos das presas que fazia o monstro, e medrarem á sombra da sua grandeza, até que, preso ao anzol e morto o tubarão, morriam com elle todos os pegadores. Por igual theor iam as cousas entre os homens, pois não partia do reino visorei ou governador para as conquistas, que não viesse rodeado de outros taes pegadores, os quaes se arrimavam a elles para que cá lhes matassem a fome, de que lá não tinham remedio. Os desenganados da experiencia, despegavam-se, e buscavam a vida por outra via; mas os que se deixavam estar pegados á mercê e fortuna dos grandes, succedia-lhes por fim o mesmo que aos pegadores do mar. Instituida assim a comparação, voltava-se o orador para a turba, e encarando naturalmente os parciaes dos poderosos da terra, seus adversarios, exclamava n'um tom de ameaça e de exprobração ao mesmo tem-

po—*Eis aqui, peixinhos ignorantes e miseraveis, quam errado e enganoso é este modo de vida que escolhestes.*

Acabamos de fallar nos adversarios do P. Antonio Vieira. Haveria sem duvida entre elles alguns soltos de lingua, grandes blasonadores, que o não poupassem e aos seus irmãos da companhia, e mais sendo na terra tam commum o vicio de murmurar e maldizer, como ainda ha pouco acabamos de vêr. Destes não se esqueceu tambem o orador no seu sermão, onde referiu que no mesmo dia em que chegou á nossa costa, ouvindo os chamados *roncadores*, e vendo seu tamanho, tanto o moveram a riso como á ira, pois que em verdade como era possível que uns peixinhos tam pequenos fossem as roncadas do mar, quando com una linha de cozer, e um alfinete torcido os podia pescar qualquer aleijado? Deus não amava os roncadores, e tinha particular cuidado de abater, e humilhar aos que muito roncavam. A verdadeira força era sobria e modesta; o muito fallar, blasonar, e roncicar denotava fraqueza. Pois a quem não lembrava o exemplo de S. Pedro, e o de Goliath, tam jactanciosos e arrogantes? O primeiro negou a seu mestre tres vezes, quando pouco havia que affiançara e roncara dar por elle a propria vida; o segundo, com ser gigante, acabou miseravelmente ás mãos de um pastorzinho. *Assim que, amigos roncadores*, (concluia o orador com não equívoca intenção) *o melhor conselho é calar.*

Talvez fossem outras tantas odiosas allusões pessoais, aquelle voador infatuado das suas largas barbatanas, que, tentando o ar, cahia palpitando no convez; e o irmão polvo, ornado de capello como monge, com seus arés de brandura e humildade, mas em verdade hypocrita refalsado e traidor, que tomava todas as cores para enganar as suas victimas, e no abraço com que as cingia, lhes levava a morte.—E que assim se crie (bradava porfim) se conserve, e se exercite com tanto damno do bem publico um monstro tam dissimulado, tam fingido, tam astuto, e tam conhecidamente traidor!

---

Aos oradores sagrados é sem duvida permittido usar de grande liberdade na censura e reprehensão dos vicios, com tal que fallem desinteressados, pelo só zelo da virtude, sem mescla alguma de paixões ou pessoas ou de facções a que andem ligados. De outra sorte, abusarão indignamente da sanctidade do logar para vindicarem as proprias injurias, verdadeiras ou suppostas, e bem fóra de colherem proveito algum solido para a religião ou para si, desarmará em vão toda a sua eloquencia, senão é que ainda lhe suscitará embaraços e desgostos de todo o genero, como neste mesmo P. Antonio Vieira ainda havemos de ver com brevidade. Mas não antecipe-mos os acontecimentos, e sigamos primeiramente o illustre missionario na viagem que empreheendeu furtivamente para Lisboa no dia 16 de Junho de 1654.



## SECCÃO IV.

### VIDA DO P. ANTONIO VIEIRA.

*Antonio Vieira volve ao Maranhão com poderes extraordinarios. Diversos meios de civilisar os Indios. Pazes e allianças. Entradas e tropas de resgates. Conversões. Descimentos. Repartições. Missões á ilha dos Nheengaibas, e á serra de Ybiapaba. Descripções pittorescas. Character e costumes dos selvagens. Tribunal para julgar os captiveiros licitos e illicitos. Forma pratica dos julgamentos. Como procediam os jesuitas aos exames dos captiveiros. Expedições bellicosas do P. Antonio Vieira. Reduz muitos Indios á escravidão. Mostra-se fautor della. Plano que forma para o trafico de Africanos, e nova fôrma de governo dos Indios. Suas occupações particulares. Correspondencia para a Europa. Corrige as suas obras. Sermão do Spirito Sancto. Os escravos e os senhores no dia de juizo. Signaes da proxima tormenta. Famosa correspondencia com a camara de Belem. Sublevação do povo no Maranhão e no Pará. Prisão de Antonio Vieira, e dos mais jesuitas. São remettidos para Lisboa em numero de trinta e dous. Sermão da epiphania, prégado em Lisboa a 6 de janeiro de 1662. Effeito prodigioso. E' não obstante supplantado Antonio Vieira na luta com os colonos.*

Não passou livre de trabalhos esta nova viagem do infatigavel e aventureiro jesuita; igualmente perseguidos de tempestades e de piratas, estiveram elle e os companheiros quasi perdidos em um temporal, e foram depois tomados por um corsario hollandez que os despo-

jou, e os lançou quasi nús nas praias da ilha Graciosa, uma das Terceiras. Bem que participante da miseria commum, Antonio Vieira valeu aqui aos companheiros, empenhando o seu credito. Passou depois á Terceira, e dali á S. Miguel, onde prégou, e fez procissões, procurando mostrar em todas as occasiões que nenhuns contratempos eram assaz poderosos para o desviarem do cumprimento dos seus nunca esquecidos deveres religiosos.

No primeiro navio que se lhe offereceu partiu para Lisboa, onde chegou em novembro. Aqui nove embaços lhe sahiram por diante; estava el-rei fóra da capital, perigosamente enfermo em Salvaterra, e aquella alma impaciente soffreu mais esta vez todos os tormentos da delonga.

Avistou-se a final com elle; e podemos imaginar como faria valer de viva voz perante o rei todas as razões e argumentos que antes e depois desta occasião empregou nas suas cartas e memoriaes a favor das missões. Quanto ao resultado dos seus esforços, vimos ja (pag. 294 a 299) como conseguiu fazer reunir uma juncta dos principaes theologos e letrados do reino, e converter em lei as suas deliberações, em que teve decidida influencia, sem embargo da viva opposição que fizeram os novos procuradores do Maranhão, e os seus patronos na corte.

Com essa lei (provisão de 9 de abril de 1655) e com o novo regimento dado então aos governadores do estado, conseguiu Antonio Vieira para a companhia de Jesus, o exclusivo das missões de que elle proprio, foi declarado chefe ou superior com um poder quasi ilimitado, pois lhe ficou competindo marcar o tempo, lugar, e numero dellas, para cujas entradas se lhe daria uma guarda militar com cabo quasi da sua escolha, alem de diversas outras disposições sobre a repartição, serviço e salario dos Indios, com intervenção constante dos missionarios. Não obteve, é certo, como pedira, a absoluta isenção da jurisdicção civil e politica; mas a

provisão e o regimento abundavam em recommendações formaes e positivas para se dar favor e ajuda aos padres; e sobretudo, a nomeação do governador, que então tinha de vir para o Maranhão, acertou de cahir em André Vidal de Negreiros, sujeito inteiramente dedicado a Antonio Vieira. Só esta circumstancia valia mais que todas as ordens e recommendações legaes.

Fôra quasi escusado dizer que Antonio Vieira aproveitava o tempo que lhe sobrava destas diligencias, pré-gando nas diversas igrejas de Lisboa, e especialmente na capella real, em presença del-rei e da corte, sempre com igual fortuna, applauso, e concorrência. Entre os variados assumptos da oratoria christã, nunca elle esquecia o dos seus predilectos Indios; e fazendo em um dos sermões allusão á sua volta ja resolvida para o Maranhão, commentou e applicou a si mesmo o texto do evangelho do dia: *Fugit iterum in montem ipse solus.*

A applicação ainda era mais ajustada á circumstancia, se attendermos a que com effeito fugia Vieira desta vez a serios empenhos que procuravam rete-lo na corte. D. João IV cada vez mais captivo da sua pessoa e dos seus talentos, queria-o junto de si para consulta-lô nas graves complicações e perigos que o traziam sempre sollicito, e embaraçaram todo o seu reinado, empenhado em continuas guerras com Castella; e não lhe con-vindo obrar ostensivamente e por si, soccorreu-se aos jesuitas a que o detivessem por deliberação propria delles—Mas desta feita, queria Antonio Vieira voltar de-veras, estimulado pelas contrariedades que experimentara no Maranhão, e naturalmente desejoso de vir alardear o seu poder e triumpho entre os inimigos e os invejosos que aqui deixara. Assim venceu todos os embaraços, e a 16 de Abril de 655 partiu de Lisboa para a sua missão; podendo dizer-se, attenta a celeridade com que concluiu tudo, sem embargo de tantos e tam variados obstaculos, que acrescentou um novo verbo ás façanhas de Cesar—*Foi, viu, venceu, e voltou.*



A viagem não podia ser mais próspera e feliz; ao cabo de vinte cinco dias, sempre com ventos de servir, houveram vista de terra, e deram fundo no porto a 16 de maio, justamente um mez depois de haverem largado de Lisboa.

A primeira cousa que se lhes offereceu á vista, á Vieira e aos dous missionarios seus companheiros, antes de pôrem pé em terra, foram dous pequenos caboclos, que estavam pescando no meio do rio, servindo-lhes de barco uma casca de pau, de amarra uma corda grossa, e de fateixa uma pedra. Os meninos estavam nus, diz Vieira, e com uma innocencia contente, como se conheceram a riqueza de seu estado; e fez tanto abalo este spectaculo nos missionarios reinóes, que não poderam ter as lagrimas, vendo a causa que os cá trazia.

Se desta vez não houve tormentas no mar, Vieira as achou armadas em terra, segundo o antigo costume della; sendo necessaria toda a auctoridade do novo governador André Vidal, juncta com algum rigor, para que seculares e ecclesiasticos desistissem de alguns movimentos populares, com que queriam inquietar a paz, mal satisfeitos ainda da justiça e largueza com que a nova lei provia a todos os interesses, e lhes concedia todo o possivel favor. E' isto pelo menos o que assevera Antonio Vieira, em carta de 14 de Dezembro de 1855, escripta já de Belem ao secretario de estado Pedro Vieira da Silva, a quem se confessa obrigado pela grande protecção que dera ultimamente na corte ás suas pretensões. Na mesma occasião elogia elle o governador André Vidal, que parecia ter sido então enviado por disposição particular da Providencia, para se acabar por uma vez obra tamanha e tanto do serviço de Deus, sendo certo que no Maranhão havia um só entendimento, uma só vontade, e um só poder, e era de quem governava. Não obstante porem a boa vontade do governador, conclue o jesuita rogando a Pedro Vieira que se empenhe com elle para que amparasse deveras as missões.

Dissipada a tormenta, e armado Vieira com as leis e recommendações que trouxera, não menos que com a efficaç proteccão do governador, começou a desenvolver a sua natural actividade, e a dar largas ao seu zelo infatigavel, applicando-se a desempenhar as innumeraveis obrigações do seu cargo. Segui-lo-hemos passo a passo nesta afanosa carreira, se bem não respeitaremos sempre a chronologia, para melhor servirmos á ordem e á clareza. Primeiro que tudo tomou elle posse das aldeas dos Indios, na qualidade de superior das missões, dividindo por ellas os vinte missionarios que então havia no estado, a dous e dous, na forma seguinte: dous ficaram em S. Luiz, dous nas aldeas da ilha, que eram seis; dous nas da terra firme desta capitania, que eram tres, em distancia de vinte cinco leguas; dous nas de Gurupy, que eram duas; dous em Belem; dous nas aldeas da capitania do Pará, que eram seis, derramadas em cincoenta leguas; dous nas de Cametá que eram sete, em quarenta leguas; dous nas da boca do Amazonas, que eram vinte e oito, em cento e cincoenta leguas; dous nas missões dos Nheengaibas e outros selvagens da ilha de Joanes, e dous finalmente nas de Camuci. Segundo a estima de André de Barros, estas missões se estendiam por mais de quatrocentas leguas de costa, e comprehendiam cerca de duzentas mil almas.

A maior parte destas curiosas noticias sobre o estado das missões naquella epocha, é o proprio Vieira quem no-las ministra, em duas cartas escriptas de Belem a el-rei, em datas de 6 e 8 de dezembro de 655; nas quaes não ficaram esquecidas as queixas que tinha dos moradores, dos antigos capitães-móres, e dos membros das outras religiões, cujos prelados fomentavam ideas contrarias ás que el-rei mandava praticar; e a rasão era porque todos os interesses da terra estavam só no sangue e suor dos Indios “ No sangue e suor dos Indios, escreve elle, andam interessados o povo, as religiões, os donatarios das capitancias, e outros muitos, todos unidos contra nós, que

sós defendemos a menoridade e desamparo desta pobre gente. Faça-nos pois V. M. mercê de que possamos viver nesta missão quieta e pacificamente sem as perturbações e perseguições com que os Portuguezes ecclesiasticos e seculares continuamente nos molestem; sendo necessario que gastemos em nos defender destas batalhas o tempo que fora melhor empregado na conquista da fé, e exercicio da doutrina a que viemos. „

Entre os remedios que Vieira achava e aconselhava para obviar aos inconvenientes apontados, alguns eram bem singulares, e fundavam-se em rasões e argumentos que parece quasi incrível have-los concebido e empregado um espirito tam livre, afouto, e innovador como o deste jesuita. S. M., por exemplo, não devia admittir requerimento algum sobre as novas leis e regimentos, nem ouvir quem nestes particulares pretendesse innovar alguma cousa; porquanto as ultimas resoluções se haviam tomado depois de maduras deliberações, em que tiveram parte os primeiros sabios do reino, consultadas e attendidas todas as bullas e leis anteriores, ouvidos os procuradores do estado que as approvaram, e sendo largamente favorecidos os interesses do mesmo estado. Não era de mais disso evidente, que as mesmas leis perderiam muito de sua auctoridade, se cada dia se andassem mudando? e certo, em quanto por uma vez se não fechasse a porta a todos os requerimentos em contrario, nunca os moradores do estado se quietariam, e só acabariam de desenganar-se, quando vissem o animo firme d'el-rei em os não querer ouvir mais em semelhantes materias.

Por outro lado nem era conveniente desalentar os missionarios, cujo zelo poderia afrouxar, se pela perda da protecção devida, perdessem tambem a esperança de ver o fructo aos seus trabalhos; nem despersuadir os Indios da fé em que ora estavam de que lhes seriam guardadas as novas leis de liberdade, e a protecção exclusiva dos padres da companhia, unicos em quem con-

fiavam; porque se elles vissem que tantas promessas e esperanças desarmavam em vão, e que tornavam as cousas a correr pelo theor antigo, não só abalariam todos para o sertão, senão que, perdida inteiramente a opinião e auctoridade que tinham os missionarios com elles, nunca mais haviam de tornar e descer, por mais que se promulgassem novas leis, boas em apparencias e palavras, mas falsas e mentirosas na execução.

A este proposito lembra o padre que achara captivos muitos dos Indios que descera na mallograda expedição do Tocantins, do anno de 653, e que tendo logar um novo descimento de Tupinambás, promovido por elle em 655, succedeu que entre os que tinham vindo por ultimo, muitos encontraram em Belem seus irmãos e parentes trazidos quer em 653, quer em epochas anteriores; e sendo todos filhos dos mesmos paes, e das mesmas mães, uns eram livres, e outros escravos, sem mais razão da differença que serem uns trazidos pelos padres da companhia, e outros pelos officiaes das tropas.

Nas missões feitas no dito anno de 655, quer a Gurupá, quer ao Tocantins, levaram os padres mais de cem Indios libertados no mesmo anno, em virtude das leis de 652, e dos julgamentos em que interviu Antonio Vieira, produzindo isso grande e salutar effeito entre os selvagens; e bem que estes a principio pozessem duvida em descer-se, allegando que nas entradas anteriores tambem tinham ido religiosos, que de nenhum modo os ampararam da prepotencia dos Portuguezes, contudo logo se resolviam, quando se lhes fazia ver o differente theor porque procediam os padres da companhia. Assim, desta nação dos Tupinambás, que era a gente mais nobre e mais valerosa de todas aquellas terras, descera mais de mil almas em sessenta canôas, trezentas leguas pelo Tocantins abaixo até Belem, sendo que no caminho (diz Vieira) algumas foram para o ceo, e das restantes, os innocentes foram logo baptisados, e os adultos se iam catechizando.

Nos seis annos e meio que durou esta segunda residencia, (desde maio de 654 até fins de 661) comprehendeu, e prefez o infatigavel missionario trabalhos prodigiosos e innumeraveis. Percorreu seiscentas leguas, (\*) ora a pé, ora embarcado, desde a serra de Ybiapaba até o Tapajós, não havendo rio, bahia, costa, e sertão que não de-vassasse; levantou dezeseis igrejas em diversas paragens; compoz formularios e cathechismos em sete linguas diferentes com o portuguez ao lado; (\*\*) e pacificou, converteu e civilisou innumeravel gentilismo das nações dos Tapuyas Tabajarás, (de Ybiapaba) Nheengaibas, Cambocas, Mapuás, Mamaynases, Aroans, Anayàs, Gujarás, Pixipixis, Tupinambás, Poquiguaras, Catingas, Boseas, Jurunas, Pazaís, Nondanas, Tapijós, Arnaquizes, Tricujús, e outros, cujos nomes encontramos nas suas cartas, muitos dos quaes desceram em copiosa multidão para as povoações portuguezas. E' verdade que os seus adversarios sustentavam que as mais dessas conversões e allianças eram apparentes, conservando o gentio todas as suas abominaveis praticas de pagãos e canibaes, e accommettendo de novo os Portuguezes, sempre que para isso se lhes deparava occasião.

O merito destas accusações, não de todo infundadas, ficará mais bem averiguado, no exame circumstanciado a que vamos proceder desses diversos meios de civilisação—as conversões, quer feitas em massa, quer consideradas individualmente—as pazes e allianças—os resgates—os descimentos—as repartições—e os famosos julgamentos dos captiveiros licitos e illicitos. Nestes actos e successos, nos interesses encontrados, e nas lutas que elles geravam, consistia a vida toda inteira dos nossos

---

(\*) Vieira ora diz quatrocentas, ora quinhetas leguas; este computo de seiscentas é de André de Barros.

(\*\*) Veja-se a carta de 21 de julho de 1695, dirigida ao P. Manuel da Luz, lente dos casos no collegio de Santo Antônio. E' a 144.<sup>o</sup> do T. 2.<sup>o</sup>

maiores; a historia pois que ora se escrever deve reproduzi-los escrupulosamente, com que fique tudo bem conhecido da geração presente.

Vejamos primeiramente como se fizeram as grandiosas missões dos Nheengaibas de Marajó, e dos Tapuyas de Ybiapaba. Estas servirão de exemplo para se poderem apreciar todas as outras que tiveram logar por aquelles tempos. E a esse intento, transcreveremos ora em substancia, ora textualmente, o que mais importar da famosa carta que Vieira dirigira a el-rei em 11 de fevereiro de 1660.

Na boca do Amazonas está atravessada uma ilha, maior ella só que todo o reino de Portugal, e povoada então de muitas nações de Indios, que por serem de linguas differentes e difficeis, eram geralmente chamados Nheengaibas. Ao principio receberam estas nações aos Portuguezes em boa amizade; mas conhecendo que o nome de paz com que vinham era disfarce que para logo se declarava em captiveiro, tomaram as armas, e começaram a fazer-lhes guerra por toda parte. Usava esta gente de canoas ligeiras e bem armadas, com que infestavam as entradas, que quasi todas eram por agua, matando e roubando com tal estrago, que nem em suas proprias defensas estavam seguros os Portuguezes. Em vão tentaram diversos governadores, e nomeadamente André Vidal de Negreiros, acabar com um visinho tam incommodo ao estado, empenhando na empreza todas as forças d'elle; pois nunca da guerra se alcançou outro resultado mais que o repetido desengano de que as nações nheengaibas eram inconquistaveis, pela ousadia, pela cautela, pela astucia, e pela constancia da gente, e mais que tudo, pelo sitio inexpugnavel com que as defendeu e fortificou a mesma natureza. “E’ a ilha toda (copiamos aqui as proprias palavras de Vieira) composta d’um confuso e intrincado labyrintho de rios e bosques espessos, aquelles com infinitas entradas e sahidas, estes sem entrada nem sahida alguma; onde não é possivel cercar, nem

achar, nem seguir, nem ainda ver o inimigo, estando elle no mesmo tempo debaixo da trincheira das arvores, apontando e empregando as suas frechas. E porque esse modo de guerra volante e invisivel não tivesse o estorvo natural da casa, mulheres, e filhos, a primeira cousa que fizeram os Nheengaibas quando se resolveram á guerra, foi desfazer e como desatar as povoações em que viviam, dividindo as casas pela terra dentro a grandes distancias, para que em qualquer perigo podessem umas avisar às outras, e nunca serem accommettidas junctas. Desta sorte ficaram habitando toda a ilha, sem habitarem nenhuma parte della, servindo-lhes porem em todas os bosques de muro, os rios de fosso, as casas de atalaia, cada Nheengaiba de sentinella, e as suas trombetas de rebate.”

Em 1658 veio por novo governador D. Pedro de Mello, com as novas da guerra com a Hollanda; e como os Hollandezes do cabo do Norte sempre entretiveram relações com os Nheengaibas, temeu-se com rasão que alliados uns e outros, em breve se houvessem de assenhorear de todo o estado, sem haver nelle forças cabaes a resistir-lhes. Nestas circumstancias assentou-se que convinha prevenilos, e resoluta a guerra por voto de todos os que o tinham na materia, só Antonio Vieira foi de opinião que em quanto a mesma guerra se ficava prevenindo com todo o segredo, para maior justiça della, se lhes offerecesse primeiro a paz, tomando elle à sua conta ser o seu mediador, porque todos os mais suppunham que os Nheengaibas haveriam de responder com frechas aos que lhes levassem semelhante proposição, segundo sempre tinham feito por espaço de vinte annos, que tantos havia durava esta guerra.

Despachou o padre dous mensageiros com uma carta sua a todas as nações nheengaibas, afiançando-lhes que por beneficio da nova lei que elle trouxera do reino, haviam acabado para sempre os captiveiros injustos, e todos os outros agravos que os Portuguezes costumavam fazer-lhes; por onde ficava á espera delles, ou de recado seu para os ir buscar elle em pessoa. Foram os dous

Indios, e tardaram tanto que já da sua demora auguravam todos muito mal, senão quando appareceram repentinamente em Belem não só os dois embaixadores, senão mais sete principaes nheengaibas, acompanhados de outros muitos Indios das respectivas nações, que vinham ousadamente metter-se entre as forças portuguezas, fiados só na palavra e papel do *Padre Grande* (que assim chamavam a Vieira), e *bem certos de que debaixo da mão dos padres, de quem se nomeavam filhos, não haveria dali por diante quem lhes fizesse mal.* Quiz Antonio Vieira partir logo com elles para suas terras, mas os barbaros responderam com não esperada cortezia que ainda nada haviam disposto para recebe-lo decorosamente, e pediram tempo para descerem uma aldeia para a beira do rio, e levantarem casa e igreja:—que isto feito, então sim, e lá para S. João viriam mais numerosos em busca do padre. No tempo aprazado chegaram com effeito ás aldeas do Pará trinta canoas com outros tantos principaes, acompanhados de tantos e tão formidaveis guerreiros que, por cautela, a fortaleza e a cidade se pizeram secretamente em armas.

Em 10 de agosto de 659 partiu Antonio Vieira para o meio destas nações barbaras em doze grandes canoas, acompanhado dos principaes de todas as nações christãs, e de somente seis Portuguezes, por mostrar maior confiança. Ao quinto dia de viagem, entrando pelo rio dos Mapuás, e dez leguas antes de chegarem ao porto convindo, sahiram os principaes a encontrar a frota do padre, em uma canoa grande e bem esquipada, empavezada de pennas de cores variegadas, tocando buzinas, e levantando *pocemas*, que são vozes de alegria e applauso, com que gritam todos junctos a espaços, em demonstração de festa, com que tambem se lhes respondia da parte dos christãos.

Chegados enfim á povoação, desembarcaram os padres, os Portuguezes, e os principaes christãos, e com os Nheengaibas naturaes guiaram logo á igreja, feita de



palma ao uso da terra, mas muito limpa e bem disposta, onde se cantou o *Te Deum laudamus* em acção de graças. Da igreja foram para a casa que lhes tinham preparado, toda muito bem traçada com seu corredor e cubiculos, fechada em roda, e com uma só porta, emfim com toda a clausura que costumavam guardar os missionarios entre os Indios.

Convocaram-se logo as nações visinhas; e tanto que houve numero bastante de principaes, depois de se lhes ter largamente praticado o novo estado das cousas, deu-se ordem ao juramento de obediencia e fidelidade, guardando-se nestas ceremonias toda a possivel solemnidade. “Ao lado direito da igreja (escreve Vieira) estavam os principaes das nações christãs, com os melhores vestidos que tinham, e sem mais armas que as suas espadas. Da outra parte estavam os principaes dos gentios, despídos e empennados ao uso barbaro, com seus arcos e frêchas na mão. E entre uns e outros, os Portuguezes. Logo disse missa o P. Antonio Vieira, em um altar ricamente ornado, á qual assistiram os gentios de joelhos, sendo grandissima consolação para os circumstantes vê-los bater nos peitos, e adorar a hostia e o caliz, com tam vivos effeitos daquelle precioso sangue, que sendo derramado por todos, nestes mais que em seus avós, teve efficacia.

“Depois da missa, assim revestido dos ornamentos sacerdotaes, fez o padre uma praticá a todos, em que lhes declarou pelos interpretes a dignidade do lugar em que estavam, e a obrigação que tinham de responder com limpo coração, e sem engano, a tudo o que lhes fosse perguntado, e de o guardar inviolavelmente depois de promettido. E logo fez perguntar a cada um dos principaes, se queriam receber a fé do verdadeiro Deus, e ser vassallos d’el-rei de Portugal? declarando-lhes junctamente que a obrigação dos vassallos, era haverem de obedecer em tudo ás ordens de S. M., e ser sujeitos ás suas leis, e ter paz perpetua e inviolavel com todos os

vassallos do mesmo senhor, sendo amigos de todos os seus amigos, e inimigos de todos os seus inimigos, para que nesta fórma gosassem livre e seguramente de todos os bens, commodidades, e privilegios, que pela ultima lei do anno de 1655 eram concedidos por S. M. aos Indios deste estado.

“ A tudo responderam todos conformemente que sim; e logo o principal, que tinha o primeiro logar, se chegou ao altar onde estava o padre, e lançando o arco e frechas a seus pés, posto de joelhos, e com as mãos levantadas e mettidas entre as do padre, jurou desta maneira:— *Eu Fulano, principal de tal nação, em meu nome e de todos os meus subditos e descendentes, prometto a Deus, e a el-rei de Portugal, a fé de Nosso Senhor Jesu-Christo, e de ser (como já sou d'hoje em diante) vassallo de S. M., e de ter perpetua paz com os Portuguezes, sendo amigo de todos os seus amigos, e inimigo de todos os seus inimigos; e me obrigo de assim o guardar inteiramente para sempre.* Dito isto, beijou a mão do padre, de quem recebeu a benção, e foram continuando os mais principaes por sua ordem na mesma fórma. Acabado o juramento vieram todos pela mesma ordem abraçar aos padres, depois aos Portuguezes, e ultimamente aos principaes das nações christãs.

“ Porfim postos todos de joelhos, disseram os padres o *Te Deum laudamus*; e sahindo da igreja para uma praça larga, tomaram os principaes christãos os seus arcos e frechas, que tinham deixado fóra, e para demonstração do que dentro da igreja se tinha feito, os Portuguezes tiravam as balas dos arcabuzes, e as lançavam ao rio, e disparavam sem bala; e logo uns e outros principaes quebravam as frechas, e tiravam com os pedaços ao mesmo rio, cumprindo-se aqui á letra: *Ar-cum conterit, et confringet arma.* Tudo isto se fazia ao som de trombetas, buzinas, tambores, e outros instrumentos, acompanhados d'um grito continuo de infinitas vozes, com que toda aquella multidão declarava sua

alegria; entendendo-se este geral conceito em todos, posto que eram de diferentes linguas.

“ Desta praça foram todos os principaes com os Portuguezes á casa dos padres, e ali se fez termo juridico e authentico de tudo o que na igreja se tinha prometido e jurado, que assignaram os mesmos principaes, estimando muito que seus nomes houvessem de chegar á presença de S. M., em cujo nome se lhes passaram cartas para em qualquer parte e tempo serem reconhecidos vasallos.

“ Os dias que ali se detiveram os padres, que foram quatorze, se passaram todos, de dia em receber e ouvir os hospedes, e de noite em continuos bailes, assim de nossas nações como das suas, que como diferentes nas vozes, nos modos, nos instrumentos, e na harmonia, tinham muito que ver e que ouvir.

“ Rematou-se este triumpho da fé com se arvorar no mesmo logar o estandarte della, uma formosissima cruz, na qual não quizeram os padres que tocasse Indio de menor qualidade; e assim foram cincoenta e tres principaes os que a tomaram aos hombros, e a levantaram com grande festa e alegria, assim dos christãos como dos gentios.”

Vieira conclue a sua carta triumphal, dizendo que não era possivel saber com certeza o numero de habitantes da ilha; mas que—os que menos sabiam, diziam serem mais de quarenta mil, sem entrar a provincia dos Tricujús, que é á parte, na terra firme, de frente da ilha dos Nheengaibas, e que uns e outros não faziam menos de cem mil almas. (\*)

---

Da missão de Ybiapaba, o que achamos de mais interessante é a relação das espantosas difficuldades da viagem, e a descripção poetica da serra. Tinha-se en-

---

(\*) Veja-se a nota B no fim do livro.

são mais visinhas e levantadas; as noites, com ser tam dentro da zona torrida, são frigidissimas em todo o anno, e no inverno, com tanto rigor, que igualam os grandes frios do norte, e só se podem passar com a fogueira sempre ao lado.

“As aguas são excellentes, mas muito raras; e a esta carestia attribuem os naturaes ser toda a terra muito falta de caça de todo o genero; mas bastava para esta esterilidade ser habitada, ou corrida ha tantos annos de tantas nações de Tapuyas, que sem casa nem lavoura vivem da ponta da frecha, matando para se sustentar, não só tudo que tem nome de animal, mas ratos, cobras, sapos, lagartixas, e todas as outras immundicias da terra.”

A este paiz rude e inhospito chegou o P. Antonio Vieira quarta-feira de trevas. Trazou logo de celebrar todos os officios, e de fazer todas as representações proprias da semana sancta. Depois cuidou em organizar a sua pequena republica, promulgando um regulamento, e nomeando um superintendente indio que vigiasse na sua observancia, e ao qual intitolou *Braço dos Padres*, sem duvida por ser como o depositario do poder executivo da ordem. Tomadas estas e outras mais providencias, e fazendo-se de todo o determinado assento por papel, de que a cada principal se deu copia, seguiram-se alguns casamentos e baptisados, durando as festas doze dias e doze noites inteiras.

Então escreveu o padre emphaticamente a el-rei que os Tapuyas Tabajarás de Ybiapaba tambem estavam pacificados, e o Maranhão seguro ao sul e ao norte do inimigo hollandez, com a alliança destes, e dos selvagens nheengaibas. Por maneira que achando-se o estado do Maranhão até aquelle tempo como sitiado de dous poderosos inimigos, que o tinham cercado e apertado nos braços de um e outro lado, foi Deus servido livra-lo de todo este perigo por meio de só dous missionarios da companhia, e com despeza de duas folhas

de papel; com que d'uma e d'outra parte se abriu caminho á paz e obediencia, conseguindo Deus por tam poucos homens desarmados, e em tam poucos dias, o que nunca poderam tantos governadores em mais de vinte annos com soldados, fortalezas, e presidios; para que acabasse de entender Portugal e os ministros de S. M. que os primeiros e maiores instrumentos da conservação e augmento da monarchia eram os ministros da prégação da fé.

O P. Antonio Vieira escrevia estas noticias no anno de 1660, (\*) e pelo tom com que escreve bem se vê que estava na plenitude e cume do seu poder, contente e satisfeito, a mais não poder ser, de si, e das suas obras. Elle preconisa e encarece o excessivo trabalho que lhe pesava sobre os hombros, e o como em seu conceito o fructo correspondia abundantemente ao trabalho, porque era grande o numero das almas de innocentes e adultos que, d'entre as mãos dos missionarios, por meio do baptismo, estavam quotidianamente voando ao ceo! Não menos vaidosamente compara estes successos com os do reino, e os seus serviços com os dos grandes capitães e navegadores portuguezes. Em quanto do reino se estavam escrevendo victorias milagrosas ás conquistas, das conquistas tambem se escreviam ao reino victorias que com maior razão se podiam chamar milagres; porque lá vencia Deus com sangue, com lagrimas, com ruínas, e com dor da christandade; e aqui vencia sem sangue, sem ruínas, sem guerra e sem dispendios, antes com alegria, com applausos, e com triumpho de todos e da mesma igreja, que tanto ia engrossando e crescendo nos povos, nações, e provincias que adquiria na America. Pois em verdade, alem dos bens espirituaes, quantos outros se não ganhavam nos descobrimentos de novas terras, novos rios, e novas gentes; sendo que assim co-

---

(\*) Vejam-se as cartas de 11 de fevereiro, e 4 de dezembro deste anno dirigidas a el-rei.

mo nas primeiras conquistas se iam levantando padrões das armas portuguezas, assim tambem se levantavam agora os padrões da sagrada cruz—*com que se ia tomando posse daquellas terras por Christo e para Christo.*

Nesta phrase final sobretudo faz-se ouvir o grito da ambição satisfeita. Mas quanta vaidade e imprevidencia reunida á ambição! Este homem, todo apparato e ostentação, presumia fundar alguma cousa com a pompa dos juramentos, festas selvagens e religiosas, e com quatro folhas de papel; e dentro de um anno, os acontecimentos tinham de mostrar-lhe de um modo severo que, para enraizar-se solidamente, hão mister as instigações de mais tempo, de mais sabedoria, e por ventura tambem, de mais simplicidade e modestia.

O remate de todas as suas cartas eram sempre novas lastimas sobre a sorte dos pobres Indios, e as perseguições que por amor delles soffriam os padres; e dahi tomava occasião para pedir novo reforço de missionarios que os viessem ajudar, porque a messe era abundante, e os operarios poucos. Parece que as suas supplicas foram sempre favoravelmente deferidas pela corte, porque tendo elle, como já vimos, começado esta segunda missão com vinte missionarios, já para o fim andavam elles por mais de quarenta, como havemos de ver na occasião de serem expulsos.

Durante esses seis annos decorridos de 655 a 661, que Vieira reputa tam gloriosos para ellê, fizeram-se, sob o seu governo, nove missões a diversos logares, descedendo delles mais de tres mil Indios forros, e cerca de mil oitocentos escravos. (\*)

Mas destas pretendidas conversões em massa, em que a fé se transmittia por meio de poucos principaes, a es-

(\*) Veja-se a nota B no fim do livro.

sas innumeraveis multidões, que o pujante missionário, sem as ver, ia esmando aos quarenta, e aos cem mil, passemos a considerar um pouco a maneira e as difficuldades das conversões individuaes, mais modestas, porem mais reaes, e que são em si mesmas documento irrefragavel da fallacia das outras, pelas enormes difficuldades que revelam.

Com a mesma facilidade com que os selvagens do Brazil aprendiam qualquer doutrina, assim se esqueciam promptamente de tudo, como se jamais tiveram sabido cousa alguma. Segundo refere o proprio Vieira, havia-se de estar sempre ensinando o que já estava aprendido, e sempre plantando o que já estava nascido, sob pena de perder-se o trabalho. A estrella que os alumiasse não havia de desaparecer, sob pena de apagar-se a luz da doutrina. No trabalho desta vinha era necessario que estivesse sempre a cana da doutrina arriada ao pé da cepa, e atada á vide, para que se podesse lograr algum fructo.

Outra grande difficuldade, que pedia grande cabedal de amor e dedicacão, era a das linguas. Pela extrema variedade dellas houve quem chamasse ao Amazonas rio de Babel; mas em Babel, segundo os sanctos padres, houve setenta e duas linguas somente, quando as que se fallavam no rio das Amazonas, eram mais de cento e cincoenta. Tantos eram os povos, tantas, tam varias, e tam occultas as linguas, e de tam nova e nunca ouvida intelligencia, que se lhes podia applicar o dito do propheta: *Quorum non possis audire sermones.*

“ Por muitas vezes (diz Vieira) (\*) me aconteceu estar com o ouvido applicado á boca do barbaro, e ainda do interprete, sem poder distiuguir as syllabas nem perceber as vogaes ou consoantes de que se formavam,

---

(\*) Veja-se o sermão do Spirito-Sancto, prégado em S. Luiz, na igreja da companhia, por occasião de partir uma missão para o Amazonas. Vem no T. 3.º delles.

equivocando-se a mesma letra com duas ou tres semelhantes, ou compondo-se, o que é mais certo, com mistura de todas ellas, umas tam delgadas e subteis, outras tam duras e escabrosas, outras tam interiores e escuras, e mais afogadas na garganta, que pronunciadas na lingua: outras tam curtas e subitas, outras tam estendidas e multiplicadas, que não percebem os ouvidos mais que a confusão: sendo certo em todo o rigor que as taes linguas não se ouvem, pois que se não ouve dellas mais que o somido, e não palavras articuladas e humanas.

“ Sancto Agostinho intentou aprender a lingua grega; e chegando á segunda declinação, em que se declina Ophis, que quer dizer serpente, não foi mais por diante, e disse com galanteria: *Ophis me terruit*. Pois se á aguia dos entendimentos humanos se lhe fez tam difficuloso aprender a lingua grega, tam culta e vulgarisada entre os latinos; que serão as linguas barbaras e barbarissimas de umas gentes onde nunca houve quem soubesse ler nem escrever? Que será aprender o Nhe-engaíba, o Jaruuna, o Tapajó, o Terembê, e Mamayaná, que só os nomes parece que fazem horror? . . . . . Haver de arrostar com uma lingua bruta, e de brutos, sem livro, sem mestre, e sem guia; e no meio daquella escuridade e dissonancia haver de cavar os primeiros alicerces, e descobrir os primeiros rudimentos della; distinguir o nome, o verbo, o adverbio, a preposição, o numero, o caso, o tempo, o modo, e modos nunca vistos e imaginados, como de homens enfim tam diferentes dos outros nas linguas, e nos costumes; não ha duvida que é empreza muito ardua a qualquer entendimento, e muito mais ardua á vontade que não estiver muito sacrificada, e muito unida com Deus.”

“ E' necessario tomar o barbaro à parte, (diz em outro lugar) (\*) e estar, e instar com elle muito só por

---

(\*) Sermão da epiphania prégado em Lisboa a 6 de janeiro de 1662, por occasião de ter sido expulso do Maranhão.



só, e muitas horas, e muitos dias; é necessario trabalhar com os dedos, escrevendo, apontando, e interpretando por accenos o que se não póde alcançar das palavras: é necessario trabalhar com a lingua, dobrando-a, torcendo-a, e dando-lhe mil voltas, para que chegue a pronunciar os accents tão duros e tam estranhos: é necessario levantar os olhos ao ceo uma e muitas vezes com a oração, e outras quasi com a desesperação: é necessario finalmente gemer com toda a alma; gemer com o entendimento, porque em tanta escuridade não vê sahida; gemer com a memoria, porque em tanta variedade não acha firmeza; e gemer até com a vontade, porque no aperto de tanta difficuldade, desfallece e quasi desmaia..... Que tem de ver as missões do Oriente, que entendiam com os homens mais doutos do mundo, com estas nossas que entendem com a gente mais sem entendimento e sem discurso, com a gente mais inculta, com a gente mais pobre, com a gente mais vil, com a gente menos gente, de quantas creou ou abortou a natureza, entre cujas pobreza e desamparos, entre cujos ascos, e miserias somos obrigados a viver? „

Sem duvida este trabalho de aprender linguas barbaras, para por ellas ensinar a doutrina, era assaz penoso; e muito mais facil e deleitoso era entoar *Te Deums*, e multiplicar festas e triumphos por dez ou quinze dias. Mas por grande que fosse a fadiga, o aborrecimento, e ainda a desesperação do sancto missionario, parece-nos que elle bem podia poupar aos seus amados Indios a qualificação de *brutos, e vis*, tam contraria aos preceitos da charidade evangelica em geral, e em particular aos seus habituaes sentimentos de amor e dedicação para com essa raça tam desamparada e perseguida de todos. Naturalmente faltava neste ponto a opposição dos colonos que esporeasse o zelo dos padres, e lhes fizesse levar este genero de trabalho com mais paciência, por amor de nosso senhor Jesu-Christo.

---

Em diversas leis que deixamos substanciadas no L. VI, e especialmente nas de 653 e 655, que regeram na epocha que estamos historiando, viram os leitores os modos e condições com que se haviam de fazer as entradas, resgates, e descimentos, e julgar os captiveiros licitos e illicitos; e na breve noticia que demos da malograda expedição do Tocantins, o como os principios consagrados nessas leis eram dados á execução.—Tudo isso é nada menos insufficiente para lhes dar um perfeito conhecimento dessas causas, e já é tempo de satisfazer cabalmente a sua curiosidade.

As leis que inculcando larga protecção aos Indios, admittiam contudo o principio funesto da escravidão, estabeleciam em certos e determinados casos diversas formulas e garantias para evitar as injustiças, isto é, os captiveiros chamados illicitos. Entretanto a cobiça achava mil meios de illudir essas precauções, em verdade quasi sempre vãs, porque admittido um principio vicioso e falso como base fundamental da legislação, as consequencias haviam necessariamente de participar da sua origem.

A côr e pretexto destas entradas era libertar os Indios prisioneiros, atados á corda, encerrados em um curral ou prisão semelhante, e destinados á morte em terreiro, para serem depois comidos em banquete festivo pelos seus inimigos. A entrada ou tropa de resgate, chamada tambem da redempção dos captivos, talvez por antiphrase, não só tinha por fim libertar da morte o corpo do selvagem prisioneiro, e a sua alma da perdição eterna, pela catecheze e conversão porque depois passavam, como prover de escravos os moradores. A ouvir os fautores dessas leis, fazia-se uma obra de piedade, e por ella se conseguiam ao mesmo tempo muitos bens *temporaes e espirituaes*.

Seguia a expedição com boa escolta de soldados para sua segurança, não succedesse que indo a fazer resgates de escravos, ficassem escravos os mesmos Portu-

guezes; devia levar religiosos da companhia, que tivessem a suprema inspecção della, e os competentes cabos que a dirigissem nas cousas da guerra, escolhidos com todas as precauções e formalidades legaes ja referidas. Uma boa provisão de vellerios, facas, ferramentas, pannos, e outras drogas de infimo valor, era cousa indispensavel para se os resgates depois fazerem. O tempo da partida, o destino ou logar da expedição, tudo devia ser fixado com anticipação pelo superior. Sabia a tropa, e ia assentar o arrayal em qualquer ponto do Tocantins, do Amazonas, ou do Rio-Negro—mais ordinariamente neste ultimo—por ser ali mais copioso o commercio. Nesta commarca ou provincia do Rio-Negro houve uma povoação, que por muito tempo se denominou *Caçara*, do nome indigena do curral onde ordinariamente se retinham os infelizes prisioneiros.

Do arrayal se destacavam diversas partidas a negociar as peças pelos rios e sertões, sendo o preço de cada uma, um machado, uma foice, uma faca, um lenço, uma saia, ou cousa a este modo insignificante; e esgotados os objectos de permuta, volviam todos ao arrayal, onde os graves e veneraveis missionarios procediam ao julgamento dos captiveiros, inquirindo dos captivos, e de quem mais lhes era possivel, as diversas circumstancias legaes que importavam liberdade ou escravidão.

Succedia assim, quando as cousas iam pelo melhor, e no dizer dos auctores jesuitas, quando os padres da companhia eram os missionarios directores, e as leis se cumpriam á risca. Elles mesmos porem confessam, que muitas vezes as tropas de entrada se organisavam e partiam irregularmente, por mero arbitrio de particulares cobiosos, ou fomentadas por governadores e capitães-móres ainda mais criminosos. Partiam as canoas á desfilada, e tomava cada uma pela parte que mais queria, captivando ou comprando quantos achavam, e voltando depois de publico ou de secreto, carregadas de Indios. Destes miseraveis, uns eram effectivamente comprados ou

resgatados, seja que estivessem deveras nas condições previstas pela lei, seja que os mascates excitassem a cobiça dos regulos para apanharem escravos, fosse como fosse; havendo delles não poucos—que vendiam os subditos, os companheiros, os parentes, e ainda os proprios filhos. Quando porem faltava de todo que comprar, os cabos das tropas, não eleitos nem escolhidos escrupulosamente, mas levantados de propria auctoridade, tomavam os Indios violentamente, salteando as suas casas e povoações, matando e afugentando a uns, e prendendo quantos podiam, que depois apresentavam para o julgamento, como dos encurralados, se é que tal trabalho tomavam.

Dispunham as leis que dous religiosos ao menos acompanhassem estas tropas para desempenharem a commissão gravissima dos exames. Mas esta disposição ou se despresava ou se illudia. No papel intitulado—*Informação que deu o P. Antonio Vieira, sobre o modo com que foram tomados e sentenciados por captivos os Indios do anno de 1655*—, que ja tivemos occasião de citar, assevera elle que a maior parte das canoas foram sem religiosos; e que dous carmelitas que então se achavam no Amazonas, andavam ao resgate, da mesma forma que os demais. E' verdade que na tropa do capitão João de Bitancor fôra o padre Fr. Antonio Nolasco, religioso mercenario, cujo voto e profissão era remir captivos; mas elle ia para os fazer, como fez, em grande quantidade; pois só á sua parte trouxe trinta e cinco, que vendeu publicamente, afóra outros que jogou e ganhou aos officiaes e soldados da tropa, originando-se dahi pleitos vergonhosissimos.

Este frade, e outros como elle, interessados em tam infame commercio, nem sequer se davam ao trabalho dos exames, e iam certificando licitos quantos captivos se lhes propunham. Deixavam-se ficar nos arrayaes, e os linguas ou pombeiros iam comprar as peças por differentes rios, a largas distancias, sem que elles vissem nem ouvissem os senhores dos chamados escravos

para averiguarem cumpridamente se com effeito o eram. Assim, toda a verdade e justiça destes captiveiros ficava na fé dos linguas ou pombeiros, *gente vilissima, sem alma nem consciencia*, diz Vieira em proprios termos, *mamalucos e mulalos, criados nesta carniceria de sangue, instrumentos ou algozes das infinitas crueldades e tyrannias que a cobiça dos maiores executava sempre naquelle rio.*

Como constasse a el-rei que havia muitos Indios livres reduzidos á escravidão, mandou elle proceder a uma revisão dos captiveiros, naturalmente a instancias de Antonio Vieira, e a esse intento instaurou-se um processo, que começou em Belem, e veio terminar em S. Luiz. Foi mingoado o fructo que desta providencia se colheu. Uma liga formidavel de interesses baldou as piedosas intenções do monarcha. De cerca de dous mil Indios que em virtude das ordens regias deviam de submeter-se ao julgamento, só uns setecentos foram apresentados, e todos os mais se sonegaram, posto ninguém ignorasse onde estavam, e os mesmos interrogatorios dos Indios presentes o dessem a saber. Estes mesmos vinham tam aterrados das ameaças dos senhores, que a experiencia lhes ensinava não seriam vãs, que a si proprios se delatavam por escravos; e por mais que o governador André Vidal os exhortasse a dizerem a verdade nuamente e sem temor, não havia maneira de consegui-lo, que de tal modo tinham elles o animo quebrantado pelo captiveiro. Houve prova plena dos manejos e ameaças que empregaram os senhores para conseguirem estas falsas confissões; e mesmo em face do tribunal foram alguns surprehendidos a fazer signaes e gestos ameaçadores aos examinandos. A estes meios junctava-se tambem a peita de interpretes e testemunhas, reinando em tudo um descaramento inaudito e sem igual.

Mas não ha nada tam eprioso como o julgamento final. Era o tribunal composto de sete membros, a saber, o governador, o ouvidor e provedor da fazenda, o vigario da matriz, o superior das missões, e os tres prelados dos carmelitas, mercenarios, e capuchos. Antonio Vieira era o protector constante dos Indios, e votou sempre pela sua liberdade. Acreditaes por ventura que nesta occasião solemne o seu grande espirito scintillou em vivos lampejos, e que a sua voz eloquente invocou os principios sagrados da fraternidade christã, e os direitos imprescriptiveis da liberdade humana? Nada disso; em vez de apoiar-se nesta base larga e indestructivel, advogado mediocre e habituado às miseraveis tricas do fóro, enredou-se nas disposições casuisticas das mesquinhas leis que elle mesmo ajudara a promulgar; allegou esta violada, aquella illudida, e aquell'outra omittida. Arguiu os vicios da confissão arrancada por dolo, medo ou violência, a sujeitos de condição miseravel, quaes o direito reputava os Indios, em favor dos senhores prepotentes. Accumulou argumentos, rasões, conjecturas, citou textos e glosas, e foi afinal vencido, como devia ser, em castigo da sua infidelidade aos grandes e verdadeiros principios.

Com a verdade e com a justiça não se deve fazer composição. Pois bem, em um dos casos submettidos ao julgamento, depois de sustentar o grande missionario que aquelles Indios eram livres, accumulando para isso algumas provas irrefragaveis, rematou comtudo dizendo—que a justiça do captiveiro era pelo menos duvidosa, e que por isso não deviam os Indios ser condemnados a uma escravidão absoluta, senão a cinco annos de trabalho somente, como meio termo entre os dous extremos!

Não permitta Deus que privemos os nossos leitores dos meios de poderem por si mesmos apreciar estes argumentos pró e contra; o spectaculo da votação, sobretudo, deve ser posto diante dos seus olhos. Apresenta-

ram-se uns Indios resgatados no sertão. Confessaram elles mesmos que eram captivos, pelos haverem seus originarios senhores tomado em guerra. Não declararam porem se a guerra fôra justa ou injusta, nem havia quem a tal respeito podesse ministrar a menor informação. Proposto o caso, votou Antonio Vieira que os Indios não eram absolutamente captivos, visto como se não verificava nenhuma das quatro hypotheses da lei de S. M., e menos se provava que a guerra fôra justa. Alem de que, nas materias duvidosas havia-se de julgar pela presumpção, e as guerras dos barbaros, como eram estes gentios do Maranhão, quando se duvidava se tinham sido justas ou injustas, deviam presumir-se injustas, por serem feitas por gente que em suas guerras se não governa por consciencia, nem rasão, antes consta que são mais latrocínios que guerras; porque os mais poderosos vão captivar os fracos para os venderem, e as mais das vezes fazem isto os particulares, sem auctoridade do principal, nem da republica ou aldea a que pertencem. Que assim o resolvia Molina, tractando este ponto *ex-professo*. Que alem de outras rasões mais, sabido era que—*in dubio tutior pars est eligenda*. De serem os Indios julgados por captivos, seguia-se a elles um damno irreparavel. E pelo contrario, de serem julgados livres só se podia seguir perderem os compradores o preço que haviam dado por elles. Quanto mais que nem tal preço se perdia, pois por elle haviam de os Indios servir durante cinco annos, e assim votou o P. Antonio Vieira que se fizesse!

O provincial do Carmo, e o commissario das Mercês votaram pelo captiveiro absoluto, e o fundamento do seu voto foi que todas as guerras havidas entre os Indios do Maranhão, eram justas, do que estavam informados por alguns religiosos da sua ordem, e por outras pessoas fidedignas, que as tinham observado.

O custodio de Sancto Antonio, quando lhe chegou a sua vez, ergueu os olhos ao ceo, e disse que grande

mercê lhe faria Deus se por um anjo lhe mandasse revelar se aquellas guerras tinham sido justas ou injustas; mas pois que isso não podia ser, se inclinava a que eram todas justas; porque, sendo as causas de guerra justa, que assignam os doutores, não menos de doze, impossivel era que de tantas, não tivessem aquelles homens algumas com que se justificassem.

Acodiu a isto Antonio Vieira que se as causas de guerra justa eram doze, as de guerra injusta seriam vinte e quatro. E que se havia razão para se cuidar que teriam por si alguma causa das primeiras, por serem muitas, porque a não haveria tambem para se cuidar que teriam tambem alguma das segundas, que eram mais? Alem de que nenhuma guerra podia ser justa de ambas as partes. Se os príncipes christãos, se os summos pontífices, e ainda os anjos no principio da sua criação poderam fazer guerras injustas, como ousava alguem sustentar que as não podia haver entre os barbaros do Maranhão? Salvo se elles não tinham alvedrio, ou eram impecçaveis, e ambas estas proposições eram hereticas, sobre contrariarem de frente as leis de S. M. que suppunham ambas as especies de guerra. A nada porem se moveu o veneravel custodio, que por um compromisso de consciencia, adoptou uma conclusão contradictoria, quasi pelo mesmo theor que já usara o proprio Antonio Vieira—votou que fossem captivos todos os Indios, mas que os filhos que lhes nascessem dali por diante, fossem livres.

O vigario, quando lhe tocava votar, cerrava-se, e não se lhe ouvia outra palavra, senão *captivos, captivos*. Se apertavam muito com elle, respondia, ajudado dos frades, que os homens que tinham ido aos resgates eram christãos, e não se havia de presumir que fizessem cousa mal feita. Que ao demais este fôra sempre o costume do estado, e a darem-se os Indios por livres, ficaria baldado todo o trabalho das entradas, e rebentariam motins no povo; quando por outra parte os Indios nada



perdiam em ser captivos, sendo certo que direito introduzira o captiveiro por piedade.

O governador e o ouvidor conformavam-se com o voto de Antonio Vieira, senão é que o governador acrescentava que servissem os Indios sete annos, e não cinco, visto a duvida que havia se a guerra era justa ou injusta, tanto mais que nos primeiros dous annos os Indios novos, por serem boçaes e virem maltractados, quasi nenhum serviço prestavam.

Lá quiz parecer a Vieira que estas rasões do governador tinham sua equidade; mas occorreu-lhe que os cinco annos eram dados para satisfação do preço do resgate, sem attenção ao character da guerra; e pois cada escravo custava onze tostões somente, por muito pouco que trabalhasse, não devia merecer menos de duzentos e vinte cada anno, por onde os cinco de serviço eram de sobejo para a satisfação.

Entre os diversos casos que se offereceram, foi o de um filho vendido por seu pai. Assim o disse o comprador, e assim o confessou o moço. O padre vigario e os tres frades votaram pelo captiveiro, pois não havia cousa mais certa e averiguada, diziam elles, que poderem os paes vender seus filhos. Como combateu Antonio Vieira este attentado contra as leis mais obvias e sagradas do sangue e da natureza? Alegou que supposto poderem os paes vender os filhos, só lhes era licito fazerem-n'o em caso de extrema necessidade: e nestes Indios não se provando o contrario, não se podia presumir semelhante necessidade; pois esta ou é de roupa, e entre elles não a ha; ou é de vestido, e elles andam nus; ou é de sustento, e elles nunca padecem fome, pois se alimentam das fructas e da caça, que o mato lhes offerce espontaneo e sem trabalho. Por onde a occasião da venda só podia vir da cobiça do pae, ou de violencia de quem lhe tomou o filho. De resto as leis de S. M. não apontavam o direito do pae como causa legitima de captiveiro.

Comoquerque fosse porem, venceu a maioria, e o marcebo foi declarado escravo.

Como muitos dos Indios eram ja passados ao Maranhão, foi necessario formar nesta capitania outro juizo, no qual, em vez do ouvidor e do vigario do Pará, tomaram parte o ouvidor geral, e o vigario geral do estado. Ambos estes inclinaram para o lado de Antonio Vieira e do governador; e como os tres frades se vissem supplantados, recusaram assignar as novas sentenças!

Conclue Vieira todas as suas observações, notando que o juizo e voto dos padres eram suspeitos e nullos, porque elles, como senhores de escravos, eram responsáveis á evicção.

O que está porem mais que muito evidente é que nunca em questão tam grandiosa, e onde iam comprometidos os direitos sagrados da religião e da humanidade, se produziram pró e contra razões e argumentos mais miseraveis. Já o leitor terá notado tambem que pelo só facto de fazer o P. Antonio Vieira concessões em uma materia que as não admittia, pois o principio da liberdade é absoluto e com elle se não póde nem deve transigir, o temos arguido de sacrificar elle mesmo a causa dos Indios. Mas pois que elle, ainda que embaraçado em uma systema erroneo e vicioso, no que havia mais culpa do entendimento, que da vontade, era não obstante o campeão strenuo e infatigavel dos pobres Indios, talvez se diga que o havemos tractado com demasiado rigor, quando os seus erros eram dignos de mais indulgencia, e os seus serviços, de muito maior reconhecimento. O leitor porem ha de necessariamente convir em que não temos praticado mais do que actos de simples justiça, se vier a conhecer que este famoso jesuita, arredada a concorrência dos moradores, e das outras ordens religiosas, procedia á feição de todos os mais, buscando Indios ao sertão, movendo-lhes guerras encarniçadas, aprisionando-os, repartindo-os, e vendendo-os como escravos. Foi elle tambem quem planeou seriamente a intro-

dução da escravatura africana, para que, satisfeitas por este meio as necessidades dos colonos, pudesse a companhia, mais desempejada de estorvos, exercitar uma jurisdição illimitada e exclusiva sobre os Indios. Havemos de ver tambem que no exame dos captiveiros os padres de S. Ignacio se portavam ainda com mais escandalo, se era possivel, do que os seus collegas das outras ordens.

---

Nas suas diversas cartas e sermões não é raro ouvir dizer a este jesuita que elle não era opposto á escravidão, que bem conhecia a sua necessidade, e ainda as vantagens que della resultavam; mas como estas asserções isoladas se podiam reputar meras condescendencias, arrancadas á sua posição especial no meio de uma população de Portuguezes interessados na mesma escravidão, e cujas susceptibilidades a prudencia aconselhava a respeitar; só escolheremos para prova das nossas proposições aquelles de seus escriptos, onde as suas ideas e projectos se acham larga e maduramente desenvolvidos, e onde elle exprime os seus sentimentos não só com toda a liberdade, senão ainda com mostras da mais completa satisfação.

Na carta escripta a el-rei em 11 de feveiro de 660, que já citamos e extractamos a outro proposito, referindo Antonio Vieira os successos das missões desse, e dos dous annos antecedentes, conta que partindo o P. Francisco Gonçalves de S. Luiz para o Amazonas e Rio-Negro, em 15 de agosto de 1658, atravessara por todas as capitancias do estado, e de todas ellas fôra levando os respectivos procuradores e canoas em quantidade para o resgate de escravos que se fazia naquelles rios, e foi aquella a primeira vez (copiamo-lo textualmente) que o resgate se fez por esta ordem, para que os interesses delle coubessem a todos, e particularmente aos pobres, que sempre, como é costume, eram os menos lembrados.

Durou esta missão quatorze mezes pelo corpo e braços daquelles rios, donde vieram mais de seiscentos escravos, todos examinados primeiro pelo dito missionario, na forma das leis de S. M. No anno de 659 fez o P. Francisco Velloso outra missão deste genero aos mesmos rios, donde desceram outras tantas peças, em grande beneficio e augmento do estado. Tinham estas missões, sobre todas as outras, no conceito de Antonio Vieira, uma grande vantagem e differença; porque nas outras salvavam-se sómente as almas dos Indios, e nestas as dos Indios e as dos Portuguezes junctamente; visto que o maior laço das consciencias no estado, de que nem na morte se livravam, era o captiveiro dos Indios, que sem exame nem fórma alguma de justiça, debaixo do nome de resgate, iam comprar ou roubar por aquelles rios. Mas já sob o regimen dos padres da companhia, e das novas leis de S. M., ficava a cousa mui outra—pois não se faziam resgates senão quando iam missões ao sertão, só os missionarios podiam examinar, e approvar os escravos em suas próprias terras; e só depois de examinados e julgados por legitimamente captivos, os recebiam e pagavam os compradores; conseguindo os povos por esta via o que sempre se tivera por impossivel e inconciliavel naquelle estado—que era haver nelle serviço e consciencia ao mesmo tempo!

O illustre superior não se contentava de resto com estas pacificas façanhas, e o seu animo bellicoso buscava occasiões de maior honra para illustrar-se por todos os titulos. Assim ordenou elle outra missão ou expedição ao Tocantins, de que foi por general o P. Manuel Nunes, com quatrocentos e cincoenta Indios d'armas e remo, e quarenta e cinco soldados portuguezes sob o commando especial de um capitão de infantaria. A primeira facção em que se empregou este piedoso exercito foi em dar guerra ou castigar certos Indios rebellados da nação inheiguara, que com morte de alguns christãos haviam ha tempos impedido a outros Indios da sua vizinhança que

sê descessem para a igreja e vassallagem de S. M. “*São os Inheiguaras, escreve Vieira, gente de grande resolução e valor, e totalmente impaciente de sujeição, e havendo-se retirado aos lugares mais occultos e defensaveis das suas brechas em distancia de mais de cinquenta leguas, lá mesmo foram buscados, achados, cercados, rendidos, e tomados quasi todos, sem damno mais que de dous Indios nossos levemente feridos. Ficaram prisioneiros duzentos e quarenta, os quaes, conforme as leis de S. M., a titulo de haverem impedido a prégacão do evangelho, foram julgados por escravos, e repartidos aos soldados.*”

Não se pôde, sem assombro, ouvir fallar este illustre missionario por semelhante tom, quasi de hymno triumphal, sem poupar aos pobres prisioneiros nem ainda a ignobil e odiosa denominação de *peças*. Mas com que cores pintaria elle o acontecimento, se a expedição fosse capitaneada pelo ferreiro Gaspar Cardoso, e os exames e qualificações dos captiveiros, feitos pelo mercenário Fr. Antonio Nolasco? Entretanto que a nós, tudo nos parece a mesma *carniceria de sangue*, como elle eloquentemente as denominou em outra occasião.

Esqueceu-se tambem ou guardou-se o padre de referir-nos miudamente, e em todas as suas circumstancias, o modo pratico que usavam os jesuitas nos exames dos captiveiros, e na repartição dos escravos. Façamos por supprir a sua omissão.

No archivo da nossa camara municipal, entre outros livros, encontramos um que se intitula do—*Registro das peças de resgate vindas do sertão por conta de S. M.* Tem apenas 37 folhas escriptas, e os termos de exame ou de redução de Indios á escravidão vão de 1737 até 1755. Bem se vê que não são do tempo do P. Antonio Vieira, mas respeitam a uma epocha em que os jesuitas floreciam e reinavam sem contestação. A substancia de todos esses termos é sempre igual e invariavel. Um guerreiro de tal ou tal nação apresenta o seu prisio-

neiro, homem ou mulher, ou ainda criança, dizendo que o tomou em justa guerra. Enumeram-se os signaes mais salientes que a victima traz no corpo, e que não poucas vezes são cicatrizes, declaram-se os nomes do senhor e do escravo, e como este confessa que de feito foi apanhado em justa guerra, é julgado por legitimamente escravo, assim pelo reverendo padre missionario como pelo cabo da tropa, e nessa qualidade é comprado por conta de el-rei. Os escravos eram de todas as idades, mas ordinariamente moços de vinte e tantos annos para baixo, até de sete e oito annos. A's vezes vendiam-se criancinhas de peito junctamente com suas mães. São geralmente designados pelos termos—de *rapaz*, *rapariga*, *mocetão*, *mocetona*. O preço de cada um era um terçado, dous ou tres machados, dous ou tres massos de vellorios, uma rede, uma camisa, uma saia, um chapeo, ou cousa semelhante, segundo a figura e boa qualidade do escravo. Se este era de menor idade ou innocente, o reverendo missionario, em acto continuo, o baptisava, e pelo nome indigena lhe dava outro christão. (\*)

Assim, decidia-se esta grave questão do captivo ou da liberdade, sobre a confissão de uma criança de sete annos, feita em presença de seu senhor, selvagem canibal; (estê era sempre tractado por—*cavalleiro*—) e o ministro de Jesu-Christo, depois de imprimir-lhe o sello da escravidão, consagrava-o christão, pelo baptismo! Em verdade para bem qualificar todas estas abominaveis injustiças, parece que só faltava o sacrilegio, com que se profanavam as aguas regeneradoras espargidas sobre a fronte da innocente victima, pela mesma mão que acabava de assignar a sua condemnação!

Na repartição não se seguia sempre um processo uniforme. André de Barros refere que se dividia este gado humano em duas porções iguaes: a primeira metade, deduzida a *joia* do governador, se distribuia pelos cabos,

(\*) Veja-se a nota C no fim do livro.

soldados e Indios da respectiva tropa de entrada, segundo os seus serviços e graduações; e a outra, distribuia-se *pro-rata* entre todas as capitánias e logares do estado, segundo o numero dos seus moradores. Era quasi escusado dizer aqui que o chronista da ordem exalta até ás naves a justiça e sabedoria destas repartições, acrescentando que o povo as recebia com grande applauso. Quanto á forma pratica da repartição, remettemos o leitor para os extractos dos registos da camara municipal que junctamos no fim do presente livro. (\*)

---

Pelo que fica exposto já o leitor sabe a conta em que ha de ter o zelo dos jesuitas pela liberdade dos Indios; porem ainda vamos ver cousa mais digna de excitar o pasmo. É nada menos que um novo plano do P. Antonio Vieira sobre o governo temporal e espirital dos Indios, onde aponta os meios de acabar com a sua escravidão, sem arruinar todavia as colonias pela falta de braços para a lavoura. Este opusculo, que contem vinte e cinco paginas, não tem data, e foi remettido ao duque de Cadaval, que consultara o auctor sobre a materia, em uma carta igualmente sem data, mas que pelo seu contexto mostra haver sido escripta já no tempo da regencia do príncipe D. Pedro. Uma e outra cousa vem no tom. 2.<sup>o</sup> das cartas, entre diversas outras datadas em 1669.

Neste papel, e como é de seu costume, alléga Antonio Vieira em primeiro logar os seus serviços, e a larga experiencia que tinha das cousas do Maranhão, onde revistou tudo por espaço de mais de quinhentas léguas. Depois propõe que continuem as missões e descimentos sob a direcção exclusiva de uma só religião, para se evitarem os inconvenientes das emulações e competen-

---

(\*) Veja-se a nota C no fim do livro.

cias. E porque a experiencia tinha mostrado que os gentios deviam sempre viver em sujeição, fossem repartidos pelos que os traziam ou mandavam vir do sertão, e pelos mais moradores, sem que houvesse todavia separação das familias, e fazendo-se de tudo os registos necessarios, para que a todo o tempo constasse em como eram forros e livres. Seus amos não poderiam troca-los, nem vende-los, nem testar delles como escravos, se bem que os Indios podessem continuar a estar sob a administração dos respectivos herdeiros, se lhes approvesso. Cada morador poderia ter um certo razoavel numero de Indios, do qual se não devia passar. A cada um dos Indios daria seu amo annualmente uma peça de vestido ou um vestido inteiro; que com isso, e com sustenta-los, doutrina-los, e pagar aos sacerdotes que nas necessidades lhes administrassem os sacramentos, lhes ficava satisfazendo assás o seu trabalho.

Alem destas providencias, indica Vieira outras muitas sobre a administração economica, e instrução religiosa dos Indios, que omittimos para evitar repetições escusadas, visto constarem as mais della das leis que substanciamos. Isto posto, reclama elle a absoluta prohibição das denominadas *entradas* ao sertão, ou feitas por auctoridade publica, ou secretamente em canções particulares, para que cessassem de uma vez as injustiças e tyrannias que em umas e outras se costumavam praticar, capeadas com o nome de resgates, com que se havia captivado, morto, e extincto tantos milhares de Indios innocentes. Caso mesmo succedesse nas missões remir-se algum Indio atado á corda para ser comido, ainda este ficasse livre, e fosse adjudicado como livre para o serviço de seu rei e senhor, a quem devia a salvação.

Aos que se oppunham a esta resolução, allegando que sem os resgates ficaria perdido o estado, respondia elle que percesse muito embora, pois era menor mal perder-se, que conservar-se por meios tam injustos e



abominaveis. (\*) Mas esta apparente razão, alem de impia, era enganosa e falsa, pois mostrava a experiencia que fazendo-se até então os resgates em numero excessivo, tam fôra esteve de se augmentar com elles o estado, que antes foi sempre em diminuição e ruina; e os moradores que mais escravos tiveram por aquella via, eram os que se achavam mais empobrecidos e perdidos, sendo certo que os fructos e riquezas tiradas do sangue dos escravos, e embarcadas para Portugal, ou pereciam no mar, ou cahiam presa dos corsarios de Argel. Castigo evidentemente providencial de tantas iniquidades, mandava Deus escravidão por escravidão. Que outra cousa pois restava a fazer senão proclamar solemnemente e tornar efectiva a liberdade dos pobres Indios?

Entretanto por uma contradicção e inconsequencia monstruosa, de que ja dera o primeiro exemplo o dominicano Las-Casas, outro grande apostolo do Nôvo-Mundo, dominado o jesuita pela sua idea favorita, não achou meio mais azado e prompto para assegurar a liberdade dos seus Indios do que a introdução dos escravos africanos. Era simplesmente uma raça sacrificada á outra; e pôde ser que Vieira sacrificasse os Indios aos Africanos com a mesma tranquillidade de consciencia, se em vez de ter vindo para o Maranhão, houvesse posto por obra aquella passageira velleidade que lhe veio em Cabo-Verde de fazer missão nas ilhas, e nas costas fronteiras d'África.

É certo que ao seu projecto de introduzir escravos africanos se oppunha um grande obstaculo; aos moradores do Maranhão falleciam os cabedaes necessarios

---

(\*) Os espiritos absolutos se encontram ás vezes a largos seculos de distancia. Tractando-se na assemblea constituinte franceza em 1790 dos perigos que traria consigo a immediata emancipação dos negros, exclamou um orador entusiasta, quasi pelos mesmos termos que Vieira: *Perissent toutes les colonies plutôt qu'un seul prince!*

para compra-los, e dahi nenhum armador ou negociante se expunha a traze-los para cá, receando um prejuizo quasi certo. Mas a charidade ardente do missionario ex-cogitou um bom expediente, para se poder levar ao fim esta boa obra. Ei-lo aqui. O primeiro empenho para se mandarem vir os escravos não podia exceder a sessenta mil cruzados; a real fazenda pois os adiantasse, mandando logo S. A. para maior brevidade e expedição, queda Bahia ou Pernambuco, para onde iam continuamente navios de Angola, se comprassem e remetterssem para o Maranhão duzentos escravos, que deviam ser homens e mulheres, *em ordem á propagação*, conduzidos em um patacho, e dirigidos ao governador, e ao provedor da fazenda, os quaes repartiriam gratuitamente os ditos escravos a cincoenta moradores dos que tivessem maior cabedal e industria, quatro a cada um, para que nas terras e sitios mais apropriados plantassem e cultivassem cacáu, baunilha, anil, e outras drogas de maior utilidade, com tal contracto e partido, que de tudo o que se colhesse, metade fosse para o lavrador, e a outra metade se dividisse em duas partes, uma para a real fazenda, e outra para o governador e provedor, que seriam os superintendentes de tudo. Por este modo, sendo todas as partes interessadas, era bem de esperar que cada uma fosse pontual no cumprir as suas obrigações, muito mais celebrando-se o contracto com condição e comminação que ao lavrador que o não cumprisse, se tirariam os escravos para serem dados a outro que melhor o fizesse. Com isto, crescendo as drogas e seu commercio, satisfar-se-hia largamente á fazenda o seu adiantamento, que para negocio de tanta importancia era de pouquissimo momento.

Em uma representação dirigida á camara do Pará em 12 de fevereiro de 661 disse tambem o P. Antonio Vieira que os negros de Angola eram muito preferiveis aos Indios, por serem estes menos capazes para o trabalho, de menos resistencia contra as doenças, e como

muito próximos de suas terras, mais no caso de fugirem facilmente, ou de se deixarem morrer de saudades dellas. Assim, esse exilio eterno da patria, e todos esses horrores da travessia a que desde então até hoje foram condemnados os miseros Africanos, eram uma atenuação do mal, e uma verdadeira vantagem, no conceito do missionario jesuita!

A estes calculos sordidos, a essa previsão e avidez cruel de mercador negreiro, a essa idea ignobil da propagação dos escravos, ousava Antonio Vieira ajunctar ideas e considerações piedosas e humanas sobre a liberdade, conversão e salvação dos indigenas! Seria mero pretexto e hypocrisia, ou invencivel cegueira de um espirito obstinado, e impetuosamente arrastado, pelas disputas com os seus adversarios, a encarar uma só face da questão, alem da qual nada mais via?

Seja como fôr, o certo é que aberrações tam in-criveis não podem recomendar o grande orador á estima e admiração da posteridade; e apesar de tudo, são preferiveis a estas vergonhosas contradicções e palinodias deste grande espirito, o cynismo descarado das opiniões do seu antagonista Manoel Guedes Aranha, não menos que a cruel imparcialidade do general Gomes Freire de Andrade. Estes ao menos eram francos, e não sabiam tergivesar nem sophismar a iniquidade para attenu-la hypocritamente. Em um memorial dirigido á corte sobre a escravidão dos Indios, Manoel Guedes Aranha disse com estranha bou fé e ousadia:—*Que se os nobres, nos paizes civilizados, eram tidos em grande estima, com maior razão deviam ser estimados os homens brancos em paiz de hereges, porque aquelles foram criados com o leite da igreja e da fé christã. Alem de que, sabido era que differentes homens eram proprios para differentes cousas; nós (os brancos) eramos proprios para introduzir a religião entre elles; e elles adequados para nos servir, para caçar para nós, para pes-*

*car para nós, para trabalhar para nós. (\*)* E o general Gomes Freire, dando informação a el-rei sobre o estado do Maranhão, depois do sanguinolento sacrificio do Beckman, pediu que continuasse a escravidão dos Indios, porque, (dizia elle) *não eram mais justificadas as causas, porque recebiamos escravos comprados em Cabo-Verde ou na costa de Mina; nem os gentios destes sertões tinham melhor Deus que os de Guiné para que se não praticassem na America as mesmas leis da Africa. (\*\*)*

Mas desviemo-nos por alguns momentos desta questão abraçadora da liberdade e escravidão, que dentro em pouco fará terrivel explosão, e contemplemos a Vieira sob outros aspectos, apartado dos cuidados politicos e temporaes do governo das missões, e entregue a outros misteres e trabalhos a que o seu espirito activo e universal se prestava com maravilhosa flexibilidade.

Encerrado na sella estreita e nua do seu convento, este homem extraordinario se despojara das roupas e moveis mais indispensaveis para acodir á pobreza, e por vezes reduziu-se a dormir, em uma esteira de tabua em vez de cama, vestindo uma roupeta esfarrapada de panno grosseiro tincto na lama, e calçando çapatos de pelle de porco montez. A mesma parcimonia usava na comida e bebida, e não raro se privava da cea para manda-la de presente a alguma familia necessitada. Nenhum pobre lhe batia á portaria que não voltasse remediado e consolado; e alem destas, fazia muitas esmolas occultas e mais crescidas, segundo o requeria a qualidade dos que as

(\*) Revista do Instituto-Historico-Brazileiro. Tom. 1.º pag. 156.

(\*\*) Fr. Domingos Teixeira. Vida de Gomes Freires. Cap. 225.

haviam mister. Com presentes aos Índios de drogas e bagatellas agradaveis, e pequenos utercilios, gastava quanto podia haver e poupar. Foi por este modo, e em levantar e ornar igrejas, que elle dissipou piedosamente mais de cincoenta mil cruzados, fructo da admiração e liberalidade de seus amigos, e da impressão das suas obras.

Insano era o trabalho que pesava sobre elle; e tam poucos companheiros havia ás vezes para o auxiliarem, divertidos os mais dos padres em missões longiquas, que Antonio Vieira se via obrigado a desempenhar todas as obrigações, e a fazer todos os officios, desde o de superior até o de cozinheiro.

Por ordem dos prelados maiores desviou-se elle um pouco dos seus trabalhos habituaes para dar-se á correcção dos seus sermões. Notava então o contraste desta occupação, (que tam facil e delectosa lhe seria nas bibliothecas das polidas cortes que frequentara) com a ruleza dos desertos do Maranhão, e dos seus broncos habitantes, onle se via obrigado a emendar borriões, e a fazer taboadas. *Não ha maior comedia* (dizia a este proposito) *que a minha vida; e quando quero, ou chorar, ou rir, ou admirar-me, ou dar graças a Deus, ou zombar do mundo, não tenho mais que olhar para mim.*

Acertava, no meio destes trabalhos, de escrever-lhe da corte alguma pelerosa personagem, a rainha regente, por exemplo? Eis-ahi como elle respondia, fallando sempre de si, e implorando o favor das missões (\*): "No despacho do memorial, que de tam longe representei a V. M. bem conheci que ainda não estava totalmente morto na memoria de V. M. quem tantas vezes arriscou a vida ás tempestades, ás bulas, ás pestes, e ás traições dos inimigos de Portugal, para que elle, e todas as partes de sua monarchia se estabelecessem na coroa de V. M. Com

---

(\*) Veja-se a carta do 1.º de setembro de 1658 dirigida á rainha regente D. Luiza. E' a 15.ª do T. 1.º

a falta d'el-rei e do principe, que estão no ceo, tudo me faltou, e a benevolencia que o seu respeito me conciliava com os ministros, se sepultou toda com elles, e em seu lugar resuscitaram os odios e a inveja daquelle favor, que então se dissimulava. O que mais me causa sentimento, é que se vinguem estes odios, não em mim, senão nas almas destes christãos e gentios, cuja salvação se impede, ou, quando menos, se perturba muito, por se darem ouvidos a informações tam alheias da verdade, e do conhecimento que os mesmos ministros deveram ter da minha, e do meu desinteresse, na experiencia de tantos annos..... Comtudo para que conste aos ministros e tribunaes, fiz petição ao governador mandasse examinar juridicamente todas as queixas que nessa corte se tem feito contra os religiosos desta missão, e todas são examinadas, e a verdade provada na fórma que V. M. lhes pode mandar ver. Assim se mudam os tempos, e não é o maior sacrificio que posso offerrecer a Deus nas circumstancias do presente, ver-me por seu amor em estado que haja mister testemunhas a minha verdade. .... Eu senhora, depois que deixei o lugar que tinha aos pés d'el-rei e de V. M., nunca mais me foi necessario nada, porque naquelle sacrificio renunciei tudo, nem o mundo tem que me dar, depois que me deu quanto tinha, quanto podia, e eu o puz nas mãos de Deus para o empregar melhor..... O que só peço em nome de todos os religiosos destas missões é que V. M. nos mande conservar sempre na firmeza das ordens que trouxe o governador, e que acerca das missões e dos Indios se não mude nem altere cousa alguma, mandando V. M. recommendar de novo muito, e ao mesmo governador, a assistencia e favor dos missionarios, em fórma que entenda elle e todo o estado que o maior cuidado de V. M. é o augmento e propagação da fé, e conversão das gentilidades, como verdadeiramente é;—e que os religiosos da companhia, como ministros da mesma conversão, hão de ter sempre na grandeza e justiça de V. M. muito segura a protecção e amparo.”

Se do seu gabinete sahia o P. Antonio Vieira para subir ao pulpito, eram ainda os Indios o seu assumpto predilecto. Naquelle mezmo sermão do Spirito-Sancto, que já n'outros propositos havemos por vezes citado, figurou elle os Indios e os Portuguezes—os escravos e os senhores—em face de Deus, no dia do juizo final. O escravo escusava-se com o senhor, com o seu pouco entendimento, e com a sua ignorancia. Mas o senhor com que se havia escusar? com a sua muita cobiça? com a sua muita cegueira? com faltar á piedade? com faltar á humanidade? com faltar enfim á christandade e á boa fé? “Deus justo e misericordioso (exclamava então o orador) nem em vossa justiça, nem em vossa misericordia acho caminho para sahirem estas almas de tam intrincado labyrintho! Se a justiça divina acha por onde condemnar um gentio, porque não foi baptisado, como achará a misericordia divina por onde salvar um christão que foi causa de elle se não baptisar? Que justiça pedirão sobre vós naquelle dia tantas almas, de cuja infelicidade eterna fostes causa? Abel pedia justiça a Deus, e salvou-se, e está no ceo. Se Abel, se um irmão pede justiça a Deus sobre o irmão, que lhe tirou a vida temporal, um escravo, e tantos escravos que justiça pedirão sobre o senhor que lhes tirou a vida eterna? Se Abel, se uma alma que se salvou, e está hoje vendo a Deus, pede justiça; uma alma, e tantas almas que se condemnaram, e estão ardendo no inferno, e estarão por toda a eternidade, que justiça pedirão ao ceo, á terra, ao inferno, aos homens, aos demonios, aos anjos, a Deus? Certo, spectaculo triste e horrendo será ver naquelle dia a um Portuguez destas conquistas (e muito mais aos maiores, e mais poderosos) cercado de tanta multidão de Indios, uns livres, outros escravos—uns bem, outros mal captivos—uns gentios, outros com o nome de christãos—e todos condemnados ao inferno, todos ardendo em fogo, todos pedindo justiça a Deus sobre aquelle desventurado homem que neste mundo foi seu senhor!”

Neste ponto cada um dos condemnados dá de res-

to a seu senhor com as causas de sua perdição. A este exprobra um o não lhe haver pago tantos annos de serviço, nem com a agua do baptismo; áquelle, outro—o ter-lhe ensinado tudo, menos o que importava á sua salvação; a est'outro, o não lhe permitir que fosse á confissão, para não perder dous dias de trabalho; a este enfim, o have-lo deixado morrer sem sacerdote, nem sacramento, como se fôra um bruto. Cão o chamava sempre na vida, e como um cão o tractou na morte—“ Isto dirá cada um daquelles miseraveis (conclue o orador) e Christo, juiz supremo. E todos juntos bradarão a seu sangue, de que se não aproveitaram por culpa vossa, *justiça, justiça, justiça!* Conhecereis então quem vos dizia, e pregava a verdade. Oh! sem duvida naquelle dia de ~~pena~~ haveis de mudar de juizo e de juizos. Hoje tendes por ditosos os que tem muitos escravos; naquelle dia ~~poem~~ esses serão desventurados, e os que tiveram poucos serão os ditosos, e sobre todos mais ditoso o que não teve nenhum.”

Conta-se que certo padre do Pará, geralmente venerado por seu saber e virtudes, ouvindo prégar este ou semelhante sermão sobre os injustos captiveiros dos Indios, e tyrannias que com elles usavam seus senhores, sahio tam commovido que deu immediatamente liberdade a sessenta escravos que <sup>na</sup> tinha; não que os não houvesse comprado com seu dinheiro; mas porque não ignorava como haviam sido originariamente captivados, e a sua consciencia delicada e escrupulosa lhe não consentia a tranquillidade do possuidar de boa fé. Porem estas terriveis exprobrações, feitas por um homem apaixonado, que andava travado na luta com os moradores, produziam na generalidade dos casos resultados bem diversos daquelles a que devia aspirar o orador.



O dominio quasi incontestado da companhia durava ja havia bem seis annos, quando os habitantes, que nunca o soffreram de boa sombra, começaram a agitar-se para derriba-lo—A principio murmuravam surdamente, e representavam suas queixas para a corte; mas a final clamavam ja em altos brados pela falta que havia de escravos, e contra a abusiva accumulacão que faziam os padres da jurisdicção espirital com a temporal e politica, mediante a qual se arrogavam tambem a administracão absoluta de todos os Indios forros. Os jesuitas pela sua parte entendiam e sustentavam que uma jurisdicção era inseparavel de outra, e que a não dar-se a accumulacão seriam infructiferos todos os seus esforços a bem da pregação da fé e conversão dos barbaros. Cada partido procurava assim rebucar as suas pretencões com os interesses da religião ou do estado, e invocava por seu turno as mesmas leis, constantemente sophismadas e arrastadas em sentidos oppostos.

Até 1659 esta luta se conteve dentro dos limites de uma certa moderaçãõ; porem, nos dous ultimos annos tomou um caracter mais decidido. Reiteraram-se as representacões dos senados das duas capitãias, quer á rainha regente em Lisboa, quer ao governador D. Pedro de Mello, residente em S. Luiz; e enviaram-se commissarios ou procuradores para pessoalmente fazerem valer as queixas dos povos, e sobre os antigos aggravos, representarem tambem a nullidade dos resultados colhidos pelas missões, porquanto entre outros exemplos, aquella apparatusa paz dos Nheongaiabas não passava de uma verdadeira impostura, continuando os barbaros no seu antigo theor de vida selvagem, dados á anthropophagia como dantes, e baldos inteiramente da luz do evangelho. Comtudo a influencia e os manejos dos padres podiam mais que estas queixas; mes o mesmo mau exito dellas, concorria por outra parte para aggravar a crise, perdida pelos moradores toda a esperança de a verem resolvida por meios pacificos.

Era evidente que a hora dos tumultos e das violências se aproximava; e no meio de uma situação já de si tam ameaçadora, alguns mesquinhos incidentes vieram ainda azedar os animos, e precipitar os acontecimentos.

Um certo alferes que se não nomea, e mais outro seu companheiro, tam desbecado como elle, propagaram um boato injurioso ao character austero do P. Antonio Vieira, que estando gravemente enfermo, e com o sagrado viatico á vista, declarou em presença de varias pessoas auctorisadas não só que o boato era calumnioso, senão que perdoava aos seus calumniadores o falso testemunho que lhe haviam levantado, em odio do seu zelo.

André de Barros, que refere este successo, não declara em que consistia a calúnia; mas a sua mesma reserva nos induz a crer que se não tractaria de mais que de alguma amavel fraqueza, cuja vulgarisação, se respeitasse a qualquer pobre peccador leigo, nem seria digna de reparo, mas constituia um crime escandaloso e inaudito, tocando a tal e tamanho membro da ordem. (\*) Assevera o chronista do padre que este insigne varão conservou immaculada a sua pureza até a morte, reunindo assim ás asucenas de virgem aos laureis de doutor. Mas como elle em Hollanda, por servir ao rei

---

(\*) Eis como o tal respeito se exprime André de Barros: "Cerria neste tempo contra o P. Vieira em escandaloso rumor denegrida a fama, gritando delle por mil bocas com impostura execranda um enorme delicto. Padecia em tal sujeito a companhia toda o maior desdouro: ou todo o choro das virtudes sentia descomposta aquella consonancia, que sempre guardara constante varão tão sublime. Um alferes, cujo nome se calla, por mais que merecia em cada patibulo uma pendente estatua, e um prégoeiro de sua infamia em cada praça; — este, com outro companheiro seu, foram o negro Cocyto, e Phlegetonte escuro, que correram tinta para macular com um testemunho falso a mesma luz."

e á patria, e com grande sacrificio sem duvida da sua innata rigidez, vestira os habitos elegantes do cavalheiro, e galanteara nos salões; e no Maranhão e Grão Pará, offendido o seu pudor da patente nudez dos Indios, gastava uma boa parte do seu cabedal em dar-lhes roupas com que a cobrissem, mormente ás Indias;—destas mesmas virtudes tomaria a calumnia occasião para despedir-lhe as suas hervadas setas. O crime, se era este, posto que grave, devia excitar mais desprezo que indignação; Vieira o perdoou ás portas da morte, que felizmente se não verificou; mas a companhia, severa e inexorável nas cousas que tocavam á honra de seus membros, fez instaurar um processo, em que os abominaveis calumniadores foram condemnados a degredo perpetuo para fóra do estado, e a irem á matriz ouvir a sentença, de mordança na boca, e despidos da cintura para cima. “Justo castigo de umas bocas, observa André de Barros, que eram do numero daquellas, de quem disse David:—*Posuerunt in caelo os suum.*”

Deram a ver aqui os Padres que sabiam fazer-se servir o nectar delicioso da vingança com magnificencia de principes; mas querendo d’um só lanço mostrar todas as virtudes, intervieram e pediram em dia do glorioso P. Sancto Ignacio para que, remittida a parte mais indecorosa da sentença, viesse a ter effeito somente a pena de desterro. Entretanto naquellas criticas circumstancias parece que nem o rigor, nem a piedade, usados por semelhante modo, eram proprios para desarmar o animo irritado daquelles mesmos habitantes, que Antonio Vieira havia solemnemente proclamado do alto do pulpito como grandes e superlativos calumniadores e maldizentes.

O outro accidente tambem tinha a raiz na maledicencia. Havia o P. Antonio Vieira escripto umas cartas ao bispo do Japão, nas quaes dava conta a el-rei das cousas do Maranhão, e não só referia em geral as necessidadas das missões, senão descia ainda ao particular de escrever das vidas alheias, pintando com vi-

vas e sem duvida negras cores aos mais dos seus antagonistas destas capitánias. Comoquerque estas cartas cahiram em poder de algum seu desafaiçoador, e segundo se crê, de um dos mesmos que iam nellas retratados, foram abertas, lidas, e enviadas para o Maranhão, onde poderá o leitor imaginar como ficaria cada um dos offendidos, ardendo em colera, e em desejos de vingança. As camaras das duas capitánias, que por meio de convites reciprocamente dirigidos e aceitos, se haviam confederado para melhor resistirem ao inimigo commum, pozeram-se á frente do movimento; e foi a de Bellem quem deu o signal, começando com o P. Antonio Vieira aquella memoravel correspondencia que Berredo nos conservou, e é um curioso documento não só do estado da nossa patria naquelle tempo, como do talento dos antagonistas. Não sendo grande orador, os quaes, é força confessar-lo, desta vez lutaram com elle, não de todo sem alguma vantagem.

A primeira carta que escreven a camara ao P. Superior é datada de 15 de Janeiro de 1661. Nella representou a grande limitação em que viviam os moradores, de certos annos atraz, pela falta que sentiam de escravos, sem os quaes lhes era impossivel subsistir. Que mingando tambem por essa causa as rendas da coroa, com grande prejuizo dos contractadores, não houve mais quem quizesse arremata-las, pelo que se estavam arrecadando por conta da real fazenda, e tam deficientes, que era mister pôr fintas ao povo com que haver farinha para a infantaria. Que ás vezes não havia dinheiro nem para pagar ao vigario da matriz, e aos capuchos de Sancto Antonio. Quanto aos nobres que haviam conquistado e conservado a terra para el-rei, a preço do seu sangue, esses já nem podiam vir com suas familias á cidade, por lhes faltarem escravos que equipassem as canoas, e na noite de natal deixaram de vir, por não terem suas filhas que vestir para irem á missa. Os mesmos que moravam na cidade não tinham quem lhes fosse buscar um

feixe de lenha ao mato, ou um pote d'agua á fonte, derivando toda esta miseria e geral ruina da falta de resgates, quando no sertão abundavam tanto os escravos. Que era tal e tanta a miseria que o geral dos moradores, e ainda os mais qualificados, andavam vestidos de panno de algodão gróssô da terra, tincto de preto, e este mesmo nem todos o podiam haver, em rasão do seu excessivo preço de trezentos reis á vara, quando os annos passados o preço commum era de cem reis. Que era em fim cousa inaudita que os conquistadores da terra houvessem de comprar um escravo gentio por setenta mil reis, só pelos não poderem resgatar, como era tam facil, e S. M. permittia por suas leis. E que pois á S. Paternidade competia marcar as entradas, houvesse de acudir com este unico remedio a tantas necessIDADES, que lhe eram presentes e nótórias.

O P. Antonio Vieira levou quasi um mez a meditar a sua resposta, senão é que de proposito a demorou para melhor fazer sentir e alardear o seu poder. Não a deu senão a 12 de fevereiro seguinte. Em seu conceito a pobreza da terra não vinha só da falta de escravos, como entendia a camara, senão de outras muitas causas, que passava a enumerar. Era a primeira e principal ser a terra toda muito cortada de rios, circumstancia que assás difficultava as communicações, e tornava muito dispendioso o commercio, que de necessidade se havia de fazer por mar. A segunda era a diminuição dos recursos naturaes da caça e pesca, de que se antigamente fazia o principal sustento, e que por via de regra costumam mingoar com o tempo, e com o augmento da população. A terceira era a falta de governo politico, não havendo a camara provido por suas posturas para que houvesse praça, açougue, e as mais cousas de venda ou aluguel; com que necessariamente cada familia havia de ter tudo quanto costuma ter uma republica; porque para a carne havia de ter caçador, para o peixe, pescador, para o panno, fiandeiras e tecelão, para o pão, lavradores, e

para o caminho, embarcação e remeiros, afóra todos os outros serviços domésticos. (\*) A quarta vinha das maldanças e guerras do reino, com que haviam excessivamente encarecido todos os generos de fóra, dando em baixa os assucares e tabacos, que eram os da terra. A quinta enfim estava na vaidade, e nos gastos desordenados, que se não mediam pelas posses, mas pelo appetite. Alem destas causas publicas, devia de haver outras secretas, reservadas á sciencia e providencia divina, como fossem castigos de peccados, e outros juizes secretos daquelle senhor, que o è da vida e da morte. Que na sua mão tinha a camara o prover sobre o governo politico; e quanto ao remedio dos escravos do sertão, elle padre o approvava muito, e para que os houvesse bem tinha insistido e pelejado com S. M. que queria todos os Indios livres—mas esse remedio só não bastava, porque por mais que fossem os escravos trazidos do sertão, mais eram ainda os que morriam, como mostrava a experiencia de cada dia, sendo muito preferivel manda-los vir de Angola, porque os Indios resistiam menos ao trabalho e ás doencas, e por estarem tam perto das suas terras, ou fugiam, ou se matavam as saudades dellas. Que no tocante ás entradas não havia razão de queixa, pois a contar da lei de 1555, maior era o numero das pessoas que o dos annos, havendo descido dellas passante de tres mil Indios livres, e mil e oitocentos escravos; e se apezar disso, havia falta e carestia dellas, tudo se devia ao modo vicioso da repartição, sobre o que devia o senado representar e prover con-

(\*) Em outro lugar diz Vieira escrevendo ao P. Provincial do Brazil: "Não corre nesta terra dinheiro, e as vendas se fazem por commutações, como na primeira idade do mundo: não ha praça publica, ou casas particulares, em que as cousas necessarias para a vida estejam expostas, com que vem a ser forçoso terem-n'as todos de sua lavra, como verdadeiramente as têm."

vementemente, pois tal obrigação não corria a cargo dos missionarios, tanto mais que havendo elle P. Vieira proposto um bom methodo de se repartirem *pró-rata* por todas as capitánias do estado, pelo preço do sertão que, na maior carestia do ferro, não chega a quatro mil reis, foi o seu alvitre regeitado. — Que apézar porem de tudo, estava já dispondo nova missão para aquelle anno, e como a camara quizesse ir de harmonia com elle, era de esperar se colhessem muitos escravos, em proveito commum da religião o da republica.”

A replica do senado não se fez esperar, e três dias depois foi apresentada ao padre, por uma commissão do seu seio. A’ rasão de que maior era o numero das missões que o dos annos, respondeu com um adagio antigo: *Muito pão tem Castella, mal por quem lazera.* Em que tinham aproveitado essas missões aos moradores do Pará? muito mais haviam lucrado com ellas os Indios mansos, que foram nas tropas ao sertão, sendo os mais dos escravos que se tronxeram entregues aos padres missionarios, e mandados vender em Gurupy, e S. Luiz. Se a camara se oppoz ao methodo de repartição de S. Paternidade, era porque oitenta resgates não bastavam para a capitania, havendo elles de repartir-se com o capitão-mór, officiaes militares, provedor da fazenda, conventos, ecclesiasticos, casados, viúvas, orphãos, e donzellas. A’ increpação de falta de policia na terra, respondia que o mal já vinha de muito longe, e não era para se emendar de uma hora para outra. E já que Deus deu a V. Paternidade tam grande juizo e entendimento (copiamos aqui textualmente) seja serviço de nos fazer mercê por serviço de Deus e de S. M., e remedio deste povo, dar-nos caminho para nos governar bem, e passar a vida sem vaidades nem gastos excessivos, cada qual concime a sua qualidade, sem ter escravos que nos sirvam! Muito Reverendo Padre Visitador Geral destas missões, S. M. não manda que os escravos se resgatem a particulares, e sim se façam christãmente para todos os seus

vassallos. Não permitta V. Paternidade se ser este povo o mais desgraçado, pois tem tantos e tam leaes vassallos de S. M. que ha tantos annos o estão servindo, derramando o seu sangue, e os seus antepassados passando muitas fomes em sujeitar os Indios, dos quaes V. Paternidade de está presente senhor delles. Seja pois V. Paternidade servido não se mostrar tam avaro dos sertões que Deus nos deu, e nós sujeitamos, conquistamos, e avassallamos a S. M.; e concedendo-nos o dito senhor licença para resgatarmos escravos licitos, nós estes pedimos, e estes queremos fazer, para acudir ás necessidades deste povo, visto se estarem comendo nos sertões, o que parece mais serviço de Deus, porquanto livrando-os da morte, se poderão salvar alguns estando em nosso poder—*ainda que os matem as saudades das suas terras*, como a V. Paternidade parece. Lembre-se V. Paternidade da promessa que os missionarios fizeram a S. M.—de que não haviam de tirar lucro dos Indios forros, nem com elles fabricar fazendas, nem canaviaes, e só tractarem da doutrina espiritual; e se acaso V. Paternidade tem alguma ordem de S. M. no temporal, será servido manda-la apresentar neste tribunal, para que nos conste della; porquanto tem mandado os governadores deste estado que niuguem possa usar de jurisdicção alguma, sem primeiro registar o poder que tem.”

Apresentado este papel a Antonio Vieira, elle o leu todo de principio a fim, em presença dos officiaes da camara, a quem, finda a leitura, diase com soberbo desdém que nada tinha de acrescentar ao que já havia respondido; que no tocante á jurisdicção real e temporal, se a tinha ou não, a seu tempo o diria; e se os officiaes da camara tivessem poder para lho perguntar, que elle lho diria, e daria razão disso.”

Era assim que estes ardentes adversarios se preparavam para outro genero de combate mais funesto, por meio desta justa de palavras e argumentos, em que de parte a parte se, chasqueavam espirituosamente, pa-



gando em todo caso os pobres Indios as custas de todas as suas agudezas e remoques. Não passem sem reparo os singulares argumentos com que Vieira explica as causas da pobreza da terra—o ser ella muito cortada de rios, e o ter ido a caça mingoando gradualmente. Com razão se observou já que a nenhum genio, por mais penetrante que seja, é dado ver além dos horisontes do seu seculo. Hoje em dia, ao revez do que entendia este notavel jesuita, rasga-se a terra a grande custo para abrir em seu seio rios artificiaes, onde fallecem os naturaes. Elle nadamenos teria razão se se tractasse sómente de povos barbaros, poisque em verdade a um selvagem é muito mais facil percorrer qualquer espaço só com o soccorro dos seus pés, do que atravessar rios e bahias, para o que já lhe é indispensavel ter canoas, e outros aparelhos mais ou menos complicados. O erro de Antonio Vieira estava todo em querer applicar a um estado de civilisação, que já lhe parecia adiantado, os meios e instrumentos, que apenas são compatíveis com a primeira infancia della.

---

Como a tormenta parecia mais imminente em S. Luiz partiu o P. Superior de Belem para aqui, mas já na bahia do Camã, e apenas em distancia de um dia de viagem, soube que os moradores do Maranhão o tinham prevenido, havendo rebentado de 15 a 17 de maio a commoção, em resultado da qual foram os jesuitas expulsos do seu collegio, e o respectivo superior, Ricardo Carece, obrigado a assignar perante a camara um auto de desistencia da administração temporal dos Indios. Uma carta que o governador D. Pedro de Mello escreveu Antonio Vieira, e que Berredo tambem nos conservou, refere alguns curiosos pormenores deste movimento popular. Serviram de pretexto para elle as fâmosas cartas dirigidas ao bispo do Japão. A multidão affluia á praça que ficava em

frente do senado da camara, onde se tinha de eleger um juiz do povo, que provesse ao extraordinario das circumstancias, e onde se procedia a um inquerito sobre o conteudo das mesmas cartas, no qual tinham de ser interrogados os padres da companhia, accusados como calumniadores do povo. Nisto, ou aventurado por mero acaso, como em taes crizes frequentemente succede, ou derramado muito de proposito, correu o boato de que os Indios de S. José, com um dos padres á sua frente, se haviam sublevado, e dispunham instrumentos de supplicio para castigo dos moradores. Então o furor da multidão já amotinada não conheceu mais limites, e correndo todos em turba, violaram o collegio dos padres, e os expulsaram ignominiosamente. O governador chamou ás armas as duas companhias de infantaria da praça; mas os soldados declararam que as não tomariam contra os moradores que os alimentavam, e a favor dos padres, que eram causa da geral ruina. Neste desamparo correu o governador ao senado, e ora das escadas da casa, ora das janellas, arengava a multidão em sentido favoravel ás suas paixões, com o intuito somente de applica-las, (assim o diz, desculpando-se, na carta que escreveu ao padre), pois sendo o tumulto de mais de seiscentas pessoas, não tinha ao redor de si mais de cinco ou seis em quem podesse confiar. As mesmas cartas que escrevia, referindo ao padre o succedido, e aconselhando-o a retroceder, receava D. Pedro de Mello que fossem interceptadas e abertas. Diziam-lhe que estavam todos juramentados, por se acaso fosse preso um só dos amotinados, levantarem-se em massa, investirem, e pôrem tudo a ferro e fogo; havendo outrossim entre elles resolução formada de recambiarem para o reino, só com a aguada indispensavel, a qualquer syndicante ou governador que viesse de Lisboa com animo hostil. “ Em resolução (conclue D. Pedro no seu estylo inculto e extravagante) está esta gente tam rebellada, que não pôde ser mais; e o coitado do patife (fallava de si) ouvin-

do tudo isto, tudo isto, mordendo-se, sem poder morder; mas, mas, mas, &c. „

Não se perturbou o P. Antonio Vieira com estas noticias; retrocedeu immediatamente para o Gurupy, e encontrando na respectiva camara e capitão-mór todo o favor e ajuda que poderia desejar, seguiu para o Pará, escoltado de tres canoas armadas em guerra, e ali chegou a 21 de junho, antes de propagada a noticia dos successos do Maranhão. A extensa carta que vamos substanciar, e que elle no mesmo dia dirigiu ao senado de Belem, mostra o ardor bellicoso de que o missionario se achava possuido, e o como estava resolute a combater a todo transe.

Depois de enumerar os seus titulos, bem como os poderes de que se achava revestido, refere o padre a rebellião do Maranhão, e acrescenta que se ella não fosse devidamente rebatida, perder-se-hia todo o fructo do trabalho das missões, tam recommendadas e amparadas de S. M. Descreve essas missões pelas entradas, descimentos, e pazes feitas, (de tudo o que já temos inteirado o leitor), e pergunta quem havia de ter mão em todas estas nações pacificadas e reduzidas á fé, ou inclinadas a sê-lo, quando vissem as promessas e as leis quebrantadas? O modo de pregar dos padres era com o evangelho em uma mão, e com as leis de S. M. em outra; porque mostrava a experiencia que se na confiança do bom tractamento que nas ditas leis se lhes prometia, e na fé e credito que davam aos religiosos da companhia, se atreviam as ditas nações a sahir dos matos, onde geralmente as trazia retiradas a lembrança e temor das passadas oppressões; mas como agora vissem que nem as leis, nem os padres se defendiam a si, como haveriam de crer que os defendessem a elles? Pelo que, e por todos os damnos que se podiam seguir, da parte de Deus, e do sangue de Jesu-Christo, derramado por aquellas aimas, e da parte de S. M., cuja consciencia estava obrigada á conservação dellas; da parte dos ditos Indi-

os, gentios e christãos, como procurador e curador que era de todos; da parte emfim da mesma republica e de todo o estado, requeria elle P. Antonio Vieira e mais religiosos a SS. Mercês que, com os olhos postos somente em Deus e em seu serviço, e na conta estreitissima que lhe haviam de dar muito cedo, e com os corações muito limpos de qualquer respeito particular, considerassem todas e cada uma das cousas que naquelle papel se lhe representavam, e acodissem logo ao remedio de tantos e tam irreparaveis damnos, como era bem facil, visto não estar ainda divulgado o caso. E porque era certo que os moradores do Maranhão haviam de procurar fazer cúmplices do mesmo delicto aos do Pará, mandando a esse effeito emissarios que occultamente os corrompessem, e persuadissem; importava muito que em quanto durasse o perigo, mandasse a camara impedir com toda a vigilancia, a communicação e passagem daquella para esta capitania, assim como se usava com os logares empestados, para que o contagio se não propague. Aliás por parte de Deus, e de S. M. protestavam por todos os damnos e ruinas irreparaveis temporaes e espirituaes, que do contrario se seguissem."

A camara respondeu-lhe dentro de dous dias, protestando a sua adhesão á religião, e á el-rei, e assegurando que empregaria todos os seus esforços para manter a ordem na capitania; e terminou declarando que em representação ja por ella dirigida a S. M., se por um lado se dava por satisfeita com a doutrina espiritual dos padres, por outro se havia queixado do procedimento com que S. Paternidade, e todos os seus subditos se haviam no governo temporal dos Indios, com jurisdicção tam violenta, que tinham posto toda a capitania no estado mais miseravel, por maneira que os moradores e povoadores della não eram senhores de resgatar um só escravo.

Todas estas precauções, ameaças, e protestos foram inúteis. Triumpfantes os sediciosos do Maranhão, não se deixaram adormecer no seio da victoria; e enviaram promptamente diversos emissarios, quer para Belem, afim de promoverem uma sublevação igual á de S. Luiz, quer para Lisboa, a representarem as suas queixas, e desculparem a sedição. Para esta ultima missão foi escolhido o famoso Jorge de S. Payo de Carvalho, cidadão activo e emprehendedor, que já de então se lançava nessa carreira fatal das revoluções, por onde vinte annos mais tarde devia chegar ao cadafalso.

Divulgados enfim no Pará os successos do Maranhão, e nem o segredo se podia guardar por muito tempo, começou o povo a alvoroçar-se. Em vão procuraram o senado, e os nobres acalmar o seu furor; as suas mesmas diligencias redundaram em prejuizo da paz, senão é que de proposito foram encaminhadas a esse fim, como suspeitaram os escriptores jesuitas. (\*) O certo é que resolvendo o senado convocar os moradores para a eleição de tres nobres dos mais qualificados que, com o mesmo senado, proovessem á segurança publica, e começando a eleição a 13 de julho, aconteceu, como dous mezes antes se tinha visto em S. Luiz, que do mesmo concurso da multidão derivou o perigo que se pretendia remover. No dia 17, recolhida a corporação do senado depois da procissão do anjo custodio, rompeu o povo em altos brados, pedindo a nomeação de um juiz, que para logo obteve.

Infatuados com este primeiro triumpho, guiaram os sediciosos tumultuariamente para o collegio da companhia, invadiram-n'o de mão armada, e ali prenderam todos os padres que acharam, inclusive Antonio Vieira, e conduziram-n'os a diversas prisões, no meio de vaias, ameaças e espadas nuas, sendo Vieira recluso na ermida de S. João, separado de todos os mais companheiros. Sem dar inteiro credito a André de Barros, o qual a

---

(\*) Veja-se André de Barros, T. 1.º Cap. CXL.

firma que os mesmos padres enfermos e moribundos foram arrastados, e que a Antonio Vieira até se negava o indispensavel alimento, è de presumir contudo que a multidão victoriosa se demasiasse em toda a casta de excessos. Antonio Vieira, em particular, foi objecto das maiores affrontas; guardado á vista e incommunicavel em uma prisão solitaria, a plebe vil e desprezivel ali vinha insulta-lo sem piedade. Este o chamava hereje, aquelle juden, tanto que fora baptisado em pé; est'outro emfim feiticcioiro, que trazia com siigo um genio familiar, com que lograva enganar a todas. Quando entre as vaias da gentallha e soldadesca era conduzido do collegio para a prisão, um dos principaes da terra chegou-se a elle, e pergantou-lhe em tom de mofo: *Onde está agora, P. Antonio Vieira, a sua sabedoria e artes, se não sublivrar-se deste conflicto?* Fosse sobraaeria ou abatimento, o padre nada lhe respondeu, mas a injuria devia purgi-lo no intimo d'alma, a elle sempre tam desvanecido da sua immensa superioridade, agora miseravel presa e baldão de alguns obscuros sediciosos, eterno objecto do seu odio, para não dizer do seu desprezo.

Esta injuria porem não devia ser a ultima, pois pelos mesmos tempos em que tragava no Pará todas estas affrontas, o governador D. Pedro de Mello, seu grande amigo, que elle por tantas vezes e ainda bem recentemente recommendara para a corte com grande encarecimento dos seus serviços, (\*) infiel na presente desgraça, reclamava por um auto publico algumas assignaturas em branco que lhe confiara, para mais prompta expedição dos negocios, a que de tam longe não podia prover. Suspeitando-o agora capaz de fazer dellas um uso contrario á lealdade devida a el-rei, protestou contra isso de um modo altamente indecoroso na deploravel situação em que se achava o padre, havendo ou-

---

(\*) Cartas 16.<sup>ª</sup> e 17.<sup>ª</sup> a el-rei, e ao bispo do Japão, datadas em 4 de Dezembro de 660, T. 1.<sup>º</sup>

troussim por nullo e vão tudo quanto pelo dito padre houvesse sido obrado, mediante taes assignaturas.

Por mais que Berredo o defenda, não parecem destituidas de fundamento as accusações que naquelle tempo se fizeram a D. Pedro de Mello, senão de favorecer abertamente, ao menos de não impedir a revolta quanto cabia em suas forças. Tinha chegado a tal excesso, e era tam monstruoso o poder temporal dos jesuitas, que o do governador, reduzido a completa nullidade, já quasi não tinha em que exercitar-se na parte mais importante do governo do estado: por onde não era de presumir que D. Pedro de Mello sentisse muito a queda de uma influencia que annullava a sua. Se as accusações que se lhe faziam eram infundadas, a absoluta falta de resistencia aos actos dos rebeldes, e a reclamação das assignaturas em occasião tam inoportuna, não são todavia muito proprias para justifica-lo, e servem a provar, senão conivência, a mais vergonhosa incapacidade.

Collidos á mão quantos padres havia em Belem, e os mais que foi possível encontrar nas missões do interior, (alguns se honisieram) o povo enviou todos para o Maranhão com o superior. Chegados aqui, foi Antonio Vieira recolhido a uma carcere separado, e bem que instasse muito para que o deixassem estar no seu collegio, até o tempo da partida para Lisboa, não o pôde de modo algum conseguir, receando os cabecilhas por uma parte que dali, em communicação com os amigos, podesse mais desafogadamente tentar alguma empreza; e clamando o vulgacho pela outra que era rasão tê-lo a bom recado, não succedesse fallar com o diabo, e usar das suas artes costumadas. (\*)

---

(\*) André de Barros diz que não consentiram a Vieira o desembarcar em Maranhão, e que da embarcação que o trouxera do Pará o baldearam logo para a que o conduziu a Lisboa. Nós porém seguimos a versão de Berredo, que sobre ser de auctor mais bem informado,

E com effeito este homem tenaz não tinha vergado com o infortunio, e não lhe soffrendo o animo deixar-se vencer sem resistencia, do fundo mesmo da sua prisão tentou dividir o povo em partidos, fazendo distribuir alguns escriptos vehementes. Chegando porem o caso ao conhecimento dos chefes da sublevação, estes o passaram immediatamente para bordo do navio que devia conduzi-lo a Lisboa com a maior parte dos companheiros. Mas eis que nas proximidades da viagem é notificado por parte do juiz do povo para mudar de embarcação, e effectivamente transferido da náu Sacramento, em que já se achava, para uma pessima caravela, rota, mal-aparelhada, e destituida de todas as commodidades e decencia indispensaveis a uma personagem tam illustre, e a um ancião tam veneravel, e isto sob o pretexto de que o governador estranhara á camara dispôr por aquelle modo de uma náu pertencente ao estado, sem lhe pedir auctorisação. Em vão dirigiu Antonio Vieira uma reclamação ao mesmo governador, a quem todavia já não expressava os affectos de amigo, protestando contra esta inutil aggravação, que só tinha por fim ou faze-lo perecer no mar, ou demorar quanto possivel a sua chegada a Lisboa, como haviam recommendado os sediciosos do Pará; e pedindo ser restituído á náu Sacramento, onde iam para mais de cincoenta pessoas, e entre ellas, nove ciganos, e muitos pobres. D. Pedro de Mello, ou impotente, ou malevolo, mostrou-se surdo e insensivel, nem consta que dêsse providencia alguma.

E' triste, porem forçoso dizer aqui que o illustre missionario, em vez de limitar-se a protestar nobremente de toda a altura da sua dignidade contra esta odiosa e inutil vexação, possuido daquella incuravel vaidade que era o elemento preponderante do seu caracter, allegou como argumento principal, que a sua vida era preciosa, e se

---

é mais conforme á reclamação que o padre dirigiu a D. Pedro de Mello,



devia sobretudo resguardar, pois só elle possuia altos segredos politicos que importavam á salvação do reino, e lhe tinham sido outr'ora communicados pelo rei defuncto, os quaes poderiam ficar com elle sepultados no Oceano; a não se lhe dar embarcação segura para seu transporte. E sobre isto, rebaixou-se ainda, elle personagem tam grave a quem nenhuma injuria podia desauthorisar, fazendo-se objecto de uma comparação rasteira e vil. *Se eu fôra um negro de el-rei, (escreveu ao terminar o seu protesto) ou um macaco destes matos que se lhe mandasse, certo me haviam de metter no navio mais seguro.*

Trinta e dous padres das duas capitánias chegaram successivamente a Lisboa, em tres differentes viagens, desterrados para a propria patria, como eloquentemente dizia Antonio Vieira. Alguns outros conseguiram ficar, devendo-o menos ao consentimento dos sublevados, que a certos incidentes estranhos á sua vontade, como opportunamente teremos de ver. A colonia jesuita, tam pobre de operarios nos primeiros tempos da missão de Vieira, tinha medrado a olhos vistos, e sem fallar em outras vantagens colhidas, só o seu pessoal se achava mais que duplicado.

A chegada lastimosa de semelhante cohorte de taes e tantos desterrados era bem propria a commover os animos. Todavia a corte, ja então dividida em facções, mostrou-se indifferente e fria; os ministros, divertida a attenção para outros negocios de maior momento, não a prestaram ás reclamações de Antonio Vieira, e a propria regente, saturada de desgostos, e ja meio resoluta a deixar os negocios, não o recebeu como elle desejava. Desenganado outão de que pouco lhe haviam de medrar as sollicitações e empenhos particulares, recorreu á sua arma favorita e poderosa de orador, e buscando occasião de a manejar com vantagem, conseguiu que o encarregassem de prégar no dia 6 de janeiro de

1661 na capella real, em presença da rainha e de toda a corte. (\*)

O sujeito do evangelho do dia não podia de certo ser mais propicio ás intenções e interesses do orador, pois versava sobre a primitiva conversão da gentiidade. Dahi tomou elle occasião para compara-la com as suas missões do Maranhão e Grão Pará, não sem violencia e mau gosto, e com grande copia de antitheses, e citações de textos, que interpretava, ora com subtilza, ora descahindo em absurdos intoleraveis. Assim, os Indios eram os reis magos que do oriente vieram adorar a Christo em Belem; a estrella, que os guiou e illuminou, eram os padres missionarios da companhia; e os colonos perseguidores de Indios, não menos que o rei Herodes, o degolador dos innocentes.

Instituida por este modo a comparação dos tempos antigos e modernos, e do oriente com o occidente, tratou o orador de justificar-se, e mais a companhia, e de accusar os seus inimigos. Lembrou e enumerou os serviços dos padres missionarios, as delicias da patria trocadas pelas privações e asperezas dos desertos, os mares atravessados, os rios e os sertões devassados, os barbaros domados e convertidos, e todas as outras enormes difficuldades vencidas para se levarem ao cabo estes grandiosos trabalhos.

Em paga de serviços taes e tantos, era a companhia calumniada e accusada. Mas de que? de querer accumular as duas jurisdicções, a espiritual e a temporal. Entretanto que não havia cousa mais necessaria e mais justa. Não fora grande sem rasão, e ainda impiedade, trazer os magos a Christo, e entregá-los depois a Herodes? Pois estas eram as culpas dos padres missionarios, e a unica causa porque andavam tam perseguidos.

---

(\*) Este famoso sermão da epiphania, que vem no T. 4.º, contem não menos de quarenta e nove paginas em 4.º, divididas em duas columnas.

Queriam que elles trouxessem os gentios á fê, e os entregassem á cobiça;—as ovelhas ao rebanho, para serem entregues ao cutello. Acabasse por uma vez de entender Portugal que não poderia haver christandade nas conquistas sem os ministros do evangelho terem abertos e livres os dons caminhos que, em igual dia, lhes mostrara Christo. Um para trazerem os magos á adoração, e outro para os livrarem da perseguição. Um para trazerem os Indios á fê, e á salvação das suas almas; outro para libertarem os seus corpos da tyrannia. Neste segundo caminho estava toda a duvida, porque nelle consistia toda a tentação. Queriam que aos ministros do evangelho pertencesse só a cura das almas, e que a servidão e captiveiro dos corpos fosse só dos ministros do estado. Fora isto, nem mais nem menos, o que quizera Herodes. Não era esse entretanto o governo de Christo; a mesma Providencia que trouxe os magos por um caminho, os poz em salvo por outro; e querer dividir estes caminhos, tanto montava como obstrui-los. Ainda que um delles parecia só espiritual, e o outro temporal, ambos pertenciam á igreja, como as chaves de S. Pedro, porque por um abriam-se as portas do ceo, e por outro fechavam-se as do inferno.—Não havia Christo dito a S. Pedro: *Super hanc petram edificabo ecclesiam meam: Tibi dabo claves regnum colorum: et portae inferi non prevalebunt adversus eam?* Que importaria que Pedro tivesse as chaves das portas do ceo, se prevalecessem contra elle, e contra a igreja, as portas do inferno? E cumpria attender a que Christo não dera a Pedro uma chave, senão chaves; *Tibi dabo claves*— prova manifesta de que as chaves deviam de ser duas, e estarem ambas na mesma mão—uma para levar os gentios a Christo—outra para os salvar de demonio e seus ministros.

Ora toda a teima do mesmo demonio era que estas chaves e estes poderes se dividissem, e estivessem em diferentes mãos. Não o haviam porem entendido assim

os senhores reis que fundaram aquellas christandades, e os quaes sempre uniram um e outro poder, e o fiaram dos ministros do evangelho, entendendo que só quem converte os gentios, os pôde zelar e defender; e que assim como dividir as almas dos corpos, é matar; assim dividir estes dous cuidados, é destruir. Quando os Israelitas reedificaram o templo e a cidade de Jerusaleem, cada um dos officiaes fazia com uma mão a obra, e na outra tinha a espada: *Una manu faciebat opus, et altera tenebat gladium.* Do mesmo modo acontecia agora aos edificadores das novas igrejas, que trabalhavam entre inimigos e homens de meia fé; e como estes, com todas as forças do seu poder, impediam o edificio, era necessario trabalhar, e junctamente defender. E se faltasse a espada, não só pararia, como parou, a obra, mas afinal viria a perder-se.

Verdade<sup>ra</sup> era ser a espada instrumento profano e leigo, que não dizia bem em mãos sagradas. Mas S. Paulo, o apóstolo por excellencia, não andava sempre com a espada em uma mão, e o livro na outra? E porque? porque foi Paulo o vaso de eleição, particularmente escolhido por Christo para prégador de gentios. E se esta espada se tirasse da mão de S. Paulo, para se metter na de Herodes, que succederia? nallaria todo Belem em sangue innocente, e foi isso o que se viu.

De resto, para arredar qualquer escrúpulo, e não fazer mais duvida o nome de espada, não havia cousa mais facil do que troca-la pelo cajado, que era instrumento proprio de pastores; e bem sabido era que aos missionarios, como pastores, corria estreita obrigação de guardar dos lobos as suas ovelhas, e sem cajado certamente não o alcançariam. Não de outra sorte procedia David, quando andava no campo apascentando as suas.

Depois desta singular apologia da accumulacão das duas jurisdicções, que é ao mesmo tempo um specimen do estylo habitual dos seus discursos, passa António Vieira a defender-se de accusações de outro genero. Res-

peitavam estas aos lucros que os padres tiravam do serviço dos Indios. Diziam os moradores que o seu zelo era interesseiro, porque viam que nas aldeas edificavam as Igrejas com os Indios; nos rios navegavam em canoas equipadas pelos Indios; e nas missões, por terra ou por agua, sempre os acompanhavam ou conduziam os Indios. E dahi não restava duvida, que se os padres queriam os Indios, era para os servirem a elles. Mas para sua deíeza; não tinham mais que apontar para o evangelho. Os magos, que tambem eram Indios, não acompanhavam a estrella de tal modo, que ella se não movia sem elles? Mas nestes passos e caminhos quem é que servia? Claro está que a estrella, que os foi buscar tam longe, os trouxe ao presepio, os alumia, os guiava, e não para que elles a servissem a ella, senão a Christo, por quem ella os servia.

Assim, e por este modo, serviam os padres aos Indios. Se edificavam com elles as suas igrejas, cujas paredes eram de barro, as columnas de pau tocco, e o tecto de folhas de palma, eram os padres os mestres e os obreiros daquella architectura, com o prumo, com a enxada, com a serra, e os outros instrumentos na mão. Os Indios serviam a Deus e a si; e os padres a Deus e a elles. Se os vinham buscar em uma canoa, era para os ir doutrinar por seu turno, ou para sacramentar algum enfermo, a qualquer hora do dia ou da noite, em distancia de muitas leguas. E porque, deste modo, nas aldeas, ou fóra dellas, sempre viam os padres com os Indios, interpretavam esta assistencia tam ás avessas, que em vez de dizerem que os padres serviam aos Indios, diziam que os Indios serviam aos padres.

Pelo que tocava aos interesses, só diria o orador que todos os seus haveres tinham ficado em poder dos seus inimigos. Assim como os haviam prendido e desterrado, assim se apoderaram tambem das suas choupanas, e de quanto nellas encontraram. O que acharam? ouro e prata? só a dos valles e custodias. Nes alta-

res achariam sacrarios, imagens, e reliquias; nas sacristias, ornamentos, não ricos, mas decentes e limpos; nas cellas de taipa parda e telha vã, alguns livros, catecismos, disciplinas, cilícios, e uma talha ou rede em lugar de camas; e se nas guarda-roupas encontraram alguns mantéus e sotanas remendadas, eram de algodão grosseiro e tincto na lama, como o calçado de pelles de veado e porco-montez, que eram as mesmas galas com que então se estavam mostrando na corte. Os magos poderiam achar no presepio mais pobreza, porém mais provado desinteresse, isso não.

Outra arguição que faziam aos padres era que elles não queriam que os Indios servissem ao povo. Grande calumnia por certo, pois sabia todo mundo que Antonio Vieira viera de proposito á corte em 655, para ajustar esta materia, que leyon decidida em provisões regias, sendo que não só procurou regular a repartição e o serviço dos Indios em beneficio do povo, senão que nunca se oppoz á escravidão. Mas porque só a queria licita, e os moradores a illicita, por isso eram os padres lançados ignominiosamente das suas missões. Nesta parte eram em verdade os padres bem culpados, e elle Antonio Vieira mais que todos; porque devendo defender os gentios que traziam a Christo, como Christo defendera os magos, pelo contrario accommodavam-se á fraqueza do seu poder, e á força do allicio, cedendo da justiça, e faltando á defesa dos Indios, consentindo que perdessem a patria, a soberania, e a liberdade, e não só consentindo-o, mas persuadindo-os a tudo isso, e capitulando-o com elles, para verem se assim podiam contentar a tyrannia dos christãos. Mas nada disto bastava para moderar a cobiça dos calumniadores da companhia, os quaes diziam que pois os Indios eram negros, rasão era tambem que fossem escravos.

Todavia que abominavel injustiça não era fundar o direito no accidente das cores! As noções umas eram mais brancas, e outras mais pretas, segundo estavam mais ou

menos vizinhas ou remotas do sol. E podia haver maior inconsideração do entendimento, nem maior erro de juizo entre homens e homens, do que cuidar um que devia de ser senhor do outro, porque nasceu mais longe do sol, e o outro seu escravo, porque nasceu mais perto? Quando a Ethiopiza, mulher de Moysés, segundo refere Saluão, se viu desprezada, por ser preta, das matronas de Jerusalem, disse-lhes com toda a razão: *Propterea Jerusalem, nolite considerare quod fusca sim, quia decoloravit me sol.* E quando os magos vieram ao presepio, posto que dous, Gaspar e Balthasar, fossem brancos, e Belchior, pretinho, Christo não fez selecção delles, e mais era o senhor dos senhores, mandou-os a todos embora livremente, bem que podesse reter Belchior por escravo, indague fosse de S. Joseph. (\*)

Já por algumas vezes considerara o orador por qual razão permittira a Providencia, ou ordenara a divina justiça que as terras do Maranhão e outras vizinhas caissem em poder dos hereges do norte. E a razão não era outra senão porque os Portuguezes eram tão pretos em respeito delles, como os Indios em respeito dos Portuguezes; e era justo que, pois tinham feito taes leis, por ellas se executasse nelles o castigo—como se dissera Deus: Já que vós fazeis captivos a estes, porque sois mais brancos que elles, eu vos farei captivos de outros, que sejam tambem mais brancos que vos.

Decididamente, nesta questão da escravidão se cifra tudo, aqui batia o ponto de toda a controversia. No estado do Maranhão não havia outro ouro nem outra prata mais que o sangue e suor dos Indios; o sangue se vendia nos que se captivavam, e o suor se convertia no tabaco, no assucar, e nas mais drogas, que com

---

(\*) Não deslembre o leitor que o P. Antonio Vieira advogou a escravidão dos Africanos, antes e depois deste sermão, em 1661, e em 1662, como já fez demonstrado nas paginas antecedentes.

os ditos Indios se lavavam e fabricavam. Com este sangue e com este suor se remediava a necessidade dos moradores; e com este sangue, e com este suor, se enchia e se enriquecia a cobiça insaciavel dos que lá iam governar. El diziam que nem elles nem o estado se podiam sustentar e conservar de outro modo. Que! não se podiam sustentar senão com a carne e o sangue dos miseros Indios! Então eram estes os que comiam gente? E porque os pregadores do evangelho, que iam buscar ao sertão estas innocentes victimas, as não queriam entregar ao açougue e matadeiro, *fôra, fôra de nossas terras!*

“Mas quem dissera ou imaginara (exclamava o orador depois de recordar largamente a gloria das antigas missões e conquistas portuguezas, e a grande veneração que nellas se guardara sempre nos sacerdotes) quem imaginara que os tempos e costumes se haviam de trocar e fazer tal mudança, que esta gloria nossa se visse entre nós eclipsada, e por nós escurecida? Não queria passar a materia tam triste e tam indigna, que por isso a fui dilatando tanto, (como quem rodêa, e retarda os passos, por não chegar donde muito repugna) mas nem a força da presente occasião m'o permite, nem a verdade de um discurso, que prometteu ser evangelico, o consente. Quem imaginara, torno a dizer, que aquella gloria tam heroicamente adquirida nas tres partes do mundo, e tam celebrada e esclarecida em todas as quatro, se havia de escurecer e profanar em um rincão ou arrabalde da America?

“Levantou o demonio este fumo, ou assoprou este incendio entre as palhas de quatro choupanas, que com o nome de cidade de Belem, poderam ser patria do Anti-Christo. E verdadeiramente, que se as escripturas nos não ensinaram que este monstro havia de sair de outra terra e de outra nação, já poderamos cuidar que era nascido. Treme e tem horror a lingua de pronunciar o que viram os olhos; mas sendo o caso tam horrendo, tam feio, e tam atroz, e tam sacrilego, que se não pôde dizer, é tam publico e tam notorio, que se não deve



calar. Ouçam pois os excessos de tam nova e tam estranha maldade os que só lhe podem pôr remédio; e se elles (o que se não cre) faltarem á sua obrigação, não é justo, nem Deus permitta, que eu falte á minha.

“ O officio que então tive naquelle logar, e o que tenho neste (p'nto que de ambos indigno) são os que, com dobrado vinculo da consciencia, me obrigam a romper o silencio até agora observado, esperando que a mesma causa, por ser de Christo, fallasse e perorasse por si, e não eu por ella. Fallarei pois, e provarei e farei certo o que disser, porque sendo perseguidos e desterrados, somos nós mesmos o corpo de delicto e a prova da accusação, permitindo a divina Providencia que eu, e a tal fórma, e as pessoas reverendas dos meus companheiros, viessemos remettidos aos olhos desta corte, para que ella visse, e não duvidasse de crer, o que de outro modo parecera incrivel.

“ Quem havia de crer que n'uma colonia chamada de Portuguezes, se visse a igreja sem obediencia, a censura sem temor, o sacerdocio sem respeito, e as pessoas e logares sagrados sem immunidade? Quem havia de crer que houvessem de arrancar violentamente de seus claustros aos religiosos, e leva-los presos entre belleguins e espadas nuas pelas ruas publicas, e te-los aferrolhados e com guardas até os desterrarem? Quem havia de crer que, com a mesma violencia e affronta, lançassem de suas christandades aos prégadores do evangelho, com escandalo nunca imaginado dos antigos christãos, sem péjo dos novamente convertidos, e á vista dos gentios attonitos e pasmados? Quem havia de crer que até aos mesmos parochos não perdoassem, e que chegassem aos despojar de suas igrejas, com interdito total do culto divino, e uso dos seus ministerios; as igrejas ermas, os santisterios fechados, os sacrarjos sem sacramento; emfim o mesmo Christo privado de seus altares, e Deus de seus sacrificios? Não fallo nos auctores e executores destes sacrilegios, tantas vezes, e por tantos titulos, excom-

mungados; porque lá lhes ficaram papas que os absolvam. Mas que será dos pobres e miseráveis Indios, que são a presa e o despojo de toda esta guerra? Que será dos christãos? que será dos catechumenos? que será dos gentios? que será dos paes, das mulheres, dos filhos, e de todo o sexo e idade? Os vivos e sãos sem doutrina, os enfermos sem sacramentos, os mortos sem suffragios nem sepultura, e tanto genero de almas em extrema necessidade sem nenhum remedio! Os pastores, parte presos e desterrados; parte mettidos pelas brenhas: os rebanhos despedaçados: as ovelhas, ou roubadas ou perdidas; os lobos famintos, fartos agora de sangue sem resistencia; a liberdade trocada por mil modos em servidão e captiveiro; e só a cobiça, a tyrannia, a sensualidade, e o inferno contentes. E que a tudo isto se atrevessem, e atrevam homens com o nome de Portuguezes, e em tempo de rei portuguez?

“Outro’ra sahiam pela barra de Lisboa as nossas náus carregadas de prégadores que voluntariamente se desterravam da patria para prégarem nas conquistas a lei de Christo; hoje entram pela mesma barra trazendo desterrados violentamente os mesmos prégadores, só porque defendem nas conquistas a lei de Christo. Não se envergonhe já agora a barra de Argel de que entrem por ella os sacerdotes captivos e presos, pois o mesmo se viu em nossos dias na de Lisboa. Certo, bem empregado prodigio fôra neste caso, se fugindo daquella barra o mar, e voltando atraz o Tejo, lhe podessemos dizer, como ao rio e ao mar da terra, que então começava a ser saneta: *Quid est tibi, mare, quod fugisti, et tu, Jordanis, quia conversus es retrorsum?* Desengana-te porem, Lisboa, que o mesmo mar te está lançando em rosto o soffrimento de tamanho escandalo; e as ondas, com que, escumando de ira, bate ás tuas praias, são brados com que te está dizendo as mesmas injurias que antigamente a Sydonia: *Erubescere, Sydon, ait mare.*”

Depois destas ardentes apostrophes, desceu o orador a enumerar as causas do mal que vexava as colonias, e a apontar os meios de extirpa-las; e concluiu pedindo que os fizessem voltar, a elle e aos mais padres, porem de tal modo poderosos, que lhes fosse facil reduzir por uma vez os sublevados á rasão. O pedido era conforme á escriptura, pois os magos tambem haviam voltado, e não pelo mesmo caminho, senão por outro. *Per aliam viam reversi sunt in regionem suam.* O que queria dizer que os missionarios deviam voltar, não com os antigos poderes somente, mas com outros de novo acrescentados e de mais efficacia. (\*)

---

Affirma-se que este sermão produzira um effeito prodigioso. E certo era para ferir vivamente os espiritos a quasi subita apparição do illustre missionario que, das entranhas do deserto, vinha alar lear e desdobrar naquella corte esplendida ante os spectadores surpresos, os seus serviços, a sua dedicação e sacrificios, a sua roupeta grosseira e esfarrapada, e todo o painel emfim dos nossos vastos sertões, e mesquinhos tumultos, associando ao mesmo tempo os elementos á sua vingança, e evocando, para torna-la mais segura, todas essas imagens grandiosas da antiguidade e da biblia, que acabamos de admirar. Com que arte infinita não confundiu elle os interesses particulares da sua ordem, e ainda as suas proprias injurias pessoais,

---

(\*) Advirta o leitor que neste extracto não seguimos a ordem que o P. Antonio Vieira guardou no seu sermão. Parece-nos que o grande orador não foi muito bem inspiado na disposição das materias, porquanto a parte mais vehemente do seu discurso, vem quasi no principio, e para o fim quebrou tanto do primeiro vigor, que isso deveria prejudicar ao seu effeito, se naquelle tempo a erudição e a affectação não agradassem mais do que a verdadeira eloquencia.

com a causa da religião em geral! A ouvi-lo, estava esta morta e extincta com a expulsão de alguns jesuitas, nem havia mais igreja, nem doutrina, nem sacramentos. O inferno só preponderava.

Conta-se da rainha regente que sahira do templo profundamente commovida, e resoluta a viingar tantos agravos, fazendo punir os rebeldes; e que a esse intento chegara a determinar uma expedição de duzentos homens. Mas (di-lo agora André de Barros) o P. Antonio Vieira que só queria a extirpação dos vícios, e a misericórdia para os culpados, envidou ali as ultimas forças da sua eloquencia para abrandar a soberana, o que conseguiu, implorando de joelhos a memoria d'el-rei, e do principe D. Theodosio. Então dissera a rainha: *Hoje resuscita o Maranhão por amor do P. Antonio Vieira.*

Contra esta anecdotia estão porem todos os factos, e o proprio bem conhecido character do jesuita. É certo que elle no seu discurso, parodiando a Jesu-Christo, implorou a divina misericórdia o perdão dos rebeldes porque estes não sabiam o que tinham feito; mas disse-o assim por mero artificio oratório, e depois de os ameaçar, em nome e da parte de Deus, com uma sorte mais terrível que a de Sodoma e Gomhorra, em castigo de haverem lançado fóra os seus prégadores. E já vimos como elle havia concluido, sollicitando a sua volta para o Maranhão, de um modo que excluia toda a idea de brandura e de perdão.

Alem de que, nunca o P. Antonio Vieira brilhou muito pela virtude da moderação, para que houvessemos de crer na sua magnanimidade em uma occasião em que todas as suas paixões e interesses, bem como os da ordem, o empenhavam a supplantar os moradores do Maranhão. Em 1684, mais de vinte annos depois, e a proposito da revolução do Beckman, de character quasi identico áquelle que dera logar á sua expulsão, estando o padre na Bahia, velho, alquebrado, e sob o peso elle mesmo de-

uma accusação de assassinato, se falsa, não menos grave e dolorosa, instou, não obstante, com grande vehemencia e acrimonia pelo castigo dos rebeldes, attribuindo os novos crimes á culposa impunidade dos antigos. (\*)

É certo que os primeiros impulsos da rainha foram de mandar uma força respeitavel que reprimisse o movimento; porem os seus ministros optaram pelos meios brandos (\*\*), e Ruy Vaz de Siqueira, o governador novamente escolhido, já de Lisboa ia parcial dos rebeldes, segundo confessa o proprio André de Barros. (\*\*\*)

Assim o grande orador, injuriado, preso, e expulso pelos colonos do Maranhão, veio encontrar em Lisboa, não a vingança e a reparação que esperava, mas o desengano da sua ambição e dos seus sonhos. Daqui começou a declinar a sua estrella; e nós veremos pela continuação desta historia que nunca mais elle achou nem na gloria nem na fortuna compensações equivalentes aos cruéis desgostos que de então por diante o assaltaram de continuo até o fim de sua longa vida.

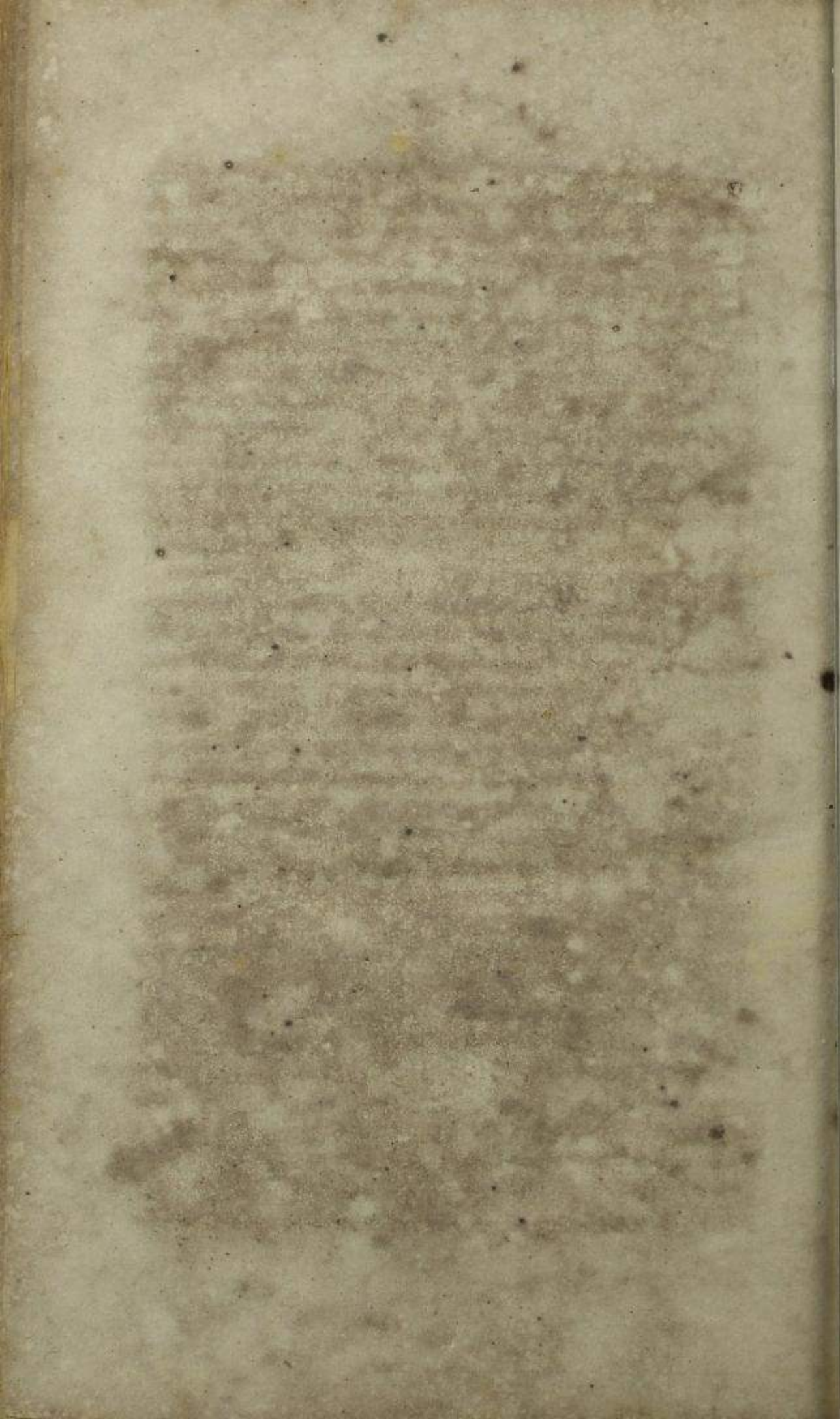
---

(\*) Cartas de 22 de julho, e 5 de agosto de 1684 a Antonio Paes de Sandó, e ao marquez-mordomo-mór.—São as 92.<sup>a</sup> e 94.<sup>a</sup> do T. 2.<sup>o</sup>

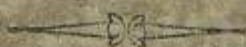
(\*\*) Berredo, Annaes. L. XV n. 1077.

(\*\*\*) Vida do P. Antonio Vieira T. 1.<sup>o</sup> Cap. 137.





## Nota A. Pag. 377.



O P. João Daniel, no seu — *Thesouro descoberto no Maximo Rio Amazonas* — publicallo em diversos numeros da Revista do Instituto Historico, assevera que o P. Alagridão converteu e domesticou os taes Barbados. *Domuit, non ferro, sed ligno.*

Que este ou outros padres tractassem com Indios ditos *Barbados*, é cousa que não queremos pôr em duvida; mas o que está ainda por averiguar é se elles com effeito tinham barbas, e descendiam dos problematicos Perós.

Dizemos *problematicos*, não sem algum fundamento. Conta-se que no naufragio de Ayres da Cunha, entre alguns Portuguezes que se salvaram na ilha do Me do, havia um de nome Pero, ferreiro de seu officio, o qual fabricando dos pregos e mais peças do navio alguma ferramenta, adquiria certa influencia entre os naturaes do paiz, onde casou; estendendo-se dali o nome que tinha não só aos seus descendentes, como a todos os brancos.

Contra isto está o seguinte facto. A mesma denominação de Perós, applicada aos Europeus, encontrou já Hans-Stad em 1559, entre os Tupinambás de S. Vicente. Ora, é pelo menos pouco provavel que uma anecdota ou caso particular succedido no Maranhão em 1535 (epoca do naufragio de Ayres da Cunha) fosse occasião de generalisar-se um nome a tantos centos de leguas, apenas quinze annos mais tarde, seguindo daqui para S. Vicente, contra a torrente da emigração dos indigenas, que era então do sul para o norte. Acresce que os indigenas que aqui demoravam no tempo de Ayres da Cunha, eram de outra raga, diversa da tupica.

Fr. Domingos Teixeira, que na *Vida de Gomes Freire de Andrada* refere a mesma anecdota do naufrá-

gio, alliança dos Portuguezes com os Tapuyas, e descendencia dos Barbados, diz que os naufragos se aco-theram, não á ilha do Medo, (em verdade inhabitavel) mas na ponta de terra fronteira, onde hoje se venera a Rainha dos Anjos, sob a invocação da Senhora da Guia, em uma ermida coustruída sobre cimentos de outra fabrica, de que ainda se mostram vestigios, com mais indício que certeza de antiga fortificação. Para melhor intelligencia desta passagem, ha de saber-se que o livro de Fr. Domingos Teixeira foi impresso em 1727; e que o general Gomes Freire de Andrada governou o Maranhão de 1685 a 1687.

Simão Estacio da Silveira, que veio ao Maranhão em 1618, isto é, logo depois de ser elle restaurado do dominio francez, escreve na sua—Relação Summaria—“que a gente que escapou da armada de Ayres da Cunha, depois de fazerem na ilha de S. Luiz, onde agora se chama o boqueirão, uma fortaleza, de que ainda ali estão alguns vestigios, em que se vêem pedras brancas das de Alcantara, os consumiu o tempo, ou alguma desordem com o gentio, na comarca de entre o rio Monim, e o rio Itapucurú, que em tudo é differente do outro gentio da terra, porque vivem em sobrados, comem pão de milho zaburro, não usam da farinha da mandioca, nem de arco e flechas, e por divisa criam barbas como os Portuguezes, e por isso os circumvisinhos lhe chamam *Barbados*..... Tem umas espadas como hachas, e umas zagayas de romeço, com que são temidos e valentes, e dizem que são descendentes de Brancos, a que elles chamam Peros, parece por memoria de algum Pero notavel, de que conservam aquelle nome; é comtudo gentio tam barbaro ou mais que outro; e porem não quizeram nunca paz nem tracto com os Francezes, dizendo que elles não eram verdadeiros Peros. E quando souberam que os Portuguezes estavam no Maranhão, tractaram de os vir ver, e fazer pazes com elles, e diziam que estes eram os seus Peros desejados, de que elles



eram descendentes; e pelo menos, serão filhos das Indias, e de alguns Brancos, que os houveram antes de se consumirem nesta conquista. 7

Vá que seja. Mas a phrase dubitativa com que Simão Estacio termina esta noticia, inclina a crer que elle nada viu dos taes Barbados, e apenas refere o que lhe referiram.

Estes taes Barbados eram Indios salteadores ferocissimos, a que os nossos antepassados, chamavam de corso. Muitas expedições se fizeram contra elles pelo Itapucurú acima; e até o presente nada temos achado, nem na Chronica de Berredo, nem nos antigos registos do senado da camara, causa alguma que indique essa origem commum, e menos ainda essa benevolencia que Simão Estacio attribue a semelhantes barbaros.

Das Amazonas ja sabem os leitores assaz o que pensar. Dos *Pés-virados* conta-se que os pacs de pequenos lh'os afeiçãoavam para traz. Quanto a gigantes, e pygmeos, devem de ser exagerações provocadas ao aspecto de Indios, cuja estatura sahia um pouco fóra das proporções communs, senão é puro invento de imaginações romanescas, ou de escriptores pouco escrupulosos.



## Nota B. Pag. 453 e 458.

—Tencionavamos consignar nesta nota novos dados e considerações sobre o *quantum* da população indigena; mas como esse trabalho retardaria ainda mais a publicação do presente volume, reservamo-lo para um dos proximos numeros, onde terá o seu logar mais proprio.

## Nota C. Pag. 474 e 475.



—Os documentos que passamos a transcrever e extraher dos livros do antigo senado da camara, mostram a fórma da redução dos Indios ao captivoiro; e o como, e para que fim se repartiam. Conservaremos a orthographia dos originaes.

*Registo de hû escravo do gentio da terra da tropa de  
Lorenzo Belfort, do cap.<sup>m</sup> Belchior de Sá.*

Guanaperé, cavalleyro dos Manibas vendeu hû Indio da nascão Cujarimixeri por nome Darócauana (\*) com húa

---

(\*) Não affiançamos a exactidão dos nomes indigenas que ora damos. Copiamo-los como nos foi possivel. Muitos dos nossos antigos documentos mais se adevinham do que se lêem.

sicatriz de frecha na Cocha perto da Curva da perna direita, de idade de vinte annos pouco mais ou menos; e disse o dito vendedor ser seu escravo, pello ter apanhado em guerra justa, e o mesmo escravo o confessou ser assim. Pello que foi havido por escravo pello Reverendissimo P. Misser. ° e Cabo da tropa; e se comprou por conta delRei, por hũa Calça, e hũa Camiza. E por ser assim verdade, eu Ant. ° Furtado de Mendonça, Escrivão da Tropa de resgates passêi o prezente registo, que assignou o d. ° P. ° misser. ° e Cabo da tropa, neste Rionegro e Arrayal de Nossa Senhora do Carmo, e S. Anna, Hoje 20 de Junho de 1738. Achilles M. ° Avogadri.—Lorenço Belfort—Pertence este registo de hũ negro ao capitão Belchior de Sã, pos-se-lhe o nome Francisco. S. Luis em Camara 6 de Outubro de 1738. Freyre e Cunha.

---

*Registo de hũa India, escrava de Antonio Gonçalves Trovisco, da tropa de Lorenço Belfort.*

—Avedi, Principal dos Murivenis vendeu hũa India por nome Coyapô, da nasção Maniba, de idade de vinte e quatro annos pouco mais, ou menos, com hũa filha; com hũ sinal preto na ponta da cantareyra, e outro sinal no braço, abaycho do hombro, ambos da parte direyta, e outro no toytisso. E disse o d. ° vendedor ser sua escrava por a ter apanhado em guerra justa, e a mesma escrava o confessou ser assim; pello q' foi havida por escrava pello R. mo P. ° misser. ° e Cabo da tropa; e se comprou por conta delRei por hũ traço do. (*Seguem-se as datás, e as mesmas assignaturas.*)

---

*Registo de hũ registo de hũ rapás do gentio da terra de João Serejo.*

—Hudú, rapás da nasção Manaó de idade pouco mais,

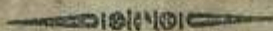
ou menos de sete annos, com hũ sinal preto no hombro esquerdo, aliado do Principal Guajuricabá, escravo legitimo da Tropa de guerra, pertencente ao Soldado José de Albuquerque, João Duarte da Cruz Escrivão da Tropa de guerra passey o presente registo, que assignou o Capitão Comandante João Pays do Amaral, Cabo da dita Tropa; e o mt.º Rd.º P.º Misser.º José de Souza da Companhia de Jesus. Neste Rio-negro e Arraial de N. Senhora do Carmo e Santa Anna aos 2 de Agosto de 1727 annos. — José de Souza—João Pays do Amaral—Esta não apparece—Este appareceu, e se conferiu com os signays—Aragão—Está Solemnemente baptizado, e chama-se Christovão, foi seu padrinho Antonio Rodrigues. Rionegro, e Arrayal de N. Senhora do Carmo, e S. Anna aos 2 de Agosto de 1727 annos.—José de Souza.—Todo o jús e dominio que tenho neste escravo o trespasso para a pessoa de José Ferreira Sampayo. (Segue-se a mesma data)—José X de Albuquerque.—

---

*Registo de um registo de uma mossetona de João Serejo Pinto.*

Guarunamá Principal de Manaós aos oytos dias do mes de Mayo deste anno vendeu hũa rapariga da nação Maveminiao, de idade pouco mais, ou menos de sete annos, com o signal preto a cima do peyto direyto, chamase Coeminiao; e disse o d.º vendedor ser sua escrava pola haver apanhado aos seus contrarios, em guerra justa; e o mesmo confessou ser assim a d.º rapariga: pello que foi havida por escrava pello Rd.º P.º Misser.º e Cabo da Tropa; e se comprou por conta do Thesoureiro da Tropa José Ferreyra Sampayo, por hũa saya de chita, e um ferro de cova. E por tudo assim ser, eu João Baptista de Azdº Escrivão da Tropa de Resgates passey o presente Registo, que assignou

o d<sup>o</sup> Missir<sup>o</sup>, e Cabo da Tropa, neste Rionegro, Arrayal de S. Joze, e S. Anna, aos 25 dias do mez de Julho de 1726.—José de Souza.—Severino de Faria—Braga—Está solenemente baupuzada, chamas e Custodia, foy seu padrinho Antonio Pereyra. Rionegro Arrayal de S. José, e S. Anna 28 de Julho de 1726 annos.—José de Souza.



*Termo de junta feito para effeito da repartição das pesas procedidas da tropa, q' anda no certão de que he Cabo João de Moraiz Lobo vindas em 22 de Dezembro de 691 annos.*

—Aos vinte quatro dias do mez de Dezembro do anno de seis centos e noventa e hum; nesta Cidade de São Luiz do Maranhão e Casa de morada e Palacio dos Governadores e Capitães Gerais deste Estado; ali onde eu Diogo Camp.<sup>to</sup> de Andr.<sup>o</sup> Escrivão da Camr.<sup>o</sup> desta Cidade fui, e se acharão presentes o S.<sup>r</sup> G.<sup>or</sup> e Capitão G.<sup>al</sup> do estado Antonio de Albuquerque Coelho de Carv.<sup>o</sup> e o Doctor Manoel Nunes Alvares Ouvidor g.<sup>al</sup> do Estado, e bem assim os Juizes e mais offleiaiz da Camr.<sup>o</sup> abaxo asinados todos unidos em forma de junta de repartição; p.<sup>o</sup> effeito de repartirem na forma das ordens de S. M. q' D.<sup>s</sup> gd.<sup>o</sup> as pesas escravas procedidas da tropa q' desta Cid.<sup>o</sup> partio p.<sup>o</sup> o certão onde ainda se acha, sendo seu cabo o Capp.<sup>tm</sup> João de Moraiz, vindas as ditas pesas nesta ocasião, que logo forão mandadas vir perante a d.<sup>o</sup> junta onde com effeito forão presentes, e vistas as listas e mais clarezas que com as ditas pesas entregou o Capitão Bertholameu Soares, a cujo cargo fora pello d.<sup>o</sup> Cabo encarregado a conducção dellas, q' constou seu numero de trinta Cabezas tocantes á d.<sup>o</sup> tropa, de que entregou dezanove capazes de repartição p.<sup>r</sup> q.<sup>to</sup> deu p.<sup>r</sup> conta lhe havião morrido seis na viagem; e juntam.<sup>to</sup> declarou q' o escravo Coman incluído no d.<sup>o</sup> n.<sup>o</sup> de trinta

depois disso o recolhera o P.<sup>o</sup> missionario á d.<sup>o</sup> tropa onde ficara p.<sup>o</sup> servir de lingua: e bem assim haviam ficado no Pará quatro doentes em poder do P.<sup>o</sup> Reitor daquelle Cll.<sup>o</sup> de quem apresentou escrito, a saber Fran.<sup>o</sup> menino n.<sup>o</sup> 13 de 4 an. de idade, e assim mais Pedro menino n.<sup>o</sup> 23 de 1 an, mais Clara cabrita n.<sup>o</sup> 5 de 6 an, mais Fran.<sup>co</sup> Nayadi n.<sup>o</sup> 30 de 5 an, as quais pesas ausentes de q' na lista se faz special menção fazem n.<sup>o</sup> de onze, que com as dezanove q' hora se repartem prefazem o d.<sup>o</sup> computo de trinta q' continha a dita lista: o q' visto, atendida a forma da reais ordens foram repartidas com assistencia, atensão e approvação do d.<sup>o</sup> Sen G.<sup>or</sup> e Capitão G.<sup>al</sup> e Ouvidor G.<sup>al</sup> do Estado na forma seguinte—Ao Sen.<sup>r</sup> Gn.<sup>or</sup> quatro pessas, as quais logo consignou o d.<sup>o</sup> Sen para os gastos da fortaleza da ponta da area; a saber húa India n.<sup>o</sup> 17 chamada Guatiana de 35 an—mais hum rapaz chamado Fran.<sup>co</sup> atapiati n.<sup>o</sup> 18 de 6 an—mais húa India chamada Jyapab n.<sup>o</sup> 23 de 50 an—mais húa India chamada abervy n.<sup>o</sup> 24 de 30 an—Ao Ouvidor G.<sup>al</sup> Dottor Manoel Nunes Colares húa India chamada Untapum n.<sup>o</sup> 1 de 16 an—mais hum Indio chamado Otan n.<sup>o</sup> 14 de 16 an—Ao Sargt.<sup>o</sup> mór João Duarte Franco huma India chamada Ubaya n.<sup>o</sup> 9 de 27 annos—Ao Cabo João de Morais Lobo huma India chamada Carapé n.<sup>o</sup> 3 de 17 an—mais huma India chamada Pacob n.<sup>o</sup> 19 de 18 an—Ao Soldado Bertholameu Soares por haver ido na tropa hum rapaz por nome Fran.<sup>co</sup> tapubá n.<sup>o</sup> 4 de 6 an. e passa mais ao outro n.<sup>o</sup> com hum rapaz pertencente aos da guerra. Ao Soldado João Rayol—por haver ido na tropa huma India Aytiapé n.<sup>o</sup> 10 de 23 an—passa mais com duas pessas ao outro n.<sup>o</sup> pertencentes á guerra.—A Manoel da Silva Pereira Juiz que foi o anno de 690 húa india chamada Monnaeu n.<sup>o</sup> 11 de 28 an em paga de húa canoa que deu para a tropa—mais hum menino chamado Fran.<sup>co</sup> n.<sup>o</sup> 12 de 3 an.—A João Ribr.<sup>o</sup> da Cam.<sup>o</sup> por haver sido vereador na era de noventa hum rapaz

chamado Franco Carapuça n.º 6 de 6 an—A Ignacio Furtado vereador que foi na era de noventa huma India chamada Meroty n.º 5 de 4 an—A Antonio da Costa de Souza, Vereador que foy na era de noventa hũa Criansa chamada Clara n.º 8 de 3 an—mais hũa India chamada Guatues n.º 28—E para as obras da Camr.<sup>a</sup> huma India Iniapé n.º 16 de 18 an—mais hum rapazinho chamado Franco Aytocudi n.º 29 de 5 an. alem de que ordenou o S.<sup>r</sup> G.<sup>or</sup> q' seis pesas vindas tambem nesta ocazião procedidas de hũa guerra q' o d.<sup>o</sup> Cabo tivera com certos gentios se repartissem pellas pessoas a q' de d<sup>o</sup> se devia respeitar, em rasão do mt.<sup>o</sup> pequeno n.<sup>o</sup> das tropas com condição que das primeiras que vierem dos resgates se lhe restituirião outras tantas com que se satisfizesse a fazenda real a quem pertencião por serem de guerra. E os pesuidores destas pagarião então os resgates d<sup>o</sup>s e mais gastos rateados das q' então procedidas delles fossem restituídas á fazenda real na forma que lhe coubesse: e no modo que se segue forão repartidas. Ao Soldado Bertholameu Soares por ter ido na tropa hum rapaz chamado Macaraibá n.º 26 de 3 an—Ao Soldado da tropa João Rayol hum rapazinho chamado Franco Babê n.º 22 de 6 an—mais hũa India chamada Ambirá n.º 20 de 25 an—A Franco de Almeida juiz q' foi na era de noventa huma India chamada Canhabú n.º 25 de 26 an—A Diogo Campello de Andr.<sup>o</sup> Escrivão da Camr.<sup>a</sup> hũa rapariga chamada Aycarapá n.º 21 de 8 an—A Eugenie Ferreira hum rapaz chamado Farin n.º 23 de 9 an por exercitar o cargo de thesoureiro dos resgates. E nesta forma, a repartição foi feita de todas as pesas conhecidas e declaradas neste termo mandando q' assim se observase e se fizese entrega dellas as pessoas a q.<sup>as</sup> forão repartidas, como logo se fez p.<sup>o</sup> cada qual ter o uzo e dominio que sobre ellas lhe toca ficando obrigados a pagar os resgates, direitos e mais gastos, rateados q' lhe couberem, o que farão logo que pello thesoureiro dos resgates lhe for dado

noticia do q' cada hum ho obriga-lo a pagar com comina-  
são de q' o não satisfazendo com toda a brevidade p<sup>o</sup> efei-  
to do novo fornecimt<sup>o</sup> dos d<sup>os</sup> resgates se pasará man-  
dado pellos officiais da Camr.<sup>o</sup> q' no tal tempo servirem  
para serem executados sem embargo ou impedimt<sup>o</sup> al-  
gum, e de como assim foi ordenado pella d<sup>o</sup> junta fiz  
este termo q' com o d<sup>o</sup> Sr. G.<sup>or</sup> e Capp<sup>tm</sup> G.<sup>al</sup> assignar-  
rão todos. E eu Diogo Campello de Andr.<sup>o</sup> Escrivão  
da Camr.<sup>o</sup> q' o escrevy. *(Seguem-se as assignaturas  
do governador, membros da camara, e outros em nu-  
mero de sete.)*

Aos doze dias do mez de Julho do anno presente de  
seiscentos e oitenta e nove annos nesta cidade de São Luis  
do Maranhã, em a casa da Camara e ali prezente os Jui-  
zes Ordinarios e Vereadores e procurador do Comcelho e  
Comigo Escrivão da Camera, ahi appareceram prezentes  
Diogo Froiz de Brito e Manoel Dornielas da Camera se-  
nhores de engenhos sitos no Rio Mearim pellos quais foi  
dito q' a elles se lhes tinha repartido por este Senado seis  
a cada hum escravos comprados pello prusso e dados na  
forma das ordens de S. Mag<sup>o</sup> q' D. G.<sup>o</sup> e do Gov.<sup>or</sup> e  
Cappitão Geral deste estado Artur de Ssa e Menezes a ef-  
feito de q' com elles e com os mais q' possuem prepararem  
cada hum o seu engenho na fórma das obrigaçoims que  
cada hũ delles tem feito com os seus lavradores, não lhe  
faltando a ellas p<sup>o</sup> aproveitamento de suas lavouras pello  
respeito do bem commum desta Cappitania q' he o fim e  
emtanto serto a q' atemde o d<sup>o</sup> senhor por seu servisso e  
melhoramento desseus vassallos e diserão se obrigavão o  
d<sup>o</sup> Diogo Froiz de Britto por si a moer no seu engenho  
vinte tarefas de cana e toda a mais que fizer Manoel Baldes  
de Lassena e o P. Ignacio da Fonse e Silva como tambem  
quinze tarefas de cana ao Cappitão Manoel da Silva Ser-  
rão e toda a mais q' fizer, como tudo largam consta por



suas escrituras q' ficam no arxivo desta Camera; e pello d<sup>o</sup> Manoel Dornellas foi tambem dito q' elle por si se obrigava a moer no seu emgenho vinte tarefas de cana a q' estava obrigado por huma escritura a Manoel de Araujo Silveira e toda a mais q' fizer, assim hũ como o outro pormeteram fazer e estarem perparados athe os primeiros de Agosto de cada anno p<sup>o</sup> melhor lucro e aproveitamento das ditas lavouras tudo na forma das obrigaçõis dessas escrituras pellos annos nellas declarados; com declaração q' em nenhum tempo poderão largar a fabrica dos ditos emgenhos e de continuar com elles, e tambem o não poderão largar nem deixar de continuar sem licençsa deste senado onde primeiro mostrarão as causas justas q' os movem de impossibilidades, ou por cazos fortuitos, e fazendo o contrario lhe serão tiradas as ditas pessas, pagando-lhas pellos mesmos pressos que lhe foram dadas p<sup>o</sup> se darem a pessoas que tratem da mesma fabrica de emgenhos, com tanto q' os Officiaes da Camara presentes e vindouros deste d<sup>o</sup> senado serão obrigados a lhe ir sempre concorrendo nas ocaziõens das vendas dos taes escravos com alguns conforme a quantidade q' vierem, e necessidade q' tiver, e com effeito os ditos Officiaes da Camera se obrigão porssi e seus vindouros a goardar-lhe dessua parte as ditas condiçõis, e fazer goardar as q' tocão a elle Diogo Froiz de Britto, e ao d<sup>o</sup> Manoel Dornellas da Camera alem de q' huns e outros estavam obrigados a estarem pello q' nesta materia algum dia S. Mg<sup>de</sup> ordenar, despuzer ou seu Governador e Capp<sup>m</sup> geral deste Estado acrescuntando ou dimynuindo estas condiçõis, ou de todo tirandoas, como mais for do serv<sup>o</sup> real cujo estabelceymento he o q' elles officiaes da Camera mais desejão se conserve, declarando mais q' por taxa logo pagarão elles ditos senhores de emgenhos ao Almojarife como tizoureiro dos Resgates os direitos pertencentes às pessas q' de presente se lhes entregão e bem assim a importancia dos gastos q' se fizerão desde o Pará athé esta real entrega tambem tocante as pessas q' ora se lhe dão ficando obrigados a pagar mais o vallor dos

Resgates de cada pessa, e bem assim os gastos que fizerão na mição e condussão delles thé o Pará, tanto q' for tudo liquidado na forma que despuzer o Tribunal das miçomis tudo executivamt.º de como assim o disserão forão contentes mandarão q' se fizesse este termo em q' assinarão os senhores de emgenho obrigados com os Officiaes da Camera. Valerio Rebello escrivão della q' o escrevi. (Seguem-se as assignaturas.)

Aos cinco dias do mez de Julho do anno presente de seiscentos e noventa e dous annos nesta cidade de S. Luis e em a caza da Camr.ª della sendo presentes o Juiz Vereadores e Procurador do Concelho comigo Escrivão da Camr.ª ahi pareceu presente Marcos de Boa-Vida morador nesta Cidade pelo qual foi dito q' a elle se lhe tinha repartido por este Senado seis pesas, das quaes duas moribundas q' lhe foram repartidas condissionalmº, vivendo as pagaria, e morrendo alg mas das sobredas não seria elle obrigado a pagallas; como tambem q' as quatro q' se lhe derão por não estar liquidado seu cativeiro, as levou com condissão de q' sahindo por escravas as pagaria na forma costumada, e sendo as d'ª pesas julgadas por condissão se lhe darião p'º q' elle d'º as tivesse na mesma forma, e com a mesma condissão estando por tudo o que sobre ellas fosse julgado e sentenciado pella junta da Repartição, as quaes pesas lhe forão dadas na forma da ordem de S. Magd'º para fazer lavouras de asucar com partido no emgenho de Diogo Froiz de Brito pello respt'º do bem commum desta Capitania, q' he o intento serto de S. Magd'º e se obriga a fazer trinta tarefas de cana no d'º emgenho por espasso de dez annos, conforme a escritura de sua obrigação que apresentou p'º se guardar no archivo da Camr.ª e outrosim q' acabado o dito tempo de sua obrigação não poderá largar a d'º fabrica de canas salvo a

outra pessoa que queira continuar a mesma lavoura e tambem o não poderá fazer sem licença desta Camr<sup>ª</sup> onde pr.<sup>o</sup> mostrará as cauzas de impedim<sup>to</sup> que o movem p.<sup>o</sup> largar a d.<sup>o</sup> fabrica, e fazendo o contr.<sup>o</sup> lhe serão logo tirados os d.<sup>os</sup> Escravos pagandose-lhe pelos mesmos pressos porq' lhe forão dadas para as darem a outra qualquer pessoa q' queira tratar da d.<sup>o</sup> lavoura com tanto q' os off.<sup>es</sup> da Camr<sup>ª</sup> presentes e vindouros serão obrigados a hir-lhe concorrendo nas ocaziões das vendas dos taes escravos conforme a contidade q' delles vierem e tambem conforme a satisfasão que o d.<sup>o</sup> Marcos de boa vida der á sua obrigação de cana e nececidade q' tiver; e nesta forma os d.<sup>os</sup> off.<sup>es</sup> da Camr<sup>ª</sup> com o dito Marcos de boa vida se obrigarão a estar pello quo em algum tempo S. Magd.<sup>o</sup> ordenar sobre este particular, diminuindo ou alterando as suas ordens, declarando q' por hora pagará o sobred.<sup>o</sup> Lavrador ao thezoureiro dos resgates o que constar dever de d.<sup>os</sup> e resgates e gastos rateados, e de como asim o diserão forão contentes e mandarão que se fizesse este termo em q' asinarão o d.<sup>o</sup> lavrador obrigado com os off.<sup>es</sup> da Camr.<sup>ª</sup> E eu Diogo Campello de Andr.<sup>o</sup> Escrivão da Camr<sup>ª</sup> o escrevy. (*Seguem-se as assignaturas.*)

---

— Alem dos termos que transcrevemos, outros muitos se encontram nos livros da camara; mas a substancia delles pouco varia, e por estes se podem avaliar todos os mais.

Quanto ao preço de cada escravo indio, ou de cada *peça*, já vimos como Vieira afirmou ser de mil e cem até quatro mil reis na maior carestia do ferro, e o como os moradores se queixavam de os comprar por até setenta mil reis. Porem em uma conta da repartição de 55 Indios que vem em um dos ditos livros, datada em 9 de julho de 1727, achamos que cada peça sahia por 27:548

reis, sendo tres mil reis de direitos que se pagavam a el-rei por cabeça, e 24:548 de gastos rateados, acrescendo aos vivos os que correspondiam á compra e transporte dos que morriam em viagem. O imposto de capitação variava a principio segundo a idade e o prestimo dos escravos; mas afinal mandou el-rei que pagassem todos indistinctamente tres mil reis, e assim se entrou a cobrar desde o anno de 1692. Nos gastos entravam tres mil reis chamados de *gastos das missões*.



